



Tiamat-World apresenta:



Instinto Animal

Animal Instincts

Gena Showalter

Depois de escapar de um terrível casamento, a organizadora de festas Naomi Delacroix não estava disposta a deixar-se enganar por nenhum outro homem. Nem sequer pelo charmoso milionário Royce Powell, que a tinha contratado para que organizasse uma festa surpresa a sua mãe.

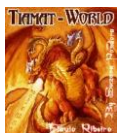
Royce dizia que tinha se apaixonado por ela á seis meses antes, quando Naomi tinha organizado uma festa para um amigo dele. Mas, se tudo isso era certo, por que estava aceitando solicitações de mulheres que queriam se candidatar para ser sua esposa? Apesar de tudo, Naomi se sentia tentada a entregar uma solicitação!

Comentário da Re Augusta: "Mulheraaadaaa de Deussss, gente pense num livro que arrepiá até os pelos da perna.... rsss MINHAA GENTEEEE.... olha esse moçinho temmm aaa PEGADA... rss e ele luta assim com todas as garras para conquistar a moçinha que não acredita mais que um homem pode ser fiel.... MENINOS do grupo, aprendam essa pegada assim vai fazer um monte de mulher feliz.... kkk Olha demorei mais tá aí lindo o livro, enfim espero que gostemm... Beijinhosss Rê August@"

Comentário da Danielle Aguiar: Eu gostei da Gena desde o primeiro senhores de submundo, mas nesse livro ela está bem diferente... ele é engraçado... com um herói, com nem tanta força de vontade assim... rssssssssssss... e parentes para enlouquecer a todos... Adorei.....







Capítulo 01

Uma tigresa autêntica sabe exibir-se com vaidade. Caminha com a cabeça alta e o peito estufado, com uma expressão que diz: - Vou te devorar inteiro.

Eu sou uma felina.

Esta bem. Admito. Se a gente quiser limpar as botas sujas no animal que é minha vida é provável que dê a boas-vindas com um sorriso e logo dizem, obrigada. E além do mais, algumas pessoas poderiam perder o respeito por mim. Em minha defesa direi que estou melhorando. Ficando mais forte. Mais firme e enérgica.

Estou liberando a minha Tigresa interna. Por desgosto, hoje a tive muito controlada. De momento, a medida não vai a meu favor: Vida 5, Tigresa 2.

De novo, em minha defesa, direi que a Vida é uma guerra, má e miserável, e eu sou uma guerreira.

Lembrava da última seção que tinha indo para Liberar à Tigresa que leva dentro de si, quando apareceu minha vista o edifício de cromo e cristal de Aviação Powell. Disse à mim mesma que a reunião iria ser maravilha, como Tigresa, não permitiria menos.

Com determinação, elevei o queixo e coloquei os ombros contra o assento, mostrando meus seios em seu máximo esplendor. Mas por mais que tentasse, não conseguia dominar a expressão de canibal.

Claro que, quando se têm lábios tão carnudos e aparentemente fartos, bom não só aparentemente, como meus, a única expressão que dominam é: - Pagamento duzentos dólares a hora. Na realidade, se qualquer um pensar, isso poderia implicar que quero comer alguém vivo.

Pelo Brad Pitt, estaria disposta a negociar.

Outros, bom... encolhi os ombros. Sinto muito, terão que conformar-se com a expressão.

Franzi os lábios e os relaxei. Franzir. Relaxar.

Tentando encontrar a expressão ameaçadora perfeita. Quando notei que o taxista me olhava fixamente pelo retrovisor, ruborizei e voltei a olhar para a janela. Deveria ter praticado em casa, mas tinha recebido uma chamada inesperada do meu ex-marido, Deus !! Queria que ardesse no inferno por toda a eternidade, pelo tempo consumido do meu tempo livre.



—Quero nos dar outra oportunidade. — ele disse. Estava acostumada a ser chamada uma vez ao mês com o mesmo discurso. Ele não suportava a idéia de que uma mulher não o quisesse— Te amo, querida. Eu juro. — ele chega a grande conclusão.

Já eu, e meus fartos seios que são dois globos de prazer... Se por acaso alguém o pergunta, não são. Com muita dificuldade chego ao tamanho 40.

Estou orgulhosa de mim mesma. Desejei que eu entrasse em contato com meu íntimo com uma bactéria carnívora que devorasse seu corpo dolorosa e lentamente, começando por seu apêndice favorito, e desliguei me apontando o primeiro ponto em meu marcador. Tenho a suspeita e a esperança de que minha Tigresa é uma guerreira tão malvada como a vida, mas ainda não a conheço o suficiente para saber com segurança.

Enfim, quando Richard e eu estávamos juntos, ele me traiu. Sendo a boa garota que sou, o perdoei pela primeira vez. Lutar para salvar o casamento e todas essas bobagens. Os homens sempre serão homens e isso. É igual a serem prostitutas masculinos.

Não vê? Não nota o tom de amargura?

A segunda vez que me traiu, deixei-o quatro semanas. Eu me envergonho de admitir que ele me reconquistou. Fez uma tatuagem com meu nome no traseiro, quem pode resistir a isso? Mesmo que o meu nome estivesse ao lado do de sua primeira esposa.

A terceira vez que me traiu, fui e solicitei o divórcio. Isso tinha sido fazia seis meses. Ele, advogado especialista em divórcios, e portanto o pior lixo do universo, tinha ciência em dirigir a situação para ficar com tudo e me deixar sem nada de nada.

Se querem saber de onde os assassinos tiram suas idéias, direi-lhes isso: de mulheres despeitadas. O que eu poderia ter feito com um creme de frisar o cabelo e uma lança para gelo... !

Bom, isso não vale nem a pena pensar.

A chamada do Richard tinha dado início a um dia que ia de mal à pior. Num momento ele tinha me tirado um dos maiores projetos de minha quase inexistente carreira como planejadora de festas. Só por me negar a oferecer ao dono de Indústrias Glaston uma - festa privada-, segundo suas palavras, no assento traseiro de seu luxuoso automóvel.

Me despediu quando já esta à quatro semanas planejando o banquete anual da empresa.

Quatro longas semanas, tortuosas e mortais!

Para ouvir a repugnante oferta, minha Tigresa interior saiu à luz e eu apresentei meu joelho entre a intimidade do senhor Glaston.

Claro que nosso encontro não foi agradável. Antes que me mandasse para a policia por



agressão, entrei neste táxi para me reunir com meu seguinte cliente. Então foi quando encontrei uma parte de comida podre grudado ao cinto de segurança. Supus que era comida. Não queria nem imaginar o que outra substância podia provocar uma mancha de graxa indelével.

A graxa, ou qualquer coisa que fosse, era o menor de meus problemas. Quando entrei no táxi, pensei que o taxista tinha um problema de gases. Errôneo. O repugnante aroma de excrementos de cão provinha de meus sapatos. Devia ter pisado em alguma caca no caminho a Indústrias Glaston. Desejei ter deixado parte da caca nas calças do senhor Glaston.

É horrível por minha parte desejar que Richard e ele se apodreçam juntos no inferno?

Um momento. Começa o gosto amargo outra vez. Não quero ser uma mulher amargurada. Sério. Quero ser forte. As mulheres fortes são felizes. E eu desejo desesperadamente ser feliz.

Para me animar, busquei em minha maleta e tirei meu exemplar de *Libera à Tigresa* que esta dentro de você. Minhas primas as gêmeas, Kera e Mel, são agradáveis, isso dois meses antes, quando cheguei aos trinta e um, e graças a ele estava me convertendo em uma mulher mais forte e feliz.

Uma mulher que controlava seu destino.

Uma mulher que não permitia que um pouco de má sorte a desanimasse.

—Tudo se arrumará Naomi. Espere e verá. - O táxi se deteve bruscamente.

—Fique com o troco. — disse ao condutor, dando uma nota de dez. Tomei ar e abri a porta.

Quando pisava na calçada, um jovem agarrou a correia de minha bolsa, deu um puxão e pôs-se a correr. Gritei e corri atrás dele. Mas quatro pernadas depois, o salto de sete centímetros de meu sapato esquerdo se partiu pela metade e caí de bruço. Meus pulmões se esvaziaram do golpe. Minha maleta patinou pelo asfalto.

Estávamos a princípios de julho e era uma manhã típica de Outono: calorosa, seca e desagradável. O pavimento reaquecido me queimou os joelhos.

O ladrão desapareceu depois de uma esquina e ninguém tentou detê-lo. Acredito que ouvi uma mulher dizer: - Viram o tamanho dessa bunda? Genial.

Enquanto estava ali estirada, alguns passaram sem prestar atenção, outros se detiveram e me olharam, sorridentes. Com as bochechas acesas, levantei. E estive a ponto de voltar a cair quando um de meus joelhos feridos se dobrou em sinal de protesto.

Teria sido agradável se o taxista saísse para me ajudar. Mas uma mulher loira passou por



cima de mim e se instalou no táxi sem me dar tempo a piscar. O maldito carro arrancou, me envolvendo em uma nuvem de fumaça. Tossindo, inclinei-me e recolhi minhas coisas. Ao menos tinha deixado meus cartões de crédito em casa. Mas não era o caso de meu lápis de lábios e meu gloss para controlar os brilhos, agora desaparecidos.

Maldição! Era o cúmulo dos males.

Machucada e suja, consegui me recompor o suficiente para entrar no edifício Powell. Apesar de que acabavam de me roubar, tinha que atuar com confiança e segurança. Era um trabalho importante.

Sem fazer caso dos olhares curiosos dos homens e mulheres de negócios que havia no local, procurei o toalete. Estava cheio de mulheres e suas vozes altas e cacarejos eram ainda mais molestos que a proibida nuvem de fumaça de cigarro.

Tossi, e fui caminhando para um dos cubículos, fechei a porta e atirei a jaqueta amassada ao cesto de papéis. Apoiei a cabeça na porta. Uma parte de mim queria romper em soluços. A outra desejava lançar-se sobre a primeira pessoa que visse e rasgá-la.

Tinha que encontrar um meio termo. Me apresentar a um cliente potencial com aspecto de ser uma besta selvagem, mas sensível, não era boa idéia. Inspirei profundamente, fechei os olhos e cantarolei para mim: - Estou em um prado de felicidade. Estou em um prado de felicidade.

Por que não tinha tirado os sapatos e atirado ao ladrão desgraçado?

-Estou em um prado de felicidade.

Por que não tinha denunciado ao senhor Glaston por sua asquerosa proposição?

-Estou em um maldito prado de felicidade.

Por que não havia... ?

Abri os olhos e fechei os punhos. O mantra de meditação que tinha ensinado meu padrasto só estava incrementando minha agitação. Melhor deixá-lo antes de começar a gritar, chorar e chutar as paredes. Meu padrasto é psiquiatra, mas seus métodos não funcionam comigo. Não sei por que sigo provando-os, a verdade.

—Posso fazer isto. Posso.

-*Mentirosa.* - disse minha Tigresa, eu disse: – Vaca .

Por acaso fui pouco, talvez um pouco esquizofrênica.

Obriguei meus músculos a relaxar-se e saí do cubículo. Olhei o quarto repleto, notando detalhes que não tinha visto antes. Todas as mulheres levavam um pouco de cor verde. Jaquetas verde ervilha, saias verde lima, blusas verde oliva.



Senti-me como se estivesse em uma salada de abacate. Por que verde?

Olhei minha saia marrom, que ia até as dobras do joelho. Suspirei. Dava igual. Inclusive se eu soubesse que o verde era a cor de moda, já não tinha roupa dessa cor. Só colocava marrons, pretos e brancos. Cores de trabalho. Cores bem aborrecidas.

Algo mais que acrescentar a minha lista de: - que meu dia é um asco-.

Com tanta gente diante do espelho, não havia lugar para me arrumar o cabelo, O deixei do jeito que estava, recolhido na nuca com mechas soltas nas têmporas. Entretanto, negava-me a ir à reunião mancando.

Depois de limpar meus cheirosos sapatos, passei dez minutos golpeando, raspando e arranhando até conseguir que tivessem uma altura similar. Quando acabei, eram planos. Não mancaria, sem dúvida, mas ia parecer uma menina de doze anos. Com meu um metro e sessenta de altura, todo centímetro extra, vinha bem.

O asseio se enchia mais e mais. Curvada, saí. Havia um guarda de segurança, de ombros largos, diante o elevador. Quando tentei passar, seu braço se disparou, me detendo.

— As identificações se encontram na recepção, senhorita.

Estive a ponto de dizer: *-Obrigada, irei por uma-*, mas me detive a tempo. Confiança, segurança.

—Não estou aqui para solicitar trabalho. —em realidade sim, mas não da classe a que se referia ele.

Endireitei os ombros como indicava o manual de auto ajuda. — Estou aqui para falar com Royce Powell.

— Tente me convencer de outro modo. —resmungo o guarda— Eu não vou aceitar essa desculpa.

—Mais eu estou dizendo a verdade — o olhei boquiaberta.

— Ouça, se não enviar a solicitação por correio, como as demais, a colocarei na lista negra e jamais vai conseguir algum trabalho nesse posto.

Normalmente, seu tom teria me acovardado. Ao fim e ao cabo tinha anos de experiência com meu pai natural, que Deus se revirasse em sua tumba, e com o Richard, que Deus se encontrasse logo com o Criador, para retorcer-se em sua tumba. Mas, como já lhe disse, estou no processo de me converter em uma mulher nova. Uma mulher nova não agüentava essas idiotices de um homem.

E, a verdade, a idéia de estar na lista das garotas más me parecia excitante.



—Escute senhor. — cravando um dedo no peito— Não tive um bom dia. Sugiro-lhe que se afaste antes que lhe faça mal.

Riu. Soltou uma gargalhada!

—Não vou mover sair, senhora.

—Saia de meu caminho. — cada palavra soou férrea, cortante.

—Não. — sorriu, mostrando uns dentes amarelados e tortos — Já não a deixaria passar nem que Deus descesse e pedisse.

Nesse momento, me veio algo sinistro. O guarda se converteu na representação de tudo o que me tinha ido mal esse dia, no dia anterior, toda minha vida. Passar não era só necessário para conseguir um trabalho. Era vital para minha paz mental. Que alguém diga, miau, por favor.

—Não posso organizar a intervenção de Deus, — disse— mas sim dar uma patada no seu traseiro.

—Odeio às mulheres com TPM. —grunhiu ele, depois de uma leve piscada de surpresa.

—Se quiser TPM , darei-lhe um soco na sua parte acima dos joelhos. O que acha?

—Bem dito. —gritou alguém.

Dei a volta. Quase todas as mulheres do banheiro estavam detrás de mim, alinhadas como para um desfile do Dia de São Patrício. Animada por seu apoio, girei em redondo, convencida de que nesse momento meu rosto dominava a expressão *-Vou te comer vivo*.

O guarda, precavido, retrocedeu um passo.

—Tem exatamente dois segundos para sair do meu caminho, —afirmou— ou vai lamentar. Falei com Linda Powell faz três dias...

—Linda Powell? —o terror nublou seus olhos e se afastou bruscamente— Por que não o disse? Suba no elevador rápido. Andar dezenove.

Assombrada por meu êxito, pisquei. As mulheres que havia detrás de mim avançaram de repente, em massa, e me lançaram para o elevador, consegui me endireitar antes de beijar o chão.

—Eu falei com Linda Powell. —gritaram várias ao unísono— É sério. Juro.

—Para trás, senhoras. — ouvi dizer ao guarda, justo quando as portas do elevador se fechavam.

Enquanto subia, começaram a suar as palmas das mãos e me acelerou o coração.

Odiava a idéia de cair no vazio em qualquer momento. Por sorte, o elevador não se estrelou e cheguei ao escritório uns minutos antes de tempo.

Uma mulher de traje preto ocupava o mostrador de recepção. Tinha o cabelo recolhido



atrás, sem um só cabelo solto. Sua pele era branca, mais pálida que a minha, e eu sou quase albina, dava-lhe um aspecto inquietante, quase vampírico.

—É este o escritório de Royce Powell? —perguntei.

—Sim. — a severa e carrancuda mulher elevou suas negras pestanas— E você, é....?

—Naomi Delacroix. Venho para vê-lo.

Olhou-me de cima abaixo e não deve ter gostado do que viu.

—Supõe-se que as suas solicitações foram enviadas por correio, não se entregam em mão.

Identificação? Céus, não entendia o que acontecia esse edifício. Royce Powell tinham me chamado várias vezes nos últimos meses, mas eu não havia retornado suas chamadas. Não tinha tido coragem para me enfrentar ao homem desconcertante e sexy que tinha visto só uma vez, mas com quem tinha sonhado muitas noites. Por desgracia, em minha situação estava disposta a trabalhar mesmo com o diabo. Se está lendo isto, senhor Satã, minhas tarifas são excelentes.

O caso era que Linda Powell me tinha chamado fazia uns dias e me tinha pedido que me reunisse com seu filho para que determinasse se eu era a pessoa adequada para planejar a festa de seu sexagésimo aniversário. Tentei explicar isto a Elvira, Dama da Escuridão: era o nome que melhor quadrava.

—Olhe, não necessito solicitação. Sou...

—Todo mundo necessita e pode ir lá para baixo. De fato, —seus olhos se estreitaram— como conseguiu passar por Johnny?

— Andando. — agitei um braço no ar— Olhe, já lhe expliquei que não necessito solicitação. Já tenho o trabalho. — não era mentira, mas quase. Nem se tinham fixado os termos, nem havia contrato assinado— O que preciso é falar com o senhor Powell.

—Não há necessidade de ficar violenta.

—Perdoe-me? —a mulher devia estar drogada— Não sou violenta.

—Diga-lhe isso para brilho assassino de seus olhos.

—Pode dizer ao senhor Powell que estou aqui... — rangi os dentes.

—Por santo Deus, buscarei uma solicitação. —ficou em pé— Espere aqui. E não toque em nada.

—Mas não vim a solicitar... — minha voz se apagou quando fiquei sozinha. De repente me perguntei, se as solicitações, eram para o posto de organizadora da festa e se todas as mulheres que havia abaixo eram meus competidores. Traguei saliva.



—Aqui está. Preencha-a e envie-a por correio. — me deu umas folhas azuis.

Dei uma olhada. Afeições favoritas. Informação sobre o último noivo. Hábitos sexuais. Diabos. Eu não ia preencher isso. Sem saber o que fazer com os papéis, guardei-os na maleta.

—Isto é para planejar a festa ou para um trabalho de escritório?

—Não é uma solicitação de emprego, bonita. —resmungou ela— É para ser esposa de Royce Powell.

—Desculpe? —acho que ouvi mal.

—Por favor, não simule que não está aqui para se casar com ele. O Tattler publicou a notícia faz uns dias. E não deixam de chegar mulheres após.

—solicitações para encontrar uma esposa? É sério? —que classe de homem pedia que uma mulher preenchesse uma solicitação para ser sua companheira o resto de sua vida? Implicava um egocentrismo incrível. Frio. Asqueroso.

Mas encaixava perfeitamente com como ia meu dia.

Como se eu quisesse me casar outra vez. Preferiria comer vermes podres envoltos em útero de cerda e cobertos de sangue de vaca. Tentei me acalmar.

—Estou aqui para discutir os detalhes da festa de aniversário de Linda Powell. Nada mais.

—Nome? —a mulher elevou uma sobrancelha.

—Naomi Delacroix. —já o havia dito, mas sorri com educação. O assunto avançava.

—Vá, vá, vá. — uma larga unha vermelha sangue deslizou por uma agenda— Não está aqui.

— Asseguro-lhe que tenho uma entrevista. —meu sorriso se apagou um pouco— Na segunda-feira às onze.

—Acredito. —disse ela com tanto sarcasmo como se me estivesse cravando as presas e me sorvendo o sangue — Uma fada terá entrado para apagar o nome.

—Por favor, comprove-o outra vez. — pensei que devia haver feito de seu amante, o Drácula.

—Sente-se ali. —assinalou uma rígida e incômoda cadeira— A chamarei se o senhor Powell puder atendê-la. Por certo, —esboçou um sorriso malévolo— tem uma mancha de terra na sua bochecha.

—Obrigada por me dizer isso Bruxa. — Meu sorriso se desvaneceu por completo. Esperei a que saísse para me esfregar ambas as bochechas com frenesi.

Por que não me tinha atropelado o táxi quando teve oportunidade? Me teria evitado um



montão de problemas. E teria sido mais piedoso.

Rígida, fui para o assento atribuído e esperei como uma menina má espera seu castigo. Teria gostado de ir a casa e comer uma pizza de pepperoni, e umas bolachas de chocolate. E um refresco grande de baunilha, cereja e cauda. O colesterol e as artérias entupidas não tinham importância quando minha prudência pendia de um fio.

O tempo passou e começou a me doer o traseiro. Era impossível me pôr cômoda. A cadeira não estava almofadada e cada vez que me movia, cravava os ossos no rígido couro artificial.

Movi outra vez quando entrou uma mulher com os cabelos compridos e aura de realeza que clamava *pedigree*. Captei uma suave brisa perfumada, e cara, quando passou a meu lado. Elvira se levantou de um salto, com expressão de desgosto. E uma ponta de medo.

—Não faz diferença que me anuncie. —disse com um tom que não dava lugar a discussão — Conheço o caminho. — se esquivou do balcão de recepção.

—Sinto muito, mas não posso permitir que entre. — Elvira estendeu um braço para detê-la — Me dê um minuto e direi que está aqui.

Olharam-se. Arrepiou os pêlos. Foram saltar os alarmes de incêndio. Esqueci-me da dor de traseiro e do asqueroso dia que tivera.

A cena prometia converter-se em uma batalha campal, e se alguém merecia uma bofetada no traseiro, essa era Elvira. -*Você pode senhora. Ânimo!*

—Não necessito que me anuncie a meu filho. —ladrou a senhora Powell. A verdade era que dava medo. Se eu fosse Elvira, já me teria escondido sob a mesa— Tire daí agora mesmo, ou te arrependerá.

—Só um segundo. —Elvira se molhou os lábios— Pode sentar-se com a outra senhora que não tem entrevista. —elevou o telefone— Senhor Powell. Sua mãe...

A senhora Powell não esperou. Foi para o escritório. O rosto da Elvira se obscureceu, tempestuoso.

—Muito tarde. Vai para lá. — pendurou com raiva.

Assim acabou a cena. E eu fiquei esperando.

Esperando. E esperando.



Capítulo 02

Quando os animais selvagens se encontram, lutam até que o mais fraco admite a derrota. Uma autêntica Tigresa enfrentava cada desafio com inteligência, astúcia e instinto.

Passei a hora seguinte sentada nessa cadeira infernal, lendo exemplares atrasados de City Girl.

Desfrutei muito com um artigo: Peitos comprar ou não comprar. Os meus eram pequenos. Com frequência me perguntava se estavam aí. Obviamente, depois de ler o artigo me inclinava por comprar.

Eu teria gostado ler um artigo sobre o Botox. Já tinha superado os temidos trinta e começava a ver as ruguinhas. Sou muito jovem para ter rugas e, admito-o, sempre procuro dar minha melhor imagem. Não é que eu seja vaidosa. Mas quando descobri que Richard me enganava, senti-me... feia. Indesejada e desnecessária. Descartável, como lixo podre que gotejasse um asqueroso líquido negro.

Eu não gostava de me sentir assim, por razões óbvias, e ainda tinha que lutar para conquistar todas as migalhas de auto-estima que estivessem ao meu alcance.

Por fim, obrigada Deus, obrigada, Elvira, Donzela de Lúcifer, aproximou-se.

—É Naomi? —perguntou, como se não lhe houvesse dito meu nome já duas vezes. Como demorei para responder, acrescentou: — Sim ou não?

Sabia bem que não poderia havê-lo esquecido e me neguei a responder. Ela captou a indireta.

—Seu nome não está na lista. —grunhiu, irritada— Entretanto, o senhor Powell te receberá.

—Obrigada. — doeu dizer, mas eu disse— Agradeço seu interesse. —acrescentei, embora quase me custou um rim dar um tom cortês a minha voz.

Procurava dar a impressão de ser pormenorizada profissional porque, como já havia dito antes, necessitava do trabalho. As faturas se empilhavam e eu não gostava da idéia de ter que renunciar a meu piso e me instalar em casa de minha mãe e meu padrasto. Sobre tudo porque Jonathan desfrutava de psicoanalizando cada uma de minhas ações. Como se fizesse falta saber a razão pela que sai de casa aos dezesseis anos, era que minha mãe não me deu o peito. Tenho muito carinho, mas por favor! Sai de casa umas seis horas, porque minha mãe não me tinha



deixado sair com o Aaron Bower, o menino mais lindo de todo o colégio.

—Me siga. —disse Elvira.

—Me siga. —repeti. Ela me olhou de esguelha. Abri os olhos com expressão inocente. Elevou um lábio e me ensinou os dentes. Era óbvio que a mulher tinha liberado a sua Tigresa interior fazia muito tempo.

Segui-a. Lembrei-me de quadrar os ombros e jogar o peito para diante. Cérebro, astúcia e instinto. Essas três coisas guiariam meus atos.

Meus pés se afundaram em um macio tapete cor branca quebrada. Era um ambiente estéril, carente de detalhes pessoais. Elvira empurrou a pesada porta dobro e a segurou enquanto eu entrava.

Um momento depois vi Royce Powell, e o resto de meu dia se despenhou direto para o mais profundo e escuro dos infernos. Nossos olhos se encontraram e perdi o passo. Cambaleei-me. E essa vez não teve nada que ver com meus sapatos.

Recuperei o equilíbrio enquanto lutava com o desejo de deixar tudo e ir embora. Sério. Cravar meus dentes em sua carne nua. Percorrer cada centímetro de sua pele com minha língua. Por isso não lhe havia devolvido suas chamadas. Por isso não tinha expectativas para vê-lo em pessoa. Bastava um olhar dele para que meus hormônios viaassem e eu perdesse o controle.

Talvez ele não se lembrasse de mim, ou talvez sim, porque tinha me ligado, mas nós tínhamos visto fazia seis meses, na primeira festa que planejei sozinha. Embora não tínhamos falado, ele me deixa com água na boca.

O homem era cem por cem comestível.

Depois de anos e anos com o Richard, Cão do Inferno, eu gostava de pensar que era imune a testosterona. Mas esse homem irradiava sexo como um anúncio de néon que dissesse: - *Vêem e prove um pedaço disto*. Me sentia como um enorme aperitivo sexual que clamava um pouco de atenção, direta e suja. Teria me enroscado a uma barra de strip-tease. Ou teria dedicado uma dança do ventre.

Não podia ser mais patética.

Royce Powell devia rondar os quarenta anos. Sua pele era cor bronze e seus elétricos olhos azuis me observavam com intensidade. Meu estômago se contorceu. Teria a cara manchada ainda? Tinha o nariz reto, lábios carnudos e cheios. Uma sombra de barba obscurecia seu queixo, acrescentando um toque curtido que incrementava seu atraente. Seus largos ombros estavam embutidos em um caro terno italiano.



Era uma mescla do George Clooney e Josh Wald, com um toque de Brad Pitt. Pensei que, ao fim e ao cabo, possivelmente não fosse imune a testosterona.

Royce me deu as boas-vindas com um sorriso sexy.

Me secou a boca e fez um nó na garganta. Esse sorriso era letal. Mata mulheres, sem mais. —*Corre-*, gritou minha mente, —*Sai daqui-*.

Onde estavam minha inteligência, minha astúcia e meu instinto?

Iria conversar com esse homem perfeito, possivelmente estreitaria sua perfeita mão. E a minha estava suarenta. Só de pensar meu sistema nervoso se desbocou. Tinha que me acalmar. Mas como? O conselho de meu padrasto: —*quando uma pessoa fique nervosa, imagine a nua-*, não servia.

Royce Powell... nu...

Forcei um sorriso educado e decidi pensar nele como se fosse um sanduíche de pão de centeio com peru e queijo. Eu não gostava do peru nem o queijo, e odiava o pão de centeio.

Ele ficou em pé, olhou meus lábios e me ofereceu uma mão. Aceitei-a. Secou a mão nas calças antes de sentar-se de novo.

Mas eu mantive minha expressão profissional.

Acredito.

—Sei que é mais tarde que a hora prevista, —disse, no caso de Elvira, Rainha dos Malditos, não o tinha avisado de minha chegada— mas eu gostaria de deixar perseverança de que cheguei a tempo. —desde meu ponto de vista, a falta de pontualidade era quase pecado mortal.

—Tomo nota. — disse ele, com um sorriso divertido.

Estiveram a ponto de me falhar os joelhos. O sorriso já era mau, mas unida a sua voz, céus! Tinha um timbre profundo e grave, suave e rico como um bom brandy. Tinha divulgado como se estivesse convexo na cama, depois de uma vigorosa sessão de sexo. Desse sexo que rompe esquemas.

—Por favor... —assinalou com o queixo depois de me observar um comprido momento— sente-se.

Sentei-me e deixei minha maleta no chão, a meu lado.

—Espero que não lhe incomode a pergunta, mas onde está sua mãe? Não a vi sair.

Não pareceu se desconcertar minha pergunta, de fato, deu a impressão de que eu lhe divertia.

—Saiu pela porta lateral.



—Ah! —uma mulher inteligente, não teria que voltar a enfrentar-se a Elvira— Falei com ela por telefone na sexta-feira passada. —decidi ir ao grão. *-Estou serena. Sou uma profissional-* Não estou segura de ter entendido os detalhes. Quer que planeje uma festa surpresa, correto?

—Sim.

—Mas também disse que a festa era em sua honra.

—Não tente entendê-la. Vai ficar louca. —não ofereceu mais informação. Limitou-se a esboçar outra desses sorrisos tipo *-Sou o melhor pó que vai desfrutar em sua vida-*. Me pareceu que estou me acostumando a tremer.

—Quando falei com ela, não tivemos a oportunidade de discutir minha tarifa. —desde meu isso era um ponto de vista mais importante.

—O dinheiro não é problema. — disse ele, cravando sua vista em minha boca.

Ruborizei-me, precisava me olhar em um espelho e comprovar que não seguia tendo a cara manchada.

—Em consciência, não posso seguir adiante até que tenhamos um acordo...

—Custe o que custar a festa, —interveio ele, me silenciando— eu a pagarei.

Celebrar que sua mãe estava um ano mais perto das portas da morte? Ou a queria tanto que queria fazê-la feliz, custasse o que custar?

—Senhor Powell, não é inteligente lhe dizer isso a uma mulher que ainda não nomeou seu preço.

—Certo. —sorriu ele— Por que não faz as contas e me envia um orçamento por fax?

—Excelente. —assenti.

—Bem. Agora, por favor, me chame Royce. E eu te chamarei Naomi.

Meu nome em seus lábios soou muito sensual, como uma espécie de chamada de emparelhamento que meu corpo em chama sexual ouviu claramente. Fechou a boca antes de dizer algo estúpido como que queria ter filhos deles. Assenti.

—Senhor Powell, o senhor Phillips está ao telefone. —disse a voz da Elvira.

Royce se esfregou a cara com ar de cansaço.

—Pode me desculpar? Tenho que responder.

—Certamente. Espero na recepção?

—Não, fique onde está. — levantou o telefone e girou a cadeira, de modo que eu sozinho via suas costas e a parte superior de sua cabeça — Tem os valores? —pausa. Grunhiu— Por isso que me chamou? Sim. —pausa— Está. —pausa— Sim. Fico feliz. —pausa— Sabe que farei o



necessário para ganhar.

Do que se alegrava e o que pretendia ganhar? Escutar uma conversa telefônica quando só se ouvia uma das partes era um cilindro. Descomunal.

—Agora estou em uma reunião. —pausa— Sim. —pausa— Adeus. Idiota. —resmungou. Fez girar a poltrona e pendurou telefone, voltando a me emprestar toda sua atenção— Desculpe. —agitou a mão no ar— Enfim, eu gostaria de ter mais tempo para falar com você hoje. —disse, com tom de lamentá-lo sinceramente— Mas, por má sorte, tenho entrevistas toda a manhã e não posso as cancelar. Por que não me telefona dentro de uns dias e marcaremos outra reunião?

Para ouvi-lo, uma nuvem vermelha nublou minha visão. Apesar de minha ira, meu instinto inicial foi aceitar sua oferta com educação e partir. Entretanto, esmaguei meu desejo de capitular. Não seria um animal qualquer. Nunca mais. Tinha gasto dinheiro em um táxi, tinham-me roubado a bolsa e tinha tido que esperar mais de uma hora. Não me partiria sem acabar a reunião.

Apertei os punhos. *-Sou uma Tigresa-*.

—Senhor Powell, não comentamos nem um detalhe.

—Quero que me chame Royce, lembra? Senhor Powell faz que me sinta como meu pai. Teremos que comentar os detalhes outro dia.

—Royce. —*soa forte. Imponente*— Esperei aí fora mais de uma hora.

—Inteirei-me de que tinha uma reunião com o senhor minutos antes que entrasse na sala. Peço-te desculpas por qualquer inconveniência.

Inconveniência? A nuvem vermelha que nublava minha visão se converteu em um inferno. Sua desculpa não me devolvia minha jaqueta nem minha bolsa.

—Não pode me conceder dez minutos? Tenho uma lista de perguntas.

—A visita de minha mãe me atrasou, temo que não posso te conceder nem cinco.

Bem. Mensagem recebida. Era óbvio que queria livrar-se de mim. Não iria me contratar. Descobri-me agarrando um bloco de notas que havia sobre sua mesa. Comecei a escrever o valor de meu tempo, minha bolsa, mas vinte dólares de valor sentimental acrescentado, um par de sapatos e, que diabos, a fatura da tinturaria.

—O que está fazendo? —golpeou-se o joelho com um lápis.

—Normalmente acrescento a reunião prévia ao todo, mas com você farei uma exceção.

Aqui está minha fatura pela reunião de hoje. — arranquei a folha e a dava.

Seus olhos brilharam com curiosidade enquanto lia.

A curiosidade se transformou em diversão pouco depois.



—Lápis de lábios?

—Roubaram-me a bolsa à entrada do edifício e meu batom favorito estava dentro.

—Farei com que segurança se ocupe disso. —franziu o cenho, já nada divertido— Isso não voltará a ocorrer.

—Obrigada.

—Bem quer que eu te envie um cheque? —perguntou, depois de uma leve pausa.

—Sim. —seguro que não veria esse dinheiro— Claro.

—Dou minha palavra de que terei tempo para você. De fato, te dou um dia completo a você e à festa.

—Bem. —*“Mentiroso”*, desejei ter gritado.

“Prova A”, disse minha Tigresa interior, *“Você é fraca. Lute. Faz que fale com você agora. Não deixe que te jogue de um chute”*.

—Me alegro que vai dedicar seu tempo precioso. —acrescentei, ignorando à Tigresa. — É fantástico. Maravilhoso. — entreguei um cartão, segura de que não voltaria a ouvir a voz dele— Aí está meu número. Me telefone quando puder ter tempo.

Ele aceitou o cartão e olhou diretamente para seus olhos.

—Pensando melhor, ha algo que eu gostaria de comentar antes que vá embora.

—Não vai perder muito de seu precioso tempo? —felicitei-me por isso, embora eu não seja boa sarcasticamente. Esse homem tinha amigos influentes que poderiam necessitar de uma planejadora de festas no futuro. Mas, diabos, ainda me doíam os joelhos.

—Para isto eu farei uma exceção. —disse ele— Tenho uma estipulação que deve aceitar antes que te contrate oficialmente.

Me contratar oficialmente? Traguei saliva. Possivelmente sim pretendia ficar em contato comigo. Vá falhar.

—Estipulação? —perguntei, sem ar.

—Pré requisito. Cláusula. Condição.

—Obrigada, sei o que é uma estipulação.

—Enquanto trabalhe para mim, —disse com calma— quero que a festa de minha mãe seja sua máxima e única prioridade.

Todos os músculos de meu corpo se esticaram. Deveria havê-lo sabido assim que entrei no escritório. O homem era uma Triplo C : Corporativo. Controlador. E um Comando em toda regra.



—Estou segura de que, como homem de negócios, compreenderá que eu não goste da idéia de entregar as rédeas de meus assuntos profissionais a ninguém.

—Sim. — concedeu ele, mas não retirou sua petição.

Era um Triplo C-B: B de bastardo.

—Eu asseguro que sou perfeitamente capaz de organizar distintos eventos de uma vez.

—Mais eu não disse que não seja.

—Nunca permiti que um evento atrapalhe a outro. —tampouco tinha tido suficientes ao mesmo tempo para ter que me preocupar disso.

—Não duvido de sua capacidade.

—Se for insistir nisso... —estive a ponto de dar um chute no chão, de pura raiva, enquanto ele esperava tranqüilamente que aceitasse.

—Sim, insisto.

—... então suponho que estou obrigada a aceitar. — desejei que chegasse o dia em que pudesse pôr ao Royce Powell em seu lugar. Sob um salto de agulha de sete centímetros de altura!

Como se tivesse lido meus pensamentos, lançou-me um sorriso tipo *“faz o que eu digo ou simplesmente faça-o”*.

Meu instinto animal deveu entrar em jogo, porque começou a me picar a palma da mão pelas vontades que tinha de dar um bofetão. Jonathan, meu padrasto, havia me dito que esse estranho acesso de violência se devia a que minha necessidade adolescente de me rebelar estava ressurgindo, ou alguma estupidez similar.

—Então, há um trato? —perguntou Royce.

—Primeiro, tenho minha própria estipulação. —disse— Espero que du... triplique minha tarifa normal, porque terei que rechaçar a clientes. É o justo.

—É obvio.

Não se negava. Por que não? Assombrou-me que acessasse sem discutir e quase caí da cadeira. Possivelmente deveria ter pedido mais.

—Então, estou oficialmente contratada sem pressuposto e ao triplo de minha tarifa habitual?

—Sim. E não esqueça que tenho aqui sua primeira fatura. —agitou o papel que tinha dado— Quer que a tripliquemos agora, ou vale depois?

—Vale depois. — estive a ponto de abraçá-lo. Quase— Quando estiver livre, me telefone. Há uma série de detalhes que devemos conversar para que possa iniciar os preparativos. —sem



mais que dizer, levantei-me.

—Certo. —disse ele passando um dedo pelo calendário de mesa— Estou ocupado durante duas semanas. Estarei no Arizona comprando um avião, um Piper Dakota. —explicou— E não posso cancelá-lo. O que te parece na terça-feira dezesseis? Às treze?— sugeriu— Comeremos no Mykal.

—Parece-me bem. — respondi, não me surpreendia que pudesse conseguir reserva no famoso restaurante italiano com tão pouca antecipação. A gente normal estava acostumado a demorar dois meses, se a conseguia. Sabia bem.

Ele se levantou, rodeou sua mesa e estendeu o braço para me estreitar a mão. Esquecendo que levava sapatos planos, tentei dar os passos que nos separavam. Mas o salto de um sapato se chocou com a ponta do outro. Sem prévio aviso, caí sobre ele.

Outra vez! Meu impulso o lançou contra o escritório. Eu acabei com as mãos apoiadas em suas coxas e a cabeça perigosamente perto de seu íntimo.

Ele rodeou minha cintura com os braços para me equilibrar. Deveria me haver afastado de um salto, mas não o fiz. Fiquei ali... Com os olhos cravados no centro de suas calças, porque parecia... , não podia ser. Não podia estar tendo uma ereção. Essas calças não se estavam aproximando de meu rosto.

Com um suave puxão, obrigou-me a me endireitar, embora não me soltou de tudo. Suas mãos, curtidas, cálidas e deliciosas, seguiam sobre meus braços. Sentia-me envolta no aroma do pecado. As sobrancelhas dele se uniram em uma e me dava conta de que não sabia bem o que fazer comigo.

Separei-me de um salto. Santa mãe de Deus, o que me ocorria? Tinha estado a ponto de converter em um eunuco a esse homem, rico, sexy e com montões de amigos influentes. E tinha desfrutado com isso. Estava para que me encerrassem.

—Sinto muito. — quando vi que os papéis que tinha havido na mesa, estavam esparramados pelo chão, minha vergonha subiu de nível.

Essas coisas só me passavam.

Deixei a maleta a um lado, agachei-me e comecei a recolher papéis e fotos. Todas as fotos eram de mulheres e, o que era ainda mais estranho, todas as mulheres levavam roupa verde, ou nada.

—Sinto muito. —repeti, inclinando a cabeça. Uma mulher parecia lubrificada de nata verde, e estava lambendo o braço? A esse homem ia o extravagante— Não pretendia...



—Não importa. — disse ele com tom agradável, absolutamente molesto.

—Danifiquei algo importante? —relaxe a mão com a que segurava os papéis e as fotos pornô.

—Não. —riu ele— O mais importante segue intacto.

Senti como me ruborizava da frente ao pescoço. Mas deixei de pensar no que tinha insinuado Royce ao ver a foto da mulher nua, aberta de pernas e braços e tombada sobre um montão de folhas verdes.

—Não faz falta que faça isso. —disse ele— Arrumarei-os depois. —Se inclinou e me tirou os papéis das mãos. Seus dedos roçaram os meus.

O contato me sobressaltou. Eletrificou-me. Agarrei a mão como se fora um montão de resíduos radioativos. *“Peru em pão de centeio. Peru em pão de centeio”*. Minhas mãos tremiam quando recolhi uma das fotos que ficavam no chão. Uma mulher a gatas no chão, com um par de orelhas de gato, cor verde, sobressaindo-se de seu cabelo loiro.

—É minha culpa,—pingente, olhando a foto— ajudarei.

—Não, sério. Não faz mal. — soou cortante. Quase me arrancou a foto das mãos.

Então compreendi que estava recolhendo as solicitações das mulheres que desejavam converter-se na senhora Powell. Não era estranho que queria desfazer-se de mim. Não queria que visse as candidatas nuas.

—Bom. —soltei uma tosse seca— Adeus, então. —me endireitei, girei e quase corri para a porta.

—Naomi?

—Sim? — parei, mas não me virei. Perguntava-me se tinha sentido a mesma corrente elétrica que eu e se me pediria que saísse com ele. Teria que repetir, claro. Era um cliente. Só tinha saído com um cliente: Richard. E isso me tinha ensinado três valiosas lições que nunca iria esquecer.

Um: nada de sair com clientes.

Dois: nada de despir-se com clientes.

Três: nada de passar toda a noite praticando o sexo com clientes.

Mas provocou uma quebra de onda de prazer pensar que um homem tão magnífico pudesse sentir-se atraído por mim. Tensa, puxei para baixo a saia e esperei.

—Qual é sua cor favorita? —perguntou ele.

Admito que, me tocou o coração. Tinha desejado que me pedisse um encontro. Que fora



a repetir não implicava que não tivesse sido bem-vinda.

—Naomi? —repetiu ele.

—Minha cor favorita é o azul, por que?

—Por nada. — sua voz soou satisfeita— Naomi?

Estremeci de excitação. Aí estava. Ia me convidar para jantar. Sabia. Percebia-o.

—Sim? —quase sussurrei.

—Não esqueça sua maleta.

Capítulo 03

Uma tigresa nunca deixa que ninguém ganhe a partida em uma conversação, nunca deixa que outro diga a última palavra. Se o fizer, converte-se em receptáculo do lixo emocional de seu oponente.

—Quando vai atacar a seu novo chefe?

—Já, já. — dedicando a minha prima Kera meu melhor cenho de “*Nem o mencione*”.

Minha outra prima abriu a boca para dizer algo desdenhoso. Sabia que o comentário do Melody seria desdenhoso porque de sua boca só saíam frases de autêntica sabichona. Lancei um olhar mortal.

Funcionou. Funcionou de verdade. Dona Diga-o-Tal-Qual Mel ficou calada. Possivelmente começava a dominar a sério a expressão de “*vou te comer viva*”.

Recostei-me em meu assento. A luz do sol entrava através das persiana rosa da cozinha, envolvendo a mesa em um claro. O aroma do café se respirava no ar. Igual a todas as segundas-feiras pela manhã, antes de correr ao trabalho, à escola no caso do Mel, estávamos sentadas na cozinha da Kera, nos dando um banquete, ou nos engasgando, com a comida que tivesse preparado.

Kera tinha uma empresa de bufe e estava tentando reunir uma coleção de receitas frescas e exóticas. Em geral era uma cozinheira excelente, mas essas receitas “exóticas” suas eram uma porcaria.

Com a Dieta Kera, tinha perdido quatro quilogramas.

E eu necessitava quantos quilogramas pudesse conseguir.



Não me odeiem, mas sou uma dessas mulheres que não tem que vigiar o que come. Sou magra, muito magra em minha opinião, e sempre o fui. Tem suas inconvenientes, para que saibam. Quer que a chamem Ossos. Ter peitos pequenos. Parecer desnutrida. De fato, meu padrasto uma vez tentou me assessorar para que superasse minhas desordens alimentares.

Nessa manhã estávamos a salvo, com pãozinhos. Da loja. Kera não tinha tido tempo de preparar nada exótico, graças a Deus. Não acreditava capaz de suportar um café da manhã como o de na semana anterior: omelete de ovo de avestruz com queijo azul e morangos. Só de lembrar me provocava náusea.

—Bem? —disse Kera— Vai atacar o ou não?

—Não me sinto atraída pelo Royce. —disse, esperando soar convincente, embora não o consegui— Portanto, não vou atacar. Além disso, que idéia é essa de pedir solicitações para o posto de esposa?

—É excêntrico e busca o amor. — disse Kera, como se isso o explicasse tudo.

Mel deu uma mordida em seu pãozinho, mastigou e tragou.

—É um homem. Os homens gostam das fotos nus e fazem algo pelas conseguir. Fim da história.

Isso tinha sentido.

Mel e Kera eram as gêmeas idênticas, mas distintas em muitos sentidos. Kera tinha nascido com um anjo sobre o ombro. Mel levava a diabo no seu.

Mel tinha largas mechas vermelhas em seu cabelo loiro. Também tinha várias tatuagens e piercings. Kera, em troca, parecia delicada, quase angelical. Tinham vinte e quatro anos e eram de corpo pequeno e olhos azuis brilhantes.

—Babou sobre ele na reunião? —perguntou Mel.

—Não. Claro que não. —*os mentirosos vão diretos ao inferno ou têm algum tipo de imunidade? Um mentiroso não é um assassino, nem nada assim*— Por que me pergunta algo tão ridículo?

—Esta babando sobre sua foto toda a manhã. — com olhos faiscantes, Mel lubrificou queijo em seu pãozinho.

—Isso não é verdade. — gemi.

—OH, por favor. Poderia me banhar no atoleiro que tem feito. Um banho comprido e relaxante — levantou o exemplar do Tattler— Mas se insistir em dizer que não te atrai, atirarei isto ao lixo. — jogou uma olhada ao cubo do lixo e ficou de pé.



—Me dê isso. —rápida como o raio, agarrei seu braço e lhe tirei o periódico sensacionalista. Como se não levasse uma hora olhando-a, estudei a foto em branco e negro da capa. Royce, sorridente, rodeava com o braço uma mocréia de pernas largas.

O pé de foto dizia: O filho do multimilionário Elliot Powell com o Gwendolyn Summers. Terá encontrado já Royce a sua futura alma gêmea?

O artigo mencionava vagamente que ambos tinham assistido a um traje de gala benéfico para meninos com câncer. Quem era o autêntico Royce? O mulherengo que eu suspeitava, e lançava uma campanha para procurar esposa, Por Deus?! Ou o Bom Samaritano que doava tempo e dinheiro a obras benéficas?

Suspirei. Para minha consternação, as duas últimas semanas tinham acontecido a toda velocidade e a maioria de minhas noites, tinham estado cheias de imagens do Royce e eu pulando como ninfas famintas de sexo a quem só ficasse uns dias de vida.

Não podia tirar o homem da cabeça.

Depois de ter conseguido um novo carnê de conduzir e encontrar outro batom Mística Chocolate que me havia flanco quatro horas e visitar seis lojas, deveria me sentir feliz. Em troca, só pensava no Royce. E isso me fazia... infeliz.

Tinha-me enviado um cheque, tal e como tinha prometido, com uma nota em que dizia que se tivesse problemas para encontrar o lápis de lábios correto o fizesse saber, e faria que fabricassem um. Podia ser mais doce? Não teria aceito a oferta mas, ainda assim. O certo era que começava a me obcecar até o ponto de que Royce ia necessitar uma ordem de afastamento para livrar-se de mim.

Sabia que não devia permitir desejar a esse homem. Sim, Royce era bonito: de acordo, deliciosamente fantástico, mas era um Triplo C, igual a Richard. Além disso, pelo visto, queria uma esposa. Eu não queria voltar a me casar jamais.

Mas, fazia meu corpo caso a essa lógica? Nãããooo.

Cada noite, antes de me deitar, fazia uma lista das razões pelas que não deveria me sentir atraída pelo Royce, nem desejar arrancar a roupa do corpo e me aproveitar dele. De fato, fazia várias listas.

Nenhuma ajudava.

—Olhem, inclusive se babasse por ele. — disse a minhas primas— Royce é um homem. Isso implica que só lhe interessam as mulheres sem problemas de “personalidade” pequena.

—Os seios não importam hoje em dia. —Mel franziu o cenho e balançou a faca no ar— O



plano está na moda. Ser plaina é o novo estilo clássico.

—Então por que têm tanto êxito os implante? Por que se vendem tantos sutiãs de realce?

Era óbvio que minha prima não tinha uma resposta.

—Esqueça do peito. —disse, movendo a cabeça— Disse que não fazia mais que olhar os lábios.

—Estavam manchados. — tinha dado conta quando cheguei a casa e quase morri de vergonha. Também lhe tinha desejado ao Royce que ardesse no inferno por não me dizer isso. — Certamente queria limpá-los a lambidas. A verdade é que conseguiu um par de lábios fantásticos. Eu diria que o homem queria passá-los por todo o corpo.

—Concedo que talvez gostou de meus lábios, mas não o resto de mim. —nem sequer me tinha pedido que saísse com o depois de ter ficado bem próximo de sua intimidade. Recordei-me que, em qualquer caso, eu não teria aceitado.

—Vale, não é bonita no sentido clássico, mas isso não implica que seja uma porcaria.

Quase me engasguei com o café.

—Obrigada, Mel. —disse, quando recuperei a voz— Agora me sinto muito melhor em respeito a mim mesma. De fato, minha auto-estima disparou.

—Esta me interpretando mal. —suspirou Mel, com certa exasperação— Seu aspecto é frágil. Algo que a maioria das mulheres não conseguem nunca. Tem esse tipo de atraente que faz que surja o instinto protetor de um homem.

—Tem razão. —sorriu Kera— E eu acredito que é uma gatinha sexual que ainda não saiu que armário, Naomi.

Gatinha sexual encoberta. Miau. Nunca antes me tinham acusado disso. De fato, Richard me tinha acusado de estar sexualmente reprimida. o da Tigresa interna devia estar dando resultado.

—Vale, suponhamos que ocorra um milagre e Royce me deseje com luxúria. O que deveria fazer?

—Casar com ele. —disse Kera.

—Fazer tremer seu mundo, —disse Mel— e depois desfazer dele como se fosse um lixo pestilento.

Kera soltou um gritinho e perdeu o sorriso.

—As aventuras de uma noite são estúpidas, por não dizer potencialmente danos físicos e emocionalmente. — afirmou, séria.



—Leva seis meses livre das garras do Richard, o Bastardo, e não teve um só encontro. Daria-nos igual levar a à protetora de animais e comprar uns quantos gatos. Necessita uma boa ração de sexo, não meter-se em outra má relação.

—Olá. — agitei o dedo indicador no ar— Hei. Estou aqui. Nesta sala, com vocês.

Ambas encolheram os ombros ao unísono.

—Desculpe. —grunhi— Royce deve ter sido uma hemorróida em outra vida, porque já se está convertendo em uma dor no traseiro. Posso responder à pergunta eu mesma, obrigado. Royce é um cliente, e não tenho relações com os clientes. É mau para o negócio.

—A quem importa com negócio quando está em jogo o amor? —interveio Kera, a romântica.

—Quem diabos, mencionou o amor?

—Essa classe de processo mental poderia te impedir de experimentar algo maravilhoso. — ela me ignorou.

Engasguei-me.

—O amor é maravilhoso. — se defendeu ela— Um presente. Sei que opina que o casamento é uma instituição para deficientes mentais, mas um dia eu penso caminhar ao altar com um sorriso radiante. E levarei montes e montes de flores. Rosas de bordo prateado rodeadas de gypsófila rosa.

Olhei-a com horror, incapaz de administrar uma vacina verbal enquanto a pulga das bodas cravava seus dentes na Kera. Nublaram os olhos, seus lábios se curvaram com desejo, quase pude ouvir e ver seus pensamentos.

Era o ruído de fundo um bebê chorando?

—Deus, não estivesse apaixonada agora mesmo. — disse, confirmando minhas suspeitas.

—Conhecemo-nos de todo? —Mel pôs os olhos em branco.

Kera, ainda sorrindo como sonhadora, apoiou um cotovelo na mesa e me olhou de esquelha.

—Já que Naomi não quer casar-se com o Royce, é seguro que não lhe importasse saber que preenchi uma de suas solicitações.

—O que? —gritei eu— Quando?

—Faz uns dias.

—Não o fez. —Mel se recostou na cadeira com expressão atônita— Sim, eu fiz. Não me recordo. Por que não nos disse isso?



—Sabia que iriam rir de mim. —o sorriso da Kera se voltou malévol— Mas não pude evitar. Esse homem é a perfeição masculina e sei que poderia me apaixonar por ele.

—Amor. — resmunguei eu, mas meu desdém se devia mais à imagem do Royce e Kera vivendo felizes para sempre, que ao meu ódio pela emoção.

Começava a acreditar que o amor tinha sido criado pelo mesmo demônio. Que melhor maneira tinha que conseguir que a gente fizesse o ridículo?

—Um dia, todas encontraremos homens que nos amem, a quem possamos confiar nossas esperanças e sonhos. — Kera afastou uma mecha de cabelo cor mel da frente— Homens que... — minha risada a cortou.

—A idéia de um homem carinhoso, que se preocupe e seja confiável é muito absurda para expor-lhe sequer um segundo.

—Isso, isso. — secundou Mel. Ela tinha tido uma boa dose de corações partidos. De fato, havia infligindo uma boa quantidade de corações partidos, mas essa era outra história. Estávamos criticando aos homens, não tirando reluzir nossos trapos sujos.

—O amor não tem nada de especial. É complicado e desagradável. —odiava desiludir a Kera, mas precisava saber da verdade. Quanto mais tempo fora pela vida acreditando que o amor verdadeiro esperava à volta da esquina, mais se arriscava a sofrer.

E, a verdade, odiava pensar que a doçura da Kera ficasse obliterada por um pênis andante.

—Nego-me a acreditar que o amor não significa nada. —disse ela— Que você pensasse que estava apaixonada pelo Richard, o Bastardo, não significa que tivesse encontrado a seu amor verdadeiro. Sua alma gêmea está aí fora, Naomi, esperando que a encontre.

Eu rezei a Deus porque não fosse assim.

Mas senti uma onda de adrenalina quando o rosto perfeitamente esculpido do Royce me passou pela mente. Rapidamente, desprezei a sensação e a imagem. Não acreditava em almas gêmeas. Já não. Minha mãe tinha acreditado que meu pai natural era sua alma gêmea nos dez anos que estiveram casados. Por isso o aceitava cada vez que voltava depois de pegar ou enganá-la. Ainda assim, não podia negar que ao cair em braços do Royce o contato tinha sido elétrico, algo que não tinha experiente nunca. Nem sequer com meu ex.

Mas isso não implicava que Royce fora minha alma gêmea.

—Então, quando vai ver o delicioso senhor Powell? —perguntou Kera.

—Amanhã. — elevei os ombros com gesto de indiferença. Deus. Amanhã. Traguei saliva.



Não saberia se poderia sobreviver a outra reunião.

—Mmm, quero que me conte todos os deliciosos detalhes. — Mel mordiscou seu pãozinho.

Com a palavra “*delicioso*”, ressoando em minha cabeça, olhei de novo a foto do periódico. Não pude evitá-lo. A câmara tinha captado a virilidade do Royce, mas não revelava a visível sexualidade que gotejava cada poro de sua pele.

—Posso te dar os detalhes agora mesmo. — disse, fazendo voto de cumprir minhas palavras—. Nada ocorrerá entre o Royce e eu, porque não o permitirei.

—O que você disse, suja gatinha sexual. — disse Mel, passando um dedo pelo bordo de seu copo.

Eu desejei poder pôr ao Royce em minha lista de evitar. Já estava causando problemas. Uma mulher inteligente o teria ligado para cancelar o contrato. Mas, dado meu novo lema, “*Planejarei uma festa sobre seu traseiro, se pagar o suficiente*”, tinha que seguir adiante.

—Pois eu me alegro de que Royce tenha entrado em sua vida. Está conseguindo que sua energia sexual fique em marcha por fim. —Mel se acabou o copo de suco— Já não é sem tempo né?!? Em parte? Tinha escapado. — Kera agarrou uma mecha de cabelo depois colocou atrás da orelha—. Royce enumera as qualidades que quer que tenha sua esposa.

—Tenho lido. — agarrei comecei a recitar — Deve compartilhar meu interesse pelo Backgammon. Não deve queixar-se muito. Se não falar, melhor ainda. E deve adorar a cor verde. — enojada, movi a cabeça— Ou é uma brincadeira ou o homem necessita psicoterapia intensiva.

—Acredito que necessitamos uma lista como esta. — disse Kera, animando-se.

—Uma lista estúpida? —perguntei eu.

—Não, uma de requisitos. — Kera franziu os lábios.

—Para que? Mel tem a alguém. Eu não procuro ninguém. E você, você só tem que respirar para chamar a atenção de um homem. — Mel e ela eram idênticas, mas Kera tinha uma sensualidade inocente que personificava a expressão “sonho úmido”. Os homens se voltavam loucos por ela.

—Pois eu volto a ser uma mulher livre. —disse Mel, sem ápice de remorso— Assim estou a caça.

—O que aconteceu com o Harry? —olhei-a atenta— Na última vez disse que estava indo as mil maravilha.

—Eu o deixei. Não deixava de pedir minhas calcinhas. —moveu a cabeça— Não teria sido



tão terrível. Se não fosse porque queria ficar com elas.

—Nunca gostei de... —Kera enrugou o nariz— Era muito... estranho.

—Esqueçamos ao Harry, o Usa Calcinhas. — pediu Mel.

—Preferiria falar de nossa lista. — Kera a olhou espectador— Quero fazer uma com os dez traços essenciais do Dom Perfeito.

—Isso soa divertido. — bufou Mel. Chocou as Palmas das mãos simulando emoção.

—Todas as mulheres da América têm feito sua lista do Dom Perfeito, e são todas iguais — Logo recitei o habitual: bonito, inteligente, bla, bla, bla— O que precisamos é a lista de Dom Intocável.

Silêncio.

—Como descobrir a um perdedor. —Mel assentiu envolvendo-se no jogo— Eu adoro.

—Sabemos quanto você gosta de fazer listas, Naomi, —disse Kera— assim que você se encarre de aprontar.

—Esta certo. — me levantei e fui procurar papel e lápis.

—Já sei qual deveria ser a primeira. —disse Kera— Desempregado.

—Isso é um clichê. — pensativa, Mel se golpeou o queixo com um dedo— Temos que pensar de forma criativa —fez uma pausa— A número um deveria ser um homem que diga que a roupa ficaria fantástica se perdêssemos cinco quilos.

—Bastardo. —grunhi. Richard me dizia justamente o contrário, mas entendia o sentimento à perfeição *“Estaria fantástica se ganhasse um pouco de peso, Naomi. Tinha pensado alguma vez em te acrescentar assumo, Naomi? Está me cravando o cóccix, Naomi, seria melhor que saísse de meu colo e se sentasse aí”* — Essa é perfeita.

—O homem com quem saí antes que com o Harry tinha um olho torto. —comentou Mel— Que essa seja a número dois. Um homem com um olho vago.

—Um olho torto não tem nada de mau. — protestei.

—Se que o tiver quando um olho olhe seu seio e o outro para sua virilha.

—Vale, vale. —Kera soltou uma risada— Número três. Um homem que opine que tempo de qualidade é um pó rápido durante os anúncios da televisão.

—Isso, isso. — elevei meu copo de laranja em brinde.

—Número quatro. — Mel cruzou os braços sobre o estômago— Um homem que diga que não pode sair durante o dia porque é sensível à luz solar, mas logo resulta que o diz porque está casado, tem quatro filhos e...



—Ah é. Para já. — eu ri. Mel estava quase rugindo de fúria. Recostei no assento e apoiei a caderneta no colo— Acredito que “bastardo mentiroso” servirá como número quatro.

Ela inspirou lentamente um par de vezes.

—Acredito que com a colheita que levamos este ano, —disse com mais calma— deveríamos acrescentar homens que arrotem e se arranhem em público. E que não se barbeiam bem! Odeio que a barba me queime a pele.

—Excelente. — aponteí sua sugestão. Mas tenho que admitir que gosto sentir a barba. Bom, eu gosto de sentir. Cria uma fricção deliciosa. Tacharia essa quando estivesse a sós.

—E um homem que não saiba escutar? —Kera olhou ao redor da mesa, procurando aprovação.

—Para mim vale. — disse Mel— Uma vez saí com um homem que dormia cada vez que abria a boca. Bom, a não ser que estivesse usando-a para...

—Fazemos uma idéia, sobram os detalhes. — Kera moveu a cabeça e pôs os olhos em branco.

—Você perde isso. Por qual vamos?

—As sete. —respondi— Mas essas a têm. Um homem que opine que o presente de aniversário perfeito quer dizer lhe que pode deixar os cachorros para o dia seguinte.

Ambas me olharam com os olhos como pratos.

Mel soltou uma risada. Perguntei-me como podia sair um cara tão angélico e uma mulher tão diabólica.

—Brincou, verdade? —exigiu.

—Certo, eu gostaria...

—Richard, o Bastardo, te fez essa jóia de presente?

—Em mais de um aniversário.

—Como não matou seu carma negativo? —golpeou a mesa com o punho— Em honra a Naomi, sugiro que acrescentemos aos homens cujo nome comece pelo R.

—Apoiada. — Isso eliminava ao Royce. E não me sentia molesta, sério. Acrescentei-a à lista, rodeei-a com um círculo e pus três estrelinhas ao lado.

—De acordo. — Kera se deu um golpezinho no queixo— Sugiro que acrescentemos a um homem que se negue a usar um preservativo porque inibe seu prazer.

—Essa é boa. Está muito bem. — joguei outra olhada à lista— Falta mais uma, e teremos dez. O que vai ser garotas?



Mel se levantou de um salto. Quase se via a lâmpada acesa dentro de seu cérebro.

—Já sei! Um homem que te deixa insatisfeita na cama e se preocupa só de seu próprio orgasmo.

—Bom, acredito que acabamos de eliminar a todos os homens do planeta terra. — disse sorridente.

Capítulo 04

Uma Tigresa marca seu território e ataca a quem se atreva a entrar. Os furtivos devem saber ao que enfrentam ou seguirão entrando em terreno proibido com a esperança de encontrar uma gata ferida a quem escravizar. Luta. Não ceda um centímetro.

O timbre da porta captou minha atenção. Quem podia ser? Como tinha acessado a rechaçar a novos clientes, não tinha trabalho o resto do dia, tinha decidido fazer um pouco de exercício seguindo meu DVD favorito, assim levava postas calças curtas e um top esportivo.

Elevei uma sobrancelha e cruzei o reluzente chão de madeira. Não gostava de falar com convidados.

O timbre soou outra vez. E outra e outra. Franzi o cenho. Pelo visto, algumas pessoas acreditavam que chamando mais abria a porta antes. Quão único conseguiam era me irritar sobremaneira.

Olhei pelo olho mágico e quando vi quem estava ao outro lado fiquei sem ar. Geadá. Merda, merda! Royce Powell. De visita.

—OH, Meu Deus. —gemi, apertando a mão sobre o pomo. Que fazia ele em minha casa? Eu estava horrível. Sem maquiar. Com o cabelo feito um asco— Merda.

Voltou a pulsar o timbre, mas não abri. Decidi que o melhor seria lhe fazer pensar que não estava. Era um bom plano. Partiria.

—Sei que está aí, Naomi. —disse ele risonho— Abre a porta.

Agachei e me retirei do olho mágico. Logo me dava conta do que tinha feito e me endireitei de novo. Ele podia me ouvir, mas não lombriga. Voltei a olhar pelo olho mágico e traguei saliva. Tinha tido esse aspecto tão rude e sexy a última vez?

Estremeci e me obriguei a pensar em peru e queijo em pão de centeio. Minha tática de



distração não funcionou. Me fez um nó na garganta ao tempo que senti um delicioso calor no estômago.

Não podia ser mais patética. Estava-me comportando como se fora uma... Recordei que era uma mulher faminta de sexo e que ele era um presente para a vista, tinha direito a sentir luxúria. Significava que eu era uma mulher normal e sã. Nada do que envergonhar-se nem pelo que sentir pânico. Endireitei os ombros. O que importava que me visse com meu pior aspecto? Ver o desagrado em seus olhos seria bom, ajudaria-me a me liberar da obsessão que sentia por ele. E esta vez não tinha a cara manchada de pó.

Forcei um sorriso falso e abri a porta. Captei imediatamente o aroma de homem e a sândalo. Meus olhos o devoraram. Royce levava um traje azul escuro que devia valer mais do que eu ganhava em todo um ano. Não usava gravata. Ao contrário, os dois botões superiores da camisa estavam abertos, revelando uma parte de pele escura bronzeada.

Elevou as sobrancelhas escuras com expressão divertida.

—Passo a passo da revista? —perguntou.

O nó que tinha na garganta se deslocou ao meu estômago, pondo fim à sensação de frio.

—Não olhava a você. — procurando uma desculpa plausível— Pensava em algo que não tem nada que ver contigo. — *“genial, Naomi. É idiota”*.

—Entendo. — seus olhos faiscaram e tossiu. Suponho que para dissimular uma risada.

—Como conseguiu meu endereço? —perguntei com uma careta— O que faz aqui? Nossa reunião não é hoje.

—Não é difícil encontrar a alguém hoje em dia, — encolheu os ombros— e estou livre. Não tenho que voltar para o escritório até manhã e pensei que podíamos passar o dia juntos, tal e como prometi. Falar de negócios. — me olhou — Não vão me convidar para entrar?

Royce. Em minha casa. Só. Comigo. Estive a ponto de gritar *“Não!”*. Contive-me. Não havia forma cortês de negá-lo.

Maldição.

—Bem. Como quiser. — suspirei, fazendo saber, de forma discreta, que não me voltava louca a idéia.

—Bom, o que vai ser? —seu rosto se iluminou com um sorriso— Seu tom de voz diz não e seus lábios sim.

Não era bom augúrio para nenhum dos dois que desejasse estrangulá-lo e lhe arrancar as calças ao mesmo tempo. Dava um passo atrás e deixei entrar. Quando seu corpo me roçou



inocentemente, dava-me conta de que tinha os mamilos duros. Muito duros. O bastante para tirar os olhos. E dado o top esportivo que levava, ele teria que ser cego para não ver.

Royce não era cego.

Consegui com muita dificuldade controlar um taco. Cruzei as mãos sobre os peitos, como se isso pudesse me fazer desaparecer por arte de magia.

—Não estou vestida de forma adequada.

Esperava que ele respondesse algo hilariante como:

“E você que o diga”. Entretanto, dedicou-me outro sorriso sedutor.

—Notei. Mais não se troque por mim. — moveu as sobrancelhas sugestivamente, de uma forma que me teria feito rir em qualquer outra situação— Eu gosto assim.

Seu olhar se voltou atrevida e avaliadora, e o coração me golpeou no peito como se uma flecha. Royce não parecia aborrecido por meu aspecto como tinha esperado, e temido, admito-o. Parecia admirado.

—Não vou demorar muito. — balbuciei. Tremiam-me os joelhos. Girei e, de costas a ele porque não atrevia a olhá-lo, assinalei com a mão— Sente-se na sala.

Fui ao meu quarto e tirei o top, as calças elásticas, deixando-os cair ao chão tão rápido como pude, coloquei uma calça pretas e uma blusa branca.

Prendi meu cabelo num rabo de cavalo. Sendo uma humilde planejadora de festas, a gente não estava acostumada me considerar uma empresaria séria, assim utilizava todos os truques possíveis para parecer severo e inflexível.

Olhei para o quarto, procurando meus sapatos negros. Só tinha um par e não estavam à vista. Depois de uns minutos, rendi-me. Eu não gostava da idéia de deixar ao Royce sem supervisão e me negava a me pôr sapatos marrons com uma calça preta. Sairia descalça. Ao menos tinha as unhas dos pés pintadas de um bonito azul metálico Sim, azul. Não sou garota de esmalte rosa.

Fui à sala sem vontades de me enfrentar a meu némesis, mas consciente de que não tinha outra opção.

—Royce. — disse, com um tom de voz tão severo como meu coque. Estava sentado no sofá, e tinha um aspecto decadente, recostado nas almofadas de cetim vermelho. Sentei-me na poltrona que havia frente a ele— Não pretendo ser grosseira, mas não deveria estar aqui. Esta é minha casa, não meu lugar de trabalho. Além disso, nossa entrevista estava marcada para amanhã.



—Decidi trocá-la. — recostou com pose relaxada, observando e me escrutinando.

“Não, não, não”, pensei, “não aceitarei essa atitude Triplo C em minha casa”.

—Não pode trocar de opinião a seu gosto. —disse, exasperada— E se tivesse outros planos para hoje?

—Tem?

Desviei o olhar, evitando responder. Meus olhos se cravaram na lista de Dom Intocável, que estava a uns centímetros da vista do Royce. Diabo! Ruborizei-me ao me perguntar se a teria lido.

—E bem?

—E bem, o que? —em realidade desejava dizer: *“Se tiver lido essa lista vou arrancar te a pele a tiras e lhe dar suas vísceras para o gato do vizinho”.*

—Tem planos hoje? —perguntou ele.

—Sim... Não.

—Prova outra vez. Pensava ficar em casa, admite.

—Não importa o que eu ia fazer. —soltei um grunhido suave— Nossa entrevista é amanhã.

—Sei, e o sinto. — seguiu igual de depravado.

Dava a impressão de ter todo o direito a ocupar meu sofá como um rei que esperasse que cumprissem suas ordens— Passei duas semanas tentando fechar uma compra que não resultou em nada, estou tenso. Pensei que passar o dia com você me ajudaria a relaxar.

Relaxar? Devia pensar que minha aborrecida companhia seria um sedativo.

—Podia ter ligado antes. — disse docemente. Bom, admito que resmunguei sem ápice de doçura que teria ajudado bastante.

—Emociona-me seu entusiasmo. —riu ele— É sério. Acredito que nunca me havia sentido tão bem-vindo.

—Sinto muito. — suspirei. Tinha que lhe demonstrar a esse homem que possuía certa personalidade. Até esse momento só tinha visto o pior de mim.

—Estava tão desesperada para fazer sua lista de perguntas a última vez, que supus que te alegraria. — se levantou do sofá e, em três pernadas, ajoelhou-se a meus pés. De repente, nossos olhos estavam à mesma altura.

Levantei-me da poltrona. Alerta vermelha! Peru em pão de centeio. Peru em pão de centeio.



—Sua agenda está livre, Naomi, e a minha também. — tomou meu queixo em sua calosa mão e a elevou— Não pensei que fosse ser um problema. Se quiser que eu vá embora, só precisa me dizer, assim eu o farei.

De perto era ainda mais bonito. Olhos azuis brilhantes salpicados com finas raias azul mais escuro. Lábios cheios e suaves que estariam ainda melhor se estivessem sobre meu corpo. Pestanas largas e retas que sombreavam suas bochechas e um rastro de barba no queixo. Minhas defesas destruíram. Cliente? Dava igual. Triplo C? Não era problema. Royce estava muito bem. Tão masculino.

Uma parte profunda e primitiva de mim respondeu a ele, desejando mais. Parte de mim sentia falta das carícias e beijos de um homem. O ardor e a paixão.

Não queria que fosse embora. Pigarreei.

—Você é o chefe, não? Se quer trabalhar hoje, trabalharemos hoje. — me afastei e me pus em pé antes de fazer algo estúpido como me lançar a seus braços e exigir que procurasse o ponto erótico de meu corpo para chegar ao clímax.

—Vamos à cozinha. —disse. O pouco espaço que havia entre nós não era suficiente para minha paz mental— Quer beber algo? —não esperei sua resposta. Saí, obrigando-o a me seguir ou ficar sozinho.

Me seguiu.

Quando a barra da cozinha se interpôs entre nós, comecei a me relaxar, a recuperar o controle. Nem sequer perdi a calma quando se sentou em um banco, me observando e provocando em mim um desejo que não queria reconhecer.

Concentrei-me em buscar em uma gaveta que continha artigos variados. Encontrei uma caderneta e a coloquei ante mim, quase como um escudo protetor.

—Como há dito, tenho uma lista de perguntas...

—Por que não se senta aqui? —cortou-me ele. Deu uma palmada no banco que tinha ao lado. Quando não me movi, acrescentou— Não te ouço bem.

—Ouve perfeitamente.

—O que disse? —perguntou ele, levando uma mão à orelha.

—Disse que me ouve perfeitamente.

—Por favor, fala mais alto. —seus esforços para não sorrir eram patentes— Não te ouço.

—É impossível. — reclamei baixinho, depois de olhá-lo em silêncio.

Soltei um suspiro e arrastei os pés até o banco.



Sentei-me de modo que nenhuma parte de nossos corpos se roçassem, o mais longe possível dele. Não entendia por que queria que sentasse a seu lado. Tentava ser amistoso? Pretendia me ver relaxar? Sentia-se atraído por mim?

—Pergunta número um...

Ele não me interrompeu essa vez. OH, não. Minhas palavras se apagaram no ar quando se inclinou para mim, cortando a distância que nos separava.

Sua respiração era quente e o ar ao redor de meu pescoço.

—O que está fazendo? —perguntei, odiando o timbre ofegante que parecia ter adquirido minha voz.

—Que é esse aroma? —perguntou ele, a sua vez.

Fiquei gelada. Acaso meu aroma era tão desagradável que só tinha que inclinar-se para mim para captá-lo? Controlei o impulso de romper o nariz, por comentar sobre minha pestilência.

—Não sei que é. — disse de novo.

—É muito desagradável? —perguntei, com as bochechas ardendo.

—É bom. Algum tipo de flor.

Primeiro pensei: *“Hurra! Não presto”*.

Depois: *“OH meu Deus!”*.

Me perguntei se tentava me seduzir. A mim, uma pessoa pequena, amargurada e mal-humorada. Tinha que ser. Minhas veias ferveram de excitação, embora não estava disposta a admiti-lo. Era assombroso, na verdade. Talvez fosse seu nova cor de batom realmente irresistíveis. Talvez...

Calma. Melhor não precipitar-se. Estudei os traços de Royce. Não havia indício de sedução nem de desejo, só de curiosidade. Devia ter interpretado mal suas intenções. Minha excitação sofreu uma morte lenta. Conforme dizia o Tattler, era possível que tivesse noiva. Gwendolyn Summers, para ser exatos. Claro que não tentava me seduzir.

—Como se chama esse perfume? —perguntou ele.

—Não uso perfume. Deve ser meu xampu ou meu desodorante. — mordi o lábio antes de dizer a última palavra. Talvez dizer que cheirava meu desodorante equivalia a lhe insinuar que captava meu aroma corporal.

A caderneta que tinha sobre os joelhos caiu ao chão, me proporcionando uma distração muito necessitada. Agachei-me e a recolhi sem olhá-lo.

—Bom, comecemos com a primeira pergunta.



—Seus olhos são prata. — disse ele de repente, como se isso o surpreendesse— Prata líquida.

Traguei saliva e movi a cabeça. Que diabos, estava ocorrendo ali? Primeiro parecia que flertava, um momento depois que não, e logo voltava a flertar. Flertava ou não?

—São cinza. — respondi.

—São preciosos.

—Obrigada. — meu coração deu um bote. Peru em pão de centeio— Pergunta número um: Quantos convidados haverá na festa de sua mãe?

Olhou-me em silêncio vários segundos. Deveu pensar que cortaria seu apêndice mais prezado se dizia outro galanteio, porque encolheu os ombros e respondeu.

—Cinqüenta. Talvez cem ou duzentos.

—Isso deixa claro, verdade? —comentei são segura, tomando nota— Necessitarei uma lista de todos, com nome e domicílio.

—Quando a necessita?

—Em três ou quatro dias, se for possível. —de repente me ocorreu uma idéia— Uma vez que tenhamos concretizado os detalhes, deveria chamar a sua mãe para pedir que os confira?

—Certamente que não. —respondeu com voz firme— Ela irá querer trocar tudo.

—Tecnicamente, foi ela quem entrou em contrato.

—Eu tentei te contratar primeiro, mas não retornou meus telefonemas. Além do mais, sou eu quem te paga.

—Por mim tudo bem. —ignorei o tom de censura de sua voz por não haver ligado — Não ouvirá uma palavra. —passei ao tema seguinte— Tem alguma empresa de bufe favorita?

—Não. Quem usa normalmente servirá.

—Excelente. —inspirei com força. Soltei o ar. Impôs-se um ritmo de trabalho fluido, a atração sexual se havia dissolvido. Pediria a Kera que se ocupasse do bufe com a condição de que servisse só pratos aprovados por mim. Isso implicava que não haveria nada exótico no menu. — E a decoração? O que vai querer sua mãe uma festa de cenário singelo, elegante ou tradicional?

—Elegante, suponho. — suspirou e esfregou a têmpora.

Eu haveria dito o mesmo, embora às vezes os clientes me surpreendiam. Uma vez tinha organizado uma festa para uma senhora de setenta e três anos.

Tinha pedido chapéus com forma de camisinha e bandejas de abobrinhas.

—Há algum símbolo ou tema que prefira? Que coleciono? Que goste?



—As jóias. Nunca tem muitas.

—Poderia fazer que o local parecesse um joalheiro. —disse, com o lápis sobre o caderno, imaginando decorados. A última vez que tinha ido comprar adornos tinha visto uns enormes anéis de diamantes de imitação. Seriam centros de mesa excelentes.

—Pode fazer isso? —Royce arqueou as sobrancelhas, que se ocultaram sob sua franja escura— Sério?

—Posso fazer tudo o que você queira.

Seus olhos flamejaram e me recriminei por fazer um comentário tão sugestivo. Qualquer homem teria reagido ao ouvi-lo. Não era típico de mim.

—Deixemos o tema da decoração em suspense de momento. — disse ele— Embora eu gosto da idéia do joalheiro, ainda não estou convencido cem por cento.

Assenti e aponte. Queria que essa fora a melhor de todas minhas festas. Uma que a gente recordasse e comentasse meses depois. Dava-me um golpezinho no lábio inferior com a caneta.

—O seguinte é o local. Algum preferido onde quer que se celebre a festa?

Não respondeu.

—Royce? —dava-me outro golpezinho no lábio.

Elevei a vista e descobri que olhava minha boca. Me teria manchado com a tinta? Tinha alguma mancha do café da manhã entre os lábios? Tirei a língua e me lambi os lábios. Não tinham sabor de tinta. Não havia miolos.

Seus olhos flamejaram fogo azul.

Talvez não tivesse nada que ver nem com tinta nem com miolos. Talvez, tal e como tinha sugerido Mel, desejasse sentir meus lábios em seu corpo. Tomei ar, tentando não notar o calor que me abrasava.

Ele começou a inclinar-se para mim. Mais e mais. Recordei-me que, pelo visto, saía com uma supermodelo.

—Royce? —insisti, um pouco rouca. Onde estava minha Tigresa interior quando a necessitava para lhe tirar os olhos a um homem?— Royce?

—Sim? —não afastando os olhos de minha boca.

—Você decide, onde quer que seja a festa?

Ele seguiu sem responder e quando se aproximou ainda mais, estalei os dedos diante de seu rosto.



—Royce! Para de fazer isso!

—Isso o que?

—Me olhar fixamente. Isso me deixa nervosa.

—Perdoe-me. — grunhiu ele, desviando o olhar por fim— Para sua informação, não olhava a você. Pensava em algo que não tem nada a ver com você.

Abri a boca. Mentia, igual tinha fito antes. Isso significava... Céus, significava que tinha estado a ponto de me beijar. Meus mamilos se endureceram só de pensar. E o que passava com sua suposta noiva, a da Babilônia? Queria enganá-la comigo? Ter uma aventura e logo casar-se com a garota que parecia digna dele? Bastardo!

—Já pensou onde quer celebrar a festa? —minhas palavras soaram cortantes e secas. Apertava a caneta com tanta força que quase o parti em dois.

—Não. —disse ele, parecendo surpreso por minha veemência— Ainda não.

Fantástico. Com esse tipo de ajuda, o êxito da festa estava garantido.

—Utilizei vários lugares antes. Estou segura de que algum parecerá satisfatório.

—Com certeza que sim.

—Me dê um momento. — levantei— Tenho uma lista em meu quarto.

Voei ao quarto e remexi em minha maleta. Encontrei o que procurava e voltei para a cozinha. Um a um, fui nomeando as convocações.

—O jardim botânico.

—Não. —moveu a cabeça negativamente.

—A Mansão do Turtle Creek.

—Não.

—Omni, em Park West.

—Não.

—O Adolphus.

—Não.

—O Milton. O Hyatt Regency. O Four Seasons.

—Não. Não. Não.

—Em nenhum desses? —apertei a mandíbula com tanta força que chegou a doer.

—Não. —repetiu ele.

—Se preparar uma lista dos lugares que lhe pareçam adequados..., —o amaldiçoei internamente — os visitarei para ver qual é mais apropriado para uma festa do tamanho que quer



—embora com uma resposta como “Cinquenta, talvez cem ou duzentos”, era impossível saber de que tamanho estávamos falando.

—Soa bem. — fez uma pausa e me estudou, com olhos inescrutáveis, que ocultavam seus pensamentos— Agora tenho uma pergunta para você.

Quase estremei. A última vez que me tinha feito uma pergunta com esse tom de voz, tinha prometido deixar novos clientes.

—Diga.

—Qual é seu número de telefone de casa?

—Mantenho minha vida profissional separada da profissional. Por isso meu telefone de casa não aparece no cartão. Meu móvel sempre está aceso em horas de trabalho. — o olhei. Ele seguia em silêncio— Não há razão para que conheça meu número pessoal.

—Não estou de acordo. Já que vou pagar o triplo de sua tarifa habitual, espero que esteja a minha disposição. Se preciso ver um local em potencial às quatro da manhã, quero poder te localizar.

O único local equipado para festas que estava aberto às quatro da manhã era o clube de striptease que havia a umas ruas de minha casa.

—Muito bem. — aceitei, embora sabia que uma autêntica Tigresa não teria cedido sem mais. Com certa brutalidade, apontei meu telefone na caderneta e a passei, com a caneta— Eu também necessitarei seu número de casa. Se por acaso tenho que te localizar às quatro da manhã. —acrescentei com um sorriso falso e desafiante.

Ele nem sequer pestanejou. Sorriu como se lhe tivesse dado exatamente o que queria e aceitou a caneta. As pontas de seus dedos roçaram meus nódulos. Senti espetadas de excitação sexual por todo o braço. Irritou-me comprovar que ele, em troca, não se alterava.

—Esta é minha linha direta. —arrancou a parte inferior da página, com meu número, e me devolveu a caderneta— Pode falar comigo sem passar antes pela senhora Carol.

—Quem?

—Minha secretária. — esclareceu. Ah, Elvira, Senhora do Escuro. Quase beije o número.

—Obrigada.

—De nada. — jogou uma olhada à parte de papel, assentiu e o guardou no bolso da jaqueta— Há algum outro detalhe de que devamos falar agora?

—Não. — pensei que partiria e desejei saltar e gritar de alegria. Bom, isso é mentira. Ainda não queria que se fora, por muito que tivesse “noiva”. Era divertido falar com ele, tinha bom



senso de humor. Além disso, eu gostava de olhá-lo.

—Bem. — ficou em pé, puxou-me pela minha mão e fez que me levantasse— Agora que acabamos com o trabalho, vamos comer. Estou morto de fome. Você gosta da comida chinesa? Podemos chamar para que a tragam.

—Comer? —comer com o Royce, ali e sozinhos? Seu estômago se apertou e, ao mesmo tempo, senti um batimento do coração entre as pernas. Um “sim” de meu estômago e um “sim” de minha libido— Não. —respondeu o sentido comum. Uma comida criaria uma atmosfera de intimidade para a que não estava preparada— Não, obrigada. Não acredito que seja boa idéia. — disse com mais firmeza da necessária.

—Ouvi seu estômago roncar. — Royce estava tão perto que temia que ouvisse o batimento do coração descondensado— Se tivesse com fome, se eu fosse você ficaria preocupado, pois seu braço seria um aperitivo fantástico.

—Não ouve bem, lembra-se? Meu estômago não roncou. Deviam estar tratando os ouvidos por seu problema de surdez. E, para que saiba, hoje tomei o café da manhã generoso. — como medida preventiva, soltei-me e me afastei de seu alcance— Um café da manhã enorme .— meu estômago escolheu esse momento para rugir de novo— Tanto que possivelmente não possa voltar a comer nunca.

Ele cruzou os braços sobre o peito e sua camisa rodeou seus bem definidos músculos. Tinha o corpo de um guerreiro troiano. Senti um calafrio subir em minha espinha. Sempre sentia pequeno calafrio estando com homens. Com o Royce, essa sensação se disparou a outro nível. Sentia-me como uma bolinha que se consumisse pelo poder que irradiava. Sem sequer nos roçar, sentia-se envolta por seus largos ombros.

—Ou você não gosta da comida chinesa ou está simulando que não tem fome para não comer comigo. — sua voz se converteu em um sussurro rouco. Entrecerrou as pestanas— Qual das duas?

—Eu não gosto de comida chinesa? —não tinha pretendido que soasse como uma pergunta.

—Então nós podemos cozinhar algo aqui.

—Tampouco eu gosto da comida caseira. —entrei em pânico— Me sinto mau.

—Se te pedisse que bebesse algo comigo, diria... —ele arqueio as sobrancelhas.

—Não bebo. O álcool me dá dor de cabeça.

—Referia-me a água.



—Sou alérgica. Além disso, tenho muito que fazer.

—Como o que?

—Coisas. Montões e montões de coisas.

Estreitou os olhos. Vi que uma luz estranha e incompreensível os iluminava, dando ao azul um tom esverdeado que chamava a atenção. Surpreendeu-se quando ele se aproximou-se, inclinando-se e sussurrando ao seu ouvido.

—Acredito que teme que pretenda te beijar.

Suas palavras deram ao traste com minha já tremente compostura.

—É assim? —murmurei, olhando-o aos olhos.

—Sim. Pretendo-o. — sorriu lentamente.

Céus. Pensar que me desejava era muito distinto para ouvir como o admitia. Distinto, horrível, desconcertante e maravilhoso. O delicioso calor voltou a me invadir e minha mente o reconheceu como um perigo.

“Luta contra ele. Luta, maldita seja”.

—E o que tem que sua noiva? —gemi.

—Não tenho noiva. — enrugou a frente.

—Gwendolyn Summers. —lhe recordei.

—Uma amiga, nada mais. —rechaçou ele— Você, em troca... eu gostaria que fosse algo mais.

Meus estúpidos joelhos se dobraram. Não tinha noiva... queria que fosse mais que uma amiga... queria me beijar. Meus estúpidos hormônios gritavam por provar a esse homem.

—Então, —disse, convertendo sua voz em um sussurro rouco— voltando para esse beijo.

—Já tenho feito uma lista de por que não deveríamos. — fiz uma careta ao compreender que acabava de admitir que já me tinha exposto isso. Conclusão: toda eu sou estúpida. O rosto dele se iluminou, era óbvio que tinha captado a implicação.

—Qual é a primeira razão?

—Trabalhamos juntos.

—Igual a muitos outros casais. Segunda?

—Não seria inteligente.

—O melhor da vida não o é. Terceira?

—Não me interessa uma relação com você nem com ninguém. — neste momento era uma mentira podre. Desejava me despir com ele quanto antes e, a meu modo de ver, isto



implicava certa relação.

—Não acredito nisso. — disse ele.

—Crê no que quiser. —era um homem preparado— Isso não troca os fatos. Não te desejo. Nunca te desejarei.

—Tente outra vez. — cantarolou ele— O noto.

—Não pode notá-lo, olhei, incrédula e boquiaberta— Não há forma de que o note.

—Vamos fazer outra lista, certo? —ignorando minha queixa, inclinou-se para mim e seu fôlego acariciou minha bochecha.

—Sobre o que? —voltavam a tremer os joelhos.

—Sobre por que deveríamos beijamos. Ajudarei-te com a primeira razão.

Logo que tive tempo de absorver que a boca do Royce descia até a minha até que esteve ali, me beijando. Devagar primeiro, explorando e medindo. Sua língua roçou a minha, rodeou-a, empurrou-a. Sabia de maravilha, o calor, homem e algo único dele.

Por vontade própria, meus braços subiram pelos incríveis músculos de seu peito e se ancoraram ao redor de seu pescoço. Meus dedos acariciaram seu sedoso cabelo. O mundo que me rodeava se esfumou. Só era consciente do pesado pulsado que percorria meu corpo e se concentrava entre minhas pernas. Perguntei-me se tinha subido ao paraíso por desejo divino.

—Seus lábios são mais suaves do que tinha imaginado. — disse ele com voz grave e rouca.

—Tinha-os imaginado? —perguntei.

—Mil vezes nas últimas duas semanas. E mil mais se contarmos os últimos... —se deteve.

—Os últimos o que? —apanhada em seu atraente sensual, rocei seu nariz com o meu, inalando seu aroma, absorvendo seu calor. Não podia me afastar dele.

—Nada. — sua língua percorreu minha boca enquanto seus braços desciam até minha cintura, me apanhando e fazendo que meus quadris se arqueassem para ele. Quando me dissolvi contra ele, apertou-me ainda mais.

—OH, Meu Deus. —disse, quando sua ereção se uniu a meu corpo.

—Não. Royce.

O beijo ganhou velocidade, passando de sensual a selvagem em questão de segundos. Gemi. Meus mamilos, meus traiçoeiros mamilos, endureceram-se e cravaram contra seu peito. A força e o calor que irradiava de Royce quase me abrasava o corpo.

Fazia muito que não me beijavam. Muito. Mas nunca tinha sido assim, nunca havia sentido esse intenso desejo de mais. Essa necessidade. Os seis últimos meses tinham sido difíceis,



e às vezes solitários, mas os tinha suportado me imunizando contra o perigoso atraente dos homens.

Nesse momento me perguntava por que tinha lutado contra meus hormônios.

A boca do Royce seguiu se apossando da minha.

Uma de suas mãos se enredou em meu cabelo, a outra agarrou meu traseiro e me cravou contra toda a longitude de sua ereção. Minha excitação cresceu, aproximando-se do ponto da explosão e minha respiração se voltou errática.

—OH, Royce. — sussurrei com um sorriso.

Ele riu contra minha boca. A breve pausa quase me levou a gritar de frustração. Apertei-me contra ele e me empreguei a fundo com sua língua. Lambeu e mordiscou, e sua sombra de barba me raspou, provocando uma sensação deliciosa.

—Prometo me barbear a próxima vez. — disse, acariciando minha cara com seu fôlego.

Não sabia por que pensava que devia barbear-se, mas desejei que não o fizesse.

—Pensava ir devagar com você. —grunhiu ele— Maldição, irei devagar embora me mate. —tomou fôlego antes de recapturar meus lábios, com lentidão e suavidade essa vez. Reverente.

Era um beijo de promessa, de esses com os que sonham as mulheres e estranha vez experimentam. Eu, ao menos, não o tinha experiente antes e isso me assustava. De repente começou, ou seja, a peru e queijo em odioso pão de centeio. Pus a mão em seu queixo e o afastei. Olhei seu rosto com pânico e vi paixão, ternura e certa preocupação nele.

—Ocorre algo, querida?

Meus olhos se alargaram. Querida. Tinha-me chamado “querida”. Notei um suor frio por todo o corpo.

—Não preenchi uma solicitação. —disse, tremendo.

Seus olhos se velaram de repente. Um segundo de silêncio, e outro. Afastou-se de mim e cruzou os braços sobre o peito. Tentou adotar uma pose de indiferença, mas uma gota de suor descia pela sua têmpora, danificando o efeito. Além disso, tinha a boca tensa. Ainda seguia apanhado pelo desejo.

—Isso é bom. —disse com voz inexpressiva— Não te pedi que o fizesse.

Senti um calafrio que não tinha nada que ver com o desejo. Não queria que preenchesse a maldita solicitação porque... imaginei a resposta e eu não gostei. Ou me considerava inferior a ele, e indigna de ser sua esposa, o qual me ofendia, ou já sabia que esperava de mim certo compromisso.



“Compromisso”... só a palavra me provocava vômitos. Compromisso com um cliente. Não me incomodava a idéia de me prender a alguém. Era a idéia de me prender a alguém que um dia me trataria mal, perderia o interesse por mim e deixaria de me amar. Alguém que um dia faria que me sentisse como se fora um lixo.

Richard me tinha tratado muito bem ao princípio de nossa relação. ocupou-se de todas minhas necessidades. Fazia quanto estava em seu poder para me fazer feliz. Mas isso se desvaneceu rapidamente assim que estive atada a ele.

Disse-me que possivelmente estava pressupondo muito. Talvez Royce chamava carinho a todas as mulheres. Talvez não me via como material nupcial, mas sim como a candidata perfeita para algum estranho rito sexual que tinha adquirido em suas múltiplos viagens. Um rito que eu queria experimentar. Ou não. Estava confusa.

—O que quer de mim? —perguntei.

Ele não respondeu, mas vi que um músculo se esticava em sua mandíbula.

—É bonito, Royce, e tem dinheiro. Pode ter à mulher que deseje. Por que pedir que preencham solicitações? Tão desesperado está por te casar?

Um músculo pulsou em sua frente. Combinado com a fúria que brilhava em seus olhos, fez que parecesse muito ameaçador. Um homem que fazia que seus inimigos tremessem de medo e seus amantes de desejo.

—Isso não é seu assunto, Naomi —pausa— Ou sim?

—Vai ser um novo programa de televisão? —insisti, sem me intimidar— Quer uma coleção de fotos de nus? Está farto de entrevistas por Internet?

Silêncio. Silêncio rígido e pesado.

—Pode ser que me foi imposto. — disse por fim, sem deixar de me olhar— Possivelmente desafiei a alguém: *“Se sabe tanto sobre mim, busca à garota perfeita”*, e alguém tomou a iniciativa. Talvez, quando começaram a chegar as solicitações me dei conta de que faço maior e nunca estive apaixonado. Possivelmente, —disse com um fio de voz— vi que era minha oportunidade.

Meu sangue ferveu e logo ficou geada. Inclusive se a situação não tinha gostado ao princípio, tinha admitido que estava considerando as estúpidas solicitações a sério. Que procurava uma esposa.

—Assim seriamente vai fazer? Escolher uma esposa?

—E por que não? — encolheu os ombros.



—De uma maneira ou outra, eu não sou a adequada. — baixei a cabeça e olhei as minhas mãos— Não quero seu amor nem sua aliança. E... —*vamos. Diga-lhe*— E não quero seus beijos.

—Não recordo ter pedido seu amor nem sua mão. — disse ele com uma careta feroz e rosto sombrio.

—Estive apaixonada antes. —expliquei, para tirar ponta a minhas palavras—. Não gostei.

Ele estendeu as mãos lentamente, me dando a oportunidade de fugir. Não o fiz, estúpida de mim. Uma carícia mais não faria nenhum dano, podia suportá-la. Fechou os dedos sobre meus pulsos e atirou, voltando a me colocar em posição de ser beijada.

—Eu gostei muito do seu sabor. — disse— Muito. — depositou beijos suaves como plumas em minha mandíbula. Voltei a me desfazer. Inclusive minha Tigresa ronronou de prazer— E acredito que você gostou do meu. Muito.

—Não. — me obriguei a dizer, enquanto o desejo me transpassava como uma lança— Não.

Ele parecia incrédulo, excitado e... tão tentador.

—Sim. —disse quente— Quer meus beijos.

—Acredito que quer mais que um beijo. Não posso te dar mais. — cada ponto de contato entre nós fazia que meu sangue fervesse como um rio revoltoso.

—Queria me dar mais. — deixou cair os braços e se colocou-as nos bolsos— Notei a resposta de seu corpo. Um ou dois minutos mais e teríamos acabado no chão, nus.

Não o neguei. Teria visto a mentira em meus olhos. Era impossível ocultar um desejo tão intenso e sabia.

—E o que? —perguntei, na defensiva— Uma garota tem direito a trocar de opinião.

—Tem razão. —disse, de novo com um fio de voz — Uma garota pode trocar de opinião.

Um homem muito preparado. Diabólico mas preparado. Acabava de me lançar um convite que me custava recusar: *“Volta a trocar de opinião e me beije”*.

—Sinto..... — com grande esforço—. Sinto muito ter deixado que as coisas fugissem das mãos. Não sou uma provocadora, é sério. — retorci o punho de minha camisa entre os dedos— Não sei que me ocorreu nunca tinha feito assim antes.

—Por fim diz algo que eu gosto. — seu corpo se relaxou e se passou uma mão pelo cabelo.

—O que quer dizer isso? —enruguei o cenho.

—Descubra você mesma. — esboçou um sorriso agradável— Se nunca se comportou



assim, então sou o único que...

Pus uma mão sobre sua boca, impedindo que seguisse. Amaldiçoei-me. Por que não admitir que o desejava com desespero, já que estava nisso?

Ele afastou minha mão de sua boca e vi que ele sorria. Apertou meus dedos com os seus e os soltou.

—Se o fiz uma vez, pode dar por certo que voltarei a fazê-lo.

Notei que você esta muito pálida. Ele tinha razão. Diabos.

—Vá se acostumando à idéia de que te beije, Naomi. Parece que vai ser inevitável.

—Quer apostar? —grunhiu minha Tigresa antes que pudesse impedi-lo. *Vá, vá, por fim decidia fazer algo além de ronronar.*

—Você gosta de perder, Naomi? —seus olhos me desafiaram.

—Não saberia te dizer. —lancei— Nunca perdi.

—Bom, querida. —um brilho malvado iluminou seus olhos— Tentarei que sua primeira vez seja o mais prazerosa possível para você. — sua provocadora ameaça seguiu soando em meus ouvidos muito depois de que saísse e fechasse de uma portada.

Capítulo 05

Uma tigresa come, dorme e respira poder, porque é o poder o que a sustenta. Na selva da vida, ou mata ou te matam. Ataca por surpresa se fizer falta, mas arbusto. Sempre.

Como se meu dia não pudesse voltar-se mais surrealista, Royce Powell me desejava, pouco depois me encontrei com os olhos enfaixados. E não se tratava de um jogo amoroso. Kera e Mel tinham chegado a minha casa, tinham-me levado ao salão, e me tinham ordenado que ficasse ali.

Tinha-me negado a obedecer, claro. Assim que me tinham atirado ao chão, pacote meus braços à costas e enfaixada meus olhos. Levava sentada assim no sofá ao menos meia hora. Minha curiosidade se incrementava com cada ruído que ouvia.

—O que estão fazendo? —perguntei.

—Já o verá. — disse Kera.

—Se perguntas uma só vez mais, chamarei o Royce Powell. Possivelmente venha a te



salvar. — acrescentou Mel.

Molesta, decidi não contar a inesperada visita do Royce nem seu devastador beijo. Isso só incrementaria suas vontades de chamá-lo.

—Têm que me soltar. Estou com fome. Estou à ponto de falecer.

As malvadas bruxas riram.

—Se morrer, posso ficar com sua cama?—perguntou Mel—. Eu adoro a madeira de cerejeira.

—É meu piso. Tenho direito, ou seja, o que fazem.

—Terão que esperar. —disse Kera.

—Quando se tornaste tão impaciente? —disse Mel.

—Desde que decidiram me atar e me enfaixar os olhos enquanto fazem Deus sabe o que em meu piso.

—Expuseste-te alguma vez uma terapia de substituição hormonal? —apontou Kera—
Ultimamente é um puro nervo.

—A verdade, Naomi. Começa a me recordar à tia Fredia, depois da mudança de sexo.

Apertei os lábios. Todo mundo sabia que nossa tia Fredia, antes tio Fred, era uma autêntica bruxa.

Por fim Mel me desatou. Esfreguei os pulsos.

—Pode tirar a atadura dos olhos. — disse Kera.

Tirei-me isso. Pisquei, tentando que meus olhos se adaptassem. Quando pude ver, soltei um gritinho.

—O que... ? —abri e fechei a boca como um peixe.

Havia serpentinas pendurando das paredes. A mesinha de café, forrada com papel crepe, estava cheia de presentes. Havia confete prateado sobre o chão de madeira— O que é isto? — perguntei, assombrada.

—Uma festa, claro. —sorriu Kera.

—Uma festa? Para mim?

—Sim. Para quem mais? —inclusive Mel sorria— Você sempre está as planejando para outros, assim pensamos que estaria bem te fazer uma a ti.

—Não é meu aniversário. — disse, com vontades de chorar.

—E daí? —Kera colocou o cabelo detrás das orelhas— Se queremos fazer uma celebração em sua honra não temos por que esperar a seu aniversário.



—Mas, por que? —seguia atônita— Não o entendo.

—Nós te amamos. —Mel encolheu os ombros— Depois de ouvir do presente de aniversário do Richard, o Bastardo, decidimos fazer algo especial para você.

—Muito obrigada. — as abracei com os olhos cheios de lágrimas— Vocês são incríveis.

—Inclusive temos presentes. — Kera bateu as palmas das mãos com entusiasmo.

—Espera a ver o bolo! —Mel correu à cozinha. Retornou com um bolo com forma de foguete.

Não. Não de foguete. O bolo tinha forma de pênis. A polida cor carne lhe dava um aspecto muito real. Ri até que doeu o estomago.

—Garotas, eu adorei. É a melhor festa de não-aniversário do mundo. Você fez o bolo, Kera?

—Não me teria coragem de encomendar essa monstruosidade a uma confeitaria. — respondeu ela.

—O que quer fazer antes? —perguntou Mel.

—Abrir os presentes, claro. — me esfreguei as mãos.

—Esperava que dissesse isso. — Mel me levou ate a mesinha— Abre este primeiro. Quero ver sua reação.

OH, OH. Mel estava tão excitada pelo conteúdo da caixa que me dava medo pensar que seria. Confirmou meus temores ordenando a Kera que tirasse a câmara. Traguei saliva e agitei a caixa retangular.

—Não seja tão covarde. —Mel se mordeu o lábio inferior— Começa a arrancar o papel.

Segui seu conselho. Quando abri a caixa vi um... vibrador? Sim, um gigantesco vibrador verde.

E isso só foi o princípio.

Quando todos os presentes estiveram abertos, sentia-me como se estivesse em um palácio de prazer sobre o que tivessem espirrado muitas vezes.

Tudo era verde.

Uma minissaia verde. Um ajustado vestido verde. Calcinhas verdes de camuflagem. Plumas verdes. Cadeias verdes. Ocultei minha consternação com um sorriso.

—Estão tentando me dizer algo? Por exemplo que estou sexualmente frustrada e me visto mau?

—Precisa dar um bom uso a todas estas coisas. — Mel olhou com seriedade— Use-as uma



vez. Vá a por todas com o Royce. Asseguro-te que com a motivação adequada, esse homem ofegará por você.

Equivocava-se. Ele não tinha necessitado nenhuma motivação para me desejar.

—Estou de acordo. —corroborou Kera— Embora minha esperança é que a relação vá mais à frente do sexo.

—Garotas...

—Não, não diga nada agora. —interpôs Mel— Morta de fome, recorda? —sorriu— Quem sabe? Possivelmente o bolo a ponha de bom humor.

—Festejemos. —riu Kera.

Assenti, decidindo me limitar a desfrutar. Primeiro comer, logo discutir sobre o Royce.

—Está certo, mais os ovos são meus!

Capítulo 06

Uma tigresa é uma predadora e por definição uma predadora faz presa e destrói, alimentando-se de outros para ostentar sua força. Não tem limite a dar uma dentada a seu oponente. Devorá-lo por inteiro.

A tarde seguinte fui ao Bufo Cinzenta.

Kera estava depois do mostrador, fresca e bonita como um buquê de flores, comentando com uma cliente os canapés adequados para uma festa de aniversário.

Fiz-lhe um gesto indicando que esperaria. Ela assentiu e me sentou no sofá. Olhei pela janela e vi às pessoas passar. Eram sobre tudo executivos, mulheres e alguns casais de mãos dadas. Meu coração não se encolheu de ciúmes, nem imagine ao Royce me dando a mão.

Uns minutos depois, Kera se reuniu comigo.

—Não se supunha que hoje comia com Dom Fantástico? —perguntou ela.

—Chama-se Dom Inaceitável, e houve uma mudança de planos. — respondi, tão vagamente como pude.

Ainda não havia dito a minhas primas que tinha visto o Royce no dia anterior. Depois da festa de não-aniversário e de comer suficiente bolo de pênis para ter pesadelos durante um ano, despedi-as e me deitei, disposta a esquecer todos meus problemas.



Não o fiz, claro. Sonhei com Royce. Sonhei com seu pênis, um pênis de carne, não de açúcar e baunilha, e com todas as coisas que queria fazer com ele. E que queria que me fizesse.

Às vezes sou uma garota muito má.

Quando tomava banho pela manhã, imaginei ao Royce me ensaboando. Enquanto me vestia, imaginei ao Royce me tirando cada objeto, com os dentes. Enquanto tomava o café da manhã, um sorvete de chocolate, imaginei lambendo-o de seu peito. Enquanto ia para a loja, me imagine me arrastando a um lugar escuro e me beijando até me deixar sem fôlego.

Por que deixava que esse homem diabólico e vilmente sexual me afetasse tanto? Não era como se nunca me tivessem beijado antes, nem como se nunca tivesse visto um homem bonito. Tinha visto tudo os filmes do Brad Pitt, várias vezes. Além disso, quem diabos, acreditava Royce que era, entrando em minha casa, jogando com minha boca e partindo depois de soltar um desafiador e delicioso “voltarei a te beijar”?

—Deus, quanta inveja eu tenho. — disse Kera, com saudade. Elevou os joelhos até o peito, apoiou os cotovelos nelas e a bochecha na palma de uma mão.

—Você? Inveja de mim? Por que?

—Por que? —repetiu minha prima com incredulidade— Está trabalhando para o homem mais belo do mundo, um homem que pretende casar-se em um futuro próximo. Você tem acesso a ele e isso te dá vantagem. Mulheres de todo o país arrancariam a carne e comeriam seu cadáver por uma oportunidade como essa.

—Um: isso é asqueroso. Dois: não há nenhuma vantagem em ser a planejadora da festa. Sou uma assalariada. E três: não vou aborrecer te repetindo minhas razões para não querer estar com ele. Seguem em pé.

—Como quer. Mas nunca te vi tão afetada por um homem. Ruboriza-te cada vez que se menciona seu nome, e seus olhos brilham. Resplandecem. Acredito que Royce poderia ser o homem. Seu homem.

—Não diga isso. —lutei contra o desejo de me tampar as orelhas— Jamais.

—Arrumado a que cumpre todos os requisitos da lista. É o Dom Perfeito da lista que supostamente tem cada mulher, —acrescentou— não da lista de Dom Intocável que fizemos nós.

Troquei de tema para me liberar do pânico.

—Falando de Dom Perfeito, segue procurando o futuro Dom Kera Gellis?

—É obvio. — aceitou a mudança de tema sem protestar— Inclusive tenho a um candidato em mente.



—Quem? —franzi o cenho. Se dizia Royce, ia pegar lhe— Até ontem não estava saindo com ninguém.

—E sigo assim. Mas George Assobiem captou meu interesse. — era o vizinho de ao lado da Kera e em minha opinião não a melhor opção para ela. Ela era uma mariposa social e George nunca poderia seguir o ritmo— Se atreveu a me tocar esta manhã.

—O que?

—O traseiro. — os grandes olhos azuis da Kera faiscaram peraltas.

—Não pode ser! —George parecia o protótipo de louco pelos computadores. Óculos. Corpo alto e desajeitado. Cabelo castanho alvoroçado que sempre lhe caía sobre os olhos. A única diferença era que George não sabia nada de computadores. Era ator do teatro local da comunidade.

—Asseguro-te que sim. —sorriu Kera— E, além disso, apertou. Sabia que se renderia e o tentaria antes ou depois. Vi como me olhe cada vez que passo.

—Estamos falando do tipo que não tirou o colete de lã da última onda de calor há quatro anos?

—Exatamente.

—Apertou-te o traseiro? Sério? —seguia sem poder imaginar ele fazendo isso.

—Bom, é possível que eu me desse a volta e lhe pedisse que o fizesse. — disse Kera com um sorriso.

—Você é incorrigível, sabia? —ri.

—Certamente. — o sorriso da Kera se ampliou— Devo estar aprendendo com Mel. — suspirou— Se George não me convidar para sair logo, eu pedirei.

—Está muito interessada não está?

—Bom, sim. Eu gosto de como ele me olha. Mais que isso, dei-me conta de que eu gosto de como me sinto quando ele me olha.

Conhecia-a bem e entendia o que queria dizer.

Queria um homem que lhe fizesse sentir-se adorada.

O merecia, igual a qualquer mulher. Mas era possível isso? Não acreditava. Nunca o tinha visto.

Até os casamentos mais apaixonados estavam acostumados a acabar em divórcio. Quando mais forte a faísca, antes morria.

Depois desse agradável pensamento, decidi que já era hora de falar de negócios.



—Como esta a agenda para a terceira semana de setembro? —perguntei.

—Livre, por que?

—Quero que te encarregue do bufe da festa de Linda Powell. Já tenho a aprovação de Royce.

—Genial. — pensativa, enrolou uma mecha de cabelo em um dedo— Nos últimos seis meses tive mais encargos que meus pais em toda sua vida. E dirigiram o negócio durante vinte anos.

—É porque é a melhor da cidade. — quando não estava provando receitas exóticas, é obvio.

—Não. — negou com a cabeça— É porque você envia a todos seus clientes.

—E me adoram por fazê-lo. Nunca decepcionaste a ninguém. — coloquei a mão na maleta e tirei três folhas de papel, alguém era a solicitação para ser esposa do Royce e a guardei apressadamente. Ruborizada, entreguei a Kera os documentos corretos— Aqui há uma lista de temas possíveis e outra de mantimentos aceitáveis. Comprovará que os Powell insistem em que seja comida muito normal. — acrescentei rapidamente.

—Está certa disso? —fiz uma careta— Tenho uma nova receita...

—Estou segura!

—Lá cada um com seus gostos. — encolheu os ombros com delicadeza e olhou a lista— Estão considerando utilizar um joalheiro como tema central?

—Considerando-o, sim. Royce diz que sua mãe adora a jóias. —fiz uma pausa— Você gosta da idéia?

—Eu não gosto, eu adoro. —disse. Seu sorriso se iluminou, ressaltando a redondeza angélica de seu rosto. Sorri com alívio— Talvez poderia apresentar os aperitivos com forma de colares e pendentes.

—Isso estaria bem. — assenti com aprovação— Mas ainda não estou segura cem por cento de que escolhamos esse tema. Me dê alguns dias para confirmá-lo.

Kera dobrou os papéis e os guardou no bolso de seu avental.

—Ódio voltar para tema que quer evitar, mas morro de vontades por perguntar. preencheu uma solicitação para ser a senhora do Royce Powell?

—Não. —desviei o olhar— É obvio que não.

—Pensa fazê-lo?

—Que classe de pergunta é essa? Claro que não.



—Então, por que leva uma na maleta?

Ruborize-me tanto que se tivesse havido um alarme de incêndios se teria disparado. Não tinha tido força de vontade para atirar a solicitude.

—A secretária do Royce me deu isso por engano.

—Guardou-a, em vez de atirá-la. —Kera estalou a língua e me escrutinou— Por que a guardou, Naomi?

Não sabia por que me custava tanto me desfazer da estúpida solicitação, e não queria sabê-lo. A resposta poderia me assustar.

Meu celular aproveitou esse momento para soar, me liberando de responder. Bendita tecnologia.

—Espera um segundo. — me inclinei para a maleta, tirei o telefone e o abri— Eventos pelo Naomi.

—Onde está? —disse uma irada voz masculina— Chamei a casa. Várias vezes. Não estava. Reconheci-o imediatamente e senti uma quebra de onda de excitação. E desejo. Era Royce.

—Estou no Bufo Cinzenta. —respondi— Boas notícias. Aceitaram ocupar-se da festa.

—O que faz aí? Supunha-se que íamos comer juntos. Esqueceste-o?

—Não. — franzi o cenho. Kera me observava com óbvio interesse— Nos vimos ontem, Pensei...

—Pois não pense. Vimos-nos ontem além de comer juntos hoje. Espero-te em meu escritório dentro de dez minutos.

—Mas eu...

—Dez minutos, Naomi.

—Pode me escutar? —calei. Tinha desligado.

Rangi os dentes desgostosa, sobre tudo por minha reação para ouvir sua voz. Atirei o telefone na maleta, desejando que fora a cabeça do Royce, para atirá-la ao chão e pisoteá-la.

Eu gostava de acreditar que era difícil alterar minha compostura. Não tem nada de mal mentir-se a uma mesma. Entretanto, Royce só tinha que abrir a boca para esgotar minha paciência. Maldito Triplo C.

—Tenho que ir. O trabalho chama. —grunhi.

—O Solteiro do Ano? — perguntou, interessada.

—O mesmo. — respondi com uma careta.



—Assim que o viu ontem, né? —cruzou os braços sobre o peito e me olhou fixamente.

—Sim. Vi-o. —não ofereci mais.

—Não recordo ter ouvido nada a respeito.

—Creio que teria que te revisar os ouvidos? —dava-lhe um abraço rápido.

—Mais tarde quero todos os detalhes. Tenta esconder o ouro e dedurarei a Mel.

—Está se transformando em uma mulher cruel, muito cruel. — simulei um calafrio de horror.

—Hei, —seus olhos brilharam com malícia— não levará as algemas verdes em cima? Mel se sentiria muito decepcionada se não as estréia logo.

—Não, não as levo. — a Deus obrigado— Não sabia que ia ver o Royce hoje.

—As guarde na maleta. Assim sempre estará preparada.

—Crie que precisarei prendê-lo por seu mau comportamento? —arqueei as sobrancelhas simulando confusão.

—Pode algemá-lo à mesa e se aproveitar dele.

Tive que bloquear minha mente para que não a assaltassem deliciosas imagens. Royce atirado sobre o escritório e eu engatinhando sobre ele, lambendo cada centímetro de sua pele. Recuperei a compostura e saí.

—Te vejo de noite. — disse, por cima do ombro. Olhei o relógio. Só tinha nove minutos para chegar ao edifício do Royce.

Compreendendo que seria mais rápido cruzar a cidade a pé que em táxi, corri pela calçada. Por que estava correndo como uma idiota?

“Salta pelo aro em chamas, gatinha”, burlou-se Royce em minha mente.

“Posso fazê-lo nua? respondeu meu animal hormonal, enquanto que minha Tigresa interior rugia, “por que não Te Mato em vez de saltar?”.

Odeio, Odeio, Odeio chegar tarde. Sempre o tenho feito. Desde que nasci. Minha mãe, que sempre é pontual, disse-me que eu tinha nascido duas semanas antes do tempo, que tinha falado e andado antes do normal e que tinha entrado nos terríveis dois anos” , fossem o que fossem, quando só tinha um.

Saber que cada passo me aproximava mais ao Royce atendia o estômago. Não temia que fora a me despedir, mas bem ao contrário. Recordava muito bem sua ameaça de que voltaria a me beijar.

Entrei no edifício com vinte e três segundos de folga e me em frente a outra multidão de



mulheres vestidas de verde. Perguntei-me se seria quão única levava calcinhas de camuflagem e um sutiã de cetim verde. Provavelmente não.

Essa vez o guarda me deixou passar sem dizer uma palavra. Desejei lhe tirar a língua e rir dele, mas me contive. Era uma Tigresa, não uma menina. Às vezes.

Uma campainha anunciou a planta dezenove. Saí do elevador me preparando para a batalha. Inspirei profundamente: *“Sou uma Tigresa, sou uma tigresa”*.

No balcão de recepção enfrentei à senhora Carol, Esposa de Satã. Os olhos marrons escuro da Elvira, ainda mais ameaçadores em seu rosto vampírico, rasgaram-me como garras.

—Tenho que ver o senhor Powell. — disse, com meu tom de voz mais competente.

—Tem uma entrevista esta vez? —seus lábios dourados se curvaram com afabilidade simulada.

—Sim.

—Ah, quem diria? —se passou a mão pelo coque perfeito— Seu nome não está na agenda Poderia explicar este fenômeno?

Outra vez! Por que não lhe havia dito Royce que me esperava?

—Se disser ao Royce que estou aqui, —disse com frieza— seguro que lhe explicasse este “fenômeno”.

—Royce, né? —ficou em pé e apoiou as mãos no escritório— Desde quando são tão amigos? Ou é sua aventura da semana e eu não sabia?

Aventura da semana? Desejei perguntar a Elvira a quantas mulheres tinha visto entrar e sair da vida de Royce. Quantas mais fossem, mais recordaria a meu ex. E a meu pai. E menos me tentaria.

—Me anuncie. Por favor. — disse, em troca.

—Vá encher outra.

Minha Tigresa interior se situou em posição de ataque.

—Tenho uma pergunta para você. — apoiei as mãos na mesa e me aproximei. Cara a cara— Está ciumenta porque é trezentos anos mais velha para ele ou simplesmente é uma mulher rancorosa?

—Como se atreve? —cuspiu, ao bordo de um ataque— Para que saiba, tenho seis anos trabalhando aqui. Você desaparecerá logo. As de sua classe sempre o fazem. Mas eu seguirei aqui.

—Minha classe? Que demônios significa isso?

—Troca. Fácil. E completamente olvidável.



Minha Tigresa tirou as garras e grunhiu do fundo da garganta. Passei-me a língua pelos dentes e me aproximei ainda mais a Elvira.

—Acredita que prefere às de sua classe? Fria. Malvada. Líder dos Mortos Vivos.

—Será! —ensinando os dentes, saiu de atrás da mesa, com a intenção de lançar-se sobre mim. Apertei os punhos, me preparando para golpear.

—Basta, senhora Carol. — clamou uma voz masculina.

Elvira se deteve de repente. Piscou, tentando recuperar o sentido comum, se é que o tinha. Sua compleição pálida se tornou cinzenta enquanto voltava atrás de seu escritório. Eu girei em redondo.

Tinha ante mim a um homem bonito de trinta e poucos anos. Sua voz de barítono tinha um tom resistente. Com jeans pendurando dos quadris e uma camiseta branca muito ajustada, parecia tosco e desconjurado informal ambiente de escritório.

—Sinto muito, senhor Phillips. — disse Elvira.

Phillips... o nome me resultou familiar. Devia ser o homem com quem tinha falado Royce o primeiro dia que estive ali. Discutiam uma fusão.

O senhor Phillips lhe lançou um olhar que dizia claramente: “Já me ocuparei de você depois” e concentrou sua atenção em mim.

—Não fazia falta que interviesse. — lhe disse— Tinha a situação sob controle. A senhora Carol não me teria feito dano.

—Não temia pela vida dela. — olhou a Elvira e logo a mim— Em nome da palmilha, peço-te desculpas. Prometo-te que não estamos acostumados a atuar de forma tão pouco profissional nem ameaçar fisicamente a ninguém.

Pôs uma mão em minhas costas e me levou a um canto. Olhou-me de cima abaixo antes de centrar-se em meus lábios. Estava acostumada a que os executivos me acoisassem, mas não a essa descarada fixação com minha boca. A maioria da gente tentava ser discreta.

Sorriu lentamente e as esquinas de seus olhos verdes se enrugaram.

Na aparência, seu atraente era maior que o do Royce. Seria a mesma força e o mesmo poder interior, mas ele não afetava a meus sentidos. Perguntei-me por que seria isso. Como podia ter diminuído minha imunidade a testosterona de maneira que desejasse ao Royce, desesperadamente, e não a esse homem igualmente bonito? Não tinha sentido.

Ofereceu-me sua mão e a estreitei. Tampouco experimentei a corrente elétrica que sentia cada vez que Royce me tocava.



—Colin Phillips. —disse ele.

—Naomi Delacroix.

—Sei. É a que está deixando louco o chefe. — esboçou um sorriso envergonhado, mostrando uns dentes brancos e regulares— É um prazer te conhecer em pessoa por fim.

—Não estou deixando ninguém louco que não já o estivesse. — disse liberando minha mão, que ele não parecia disposto a soltar.

Colin inclinou a cabeça enquanto considerava minhas palavras, com expressão divertida. Assentiu.

—Bom golpe. — me olhou de cima abaixo uma vez mais— Vejo o que teve ensaiando Royce tanto tempo. Tem um encanto clássico.

Agucei os ouvidos. Não pelo completo, embora era agradável.

—Ensaando tanto tempo? Quanto? Ensaando em que sentido?

—Volto a te pedir desculpas pela grosseria da senhora Carol. — disse, ignorando minhas perguntas— Me ocuparei pessoalmente de que seja despedida.

Sinceramente, me teria encantado que castigassem a essa malvada. Mas, embora odiasse admiti-lo, a mulher tinha contas para pagar, igual a mim.

Não queria ser responsável por pôr a outro ser humano ao bordo da pobreza, embora não estava convencida de que ela fora humana.

—Não faz falta. Sério. Estou bem.

—Se a situação fora ao reverso, ela exigiria sua cabeça em uma lança. — riu com calidez— Sabe, não?

—De fato, acredito que pediria que me arrancassem as extremidades uma a uma enquanto ela observava, mas você a conhece melhor que eu.

Ele apertou os lábios para conter outra risada.

—Duvido que o recorde, mas nos conhecemos. Bom, estivemos na mesma sala. Antes de hoje.

Era uma mudança total de tema, mas podia suportá-lo. Revisei meus arquivos mentais sem êxito. Ele deveu ver a confusão de meus olhos porque se explicou.

—Faz uns seis meses. Planejou a recepção das bodas de minha irmã.

—As bodas Phillips-Howard, correto? —isso era melhor que dizer “*Não recordo te haver visto. Nunca*”. A recepção tinha sido o primeiro evento que planejei sozinha, como proprietária do negócio.



Ali tinha visto o Royce pela primeira vez. Estava recém divorciada e o tinha devorado com os olhos.

Muitas vezes. Tinha sido tão sexy então como na atualidade, e eu ainda não estava imunizada.

Mas a este homem... a verdade era que não o recordava.

—Sim. Essas bodas.

—Como vai? —perguntei— Sua irmã, quero dizer. — durante os últimos meses, Daisy Phillips, já Daisy Howard, tinha-me enviado a vários clientes. Estava muito mais que agradecida. De fato, agradecia que me tivesse contratado quando era uma desconhecida. Tinha-me ouvido falar com a Kera no Bufe Cinzenta, tinha gostado do que dizia e me tinha pedido uma lista de idéias. Preparei e ela me contratou. Tinha sido um dos melhores dias de minha vida.

—Encantada. — disse— Acaba de inteirar-se de que está grávida.

—Isso é maravilhoso. — esmaguei uma espetada de inveja. Eu também tinha desejado ter filhos em outra época— Dê os parabéns de minha parte.

—Farei-o. Há algo que possa fazer por você, ou precisa ver Royce?

—Royce, temo. Planejo a festa de aniversário de sua mãe. — apertei os lábios. Supunha-se que era uma festa surpresa. Tinha metido a pata.

Estúpida, estúpida, estúpida.

—Não se preocupe. — disse Colin, captando meu desconforto— Estou na lista de convidados.

—Graças a Deus. — disse, sorridente.

—Daisy ainda segue falando de quão fantástica é. — pausa— E também Royce. — resmungou.

—O que há dito? —pisquei.

—Daisy. Elogia-te todo o tempo.

Acabava de dizer que Royce falava de quão fantástica era eu. Não me tinha parecido que Royce se fixasse em mim aquela noite. Não como se fixa um homem em uma mulher a que quer levar-se a cama. Tinha-me chamado umas quantas vezes depois da recepção, mas isso tinha sido por negócios. Ou não?

Me contraiu o peito. Esperança? Medo?

—Há dito algo mais. — insisti— Sobre o Royce.

—Não. — negou com a cabeça.



Sim o tinha feito, mas decidi deixá-lo passar. Não estava segura de querer ouvir a resposta.

Pensei que possivelmente pudesse emparelhar ao Mel com o Colin. Parecia agradável, e ela se voltaria louca por seus olhos, nada vagos. Kera lhe teria ido melhor, mas ela parecia interessada por seu vizinho.

Justo então notei algo a minhas costas. Duas mãos se posaram em meus ombros. Não precisava olhar para saber quem era, senti uma série de correntes elétricas por todo o corpo. Royce.

Minha roupa e minha pele absorveram seu delicioso calor, seu aroma erótico.

—Dez minutos, Naomi. Não onze. Nem doze. Chega tarde. — não esperou uma resposta, entrou em seu escritório, me obrigando a segui-lo.

—Por favor, lhe diga ao Daisy que agradeço suas adulações e recomendações. — disse ao Colin por cima do ombro. Perguntei-me o que ocorria ao Royce, não entendia a esse homem. Nem um pouco— Significam muito para mim.

—Farei. — disse Colin.

Fiz um gesto de despedida, esbocei um sorriso profissional e controlei o desejo de dar um bofetão a Elvira quando passei ante seu rosto atônito.

Capítulo 07

Os animais de qualquer espécie percebem quem sons mais fracos que eles. Percebem-no, e atacam. Uma Tigresa nunca baixa a guarda. Sabe que o perigo espreita atrás de todos os arbustos, em cada sombra e à volta de qualquer esquina.

Tremendo de nervos, entrei no escritório de Royce. Por que estava nervosa? O homem era... um homem. Não era Deus nem um super herói. A não ser que se dedicasse a resgatar meninos de edifícios ardendo e eu não soubesse. Mas dada sua atitude Triplo C, era improvável. Se me imaginava ordenando a esses meninos que saltassem pela janela, com ou sem colchonete.

Em qualquer caso, ele não controlava meu destino.

Estava de pé junto à barra. Indecifrável.

—Sente-se. — ordenou, assinalando uma cadeira.



Inclusive seus movimentos eram rígidos. Estirei-me a saia e me sentei. Ele trocou o peso de um pé a outro, com rigidez, serve-se uma bebida e esvaziou o copo de um gole, com mais rigidez ainda. Serve dois mais.

—Gosta de algo? —perguntou. Sim, com rigidez.

—Não obrigada. — a mínima quantidade de álcool me subia à cabeça. Certamente por minha *“delicada estrutura óssea”*, diria minha mãe. Ou minha *“terrível disfunção alimentara”*, diria meu padrasto.

—Então eu beberei a sua. —tragou ambas as bebidas, deixou os copos na barra e agachou a cabeça. Seguiu assim, em silêncio e imóvel, comprido momento.

—A próxima vez, por favor, diga a sua assistente que me espera. —para suavizar a tensão. Utilizei um tom profissional, não de censura.

—Eu disse. — respondeu ele confuso. Mas ainda rígido.

Estreitei os olhos. Essa bruxa! Tinha-me mentido ao dizer que não estava em sua preciosa lista. Deveria haver permitido que Colin a despedisse.

—Não pretendia gritar com você. — disse Royce, relaxando-se por fim. Suspirou e deixou cair os ombros— Perdoe-me.

A desculpa soou um pouco forçada, mas me deu igual. Surpreendia-me que tivesse feito o esforço. A maioria dos homens, discípulos do mal que eram, não o teriam feito.

—Desculpa aceita.

Ele girou sobre os talões, foi a sua mesa e se sentou em uma esquina, me olhando aos olhos. Revolvi-me na cadeira. Seu rosto era curiosamente inexpressivo, como se ocultasse uma emoção que não desejava que visse. Ira? Desinteresse? Irritação?

—O que acha de Colin? —perguntou— O homem com quem flertava ante a porta de meu escritório.

Nem ira, nem interesse, nem irritação. Estava lívido de ciúmes. Ciúmes. Por mim. Seus olhos cintilavam de ciúmes, como safiras. Movi a cabeça com assombro, me sentindo enjoada. Não, não enjoada, arreganhei-me.

Estava zangada. Muito zangada. Obriguei-me a franzir o cenho e cruzei pernas e braços.

—Não estava flertando. — tentei soar ofendida— E, para que saiba, parece muito agradável.

—Agradável? —grunhiu ele— O que significa isso?

—Exatamente o que te disse. Agradável.



—Agradável sem mais, ou agradável para ter um encontro com ele?

—O que importa isso?

—Responde à maldita pergunta.

—Já tenho feito. —*“não te ria, não te ria. Está zangada, recorda?”*— Te disse que era agradável e isso é exatamente o que queria dizer.

Royce agarrou a borda da mesa com tanta força que os nódulos ficaram brancos.

—Que tipo de agradável? Te aviso que esse homem gosta das mulheres, montões.

—Então será tratada melhor do que eu. — as comissuras de meus traiçoeiros lábios tremeram com um sorriso. A situação requeria fúria. O não tinha direito a questionar minhas intenções respeito a outro homem. Royce e eu nos tínhamos beijado uma vez. Isso não te concedia a exclusividade sobre mim.

—Nunca teve uma relação duradoura.

—Bem para ele. — fiz uma pausa, saboreando minhas seguintes palavras— Eu gostei.

—Gostou? —disse-o com tanta força que quase me joguei para trás.

—Sim. Foi amável. E agradável.

Durante um momento me pareceu que os olhos do Royce despediam luz vermelha e que lhe saía fumaça pelo nariz. Depois se passou uma mão pelo rosto.

—Está fazendo isto a propósito, verdade?

—Escuta. — vamos trocar o rumo da conversação antes de me pôr a dançar sobre sua mesa. Nua— Não estou interessada em sair com ele. Sério. Tampouco me interessa sair com você, lembra-se?

—Por que? —deixou cair os braços aos flancos.

—Já falamos disso ontem. Não é meu tipo, certo? —Deus, era uma mentirosa. Ultimamente mentia a todo mundo. A minhas primas, ao Royce, a mim mesma.

—Sou um homem honesto, honorável e não procuro um simples caso. Quando te beijo, acende como fogo. Que parte disso não é seu tipo?

“Responde, Naomi”, cacarejaram meus hormônios.

—Há uma qualidade que não mencionou, que o elimina do concurso.

—E qual é? —cruzou os braços sobre o peito e a jaqueta se esticou sobre seus bíceps.

—Tem pênis. — disse, me removendo na cadeira.

Só dizer essa palavra ante ele punha a cem.

—Pênis? Querida, isso é algo que deveria agradecer.



Típica resposta masculina.

—Essa é sua maneira de se desfazer de mim? —perguntei, arranhando-a queixo com dois dedos.

—Não tento me desfazer de você para ir com o Colin, se foi o que insinuou. Se me sentisse atraída por ele, poderia haver pedido que saísse comigo faz meses, na recepção de bodas de sua irmã. — embora não recordava havê-lo visto— Você também assistiu a essa festa, por certo.

Sua expressão passou de irritada a cautelosa.

—Não se preocupe se não se lembrar de me ter visto ali. —*“bastardo”*— Estava ocupado ajudando a sua... —*“ahhha”* — acompanhante a voltar a colocar o fecho em seu sutiã.

Ele se engasgou para ouvir isso.

—Você lembra! —disse, quando deixou de tossir.

—Não faz falta que simule. Não me importa que não o faça. — insisti, surpreendida.

—Aprende a mentir melhor. Se dá fatal. Lembra-se?

—Demonstre. — eu o desafiei olhando fixamente.

—Muito bem. — sua expressão se obscureceu— Tinha os olhos mais tristes que vi nunca e olheiras. Não fazia mais que olhar a porta, como se estivesse desejando escapar. Levava um vestido verde claro que caía justo por debaixo dos joelhos e o cabelo recolhido como hoje. Passou mais de uma hora comprovando que os meninos se divertiam e se assegurou de que todas as mulheres tivessem casal de baile. Todas menos você.

Fiquei boquiaberta e possivelmente meu coração se saltou um batimento do coração. Sim se lembrava. Era surrealista, quase mais do que podia assimilar. E tão maravilhoso que me custou recuperar o fôlego.

—Quase me aproximei de você esse dia. —disse com suavidade.

Abri os olhos de par em par.

—Queria me falar da festa de sua mãe?

—Por favor. — cruzou as pernas pelos tornozelos, mas o brilho de seus olhos era tudo menos sereno— Queria falar contigo para ouvir sua voz. Inclusive dava um passo para você, mas me viu e fugiu.

—Não fugi. — protestei.

—Sim fugiu. — soltou uma risada profunda e sonora— Relembrei a cena mil vezes.

Essas palavras me soaram familiares. Já me havia isso dito antes, quando me beijou...



também tinha imaginado meus lábios mil vezes. Traguei saliva.

A conversa estava alterando meu equilíbrio. Se tivesse estado de pé, me teria derrubado no chão.

Se não tomava cuidado, ofereceria a esse homem minha vida, coração e alma em bandeja de prata, com serviço de habitações vinte e quatro horas, sete dias à semana. Ele e suas confissões eram um perigo.

—Tinha medo de mim? —perguntou— Por isso saiu correndo?

—Já te disse que não fugi.

—Sei. — cantarolou ele, deixando claro que não acreditava uma palavra.

Dava um chute no chão, utilizando a frustração e a ira para me distanciar. *“Richard, o Bastardo, também foi doce ao princípio, dizia todas as coisas corretas. Não esqueça isso”*.

—Quer agora essa bebida? —Royce esboçou um sorriso lento e prepotente.

—É óbvio que sofre um grave problema cerebral, porque sua memória não funciona. Não fugi de ti.

—Naomi Delacroix, com medo de mim. Então. E agora, — pensativo, deu-se um golpezinho no queixo com o dedo— me pergunto por que. Atração intensa? Desejo incontrolável?

Se ele soubesse quanta razão tinha. Claro que tinha fugido dele essa noite. Admito. Ao vê-lo caminhar para mim, tudo o que tinha acreditada morta graças ao Richard o Bastardo, voltou para a vida de repente. Atração, sim. Desejo, sem dúvida. Com mais intensidade que nunca em minha vida. Minha boca estava seca e minhas pernas tinham começado a tremer.

Tinha fugido. Tão rápido como pude.

Então não tinha sido capaz de dirigi-lo. Diabos, com muita dificuldade, conseguia fazê-lo agora. Mas não queria que me considerasse uma covarde, assim nunca, nunca admitiria que tinha escapado. Queria que me visse como uma mulher forte que confrontava as provocações.

Algum dia, essa descrição talvez seria verdade.

—Bom, por que queria me ver hoje? —*“Bem feito. Volta para tema profissional”*.

Ele elevou o queixo, aceitando a abrupta mudança de tema. deu-se meia volta e agarro um pequeno objeto quadrado. Deu-me isso.

—Toma. Isto é seu.

—O que é? —olhei-o, confusa.

—Um PDA de última tecnologia. Poderei te chamar e te enviar correios eletrônicos. Além disso, tomei-me a liberdade de programar nossas entrevistas, e isto te enviase avisos periódicos.



— seus olhos brilharam— Não voltará a esquecer uma reunião.

—Que... amável de sua parte. — sem jogar outra olhada, guardei o estúpido objeto em minha maleta, onde certamente passaria vários meses— É isso quão único temos que tratar hoje?

—Não. — Royce buscou em sua mesa e elevo uma folha solitária. Perguntei-me se poderia olhar de esguelha algumas de suas solicitações pornô. Não sabia bem por que queria as ver... , bom sim, para as incinerar com o olhar. Inclinei-me para um lado... quase podia ver...

—Isto, — disse ele, voltando-se e me mostrando a folha— é uma lista de possíveis locais para a festa.

Endireitei-me rapidamente e tentei parecer inocente. Não tinha podido ver nenhuma foto, maldição.

Ele sorriu e passou a mão pela mandíbula.

Não pude evitar ver que estava perfeitamente barbeado.

—Sei quanto você gosta das listas. — disse.

—Obrigada. — aceitei a folha e recordei que eu também tinha uma para ele. Com a mão livre, revolvi na maleta e a tirei— Esta é minha lista de locais, tal e como prometi. Pode que algumas de nossas opções coincidam. — joguei uma olhada à sua e deixei escapar um gemido de assombro.

—Uma cabana em Avermelhado? —olhei-o com os olhos como pratos— Um complexo hoteleiro em Maine? Uma casa em Connecticut? Mas eu só trabalho na zona de Dallas.

—Minha mãe só cumprirá os sessenta uma vez, e quero celebrá-lo bem. — disse ele com ar inocente.

—Seguro que podemos encontrar um lugar aqui. O que me diz de sua casa? Ou a de Linda? —perguntei com certo desespero.

—Considerarei o de minha casa se os lugares que sugerir não servem. Temos que comprová-lo quanto antes.

—Bem, de acordo. Farei umas quantas chamadas, procurarei em Internet, e...

—Não, eu acredito no toque pessoal. Visitaremos. Começando pela cabana em Avermelhado.

—E como pensa que vamos até lá? —*“não diga que voaremos. Não diga que voaremos”*.

—Vamos voando, é obvio.

—É obvio. —meus dedos aferraram o braço da cadeira. Pálida— E no que pensa que voemos? — *“não diga em avião. Não diga em avião”*.



—Em um Cessna Turvo 210. —respondo ele com orgulho— É o Ferrari dos aviões pequenos.

—Que... encantador. — tentava tragar com muita dificuldade.

Pânico. Horror. Assaltaram-me as duas coisas. Odiava os aviões com paixão. Sempre.

—Há algum problema, Naomi? —perguntou ele, captando meu alarme.

Um grito de medo se atravessou em minha garganta, mas de algum jeito consegui silenciá-lo.

—Não pode se conformar com algum dos hotéis que sugeri? —disse com voz débil, tremendo.

—Não fique com medo. — me apertou o ombro com uma mão forte, cálida e carregada de ternura— Faz anos que tenho licença de piloto. Vou te levar e a trarei de volta com toda segurança.

—Por que não visita a cabana sozinho? Pode tirar fotos, e possivelmente medir as dimensões. Revisarei suas notas e te farei saber se funcionária.

Não acrescentei que teria que estar morta para dar o visto bom a qualquer dos lugares que havia em sua lista. Só aprovaria um local em Dallas.

—Não. — foi atrás do escritório e se sentou, seus olhos mostravam um brilho satisfeito. Parecia tão tranqüilo e depravado como um homem que acabasse de fazer amor vigorosamente. Destroçar e minha segurança devia se resultar num orgasmo— Tem que vir comigo, linda. E se me esquecesse de algo?

—Farei-te uma lista do que tem que fazer. — me endireitei esperançada— Assim não esquecerá nada.

—Não faz falta uma lista. Não quando tenho a você.

—Entendo.

—Não, não o entende, mas não vou explicar isso agora.

—Está disposto a arriscar minha vida só para que veja uma estúpida cabana?

—Sim. Sairemos na sábado. Às seis em ponto. Espero que esteja preparada.

—Quanto tempo estaremos fora? —perguntei. Os Triplos C deveriam apodrecer-se no inferno.

—Uma noite. — sorriu, e seu sorriso gotejou sensualidade— Duas se insistir.

Uma noite.

Com Royce.



Em uma cabana.

Estremeci inteiramente. Se sobrevivesse ao acidente de avião que estava por chegar, não seria capaz de resistir a ele. Tentaria me beijar, a julgar pelo brilho travesso de seus olhos, eu ofereceria meus lábios sobre uma cama de seda, a julgar pelo que já começava a sentir entre as pernas, logo nos arrancaríamos a roupa e nos faríamos todo tipo de coisas porcas o um ao outro. Seguro que era capaz de levar umas cadeias para me atar à parede e pôr em prática seus estranhos jogos sexuais.

Que mulher podia negar-se a isso?

—por que esta tão pálida? Esta enjoada?

Inspirei profundamente e soltei o ar devagar. Precisava encontrar meu centro de calma, meu prado de felicidade. Não, necessitava a minha Tigresa interior. Onde diabos, estava? A situação poderia resolver com uns arranhões, rugidos e gritos. Estaria tornando-a sesta.

—Necessitarei de um lugar PARTICULAR na cabana.

—É obvio. — ele esfregou a mandíbula— Mas isso não é o que você tem que se preocupar. Nunca te vi tão pálida. Além, de ter medo do que te faço sentir, não terá medo de voar?

—Não tenho medo de nada. — meu corpo se esticou.

—Sei, tem medo de voar, —encolheu os ombros— Por que?

—Não tenho medo. —insisti— Mas voar é para pássaros, anjos e drogados.

—Nunca permitiria que ocorresse nada com você. Se pensasse que é perigoso, não deixaria que pusesse um pé em um avião. São mais seguros que os carros, céu.

—Preferiria conduzir.

—Não. Vou demonstrar quão seguros que são os aviões.

“Imbecil”.

—Antes que o esqueça, aqui tem os nomes e direções dos convidados, como pediu. — entregou um montão de papéis.

“Cinquenta a duzentos convidados” se converteram em trezentos e setenta e cinco.

—Realmente quer levar a tantas pessoas a outro estado? —elevei a lista como se fora uma prova da defesa— Necessita realmente dessa viagem.

—Não, não o necessito, e sim, transladarei a essas pessoas a outro estado, se quero. — disse, silenciando meu protesto— Não quero ouvir mais nada a respeito. Te pegarei às seis e esteja preparada como uma menina boa. Já programei o vôo em sua agenda eletrônica.



Raivosa, guardei a estúpida lista em minha maleta.

—Minha tarifa se incrementa cada vez que subo a um avião. Tinha esquecido mencioná-lo?

—Sim. — seus lábios se curvaram com um sorriso torcido— Mas não é problema.

—Há algo que seja um problema para você? —grunhiu.

—De fato, sim. Não cumprir minhas ordens é um problema grave.

Típico de um Triplo C.

Movi a cabeça exasperada e tirei um livro da maleta. Tinha que trocar de tema antes de vomitar.

—Trouxe um livro de exemplos de convites para que as olhe. —enquanto falava, abri-o e passei páginas e páginas de convites— Como vê, há muitas cores e tipografias e desenhos.

—Não pode escolhê-la você? Não sei nada de tipografias, cores nem desenhos, se não serem de propulsores ou motores.

Eu gostei de muitos, maldição, que esse fantástico e completo homem admitisse sua falta de conhecimentos respeito a um tema. Meu ex, que Deus descobrisse que os vermes tinham invadido seu corpo e o estavam comendo vivo, havia-me dito uma vez que Deus fez aos homens tão perfeitos porque queria compensar as carências das mulheres.

Richard, o Bastardo, havia dito isso no dia depois, que a sentença de divórcio fora oficial, e eu me tinha ajoelhado e dada graças ao céu por ter escapado desse inferno em vida. Estou segura de que meu pai biológico deve ter dito algo similar a minha mãe. Muitas vezes. Enquanto a enganava com outras.

—E se escolher mal, Royce? Linda é sua mãe. Não a conheço e não conheço seus gostos.

—Confio em você. —elevou as mãos, com as Palmas para fora— Eu vou adorar o que você escolher, juro-o.

—Mas, e a Linda? Quero dizer...

—Naomi. — disse ele com voz suplicante.

—Tá bom. — suspirei.

—Tá bom o que? —arqueou uma sobrancelha e voltou a sorrir— Deixa que ouça as palavras.

—De acordo. Eu faço. — soltei outro suspiro. Me render não implicava que tivesse retomado minha atitude de Tigresa. Simplesmente estava fazendo algo agradável para meu sexy cliente— Temos que confirmar o tema. O joalheiro é o primeiro da lista.



—O que mais há na lista?

—Algo elegante. Algo nostálgico.

—Nostálgico. —esfregou a nuca e suspirou— Como o que?

—E se recapitulássemos sua juventude com um ambiente de mediados do século XIX?

—Seria fantástico, se não fora porque sua juventude foi uns cem anos depois.

—Pois poderia fazer algo romântico, como As mil e uma noites, com véus e abajures mágicos. Ou um tema da selva, com tambores e rastros de animais.

—Eu gosto o Das mil e uma noites.

—Mas sua mãe irá gostar?

—Adorará. Isso. Tem minha aprovação.

Meu coração deu um saltito. Já imaginava a cena em minha mente: cores brilhantes, uma cama de almofadões de cetim, com o Royce atirado em cima comendo uvas de minha mão, e a sensação de que algo mágico esperava em cada esquina.

—Será à caráter? —perguntou ele, com um brilho malévolo nos olhos.

—Refere a roupa de ornamento? —olhei-o tentando averiguar que pensava— Ou a disfarçar-se?

—Disfarçar-se.

—Quer que o façam? —mordi-me o lábio.

—Depende. Você se fantasiaria de bailarina de dança do ventre?

—Não. — apertei os lábios para não sorrir. Devi ter adivinhado que seus pensamentos eram lascivos.

—Então não. —suspirou ele— Sem disfarces.

Olhei-o. Talvez tenha me precipitado. Podia vê-lo vestido de xequê, rei do deserto. Eu seria sua garota do harém, claro e ele me ordenaria... *“Epa. Não pense nisso. Aqui não”*. Me esclareci garganta.

—Quando ditas por um lugar, imprimirei um convite de amostra para que veja.

—Soa bem. — estirou as pernas ante si, as levando até as minhas. Tão perto que podia sentir seu calor— Agora me diga que bufe escolheu.

—Bufo Cinzenta. — sorri lentamente, tinha uma idéia— Só trabalham em Dallas. — disse— Não têm sucursais e não poderão ocupar-se de outra zona. Especialmente fora do estado.

Ele tampou a boca com a mão. Supus que para ocultar seu sorriso.

—É tentador, tenho que conceder isso a você. Mas não me preocuparei de perder à



empresa de bufe até que chegue o momento.

—Pode ser que não encontremos outra disponível? E não penso pôr quantas pizzas no forno e me conformar com isso.

—De novo, nos preocuparemos disso quando chegar o momento, se chegar.

—Quanto mais demore para escolher o local, mais difícil será contratar a outra empresa de bufe e reservar o local. — insisti, porque minha vida estava em jogo.

—Por isso viajaremos na sábado.

Maldito seja! Tinha resposta para tudo.

—Quero que fique claro que não estou de acordo com esse plano de ação.

—Tomo nota. — disse ele, depois da mão. Sim, sem dúvida ocultava um sorriso— Já falamos bastante da festa de aniversário por hoje. — jogou uma olhada ao relógio da parede. Deixou cair a mão e vi como seu sorriso se esfumava— Por desgracia é muito tarde para sair para comer.

—Pois come aqui.

—Não tenho tempo. — me olhou com o cenho franzido— Tenho uma reunião em dez minutos.

—Isso não é culpa minha. — me estiquei ao perceber o tom de recriminação de sua voz.

—Sim é sim, —grunhiu ele— mas te perdão.

—Ah, obrigada, Royce. —soltei uma risada seca— Não teria conseguido sobreviver o resto do dia sem saber que me perdoava por algo que não é minha culpa.

Ele pareceu recuperar o bom humor, por razões só compreensíveis para ele.

—Eu adoro uma mulher com espírito. O que tem posto debaixo dessa jaqueta?

—Perdão? —a brusca mudança de tema me desconcertou. Procurei as lapelas da jaqueta com os dedos e as fechei mais.

—O que leva debaixo dessa jaqueta? —repetiu ele.

—Nada. — respondi, me removendo na cadeira.

—Hum. — seus olhos brilharam como safiras— Muito interessante. E inesperado. Mas devo admitir que eu gosto. Há algo muito sexy em uma mulher bastante atrevida para ir nua sob a roupa.

—Queria dizer que não estou com nada que pudesse te interessar. — disse, me excitando por momentos.

—Interessante interpretação.



Se não trocasse o rumo da conversação, acabaria me oferecendo a ensinar o que levava sob a jaqueta. A parte mais atrevida de mim, que tinha desconhecido até que ele entrou em minha vida, animava-me a responder a suas palavras.

—Esta reunião deve ser estritamente profissional.

—Como se não pudéssemos ser profissionais nus. — comentou ele.

Franzi os lábios de pura frustração. O viu o movimento e o brilho zombador de seus olhos se converteu em uma chama ardente.

—Juro que você me excita quando faz isso com os lábios.

Observei, transfigurada, como seu olhar percorria meu corpo com descaramento, detendo um momento em minhas panturrilhas nuas. Sabia o que chegaria a seguir. Odiava e desejava o que ia chegar.

—Vêem aqui. — sussurrou, sedutor.

“aiiiii!”, gritou minha Tigresa interior. *“Onde te tinha metido?”*, respondi. Tudo em Royce, desde sua expressão a como inclinava o corpo, preparado para o ataque, garantia que ia beijar me até me tirar o sentido. De novo.

Embora talvez me odiaria por isso mais tarde, não podia permitir. Nosso primeiro, devastador e delicioso beijo tinha sido o último. Ele era muito sexy, muito potente e queria muito de mim.

—Não posso. — tentando gravar a importância dessas palavras em meu corpo faminto de sexo— Além disso, não tem tempo. A reunião, recorda?

—Sim pode. — disse ele com um murmúrio rouco que me seduziu— E sempre terei tempo para isto.

“Eu também”, pensei, entreabrindo as pestanas.

“O que está fazendo?”, rugiu minha Tigresa interior. *“Pensa nas conseqüências de suas ações. Os Triplo C são problemas. Puros problemas”*.

“Dá-me igual. Beijo Royce. Por favor”.

—Se não vir, irei eu. — Royce estalou a língua e se levantou. Mas antes de aproximar-se de mim, foi à porta e a trancou.

Traguei saliva. Minha mente e meu corpo seguiam em guerra e não sabia o que fazer. Bom, sabia o que deveria fazer. Tirar meu traseiro do escritório e me afastar do Royce.

—Te dei tempo de sobra para fugir. — disse ele, aproximando-se— Entretanto, você ainda esta aqui.



“Salta pela janela”, grito minha Tigresa. “Não está preparada para te enfrentar um Tigre tão poderoso”.

“Pensava que uma autêntica Tigresa nunca rechaçava uma briga”.

“É que não sabe nada? Quando estão no cio, evita aos machos. Corre!”.

Se estar com ele não fosse tão agradável. Se não tivesse as mãos tão cálidas, tão calosas. Trabalharia ele mesmo nos aviões? Imaginar o vestido de mecânico, com graxa nos braços e o rosto... Deus.

—Quais são as flores favoritas de sua mãe? —perguntei, em um último e desesperado tento de impedir o que ia ocorrer. Não tinha força de vontade para pôr-se a correr. As palavras eram minha única esperança— Pode que ponha pétalas no chão e as mesas. Perfumariam o ambiente.

—Utiliza orquídeas. — sua voz era um sussurro rouco, grave e sedutor— Por fim descobri a que cheira. A orquídeas e madressilvas.

Sentia-me drogada. Seduzida. *“me beije”* suplicaram meus olhos, embora lhes ordenei que não o fizessem.

—Cada vez que estou perto de você, afogo-me em seu perfume. — resmungou ele— Já te disse isto, não?

“me lambe”.

Merda.

—Já te disse o quão sexy que são seus lábios? Não posso deixar de olhá-los. Quero-os em meu corpo.

“me remoa”.

Ao diabo contudo.

O roçou minha bochecha com o nariz. Mordiscou brandamente. *“OH, sim. Justo... assim”.*

Suspirei, me derretendo. A luxúria me queimou, ardente e selvagem. Meu corpo ganhou a batalha da minha mente. Queria que Royce voltasse a me beijar.

Sabia como me afetava e protegeria meus sentimentos. Sim. Podia deixar que me beijasse outra vez.

Assim me tiraria isso do sistema e sairia dali sendo uma mulher mais forte, uma Tigresa, melhor preparada para resistir a ele. Correto? Sim, correto.

No fundo, tinha esperado esse momento desde que entrei em escritório, sem ter em conta as conseqüências. Ele me atraía e tentava.



—Ainda não fugiu. — disse ele com voz suave.

Suas mãos subiram por meus braços e desceram por minhas costas, até assentar-se em minha cintura. Deixei-me cair contra ele, assumo contra peito.

Seu fôlego me acariciou a bochecha até que por fim sua boca se posou na minha. Tirou a língua, lambendo, provando, me tentando com mordidinhas e carícias, mas não era o bastante. Necessitava paixão pura e dura.

Mordi-lhe o lábio inferior, subi as mãos por suas costas até agarrar sua cabeça e obrigá-lo a baixá-la mais. Ele compreendeu e inclinou a boca sobre a minha, penetrando-a com a língua, com tanta força como eu desejava. Ronronei e o beijei com desejo. Minha língua batalhou com a sua, retirando-se e voltando uma e outra vez. Seu sabor a café intoxicava.

O ataque de Royce continuou até que me senti enjoada por falta de ar. Meus mamilos eram pequenos vultos duros e o coração martelava no peito, errático e inegavelmente acelerado.

Apartou a boca da minha. Grunhi minha decepção. Ainda não tinha acabado com ele. Esse era o último beijo que ia permitir entre nós e, Por Deus, ia durar muito, muito tempo. Apertei as mãos em seu corpo, aferrando-o, imobilizando-o.

—Vê? —ofegou ele— Somos bons juntos. —entre cada palavra, beijou minha bochecha, minha mandíbula e meu pescoço— Muito bons.

—Não. — tive que negar suas palavras. Por princípios— Somos um asco juntos.

—Que mentirosa é. — ele riu. Deu-me outro beijo devastador— Te desejo Naomi.

Suas palavras me enjoaram ainda mais que seus beijos.

—Esqueçamos ao resto do mundo e vamos a minha casa. Só você e eu.

—E sua reunião?

—Eu a cancelarei.

—Eu... — minha mente estava envolta em tal névoa de sedução que não podia responder.

Com movimentos rígidos, Royce me apartou e vi na profundidade de seus olhos um sentimento que não pude decifrar. Esperou. Simplesmente esperou. Não faria mais, não voltaria a me tocar até que não capitulasse.

Abri a boca, mas não pude dizer nada. Por que não podia dizer sim? Por que não podia dizer não?

Ele seguiu me olhando. Sabia exatamente o que conseguia com seu silêncio. Dava-me tempo a imaginar as coisas que poderíamos estar nos fazendo o um ao outro. Nos despir. Nos acariciar, nos saborear. Nos estremecer, com um orgasmo paradisíaco. Ou dois.



Um calafrio percorreu minha coluna e tubei que lutar contra o desejo de agarrar seu queixo e voltar a atraí-lo para outro beijo. *“Será melhor que vá agora... já estas muito perto do abismo”*.

—Preciso ir para casa. —sussurrei por fim— A minha casa. Sozinha.

—Senhor Powell, Donovan está aqui. — se ouviu pelo intercomunicador. Royce foi à mesa e pulso um botão.

—Necessito uns minutos mais. — soltou o botão— Me deseja. Vejo o desejo em seus olhos.

—E?

—E? —repetiu ele, incrédulo. Voltou a aproximar-se— E quer ir embora mesmo assim? Simular que não há nada entre nós? Não o permitirei. — com um movimento rápido recapturou-me entre seus braços.

Desabotoar a camisa foi um engano, mas o fiz. Precisava tocá-lo. Deslizei as mãos sob o tecido. Tinha a pele cálida e pêlo suave e esponjoso no peito. Era todo músculo, e seu tato dava a impressão de veludo vertido sobre aço.

Com um puxão brusco, Royce me tirou a jaqueta e a deixou cair ao chão. Então viu meu sutiã de cetim verde.

Ouviu-se um ronrono primitivo e masculino no fundo de sua garganta. Olhou o sutiã. Olhou-me. Olhou o sutiã. Seus olhos eram como chamas.

—Verde. Sim, deseja-me. — afastou o cetim e expôs à vista meus mamilos. ofegou— Tem os mamilos mais perfeitos que nunca vi. Rosados e amadurecidos como bagos.

—Deixa de dizer essas coisas. — lambi os lábios.

—Por que? Porque lhe excitam? —com uma risada, beijou-me, agarrou um de meus seios e esfregou o mamilo entre os dedos. Com o primeiro roce perito da palma de sua mão, gemi. Não podia acreditar que estivéssemos fazendo isso em seu escritório, onde qualquer poderia nos ouvir de fora.

Arqueou-me para trás e sua ardente língua jogou com meu mamilo. Uma de suas mãos acariciou meu quadril.

—Não pense em nada exceto em como te faço sentir. — murmurou contra minha pele. Eu não teria podido.

Sugou meu mamilo e o introduziu em sua boca.

Meu corpo se contraiu e estive a ponto de ter um orgasmo nesse instante. Deslizei as



mãos entre seu cabelo e o agarrei com força: não te moverás daí.

—Royce, eu...

Sugou com mais força.

Gemi e arqueei as costas ainda mais, queria, necessitava... o zumbido do telefone permitiu que um pensamento solitário irrompesse em minha mente: *“Isto é mais que um beijo, Naomi. Está a ponto de te lançar a uma aventura sexual. Com um cliente”*.

—Senhor Powell? —disse Elvira.

Meu sangue passou de estar em ebulição a fria como o gelo em segundos. Como podia ter permitido que ocorresse? O suposto último beijo se converteu em muito mais. Separei-me dele, ofegando.

—Merda, tenho que parar.

—Senhor Powell? —zumbiu o telefone.

As finas rugas que rodeavam os olhos e boca do Royce estavam tensas, mas se esticaram ainda mais. Soube que desejava me agarrar, voltar a me envolver em seu abraço. Mas deveu ler minha negativa na postura rígida de meu corpo.

—Deixarei-te por agora. Mas não acabamos Naomi. — jogava fogo pelos olhos enquanto deu um passo ameaçador para meu— O certo, —ronronou perigoso— é que não temos feito mais que começar.

Trememente, afastei-me do Royce e recolquei a roupa. Recolhi a jaqueta do chão.

—Desfrutamos do princípio e do final o mesmo dia. Simplesmente... não posso estar contigo. — Era quase uma súplica para que entendesse.

—Não pode. — sua expressão perdeu o ardor, de fato, voltou-se glacial— Ou não o fará?

—Senhor Powell? —insistiu o telefone. O voltou para a mesa e pulsou uma tecla.

—Hei dito que necessito um maldito minuto. Já lhe direi quando pode deixá-lo entrar. — ladrou— Está bem?

Queria me ouvir dizer que meus lábios desejavam os seus, que me sentia perdida e insegura sem seus braços. Era a verdade, mas não podia dizê-lo. Se soubesse o perto que estava de me render, lançaria-se sobre mim.

—Não o farei. — respondi, sem olhá-lo. Silêncio.

—Não a entendo. —disse ele, exasperado e colérico— Não entendo como pode arder em meus braços e logo se voltar tão fria.

Dessa vez, girei e assinalei seu peito.



—Isso. Não me entende porque não me conhece. Não sabe nada de minha vida. Nem de meu passado. Não terei uma relação com você, Royce.

Seus traços se suavizaram quando a luz do sol que entrava pela janela o iluminou criando um halo a seu redor.

—Sei que é forte e sincera e que luta pelo que quer. Luta por mim.

Estive a ponto de capitular. Diabos, mudava mais de opinião que de roupa interior. Essas palavras... , essa suplica... , nunca tinha ouvido nada tão bonito. Ninguém me tinha chamado “forte” em minha vida.

—Não posso. — sussurrei, me dizê-lo custou um mundo.

—Por que não? —elevou as mãos no ar— Me ajude a entendê-lo, para que possa te ajudar a aceitar o que há entre nós.

Fazia que soasse muito fácil. Muito tentador. *“Soluciona seus problemas e poderemos estar juntos”*. Fechei os olhos e sofri o assalto de meus horríveis medos. Os homens enganavam, mentiam e perdiam interesse em sua mulher. Chamadas telefônicas a meia noite, *“viaje de negócios”*.

—Me conte disse com voz suave.

Se falasse da infidelidade do Richard o Bastardo, admitiria minha estupidez. Minha debilidade. Quantas vezes, tinha perdoado ao Richard? Quantas vezes, tinha deixado que me tratasse como a um lixo? Royce acabava de dizer que me considerava forte e capaz, uma lutadora. Não queria que trocasse de opinião. Não queria que me visse como um animal.

—Não há nada que contar. — respondi, olhando para minhas mãos— Simplesmente, não estou interessada.

—É isto um jogo? —disse-me, com o cenho franzido— Está se fazendo de difícil, me deixando louco para que só pense em você? Se for assim, funcionou. Admito-o, sempre está em minha mente. Sonho com você, desejo-a constantemente.

Desejei tampar as orelhas. Fugir. Ficar.

—Não me diga essas coisas. — movi a cabeça.

—Por que não? É verdade.

—Não estou disponível para você. — desesperava-se por acreditar algo menos suas palavras. Capitular não era uma opção. Não com ele. Porque me afetava muito mais que o Richard e isso o fazia ainda mais perigoso — Está reagindo à provocação.

Nada mais.



—Esta enganada. Quero que você case comigo. E isso não tem nada a ver com que seja uma provocação.

Deu-me um tombo o estômago e acredito que, durante um segundo, perdi a visão. Me fechou a garganta.

—Quer se casar comigo? —consegui gemer.

—Sim.

—Só me conhece faz umas semanas, quer se casar comigo? —subi a voz— Nem sequer tivemos um encontro, e quer se casar comigo?

—Sim. —disse com serenidade— Sonho com você ha seis meses, Naomi. Depois da recepção de Daisy Phillips te chamei para pedir que saísse comigo. Nunca retornou minhas ligações. Admito que, em um momento de desespero, pedi a minha mãe que a encarregasse do planejamento de sua festa. Foi o único que me ocorreu para que entrasse em minha vida.

Santo Deus. Tampei o rosto com as mãos. Sentia um zumbido nos ouvidos e espasmos no estômago. Tinha a sensação de ter entrado em um mundo irreal e doentio.

—O que me disse é verdade? — perguntei, incapaz de olhá-lo. Seguiu uma larga e pesada pausa.

—Sim.

—Isto é uma loucura, Royce. Tem que se dar conta de até que ponto.

Ele cruzou os braços sobre o peito e inclinou a cabeça, me estudando, medindo quanto revelar.

—Esta empresa ia muito bem quando era dirigida pelo meu pai, mas dupliquei os benefícios seguindo meus instintos. Nunca me falharam e agora mesmo sei, sei, que é a mulher para mim.

—Está desesperado para se casar. Qualquer mulher serviria.

—Não acredita? —passou a língua pelos dentes— Então, por que não escolhi a uma das candidatas?

Pisquei. Tinha sabido que me desejava, sua forma de me beijar o provava sem dúvida. Diabos, sua ainda patente ereção também. No dia anterior, em minha casa, tinha suspeitado que procurava um compromisso. Mas ouvi-lo... Era uma insensatez. Amor?

—Royce...

—Não diga que não. —me cortou— Você precisa pensar.

Pensar? Não seria capaz de pensar em outra costure durante o resto de minha vida.



Tomaria a decisão equivocada e nunca deixaria de me perguntar o que teria ocorrido se tivesse escolhido a outra opção.

—Quero você na minha vida, Naomi, e estou disposto a fazer o que fizer falta para a convencer disso.

Sua doçura, sua vontade de lutar por mim, golpeou minha resolução com mais força que nada. Mas... *“Não!”*, gritou minha mente. *“É perigoso. Sofrerá. É um homem. Mais cedo ou mais tarde vai a trai”*. Tinha que combatê-lo, seguir resistindo, e só havia uma maneira. Não podia pensar nele como Royce Powell, o homem de meus sonhos. Tinha que pensar nele como homem sem mais, um infiel e mentiroso bastardo.

—Não. Quero. Me casar. Nunca. — gritei — Nunca, nunca, nunca. —dava um chute no chão— Nunca!

—Não fala sério. — moveu a cabeça.

—É claro que sim que sim. Não me casaria embora os alienígenas invadissem o planeta e a única salvação fosse me casar com seu líder. Está claro?

—Esta exagerando, tenta me afastar de você pela razão que seja. Ainda vejo o medo em seus olhos.

—O que faz falta para que entenda que a única maneira de me levar a altar será fria e em um ataúde?

—Está me dizendo que não te interessa o amor? —perguntou ele detráis me olhar em silêncio um momento— Nem um vestido branco, um anel de diamantes e uma igreja cheia de família e amigos emocionados?

Assenti com determinação. Não tinha nenhuma dúvida.

—Correto. — isso já o tinha feito e quase me tinha matado em consequência.

—Não se importará que ria em sua cara, verdade? Conheço as mulheres, sei que sonham com um casamento espetacular, com um marido que as adore e tendo seus filhos. — abriu os braços para mim— Aqui estou, disposto a te dar essas coisas. Vai dizer-me que não?

—Correto. — afirmei de novo, inflexível.

—Incrível. — moveu a cabeça, exasperado.

—Isto foi muito interessante. — alisando a saia— Agora te direi o que penso. Prometo-te por tudo quão sagrado não procuro uma aliança. De fato, nem sequer desejo ser dama de honra.

—Não acredito. — moveu a cabeça outra vez.

Como podia explicar para que entendesse?



—Não quero um homem. Ponto. Nada de homens. Adoecem-me. Homens maus. Puaj, puaj.

—Espera. — ele abriu os olhos de par em par— Você não gosta dos homens?

—Não. — por fim o tinha entendido.

—Por que diabos, não me disse isso antes?

—Trabalhamos juntos, para começar. Não temos por que falar de assuntos pessoais.

—Não me tinha dado conta. —movendo a cabeça, deixou-se cair na cadeira— O sinto.

—Sim, bom, agora sabe a verdade.

—Sempre te há sentido assim?

—Não. — repus, optando pela verdade— Só durante os últimos seis meses.

—Não havia nenhum indício. Quero dizer... —passou uma mão pelo cabelo e me olhou acusador— Me beijou. Duas vezes. Pensei que você gostava. São as loiras, verdade? As gêmeas das fotos que há em sua mesinha de café. Deveria ter adivinhado. Mas como podia saber?

—De que diabos, está falando? —parecia que se transportou a outro planeta.

—Prefere as mulheres aos homens. —disse— Não é nada do que envergonhar-se, simplesmente não me dava conta. Parecia gostar de... OH, merda.

“Ahhhhh”. Era muito.

Apoiei as mãos nos quadris. Acreditava que saía com duas mulheres, as gêmeas, muito. A que vinha essa fixação dos homens com as gêmeas?

—Não sou lésbica, Royce. Que uma mulher não esteja interessada, não implica que seja homossexual.

Um silêncio tenso e prolongado encheu o espaço.

—Então, não é... ? — os traços do Royce se relaxaram gradualmente.

—Não.

—Maldição. — clamou, esticando-se outra vez— Há dito que não queria saber nada dos homens, que ficavam doente. Outra vez disse que odiava tudo o que tivesse um pênis. O que outra coisa ia pensar?

—Talvez que não estou interessada em uma relação, como disse. Quero viver sozinha, sem a interferência de um homem. Ou que simplesmente não quero romances. E menos com um Triplo C.

—Que diabos é um Triplo C? —inquiriu.

—Corporativo. Controlador. E Completamente Inapropriado para mim. — antes tinha sido



“Comando em toda regra”, mas a frase era minha e podia trocá-la como me viesse em vontade.

Ele elevou as sobrancelhas quase até a linha do cabelo.

—Admito ser corporativo. Mas controlador? Inapropriado para você? Não acredito. Sou um VSP.

—Se explique, por favor. — cruzei os braços e voltei a vista ao teto, com resignação.

—Voluntarioso. Sexy. E Perfeito para você.

Por não falar de egocêntrico.

—Ah, é assim?

—Sim, assim sou. — cruzou os braços sobre o peito, imitando minha postura desafiante.

—Isto não é um jogo, Royce. Asseguro-te que não procuro um homem. Nenhum homem. Nem sequer um VSP. Não há mais o que dizer.

—Pois resulta que eu sei que isso é mentira. — seus lábios se curvaram e seus olhos faiscaram como safiras. Escrutinou-me como se tivesse raios X nos olhos.

Incômoda, passei o peso de um pé a outro.

—Não deixa de dizer que sabe quando minto. —odiei que me tremesse a voz— E é impossível.

—Sua lista. Tinha-a esquecido, mas agora...

—Que lista?

—Soam-lhe as palavras “*O que procurar em Dom Intocável*”? Se tenta evitar a Dom Intocável, isso implica que procura dom Perfeito.

Senti uma chispada de ira, mas durou pouco. Pus-me a rir. Era muito divertido. Muito doce. Olhei sua mandíbula perfeitamente barbeada e ri ainda mais.

—Se Barbeou. — Dobrei de risada— Agora o entendo. Número cinco. Dom Intocável não se barbeia bem e arranha.

—O que tem isso de gracioso? —Royce estreitou os olhos e ficou rígido.

—Nada, se a lista fosse minha.

—Claro que é sua. Estava em sua casa.

—Não. Perdoe-me. —voltei a rir— É de minhas primas, Kera e Mel. As gêmeas loiras da foto.

Passaram, quatro minutos, em silêncio absoluto.

Exceto o som de minha risada ricocheteando nas paredes. O homem tinha feito o ridículo e me sentia com direito a me divertir a sua costa.



—Está segura de que não é sua lista?

—Juro-o.

—Mas eu não sou como esse Dom Intocável.

—Não é minha lista. — disse, sorridente.

—Não posso acreditar que esteja acontecendo isto. —grunhiu— Esta cem por cento segura de que não é tua?

—Sim.

—Mas você adora as listas.

—Por isso eu aponte. Para as gêmeas.

—Fantástico. Tinha a possibilidade de ganhar na proprietária da lista. Agora, bom... Merda.

De repente fiquei imóvel, perdendo o bom humor. E se... ? Não. Não queria nem me expor a idéia. Mas minha mente se negava a apagá-la. Traguei saliva.

—Se tanto te fascina essa lista, —disse, medindo — poderia te interessar saber que Kera, uma das gêmeas, enviou uma solicitação. É inteligente, bela e busca o amor. — rígida, esperei sua resposta.

—Soa genial. — seu tom de voz não revelou o que pensava em realidade. Nem tampouco sua expressão inescrutável— Colocarei a sua acima das outras.

Não quis analisar por que senti que meu coração se contraía dolorosamente.

Capítulo 08

Às vezes, para espreitar a sua presa e conhecer seus hábitos, uma Tigresa deve aproximar-se devagar, observar e medir antes de lançar-se velozmente ao ataque. Com manobras bem calculadas, pode dar o golpe mortal sem que sua presa se prepare para revidar.

O acha desse?

Elevei a vista da fileira de trajes de vestir, pretos, marrons e azuis marinho. Todos chegavam até o tornozelo, eram singelos e ocultariam cada centímetro de pele do olhar travesso de um homem.

Ao ver a seleção de minha prima, franzi o cenho.



—Não vou pôr esse... esse... guardanapo .

—O que tem de mau? —Mel jogou uma olhada ao mini vestido verde que sustentava.

—Isso não cobrirá nem a minha calcinha e o decote chega quase ao umbigo. Não tenho intenção de ganhar uns dólares extra.

Era quarta-feira de noite e estávamos visitando um grande armazém, sem alterar de minha viagem a Avermelhado com o Royce. No dia anterior tinha chegado uma porção de roupa verde, Mel e Kera, ao inteirar-se, tinham exigido que fôssemos às compras. Sendo a mulher débil e manipulada que sou, aceitei. E não porque queria estar bonita para o Royce. Juro-o.

Funciona ainda o velho truque de cruzar os dedos?

—Pelo menos prove esse aqui. — persistiu Mel, justo quando o PDA que levava na bolsa emitia uma série de assobios— E desliga isso, Por Deus.

—Não posso. — farta, procurei-o na bolsa e golpeei o estúpido aparelho. Apitava cada hora, me recordando a viagem. Royce, diabólico filho de Satã, tinha o programado de modo que não poderia apagá-lo nem baixar o som. Além disso, a tela cintilava mensagens tipo *“Írá gostar da viagem, prometo”*. Quando calou por fim, olhei de novo a sugestão da Mel.

—Sentiria-me mais coberta com o corpo pintado.

—Isso não é má idéia. — sorriu com astúcia.

—Embora estivesse disposta a passear por aí como se fora um anúncio pornô, não quero nada verde. Pareceria sopa de ervilhas. Ou, pior ainda, um lenço usado. Dá na mesma contando que Royce goste.

—O que acha desse? —Kera mostrou um conservador traje calça verde escura—. Está na metade do preço.

—E segue sendo verde. — exclamei, exasperada— Será que vocês não me escutam?

—Querida irmã, —apontou Mel— Vai avermelhado com o Royce Powell, não a uma cúpula de bibliotecárias sexualmente reprimidas.

—Tem razão. —riu Kera.

—Algo bem sexy. —disse Mel— Selvagem. Desinibido.

—Não estou tentando seduzi-lo. — protestei.

—OH, por favor. — clamaram a unísono.

—Falo sério. — Quantas mentiras podiam dizer-se em um dia antes que Deus negasse seu perdão? Quando era menina, minha mãe estava acostumada me dizer que eram 490 ao dia. Estava aproximando perigosamente.



—Pode ser que não se permita tentar, —disse Mel, malévola e risonha— mas quer. Muito.

Não tentei negá-lo, mas tampouco aceitei suas palavras. tomou meu silêncio como negativa.

—Pensei que tinha cérebro dentro desse crânio. —balbuciou— Se não quer seduzi-lo, temos que buscar uma receita da Viagra feminina. Com urgência.

—Possivelmente deveríamos levá-la ao médico para que faça exames. — sugeriu Kera.

—Garotas, sou uma guerreira com cicatrizes emocionais. Não há mais. — acariciei as lapelas de uma jaqueta de lã—. Nem medicamentos nem provas trocassem isso.

—Verdade. —disse Mel.

—Tem razão. —disse Kera.

Não tinham que defender meu caráter? Não se supunha que deviam me assegurar que uma olimpíada sexual me faria muito bem?

—Ainda assim, —acrescentou Mel— acredito que o látigo e as plumas que te damos de presente ajudariam a superar sua má uva.

A imagem do Royce pacote nu em minha cama encheu minha mente. Eu dava chicotadas e logo acalmava sua dor com as plumas, ou a língua. Meus mamilos se endureceram e senti um palpito entre as coxas.

—Bom, vá. —Mel riu— Algo me diz que despertou seus hormônios —lançou um olhar descarado a meus peitos.

Ruborizando, cobri meu rosto com as mãos. Deveria ter colocado um sutiã acolchoado, tinha um e não me envergonhava. As mulheres de pouco peito tinham que fazer o que podiam para encher bem suas blusas. Isso teria oculto os meus traiçoeiros mamilos.

—Assim não é tão imune a ele como pretende nos fazer acreditar. — Kera elevou um vestido verde de flores— Por que o beijou? Duas vezes.

—Fique quieta. — ordenei.

—Não somos o Tattler. Não têm que mentir.

—Está óbvio que se desejam. — interveio Kera.

Girou, segurando o vestido contra seu corpo— Que problema há? Seduza-o.

O sexo não significa compromisso.

Sabia que não acreditava em suas palavras, e também o que tentava fazer. Kera pensava que se dormir com o Royce, apaixonaria-me por ele e iria fantasiar até um casamento.



E se ela tivesse razão? Isso era o que me assustava.

—O sexo leva ao compromisso para o Royce. — disse. Tirei-lhe o vestido e o pendurei. — Nada de verde.

—Só por esse artigo? —perguntou Mel , olhando mais vestidos inexistentes— Poderia ser tudo uma brincadeira. Ou um exagero. Os meios de comunicação sempre distorcem as notícias.

—A imprensa tinha razão esta vez. Sei porque... —era hora de me justificar. Mereciam a verdade— Ele se declarou. A mim.

—Declarou? —Kera me agarrou pelos ombros e me fez se voltar para ela— Quer dizer que te pediu em casamento?

—Bom, sim. — mordeu o lábio inferior. Minha pequena e diminuta prima me sacudiu duas vezes.

—E o que disse?

—Não, claro.

—Não, claro, diz. —Kera elevou os braços no ar e se voltou para o Mel— Acaba de ouvir o que disse essa tola? É possível que seja nosso parente? Naomi rechaçou a um homem com o aspecto do Colin Farrel, mais rico que Deus e que a encontra tão desejável que não pode viver sem ela.

—Hei, espera um...

—Esta me custando muito para acreditar. —Mel estalou a língua— Uma coisa quer dizer que não vais casar nunca e outra muito distinta rechaçar a proposta de um homem assim. Naomi, Naomi, Naomi. Vamos ter que te internar em um manicômio?

—Não disse que não possa viver sem mim. Ele não disse nada parecido. — em certo modo sim. Havia dito coisas maravilhosas, que faziam meus os joelhos tremessem só de recordar. Tinha pensado em mim durante seis meses. Tinha sonhado comigo. Deseja-me.

—Está implícito em sua proposta. — Mel colocou uma mecha vermelha atrás da orelha e me olhou fixamente—. Se não quer se casar, pelo menos tenha uma aventura selvagem com ele.

Como podia não pensar nisso? Meu corpo desejava esse homem como uma droga.

—Certamente pretende que voemos a Las Vegas assim que tenhamos dormido juntos.

—Que pretenda não significa que você aceite. Certo.

—Por que não me apresenta? —Kera trocou o peso de um pé ao outro e me olhou com tanta fixidez como tinha feito Mel— Eu não tenho nenhuma estúpida norma sobre não sair com clientes, e estou mais que pronta para me apaixonar e me casar.



Estiquei-me e senti o mesmo desassossego que tinha sentido com Royce. Não o queria para mim, mas nem em brincadeira queria que o tivesse outra. Tampouco Kera.

Por que estou tão louca por esse homem?

—Acredite. — disse, tentando adotar uma atitude desinteressada— Não te interessa, Kera. Que classe de marido ia ser? É óbvio que viaja muito. É mandão, arrogante, egocêntrico, tirânico e rude. E o George? Acreditei que te interessava.

—Pode ser que me interesse mais Royce. —soltou um comprido suspiro de apaixonada que possivelmente fora falso— É tão bonito.

Sim. Sim que era. E seus beijos me escravizavam. Faz ofegar pedir mais. Talvez, quando terminasse de planejar a festa de sua mãe, Royce e eu poderíamos ter algum tipo de aventura.

Inclinei a cabeça enquanto considerava essa possibilidade. Hum... sexo na praia. Sexo em um balcão. Sexo em cada cômodo de minha casa. Sexo, sexo, sexo. Interessaria uma aventura? Era um homem são e havia dito que me queria em sua vida. Se deixava claro que só podia oferecer sexo, renderia-se.

Nunca tinha tido uma relação puramente sexual, em que os sentimentos estivessem proibidos. Poderia dirigir uma? Com certeza que sim.

Tinha que admitir que a idéia de tocá-lo dava prazer. Saboreá-lo também. E deixar que me tocasse e me saboreasse. O calor invadiu minhas veias e molhei meus lábios secos. Umas quantas noites de sexo quente e sujo, sem emoções, certamente curaria minha obsessão por ele. Minha necessidade de seu corpo nu contra o meu, penetrando e investindo eroticamente.

Decidi que sim. Seduziria-o depois da festa. Embora só fora por minha paz mental. Deitaria-me com ele e protegeria meu coração. Quando tivéssemos satisfeito nossa paixão, iria cada um para seu canto. Singelo. Fácil. Ninguém sofreria.

—Kera. —disse— Quero o Royce, assim que você não pode o ter.

Ela sorriu lentamente, como se isso fora o que tinha querido ouvir.

—Já era hora. — murmurou Mel.

Em toda minha vida, só tinha estado com dois homens. Número um: Jase Waldren, meu namorado do colégio. Depois de sair junto vários meses, tinha tomado minha virgindade no assento traseiro de sua oxidada caminhonete amarela e nunca havia tornado a me chamar. Tampouco tinha importado. Aquela noite tinha estado tão perto do orgasmo como de comprar umas botas de couro negro e salto de agulha do Dolce & Cabanna.

Número dois: meu ex-marido. Acabava de começar a trabalhar em uma empresa local de



planejamento de festas e Richard o Bastardo entre, meloso e seguro, procurando ajuda para uma festa de trabalho. Era advogado especialista em divórcios e dez anos mais velho que eu. Apanhada por seu carisma, pedi me ocupar de sua festa. Gostou imediatamente e me enrolou.

Casamo-nos pouco depois.

Imediatamente depois da cerimônia, sugeri que deixasse o trabalho. Não o disse com essas palavras, mas queria que dedicasse cada momento do dia. Como uma estúpida, fiz. Amava-o e queria fazê-lo feliz. E a uma parte de meu a idéia de cuidar parecia muito romântica. Renunciar a tudo pelo amor e esses lixos. Sim. Tinha experiência. Minha mãe também tinha renunciado a sua vida por meu pai.

O que tinha conseguido com minha personalidade tolerante? Um marido que às vezes ignorava, que nunca me tinha valorado nem considerado o bastante boa, e que não tinha problemas em me dizer isso, Me perguntei se a história estaria se repetindo.

Um marido que preferia repartir seu amor por todo Texas a dormir com sua mulher. Sim, tinha experiência.

Depois de nosso divórcio ninguém queria me contratar. Não só me tinha deitado com um cliente importante, tinha deixado um trabalho sem dar aviso prévio. Merecia a falta de confiança. Não podia ter sido mais estúpida.

Tinha-me visto obrigada a começar minha própria empresa. Agora me alegrava, mas seis meses atrás tinha sido um inferno emocional, assustada do fracasso e ao ponto da quebra. Talvez poderia ter feito algo distinto, como aceitar um trabalho que odiasse, mas só tinha experiência em planejar festas e não me via fazendo outra coisa.

Perguntei-me se a história estaria repetindo-se.

Ali estava de novo, desejando a um cliente e empenhada em ter uma aventura com ele. Igual a Richard, Royce havia sentido uma atração foto instantânea por mim, algo que não entendia. Era muito incomum. A maioria dos homens, preferiam a beleza frágil de Kera, ou a personalidade selvagem do Mel.

Massageie a nuca e simulei estudar os objetos que tinha ante mim. por que eu gostava de outro homem cujo nome começava por R?

—Naomi. Olá? —a voz da Kera penetrou em meus pensamentos e sacudi a cabeça.

—O que? —esforcei-me por voltar para a realidade.

—Estava em uma espécie de transe “vou chorar ou matar alguém”. Perguntei no que pensava.



—Richard. Royce. Minha própria estupidez. Não importa. — agitei uma mão, deixando de lado o tema— Mel, —disse— há um tipo ao que quero te apresentar. É bonito. Alto e de cabelo escuro. Com bom senso de humor.

—Quem é? —o rosto do Mel se animou.

—Chama-se Colin Phillips e trabalha para Royce. — recordei que Royce me havia dito que era dos que amavam e esqueciam. Isso o fazia perfeito para o Mel, cujas relações românticas nunca duravam mais de umas semanas. Ela falava muito, me dizendo que me casasse, mas era tão anti-casamento como eu.

—Kera deu a volta e olhou uma camisa de ponto.— Conheço o Colin. Estava naquelas bodas para a qual cozinhei, de uma garota, Denise... , Danny?

—Daisy. — assenti— Esse é. É seu irmão.

—Você gostará Mel. —disse Kera— É mais que bonito. É deliciosamente sexy.

Mel cruzou os braços sobre o peito e tamborilou sobre seus bíceps com suas unhas pintadas de vermelho intenso.

—Se for tão sexy, por que nenhuma de vocês saiu com ele?

—Não nos interessamos. —respondi isso eu.

—Isso não é um ponto a seu favor. De fato, demonstra que é um homem muito tolo.

—Você gosta dos homens tolos. — recordou Kera.

—Nisso tem razão. —Mel sorriu— Quando vou o conhecer?

—Não sei. Terei que pensar em algo. —respondi.

Seguimos olhando e logo encontrei umas calças que sabia que minhas primas passariam. Pretas e muito coladas, com desenhos de orquídeas vermelhas, rosas e amarelas na perna esquerda e os desenho iam descendo até o pé. Queria. E não porque Royce pensasse que cheira a orquídeas. Eram bonitos. E fáceis de tirar.

—Isto é genial. — Kera deu umas palmadas e uns saltinhos— Estou emocionada por vocês dois. Vamos garotas. — disse quando se tranqüilizou— Viemos comprar e isso é o que vamos fazer. Agora que os hormônios de Naomi decidiram sair para jogar necessitamos mais coisas para seu arsenal de sedução. Ao trabalho.

Essa noite, tombada na cama, fiz recontagem dos objetos que tinha comprado, um vestido de verão verde, Kera tinha insistido, uma minissaia azul frio com uma blusa sem mangas a jogo, um traje calça cor vermelha sangue e uma camisola de renda preta. E as calças pretas, claro.



O que pensaria Royce quando me visse? Flamejariam seus olhos como quando desejava me beijar?

Ele ficaria louco de vontade de me arrancar a roupa?

A imagem me excitou. Virei de lado e olhei pela janela do quarto. Era uma noite escura e aveludada, cheias de estrelas. Às vezes odiava, essas noites sozinha, sem nada que fazer exceto pensar.

Queria falar com o Royce, ouvir sua voz sedutora e sexy, mas isso era um comportamento tão de relação que fulminei o conceito. Me deitar com ele, sim. Incluí-lo em minha vida e confiar nele, não. Ainda assim, desejava tanto ouvir sua voz que comecei a tremer.

Decidi chamar a minha mãe. Sim, a minha mãe. Se havia algo que pudesse me fazer deixar de pensar em corpos nus e sexo telefônico era ela. Marquei seu número no sem fio que havia na mesinha.

—Olá? —minha mãe soou resmungona, dormente e maravilhosa ao mesmo tempo.

—Olá para você também. — sorri, já mais tranqüila.

—Naomi? —houve uma pausa e me imaginei sentando-se de um bote— Algo vai mal? O que vai mal? Sei que aconteceu algo.

—Nada vai mal, juro isso. Só queria ouvir sua voz.

—Santo Deus, o que aconteceu? O que passou? —ouvi a voz do meu padrasto.

—É Naomi. Diz que chama para conversar.

—Conversar? A esta hora? Algo vai mal. O que é o que vai mal?

—Não sei. —minha mãe suspirou— Me dê um minuto para descobri.

—Certo, mas quero falar com ela quando acabar.

Pus os olhos em branco. Esse louco casal sempre me devolvia à realidade.

—Por que não me diz o que se preocupa, querida? —disse minha mãe— Nunca liga a esta hora.

—Necessito de seu conselho. — as palavras escaparam sem que pudesse as deter— Como pode saber uma garota se um homem a tratará bem? Se será fiel?

—Está pensando em se casar outra vez? —disse, emocionada.

—Não, nada disso. —refutei— Só sinto curiosidade por como soube que Jonathan não seria como papai. —que não a magoaria, enganaria, nem insultaria. Como podia ter tornado a confiar em outro homem?

—Não sabia. —disse minha mãe— Não podia saber. Só podia ter essa esperança.



—Mamãe, esperava que me animasse. —gemi— Que me dissesse que há um homem aí fora que me tratará bem e não me enganará com outras.

—Não me deixaste acabar. Sim que há um homem para você. Tratará-te bem? Não sempre. Enganará-te? Isso só o tempo dirá. Ocorrem coisas e a gente muda. —o tom de sua voz se elevou com amargura— Até o Jonathan e eu temos nossos problemas.

Todo meu corpo se esticou ao captar a implicação de suas palavras. Estaria tentando me dizer algo? Jonathan e ela logo que discutiam. Minha mãe devia referir-se a desacordos com os turnos de esfregar os pratos, ou algo assim de inocente. Ao longo dos anos, Jonathan tinha demonstrado ser um bom tipo. Eu o tinha acusado durante muito tempo de estar simulando, temia que um dia se convertesse em uma besta, mas não tinha ocorrido. Relaxei lentamente.

—Deus, Naomi não precisa ouvir nossos problemas. — se ouviu um som de estática enquanto meu padrasto tirava o aparelho— Naomi, sou Jonathan. O casamento é maravilhoso. Sabe que não acredito no divórcio e desaconselho essa saída para meus pacientes.

Se, tinha ouvido sua opinião ao respeito mil vezes nos últimos meses. Ele acreditava que devia dar ao Richard, o Bastardo, outra oportunidade. Talvez devesse haver contado tudo o que Richard tinha me feito, quanto tinha me ferido. Mas só tinha dado a minha mãe e a ele uma leve idéia do ocorrido, ocultando a crua realidade. Não tinha querido que a gente a que mais respeitava conhecesse minha estupidez.

—Está pensando em voltar com Richard? —perguntou.

—Minha resposta é quão mesma a última vez que o perguntou. Diabos, não.

—OH! — a decepção soou patente em sua voz.

—Insiste em que o aceite de novo, mas você não viveu com ele. — apertei o auricular com súbita ira. Decidi esquecer meu orgulho um momento e esclarecer coisas— Você não teve que sofrer uma humilhação total em suas mãos. E se te dissesse que Richard tentou me matar enquanto estivemos casados? —minha voz soou dura e inflexível. Pela primeira vez em minha vida me senti como uma autêntica Tigresa.

—Diria que tinha todo o direito de deixá-lo. Mas não o fez. Richard não é um homem violento.

—Não tentou me matar fisicamente, não. Só tentou matar meus sentimentos. Minha auto-estima. Enganava-me, Jonathan. Uma e outra vez. Deixou-me na ruína. Fez que me sentisse desprezível. Não é isso igual de mau?

—Sinto muito, Naomi. —gaguejou ele— Não sabia.



Minha cólera se esfumou. Esse homem queria de verdade. Tinha-me educado dos nove anos e sempre me tinha tratado como a uma filha. Queria o melhor para mim. Ouviu-se outro chiado de eletricidade estática e minha mãe agarrou o telefone.

—Naomi querida, ouvi. Fez bem deixando ao Richard. Espero que se apodreça no inferno.

—Obrigada, mamãe. Isso significa muito para mim.

—Então, encontraste a outro homem? Por isso ligou?

—Não. —menti. Royce era outro homem, outra tentação. Outro mundo.

—Sempre sei quando memore. Sua voz soa mais aguda. Veremos amanhã no Holy Grounds às oito. — soou como um sargento que esperasse o cumprimento de suas ordens— Precisamos ter uma conversa de mãe e filha.

—De acordo. — não me ocorreu em negar.

Além disso, queria vê-la. Queria a minha mãe e não passava suficiente tempo com ela—. boa noite, mamãe.

—Boa noite, querida.

Pendurei e me tombei. Olhei o teto. Bem. Tinha chegado o início oficial de uma larga noite acordada.

Capítulo 09

Uma Tigresa sempre deve estar em guarda contra um Tigre. Estes animais machos percebem o medo, cheiram, e tentarão utilizá-lo em seu contrário para obter o que desejam de ti.

A manhã seguinte, um pouco antes das oito, estava sentada sozinha e a cafeteira, esperando a minha mãe. Tinha deixado a maldita agenda eletrônica em casa. Tinha estado a ponto de atirá-la pela taça do váter.

Cheirava a baunilha, canela e pães-doces recém feitos.

Removi meu café com leite e observe às pessoas que acontecia minha mesa.

Não queria estar ali. A noite anterior queria ter visto minha mãe. Já não. Deus sabia que não gostava de responder a perguntas sobre minha vida amorosa nem discutir os méritos do amor e o casamento. Para isso tinha ficado comigo, sabia.

Por que tinha dado via livre a esse tema?



Acaso era idiota?

Enfim, seria melhor não me responder.

Minha mãe tinha chamado muito cedo para comprovar que recordava nossa reunião. Tinha feito a propósito, assegurando-se de que estivesse muito dormida para lhe dar uma desculpa e evitá-la.

Uma mulher lista, minha mãe.

Por fim chegou, só quinze minutos tarde. Melhor do normal. Em realidade minha mãe não tinha conceito do tempo. Durante toda minha infância me tinha feito chegar tarde a todos os lugares. Festas de aniversário, treinamentos de animadoras, diabos, inclusive ao colégio. Sempre me tocavam as sobras nas festas e me perdia os jogos mais divertidos. Certamente minha obsessão com a pontualidade se devia a isso.

—Que cara é essa? —foi o primeiro que disse, sentando-se na minha frente.

Era uma mulher atraente que acabava de iniciar a casa dos cinqüenta. Cabelo curto e castanho e olhos de uma mescla de marrom e cinza, carregados com uma espécie de tristeza e vulnerabilidade que não tinha visto fazia muito tempo. Sua estrutura frágil sua curta estatura lhe davam um certo ar de rapariga em apuros.

—Está bem? —perguntei, preocupada.

Ela agitou a mão e me chegou uma doce fragrância de açucena. Era seu perfume favorito. Sempre que tinha chorado por um menino, tinha-me acolhido em seus braços e esse aroma me tinha envolto.

—Deveria levar verde. —disse— Iria com seus olhos.

—Se por acaso não sabia, meus olhos são cinza.

—Isso dá igual. Esse marrom apaga o tom de sua pele.

Por que se preocupava de repente por minha roupa?

Não era normal dela.

—Eu gosto de parecer apagada. —disse seca— Se não intimidar às pessoas com minha deslumbrante beleza.

—É tão descarada com todo mundo, ou só comigo? —apertou os lábios para não sorrir—. Dá igual. Me alegro. Temia que Richard tivesse matado seu espírito. Mas falávamos de sua roupa e de que deveria levar algo verde.

Abri os olhos de par em par ao compreender. Quase grunhi. Sabia do Royce. Era a única explicação de seu estranho comportamento. Ela confirmou minhas suspeitas com suas seguintes



palavras.

—Por que não me disse que estava trabalhando com Royce Powell?

“Porque não quis”, respondi para mim.

—Como sabe o de meu trabalho com o senhor Powell?

—Senhor Powell, né? —golpeou a mesa com uma unha grafite de rosa—. Segundo o Tattler não é assim como o chama.

Endireitei-me de repente.

—Há um artigo sobre o Royce e sobre mim no Tattler?

—Por isso chego tarde. Quando o vi no quiosque, quase morri —enrugou seu lindo rosto com desagrado. Saco o periódico da bolsa e o pôs sobre a mesa. A capa cintilou ante meus olhos.

Era uma foto de mim saindo de meu edifício. Estava... fatal. Horrível. Tinha o rosto enrugado como se acabasse de chupar duas dúzias de limões. Tinha o cabelo recolhido no coque habitual, mas a sombra fazia que parecesse oito vezes maior, e recordei ao Marge Simpson.

O pé de foto dizia: Lavou- o cérebro de Royce Powell uma alienígena?

Senti tal vergonha que desejei que a terra me tragasse. Avermelhei. Minha única esperança era que estando tão horrorosa na foto, ninguém me reconhecesse.

—A verdade, Naomi. Não podia haver sorrido ao fotógrafo, ou algo? Está... não quero dizer.

—Não sabia que estivessem me fotografando. —disse baixando a voz para não chamar a atenção.

—Querida, tem que prestar mais a atenção. —moveu a cabeça— É perigoso não saber o que ocorre a seu redor. Um ladrão poderia tirar a bolsa, ou algo.

Como se eu não soubesse.

—Não se sinta mal. —acrescentou minha mãe— Não é a única mulher a quem fotografaram com o Royce.

—O que! O que outra mulher? —estiquei os ombros. Esse bastardo!

—Bom, a esta. —pisou e assinalou uma esquina do periódico. Royce estava junto ao Gwendolyn Summers, a deslumbrante morena de pernas largas com a que o tinham fotografado antes. Foram vestidos de ornamento, muito elegantes. Ficavam perfeitos juntos. Como peças de um quebra-cabeças bem encaixadas.

O que faziam juntos outra vez? Estaria saindo Royce com ela? Havia-me dito que só era uma amiga. Não era meu assunto se saía com ela, mas podia ir ao inferno! Tinha me pedido em



casamento. Tinha-me beijado. Duas vezes. Havia dito que me queria. Era um rasteiro, um rato, um cão.

Já não me deitaria com ele nem que me estivesse morrendo e só seu pênis pudesse me salvar a vida.

Ouvi um rangido de papel e me dava conta de que estava apertando o periódico com muita força. Também compreendi que podia haver outro fotógrafo ali, esperando para me tirar uma foto. Imediatamente, esbocei um agradável sorriso uso: *“Sou feliz e não um monstro horrível”*. Olhei a meu redor mostrando o sorriso a todo mundo.

—O que está fazendo? —minha mãe me olhou como se acabasse de me sair uma trança no nariz.

—Nada — ainda procurando personagens suspeitos pela cafeteria. Todo mundo parecia normal. Ninguém levava uma câmara ao pescoço.

—Naomi, querida, seu rosto parece... Não sei, congelado. Esse era o sorriso mais falso que vi nunca.

—Para que queria lombriga? E não me diga que é porque estava preocupada comigo. Já te disse que nada vai mal.

—É que não posso ver minha filha simplesmente porque sinto falta dela?

Não. Sempre havia uma razão. Decidi dar a volta ao assunto e centrar a atenção nela. Sem deixar de sorrir, é obvio.

—por que não me diz por que parece tão triste?

—Não pareço triste. —assumi uma pose graciosa, embora resultou óbvio que lhe custava fazê-lo— Simplesmente sentia curiosidade por sua vida social, isso é tudo. Telefona na metade da noite, perguntando pelo amor e o casamento, e hoje me inteiro de que está trabalhando para o Royce Powell. Está pensando em se casar com ele?

—Nem que isso me salvasse de arder no inferno! —*“sorri”*, recordei-me. Ensinei os dentes.

—Bom. —cravou os olhos em mim, me escrutinando como só minha mãe podia fazer—. O está pensando? E esta vez seja sincera.

—Não. —*“sorri, maldita seja”*. Claro que não.

—Por que não? E deixa de sorrir assim.

—Já sabe por que. —permiti que minhas facções se relaxassem um pouco, mas não muito.



—É porque o viu em uma foto com essa Summers? Ou pelo Richard o Bastardo? — enrugou o rosto— Pode que Jonathan não se desse conta de como te trocou Richard, mas eu sim, e amaldiçoarei a esse uva sem semente mentiroso eternamente pelo que fez com as esperanças e sonhos de minha menina. É uma mulher bela e inteligente e deveria...

Chegou um garçom e ela calou. Perguntei-me o que tinha estado a ponto de dizer. Que deveria me sentir cômoda com a idéia do casamento? Se era assim, não saberia o que responder. Em outro tempo tinha sonhado com o casamento, filhos e felicidade eterna. Quando Royce havia dito que todas as garotas se imaginavam vestidas de noiva, caminhando para o altar para entregar-se ao homem ao que amavam, tinha acertado, embora nunca o admitiria ante ele. Tinha desejado essas coisas intensamente. Mas já só queria confiar em mim mesma. Queria ser feliz porque eu me fazia feliz.

Minha mãe pediu um rápido e assim que o garçom se foi, minha mãe retomou a conversa, mas trocando a de rumo.

—Tenho que te perguntar algo, Naomi, e quero que me diga a verdade. Não me incomodarei, juro.

—Pergunte. —respondi, me preparando para o impacto. A introdução não soava nada bem— Serei honesta contigo. —talvez o fora de verdade.

Ela tomou ar, fez uma pausa, tragou. Voltou a tomar ar e a tragar saliva.

—Diga. — gritei.

—É homossexual?

—Mãe! —abri a boca e fiquei olhando-a atônita. Só o medo a que alguém pudesse me tirar uma foto me fez reagir— Por que pergunta algo assim? —primeiro Royce e logo minha mãe. Que tipo de vibrações estava emitindo?

—Só sinto curiosidade, céus. Desde que rompeu com o Richard o Bastardo não tem se relacionado com mais ninguém. Jonathan diz que isso é um claro indício de que odeia os homens.

Jonathan era como um grão no traseiro. Parecia viver para analisar cada momento de minha existência.

—Jonathan também diz que Richard o Bastardo era uma cortina de fumaça. —acabou minha mãe.

—Uma cortina de fumaça? —repeti, embora não sabia se queria ouvir o significado dessa pequena gema.

—Já sabe. —moveu as mãos— Algo que se utiliza para fazer que os que lhe rodeiam criam



o que quer que acreditem, em vez disso, verdade era uma entrevista direta do Jonathan, sabia. Quase podia ouvir sua voz enquanto minha mãe falava, como se fora seu canal.

Jesus santo, isso era muito.

—Não gosto de mulheres, mãe. Eu gosto dos homens.

—Se estiver segura... —dúbia, olhou a mesa.

—Estou segura. Quero ter sexo com homens. —não podia acreditar que estivéssemos tendo essa conversa.

—De acordo. —suspirou ela— Eu acredito.

Trouxeram-lhe o café e olhou a taça um comprido momento. Deixou escapar um suspiro e seu rosto se contraiu.

—Acredito que Jonathan me trai.

As palavras me golpearam como um abajur que caísse do teto. Tinha esperado esse tipo de anúncio durante os primeiros anos de seu casamento. Já não. A fúria me queimou as vísceras, inclusive mais que a primeira vez que pilhei ao Richard. Contive-a por bem de minha mãe. Necessitava consolo, não ira.

—Sinto muito, mamãe. Sinto-o muito.

—Não sei o que fazer. —as lágrimas brilharam em seus olhos, que se converteram em lagos marrom e prata.

—Por que crê que esta com outra mulher?

—Tudo começou quando me comprou esse maldito abajur para meu aniversário. Que mulher quer algo prático para a casa como presente?

—Nenhuma que eu conheça.

—Ele deveria estar sabendo. Mas acredito que me queixei muito porque após chega tarde a casa. E estive fazendo chamadas telefônicas em segredo. Sei porque sai da cama quando acredita que estou dormindo e vai para outro cômodo com o móvel. Algumas tardes, cheira a um perfume floral e almiscarado. Sabe que eu nunca utilizaria algo assim. Utilizo uma de açucenas. Açucenas!

Consegui manter uma expressão neutra. por dentro, entretanto, a fúria borbulhava com força. Era como um caldeirão em ebulição, a ponto de estalar. Chegar tarde a casa, as chamadas de telefone, os perfumes, essas tinham sido as primeiras pistas com o Richard.

—Possivelmente eu o levei a isso, é sozinho que... — limpou as lágrimas com uma mão tremente— Nunca pensei que seria como seu pai.



Ao princípio, eu tinha criado desculpas. Muito trabalho. Emergência empresarial. Um perfume que se pegava à roupa. Quando as desculpas deixaram de funcionar, me culpei. Não permitiria que minha mãe fizesse o mesmo. Ao menos não esta vez. Se meu pai não tivesse morrido de um enfarte, minha mãe seguiria com meu pai autêntico.

—Não há nenhuma razão boa para que um homem seja infiel. Nunca. —pus uma mão sobre a sua— É culpa dela, de sua falta de integridade. Não sua.

—O que deveria fazer? —sussurrou ela— Não posso voltar a passar por tudo isto.

—Tem que contratar a um detetive particular quanto antes flagrá-lo no ato.

—Não sei. —se removeu incômoda no assento, sem me olhar— E se me equivocar?

—Só há uma forma de descobrir.

—Não sei. —repetiu.

—Respeitará-te se não fazer nada? Não fez nada com papai. Viu como me afetaram as aventuras do Richard. Não deixe que isto te amasse. Sei forte e atua.

—Eu... eu só...

Sabia o que implicava esse hesitação, assim que a interrompi antes de que absolvera ao homem.

—Se não quiser contratar a um detetive, não o faça. Mas eu o seguirei.

—Naomi, por favor. —me olhou. Ao menos as lágrimas tinham desaparecido. — Fala sério.

—É muito sério. —ia amassar esse bastardo de mais de uma maneira. Mentir a minha mãe? A enganar a minha mãe? Tinha escolhido uma má candidata. Eu seria a Detetive Delacroix.

Minha mãe apertou os lábios e acariciou meu queixo com a mão que tinha livre. Sorriu com ternura.

—Sempre acreditei que eu era a forte pelo que agüentei, mas é você. Você é quem tem força autêntica. Está aí, disposta a defender minha honra.

Eu cravei o olhar na mesa, com o coração encolhido. Equivocava-se, mas apreciei a adulação.

—Estou o tentando. — disse.

—Não, não o está tentando. É forte.

Se seguia assim conseguiria que pusesse-se a chorar como uma menina. Apertei sua mão brandamente.

—Jonathan quer te ver em casa esta tarde, às sete e meia. Quer te aconselhar sobre suas



relações. Pode vir?

Era muito irônico. Um infiel queria me aconselhar em minhas relações. Não estava segura de poder vê-lo sem lhe arrancar a pele, mas iria. Aproveitaria a oportunidade para investigar na casa e procurar pistas.

—Eu estarei. — disse com firmeza.

—Te amo querida. — me beijou na bochecha, ficou em pé e partiu.

Obriguei a Mel e a Kera a me acompanhar à sessão de *“terapia de relações”* essa noite. Quando acabasse seu bate-papo, elas o entreteriam enquanto eu rebuscava pela casa. Por sorte minha fúria tinha diminuído e acreditava ter suficiente controle para não atacar ao bastardo traidor com um látego e um maçarico.

Queria esse homem, mas ainda assim iria castrá-lo.

Talvez não me teria afetado tanto se não tivesse visto a foto do Royce com a Gwen Tetras Grandes.

Mas acredito que sim. Um engano era um engano.

Minha mãe abriu e se animou ao ver suas sobrinhas.

—Mel, Kera! Alegra-me muito que tenham vindo. Faz muito que não as vejo. Como vai, garotas?

—Bem, tia Glória. Muito bem —responderam ao unísono. Abraçaram-na.

—Entrem, entrem. — eu segui ao Mel e a Kera, mas quando tentei adiantar a minha mãe, ela me agarrou o braço e afastou para um lado— Parece lista para a batalha. —sussurrou— O que está planejando?

—É melhor que não saiba. —a beijei na bochecha, captando seu perfume de açucenas— Onde está o doutor Jonathan?

—Sabe que odeia que o chame assim. —minha mãe assinalou a parte traseira da casa— Te espera na sala de estar.

A sala era ampla e luminosa, e estava cheia de elegantes estatuetas de pássaros de todas as cores e raças. Jonathan os colecionava. Se eu tivesse que analisá-lo a ele, diria que os coleciona porque é um bastardo traidor a quem lhe parece bem pisotear a auto-estima de uma mulher e arruinar sua capacidade de voltar a confiar em ninguém.

Isso e que possivelmente gostaria de sair voando.

Meu padrasto estava sentado em uma amaciada cadeira de balanço, fumando um



cachimbo e lendo um livro. Tinha um bom arbusto de cabelo grisalho e barba bem feita.

Ao longo dos anos esse homem me tinha feito terapia sobre tudo, desde distúrbios alimentares a compulsões consumistas. Tinha passado toda minha infância escavando em meu interior, descobrindo por que me comportava como o fazia.

Talvez por isso estava tão desequilibrada.

Uma bonita mulher de vinte anos ocupava a outra cadeira de balanço. Ela também estava lendo e não notou nossa chegada. Cachos vermelhos emolduravam seu rosto redondo e agradável. Suas sobrancelhas eram oblíquas e tinha lábios pequenos e com a forma dos da Betty Boop. Levava uma camiseta rosa ajustada e calças de vermelhas.

Podia ser ela o novo interesse amoroso do Jonathan? Estava deitando-se com uma mulher que tinha o dobro à menos da idade dele? Meu cenho se converteu em uma careta. Como se atrevia a levá-la a casa de minha mãe? Revoltante! Certamente tentaria nos convencer de que a ruiva era uma *“amiga”*. Eu tinha conhecido a um montão de amigas do Richard, quer dizer, putas, desavergonhadas e porcas.

—Olá, Jonathan. — saudei, controlando minha voz. Bastardo traidor. Vai apodreça no inferno!

Ele levantou a vista do livro e sorriu, sem consciência de que planejava sua morte mentalmente.

—Naomi. Que bom que veio. —deixou a pipa no cinzeiro e a fumaça o rodeou como uma nuvem— Te alegrará saber que estive estudando rituais de emparelhamento de personagens, com a esperança de te ajudar com seu problema.

Mel soprou e tive que beliscar o braço para evitar que dissesse qualquer barbaridade.

—Que problema? —perguntei. Ele não respondeu.

—Vejo que trouxeste as gêmeas. —disse, animando-se— Excelente. Excelente. Estou seguro de que isto será benéfico para todos.

—Quem é sua amiga? —assinalei à ruiva com o queixo. Não pretendia soar tão grosseira, mas minha tensão sangüínea ia alta.

—Olá, sou Jennifer. —a mulher em questão se levantou e me ofereceu a mão— A vizinha de Jonathan e de Glória.

—Prazer em conhecê-la. — disse, sem aceitar sua mão. Vizinha... a palavra devia significar *“vagabunda”* na atualidade.

Ela piscou, obviamente surpreendida por minha ambivalência.



—Eu também me alegro de te conhecer. — disse.

—Eu sou Kera. —Kera me lançou um olhar de *“Que diabos acontece com você!”* antes de dar um amistoso apertão de mãos ao Jennifer— E esta é minha irmã, Melody. Todo mundo a chama Mel.

—Jennifer vai participar da sessão. —disse Jonathan— Pensei que também te faria bem.

“Vai pensando que sim”, pensei, sombria.

Mel, Kera e eu nos sentamos no sofá. Minha mãe se sentou no braço da cadeira de balanço, junto a Jonathan. Jennifer voltava para seu lugar quando Jonathan o impediu.

—Não, não, Jennifer. Você sente-se junto a Naomi.

Eu me estique, não queria à vagabunda a meu lado.

—Estou bem aqui. — ela me olhou inquieta.

—Ao sofá. —ordenou Jonathan.

Eu me movi para dar lugar a Jennifer. Cheirava bem, a rosas. Tome nota mental de odiar esse perfume o resto de minha vida, assim como de procurar aroma de rosas na roupa suja do Jonathan.

—Percebo o interesse de todos. —Jonathan se esfregou as mãos com deleite. Vivia para essas tolices— Esse é o primeiro passo para a recuperação, já sabem.

Do que tentávamos recuperamos? De conhecer machos trapaceiros e golfos?

“Controla sua amargura, Naomi. Já haverá tempo para isso, depois”. Esbocei um sorriso falso. Em sempre passado tinha suportado essas sessões de terapias porque faziam feliz ao Jonathan. Ele tinha feito todo o possível para que me sentisse querida, e eu fazia o mesmo por ele. Mas nesse momento, só desejava que acabasse.

Jonathan acendeu a equipe de música com o mando a distância. Começou a soar uma suave música de new age. Kera me olhou e eu encolhi os ombros.

—Bom garotas. —disse ele— Quero que relaxem.

Como se isso fora possível. Meus ossos e músculos se sentiam tensos e frágeis, a ponto de romper-se.

—Fechem os olhos. —utilizou sua voz de *“Estou em um lugar feliz”*— Isso é. Relaxe. Encontrem seu lugar tranquilo. Melody, fecha os olhos, por favor. Boa garota. Você também, Naomi.

Embora todas tínhamos suportado múltiplos faça a sessão de terapia ao longo dos anos, suponho que não nos tínhamos dado conta de que não fazer o que Jonathan pedia só prolongava



a experiência.

—Glória, por Deus. —suspirou Jonathan— Está fazendo sombra sobre minhas notas.

—OH, céus. Sinto muito. — minha mãe se levantou e se colocou em um canto.

Eu observava a cena com os olhos entrecerrados e estive a ponto de me levantar e lhe dar um bofetão. Ninguém dizia a minha mãe que se tirasse de em meio! Não era uma interação habitual entre minha mãe e Jonathan. Atuava de maneira estranha, como havia dito minha mãe, e eu não gostava.

Um ponto a favor do Royce era que nunca me falava com desdém, como se fora uma mosca chata. Ainda assim, gostava das morenas de pernas largas e isso o fazia tão indesejável como Jonathan.

—Melhor. —disse Jonathan— Por onde íamos? Fechem os olhos... feito. Prado de felicidade... sim, já está. — sua voz voltou a suavizar-se. Parecia idiota quando fazia isso— Imagine em um prado. Um prado verde cheio de flores silvestres e iluminado pelo sol.

Kera me apertou o joelho.

Mel se tragou uma risada.

Jennifer não se moveu. De fato, apenas a ouvia respirar.

—Enquanto estão nesse lugar seguro e feliz, quero que considerem minhas palavras. Que as visualizem, inclusive. As relações são como mapas. Quando conhecem alguém novo, expõem-lhes um rumo.

Bla, bla, bla.

—Às vezes o vento açoitava, claro. Mas isso não significa que sua rota não sirva. Só significa que devem reajustá-la. Entendem que intento dizer?

—Eu sim. —disse minha mãe com voz dura.

—Não disse para você, Glória.

Tive que morder a bochecha por dentro para não arrancar a cabeça do idiota.

—Entendem garotas?

Eu assenti com rigidez e dava um golpezinho a Kera e ao Mel. Elas também assentiram.

—Bem. Agora é momento de imaginar ao homem, não a mulher, com quem planejam casar.

Muito sutil, sem dúvida.

—Recordem nenhuma opção é incorreta. — se esclareceu garganta— A quem vê você, Kera?



Ela me olhou me perguntando com a expressão: *“É sério tenho que responder isso?”*

Eu assenti.

—Vejo alguém a quem quero muito. —disse— Mas não distingo seu rosto.

—Isso não importa. Ao menos sabe que seu rumo conduzirá ao amor. E você Melody? A quem vê?

—De fato, vejo quatro homens.

—Quatro? —gemeu ele.

—Um por cada divórcio.

—Possivelmente tenhamos que reajustar seu mapa. —soltou uma risada nervosa— Trabalharei isso contigo em particular. —centrou sua atenção em mim— A quem vê você, Naomi?

Então me fartei. Não tinha vontade de convencer a meu padrasto de que eu gostava dos homens.

—Naomi? —insistiu ele.

—Vejo a Jennifer. —disse— Que gostei muito desde que entrei na sala. —com isso, inclinei-me para a mulher e dei um grande beijo.

Surpreendentemente, ela respondeu.

—Como ia supor que Jennifer é lésbica? —sussurrei com fúria.

Kera, Mel e eu estávamos na cozinha, supostamente preparando algo de beber para todos. A sessão de terapia tinha acabado e era a hora social.

—Viram a expressão de doutor Jonathan? —perguntou Mel, rindo— Não teve desperdício.

—Sim, vêm aqui e me beije, garota bonita. — Kera franziu os lábios.

Tampe-me o rosto com as mãos. Sentia-me culpado por quão mal tinha cuidado e tratado a Jennifer, acreditando que era a amante secreta do Jonathan.

—O que queriam que fizesse?

—Não sei, mas aponto a seguinte sessão de terapia que queira nos dar. —disse Mel— Nunca tinha rido tanto. Possivelmente a próxima vez me diga que o pênis de um homem é como uma flauta. Se soprar o bastante forte, faz música.

—Levem as bebidas e entretenham a todo mundo. — disse, depois de uma risada afogada— Tenho que investigar.



Primeiro procure no quarto do Jonathan e minha mãe. Não faz falta dizer que odeie fazê-lo. Não precisava saber que dormiam em lençóis de cetim vermelho nem que tinham espelhos no teto. Não precisava ver os brinquedos sexuais da gaveta da mesinha. Sobre tudo, não precisa ver o livro *Strokia Sex*, fora o que fora isso, que tinha Jonathan sob o travesseiro.

Enojada, rebusquei na cesta da roupa suja e captei o aroma de um perfume adocicado. Floral e almiscarado, sim, mas não de açucenas. Minha mãe tinha razão, não se parecia com o dele. Procurei manchas de carmim e cabelos nas camisas do Jonathan.

Nada. Nenhuma mancha nem um cabelo. O homem era imaculado.

É obvio, um trapaceiro precisava ser imaculado para ocultar suas atividades clandestinas.

Com o Richard o Bastardo eu tinha contado as camisinhas. Não comprava uma caixa nova mas sim utilizava a que havia em casa. O número ia baixando e não os tinha utilizado comigo. Mas minha mãe já tinha passado a menopausa, assim que isso não servia.

O que mais procurar? Minha mãe havia dito que Jonathan fazia chamadas em segredo. Necessitava sua fatura Telefônica. Apareceriam listrados as chamadas recebidas e realizadas.

Com o sangue me tamborilando nos ouvidos, fui ao escritório. Era pequeno, mas estava cheio de livros. Quase todos de cilindros psicológicos. Comprovei que as gavetas de seu escritório estavam fechados com chave. Seguro que ali guardava fotos pornô de sua amante.

Sentei-me na poltrona de couro negro e revisei minhas opções. Podia forçar as fechaduras com um abre cartas, mas isso me delataria. Podia procurar a chave, não encontrá-la e perder um tempo precioso.

Em realidade não tinha outra opção que me arriscar a perder tempo procurando a chave.

Joguei uma olhada ao quarto. Onde esconderia a chave se fosse Jonathan? Em um lugar onde minha pobre e confiada esposa não pensasse em procurá-la. Richard tinha levado a sua em cima ou em sua maleta a todas as horas. Duvidava que Jonathan fora tão paranóico. Era médico da mente, assim que se suporia mais preparado que qualquer que entrasse em seus domínios.

Uma foto dele pescando... não. Um livro oco... não. Muito típico. Segui olhando e desprezando objetos. Então vi um pequeno e inocente periquito azul e amarelo. Elevei-o, me perguntando por que meu sofisticado padrasto tinha uma feia figura de plástico.

Sorri ao adivinhar a resposta.

—Claro, você esconderia a chave à vista. — sussurrei. Pressionei o pico do pássaro e saiu



uma chave.

Com mãos trementes de emoção e nervos, abri as gavetas e os revisei.

Cerrei os dentes ao ver fotos de uma mulher normal e conservadoramente vestida. Em algumas fotos tinha em braços a um bebê de cabelo negro.

Tinha Jonathan uma filha de sua amante? Claro. Se não, não teria escondido a foto. Era um descarado!

Também encontrei a fatura de seu móvel. Havia muitos números para apontá-los, assim dobrei as folhas e as guardei em meu bolso. Com sorte, pensaria que as tinha perdido.

Colérica, mas encantada com meu triunfo, fechei as gavetas, devolvi a chave e voltei para a sala. Suspirou com alívio quando pareceram não fixar-se em minha chegada. Mel e Jonathan estavam a um lado, discutindo sobre o divórcio. Kera, Jennifer e minha mãe estavam sentadas no sofá, falando das virtudes de uma boa nata faxineira facial.

Foi quase surrealista passar de espiar e encontrar fotos deladoras a uma feliz cena doméstica em menos de sete minutos. Quase desejei estar sonhando.

—É hora de ir . —disse, com voz tensa.

Todos me olharam.

—Encontra-se melhor, querida? —minha mãe se levantou com expressão preocupada—. Mel há dito que se sentia mal.

—Não, não me sinto melhor. Estou doente. —tossi para dar mais realismo a minha afirmação.

—Vomitar certamente irritou a garganta —apontou Mel para me ajudar.

—Sim, isso é. —esfreguei o estômago e tossi de novo—. Sinto não ficar mais, mas estou desejando ir a casa.

Mel e Kera me olharam com alívio e correram a meu lado. Agarraram meus braços e simularam me segurar.

—Vamos levar-te para casa e te colocar à cama —disse Mel— Tem um aspecto horrível. Horrível.

Deixei que me conduzissem até a porta.

—Encontrou algo? —sussurrou Kera.

—Registros telefônicos.

—Telefonarei amanhã para ver como se sente. — disse minha mãe da sala, conferindo o significado especial a suas palavras.



Capítulo 10

Igual a um Tigre que procura e utiliza suas debilidades contra você, deve encontrar e utilizar as seu em seu contrário. Aproveitar-se de uma debilidade pode marcar a diferença entre vitória e derrota.

Passei o dia seguinte, sexta-feira, ao telefone.

Royce me chamou. Richard também.

Disse a Richard que morresse e que fosse para o inferno. Ao Royce pendurei sem dizer uma palavra.

—Bonita sua foto com a Gwendolyn. Sua noiva. Também pediu a ela em casamento? — perguntei quando chamei pela segunda vez. Riu. E muito.

—É uma amiga. Nada mais. Fazemos juntos o circuito de eventos beneficentes. Eu adoraria que a partir de agora que você me acompanhasse . Quer?

Souu muito sincero, mas o mesmo tinha passado com o Richard.

—Não, obrigada. — respondi e pendurei. Não sabia o que pensar. Deveria acreditá-lo? E por que diabos, me importava tanto? Não tínhamos uma relação, disso já me tinha ocupado a consciência.

Ignore a chamada “*encontrou algo?*” de minha mãe e a de “*como está?*” do Jonathan. Sim respondi a de “*você gostaria de sair comigo?*” do Jennifer: expliquei-lhe a razão do beijo e ela pareceu aceitar bem.

Em todo esse tempo, meu PDA não deixou de sonar.

Apitava e apitava sem descanso.

Finalmente atirei o asqueroso aparelho pela janela e me satisfez muito ouvir como se estrelava. me sentindo melhor, liguei para todos os números da fatura Telefônica do Jonathan, sempre com a mesma desculpa: “*Tinha uma chamada perdida dela. Quem é e por que chamou a este número?*”

As respostas foram diversas. Só dois me inquietaram. Jonathan tinha chamado a Nora Hallsbrook, sua secretária, várias vezes no meio da noite. Também tinha chamado seis vezes a um salão de beleza: Body Electric. Isso só podia significar uma coisa: o desalmado praticava sexo telefônico com sua secretária e pagava seus tratamentos de beleza.

Era tópico e repugnante. Sabia que não tinha chamado ao salão para consertar uma



entrevista para minha mãe. Ela não teria falado de outra costure durante dias.

Por mais zangada que estivesse com meu padrasto, também me sentia muito triste e incrivelmente traída. Supunha-se que ele não era como meu pai. Supunha-se que cuidava da unidade familiar. Que amava a minha mãe, que a adorava. Que me queria .

Apertei a ponta do nariz. Gostaria de ter visto a fatura do cartão de crédito do Jonathan para ver o que tinha pago a Nora. Um bronzado? Depilação por laser? Uma massagem completa para que esquecesse seus remorsos por destroçar um casamento?

Tinha visto a Nora muitas vezes. Era uma mulher de atraente meio, de quarenta e poucos anos, com muito cabelo e montões de maquiagem, não era a que tinha visto nas fotos, a jovem com o bebê. Podia estar Jonathan vendo duas mulheres? Não era impossível. Richard, que Deus caísse ao oceano e fora devorado pelos tubarões, tinha tido uma mulher em cada edifício de cada cidade dos Estados Unidos.

Deus, o que ia dizer lhe a minha mãe? Decidi que nada, de momento. Não devia falar sem provas concretas ou ela poderia desculpar ao Jonathan, deixando-se levar pela incredulidade.

Igual a tinha feito eu muitos anos. E ela com seu anterior marido.

Levantei de um salto e fui à cozinha pegar a guia Telefônica. Procuraria provas. Procurei a direção da Nora e a do salão de beleza. Acabava das apontar quando soou meu telefone. O identificador de chamada dizia que era Powell, Royce.

—O que? —ladrei.

—Decidi que queira ou não me acompanhar, não irei a mais eventos com Gwen. Só quero ir com você.

Me fez cócegas a pele ao ouvir essa voz grave e cheia de promessas. Não deveriam me importar suas palavras, mas me importavam. Talvez fora idiota, outra vez, mas em certo modo acreditava.

“Boba”, disse minha Tigresa. Seria eu igual a minha mãe?

—Esta com fome? – perguntou

—Não. —respondi, a meu pesar— Estou ocupada.

—Fazendo o que? Trabalhando na festa de minha mãe?

—Na verdade não. Não é bom momento para falar. Ia sair.

—Onde está seu PDA? Programei uma reunião para hoje e deveria ter estado apitando toda a manhã. Deveria estar a caminho do escritório.

—Hum, pois não ouvi nada. —bateram na porta. Suspirei com frustração, odiando



pendurar, mas sabendo que devia fazê-lo— Falarei contigo mais tarde. Temos que falar da viagem a Avermelhado amanhã, e de que sigo sem querer ir. — pendurei antes que pudesse protestar. Fui ao salão e atirei o telefone sobre o sofá.

Agarrei as chaves e a bolsa, um velho, feio e branco, porque ainda não tinha substituído o roubado. Levava postas calças marrons e blusa branca. Sandálias marrons, perfeitas para um passeio de três quilômetros. O cabelo recolhido da forma habitual. Pretendia passar despercebida.

Sem me deter comprovar quem chamava, abri a porta, disposta a me liberar de quem fora.

Fiquei parada no lugar.

Royce me sorriu. Usava jeans e uma camiseta preta que se pegava deliciosamente a seus bíceps e peitorais, delineando cada músculo.

Nunca o tinha visto vestido tão informal e me fez ficar com água na boca. Meus mamilos reagiram imediatamente: *“Olá, Royce. Queremos e nós gostaríamos de uma apresentação em toda regra”*.

—Trabalhei até tarde ontem à noite e tirei o dia livre porque tinha planejado te ver hoje. —disse guardando seu móvel no bolso. Ainda sorridente, possivelmente porque tinha visto meus mamilos, acrescentou— Vou com você, aonde quer que vá tão apressada.

Lutei contra um calafrio de excitação. A idéia de passar o dia com ele me atraía em muitos sentidos. Ouviria sua voz, perceberia seu calor e o olharia tanto quanto quisesse. Mas isso distrairia de meu importante trabalho como Detetive Delacroix.

—Não, não vem. —o rodeei, me esforçando por não tocá-lo e fechei a porta. Sem olhá-lo sequer, fui ao vestíbulo de entrada. eu adorava viver em um baixo. Nem escadas nem elevador, obrigado.

—Aonde vamos? —perguntou a um passo de mim.

Enquanto tentava ignorá-lo, senti seu calor penetrar até meus ossos. Detive-me antes de sair à rua. Seu aroma a sândalo rodeava.

—Não vai me dizer aonde vamos? —disse, antes que pudesse dizer que se largasse.

—Royce...

—Naomi. Vou com você. E ponto final.

Compreendi que se não o convidava a me acompanhar, seguiria-me e atrairia toda classe de atenção indesejada. Tinha um rosto muito sexy e reconhecível. Preferia que ele me distraísse à



possibilidade de que minha presa me visse.

—Pode ser matreiro, Royce? Pode se fazer invisível em uma multidão?

—Sim. — respondeu ele, franzindo o cenho.

—Esta de carro?

—Sim.

—Perfeito, pode vir. — o bom: não teria que andar nem pagar um táxi se me cansava.

Odiava os táxis, e ainda mais os ônibus, mas ainda não tinha bastante dinheiro para arrumar meu velho carro— Vamos a um salão de beleza na rua Maior. Body Electric.

—A alegria de sua voz me reconforta.

—Então, hoje é meu grande dia. — disse, sarcástica.

Ele soprou.

Senhor, era sexy incluso quando soprava. Sentia como me fundia, meus ossos se voltavam água esperando uma carícia. Ardiam-me as mãos por explorá-lo. Por tocar sua pele e rodear seu...

—O que vai fazer em um salão? Está perfeita como está.

Fiz uma careta antes de abrir a porta. Estava voltando a fazê-lo. Era tão doce e irresistível que me convertia em uma massa pegajosa por dentro.

—Não seja amável comigo, ok? —já estava claro que não podia resistir a ele fisicamente, mas precisava resistir emocionalmente. E isso era muito difícil com sua endiabrada e encantadora personalidade.

—O que? —soltou uma risada afogada— Por que?

—Porque se.... —a brilhante luz do sol e o calor me golpearam com força ao sair, e de repente agradecia que tivesse insistido em me acompanhar.

Teria odiado passar mais de uns segundos andando.

Junto aos arbustos, vi os restos de meu PDA e tentei distrair ao Royce.

—Para responder a sua primeira pergunta, não vou fazer nada. Só quero dar uma olhada.

Onde está seu carro?

Sem dizer uma palavra, foi para uma limusine negra e abriu a porta de atrás. Ver tanto luxo e riqueza ante meu modesto edifício, com sua grama má talhada e pintura descascada, resultava muito estranho.

—Depois de você. —Royce fez um gesto para que entrasse. Fiquei parada, assombrada.

—Tenta me impressionar? Porque o está conseguindo.

—A verdade, —seu belo rosto esboçou um sorriso envergonhado— é que queria ter as



mãos livres.

Bravo, gritaram meus mamilos.

“Esperamos que jogue antes conosco”, apontaram minhas coxas.

—Maldição! —resmunguei. Tinha que controlar meus pensamentos. Talvez, possivelmente, acreditasse-me o do Gwendolyn Summers, mas estava em uma missão para salvar a minha mãe. Nada importava mais nesse momento, nem sequer o prazer.

—O que? —perguntou Royce, todo inocência.

—Mais certo guardar essas mãos para si. — entrei no carro e tube a sensação de que meus problemas se esfumavam. O ar condicionado me envolveu. Os assentos eram tão amaciados e perfeitos que rendi a sua decadência. Eram brandos como nuvens.

Royce entrou e nossos ombros se roçaram. Senti que um calafrio percorria minhas costas.

—Body Electric. — disse ao chofer. Segundos depois, a limusine ficou em marcha—. Quer me dizer o que se preocupa? Tem olheiras e está mais pálida do normal.

—Viu o artigo sobre mim no Tattler? —perguntei, porque não queria falar do trapaceiro de meu padrasto.

—Bom, sim. Acredito que todo Dallas o viu.

—Chamavam-me alienígena. Deveria lhes demandar.

—Apoiando no que? —soltou uma gargalhada.

—Estou segura de que a meu advogado faria algo. —recostei a cabeça— Me surpreende que não houvesse ninguém esperando à porta, para nos tirar fotos quando saímos.

—Sim e havia.

—O que! —ergui-me e o olhei fixamente.

—Havia uma mulher atrás dos arbustos. Sua câmara nos apontava diretamente.

—E não disse nada? Ai. Não posso acreditá-lo dava uma palmada na coxa— Mais certo que faça algo. Pague para que te dê o cartão de memória, ou ameça-a conseguindo que a despeçam. Faz algo! O que seja. Não necessito outra horrível foto minha circulando por aí. Com a última quase matei a minha mãe.

Royce curvou os dedos sobre minha mão e se aproximou, me rodeando com seu delicioso aroma de sândalo.

—Ocuparei-me disso. — me beijou na têmpora antes de recostar-se— Não se preocupe. —não soltou minha mão.

Esse singelo beijo me afetou profundamente, mas o que nossos dedos seguissem unidos



significou ainda mais. Desejei me fundir com ele, absorver sua força, sua calma. Mas fiquei onde estava. Não podia confiar em um homem, e menos para que me reconfortasse. Não me permiti pensar que estava confiando nele para que solucionasse o probleminha da fotógrafa.

—Obrigada. —disse com secura.

—De nada. —respondeu ele, também seco— Agora, me conte por que quer ver esse salão de beleza.

—Quero ver que serviços oferecem. — encolhi os ombros. Era verdade. Não disse que também queria descobrir se Nora era cliente habitual.

—Por que? —persistiu ele.

Ignorei sua pergunta e olhei pelo guichê. Os cristais eram escuros por fora e a gente não podia nos ver nós.

—Crê que poderia conseguir uma lista das empregadas do salão? —se Nora não era a outra mulher, essa lista poderia me ajudar a conseguir outras pistas.

—Certamente. —disse Royce— Se me disser para que a quer.

—Bom, —me virei para ele, ideando uma mentira— minha mãe tem uma gêmea e as separaram ao nascer. Leva toda a vida procurando a sua irmã e suspeito que poderia ser uma das empregadas. E agora que minha mãe morre de câncer... — limpei uma lágrima imaginária— eu gostaria de fazer este presente.

—Muito trágico. —disse Royce seco— Sabia que sua voz se torna mais aguda quando esta falando algo meio estranho? *“ou seja mentindo”*

Diabos, minha mãe tinha advertido sobre isso. Cruzamento os braços sobre o peito e franzi o cenho.

—Talvez um presente melhor para sua mãe seria dar netos. —sugeriu ele.

—Não é nada gracioso. — disse, ao elevar as sobrancelhas como me olhava, divertido.

—Chegamos. — disse Royce quando a limusine se deteve ante um edifício branco. Sem esperar ao chofer, abriu a porta ele e saiu. Ofereceu-me uma mão.

—Supõe-se que vamos de incógnito? —perguntou ele. Quando viu que eu franzi o cenho, confusa, explicou-se— Antes de sair me perguntou se sabia como ser matreiro.

—Não quero que se inteirem de meu nome, mas não importa que diga o teu.

—Então, deixa que eu fale.

Entramos juntos. Havia um comprido mostrador atendido por várias juvenzinhas muito atraentes. Muito jovens para o Jonathan, sem dúvida. Embora estivesse disposto a arruinar seu



casamento, não acreditava capaz de arruinar sua reputação profissional por uma menor.

Mas, o eu que sabia dos homens?

—Como posso te ajudar? —perguntou uma loira.

—Sou Royce Powell e eu gostaria de falar com a proprietária. — sua voz gotejou Minha prometida não está segura de que serão utilizar o dia de nosso casamento. Vim para ver, que tipo de serviços oferecem para que minha futura esposa se sinta muito especial esse dia.

Meu estômago embrulhou ao ouvir *“prometida”*, e *“esposa”*. Esposa!

—O dinheiro não é problema. —segiu Royce— Nos interessa o tratamento completo, é obvio.

Possivelmente me equivocava, mas me pareceu ver símbolos de dólar cintilar nos olhos da loira.

—Venham por aqui. —disse— Brenda está em seu escritório e estará encantada de falar com vocês.

—Enquanto meu queridíssimo fala com ela, —disse— vou dar uma olhada, ok? —sem esperar sua permissão, passei ante o mostrador e entrei num comprido corredor.

—Acompanharei-a. — disse uma das garotas, ficando ao meu lado em um instante.

Durante vinte minutos, percorri o salão inteiro, conversando com as empregadas. A massagista, a perita em aromaterapia. A manicura, a especialista em bronzado. A todas a mesma pergunta: Minha tia Nora é cliente, Nora Hallsbrook? Porque se não é, tenho que trazê-la. Adoraria este lugar.

—Sim, é cliente habitual.—responderam todas, confirmando meus temores.

Jonathan o Focinho de porco estava custeando os luxos da Nora enquanto tratava a sua esposa como se fora um inseto molesto. ia sofrer. Eu faria que sofresse. Quando retornasse de Avermelhado o seguiria câmara em mão e o pilharia no ato. Depois ajudaria a minha mãe a despojar o idiota.

Bastardo asqueroso!

Quando acabou minha visita, voltei para a entrada. Royce esperava na porta e a recepcionista flertava com ele, passando um dedo por seu braço enquanto falava. Notei, com desgosto, que levava um bracelete verde.

Para minha surpresa, Royce retirou o braço discretamente. Inclusive se separou dela. Tinha os ombros tensos e parecia tão incômodo que a fúria que fervia em minhas veias se extinguiu.



—Amor. —o chamei— Retornei.

—Querida. —olhou aos olhos e sorriu com alívio— Viu tudo o que queria ver?

—Sim. — tentei ir para ele, mas não pude mover os pés. Pareciam cravados ao chão. Senti que uma quebra de onda de algo estranho surgia em meu interior. Algo triste e vulnerável. As lágrimas afloraram a meus olhos.

Royce esteve ao meu lado em três pernadas e rodeou minha cintura com o braço. Permitir. Nesse momento odiava a todos os homens, mas o permiti. Minha Tigresa parecia estar em greve e não tive a força para protestar ou rechaçar seu apoio.

Possivelmente, muito no fundo, não queria protestar. Royce não era como Richard o Bastardo. Royce não era como Jonathan o Focinho de porco. Não flertava com recepcionistas bonitas. Royce me telefonava só para ouvir minha voz e fazia que me sentisse importante e necessitada.

—Venha. —disse com gentileza— Vamos, vou te levar para casa —me conduziu à limusine. Não falamos em toda a viagem. Agradei-o. Não sabia o que me passava nem por que minhas emoções tinham escolhido esse momento para transbordar-se.

—Chegamos, querida.

Abri a porta e tentei sair, mas ele me deteve pondo uma mão em meu pulso. Com a outra me ofereceu a lista que tinha pedido.

Agarrei-a e corri dentro do edifício antes de estalar em lágrimas.

Chorei quase toda a noite, e minhas lágrimas me enfureceram ainda mais. Com o Jonathan. Comigo mesma. Com o Royce e Gwendolyn. Um segundo acreditava no Royce e ao seguinte não. Indicava isso que era tão parva como minha mãe? Pior ainda, convertia-me na mesma parva Naomi que tinha sido antes?

Disse-me que não. Não confiava no Royce de tudo.

Infidelidade... por que lhes dava tão bem aos homens? Por que acreditavam que estava bem pisotear o coração de uma mulher lhe mentindo e entregando o melhor de si mesmos a mulheres distintas de sua esposa? Não estava bem. Não era aceitável. Era repugnante, desrespeitoso, vil e lamentável.

Quando Royce chegou a manhã seguinte ainda tinha os olhos vermelhos e inchados. Odiava ter que ir de viagem. Havia muito que fazer: seguir a Nora, tirar fotos dela com meu padrasto e, é óbvio, o mais importante da lista, matar ao Jonathan.



Mas talvez a viagem iria bem. Royce era uma boa distração. Além disso, minha mãe não deixava de telefonar e estava ignorando suas chamadas. Não podia mentir e dizer que não tinha descoberto nada, mas não podia contar o que tinha descoberto.

Ainda não. Faria-o quando ela não pudesse negá-lo.

Abri- a porta ao Royce. Levava umas quatro dúzias de orquídeas nos braços, uma mescla de flores amarelas, brancas, rosas e azuis. Azuis!

Surpreendida, fiquei um momento sem fala.

—Para você. —disse— Sei que o azul é sua cor favorita, assim fiz que tingiram algumas pétalas.

Devia ter uma expressão horrorizada quando aceitei o ramo como se fora uma bomba a ponto de explorar. Richard o Bastardo sempre me levava flores, vermelhas rosas, depois de fazer algo mau.

Ainda assim, me bateu as asas o coração. Royce se tinha esforçado muito, tinha pensado em minhas preferências. E suspeitei que o tinha feito para que me sentisse melhor, não para ocultar seu mau comportamento.

—Tive que procurar em todo o maldito estado para as encontrar. —disse.

—São preciosas. —murmurei— Obrigada.

—Se começar a chorar, terei que me arrancar o coração e te entregar. Como se sente? — sorriu, peralta — Ia dar de presente te uma lista de coisas que fazer, mas eram todas bastante picantes, e prefiro esperar a que esteja mais receptiva.

Ri, não pude evitá-lo. E eu gostei de esquecer meus problemas, relaxar minhas tensões e desfrutar dele.

— Não vai me convidar para entrar?—perguntou Royce— Tenho outro presente para você.

—OH, claro. Entra. Que tipo de presente? —não pude ocultar meu entusiasmo.

—Para você. —disse pondo um reluzente PDA novo em minha mão.

Maldito e infernal aparelho!

—Vi que o seu tinham criado asas e tinha ido pela janela, pensei que você gostaria de ter outro.

—Ah, obrigado.

—Está pronta para partir?

—Deixa que ponha as flores em água. — sem olhar para atrás, fui à cozinha. Uma vez ali,



coloquei a agenda eletrônica sob um montão de revistas, de onde não voltaria a sair, e coloquei as orquídeas em meu vaso favorito. Fechei os olhos e inalei com prazer seu fresco e delicioso aroma.

Eu gostava que Royce se incomodou tanto por mim. Mas também o odiava. Começava a me sentir abrandada por dentro.

Coloquei o vaso no centro da mesa e logo tirei a bancada os cravos rosas que meu padraço me tinha enviado essa manhã. Não sabia por que os tinha conservado. Talvez para me recordar que em realidade o era um sanduíche de peru em pão de centeio oculto sob uma cobertura de chocolate. No cartão, felicitava-me por ter conseguido um projeto tão lucrativo e me sugeria que preenchesse uma solicitação para me converter na senhora Royce Powell. Também pedia desculpas por me pressionar para que voltasse com o Richard.

Como podia ser tão doce e ao mesmo tempo tratar tão mal a minha mãe?

—Quem te enviou essas? —perguntou Royce a minhas costas. Estava tão perto que senti seu calor. Apoiei as mãos na bancada, de detrás, me apanhando com seu corpo.

Traguei saliva. Estremeci.

Molhei os lábios e é possível que, e não é uma confissão, que arqueasse um pouco as costas para que a melhor parte dele roçasse meu traseiro. O desejo me assaltou como cachos sedosos que se curvavam a meu redor. Terá baixado as defesas e não sabia se era pelo carrossel emocional dos últimos dias ou porque estava destinada a responder ao Royce passasse o que acontecesse. Fora pelo que fora, desejava-o.

Talvez estar com ele antes da festa de sua mãe não seria tão má idéia.

—Quem me enviou o que?

Ele se inclinou para diante e sua fragrância de sândalo me rodeou com tanta força como seu calor.

—Isso. —disse com tom irado. Assinalou os cravos.

—Não é seu assunto. —pelo visto tinha outro ataque de ciúmes. Voltei a cabeça para ver que efeito tinham minhas palavras. Ante meus olhos, a expressão serena do Royce se voltou escura e furiosa.

—Quem te envia flores, Naomi? Está saindo com outra pessoa?

Estudei a linha dura de sua mandíbula. Havia-se se mostrado ciumento quando acreditou que flertava com o Colin, mas isto era distinto. Mais potente. Cru. Igual a tinha passado antes, uma parte de mim desfrutava ao pensar que esse homem tão sexy e maravilhoso se sentisse possessivo com respeito a mim.



—Como já disse dito, Royce, não é assunto teu. — talvez jogasse com fogo ao cravá-lo, mas em certo sentido me atraía a idéia de me queimar.

—Quem é ele? Tenho direito de saber . Está vendo outro?

Apertei os lábios, me negando a responder. Uma veia começou a pulsar na têmpora do Royce. Pensei que se apertava mais os dentes partiria a mandíbula. Era cruel desfrutar tanto com sua reação?

Meu ex, que Deus permitisse, acabasse em uma ilha deserta acompanhado por um enxame de abelhas assassinas, tinha sido um homem ciumento, mas seu ciúme tinham sido acusadores, insultantes, não possessivos.

Me sentindo temerária e perigosa, arranquei uma pétala de um cravo e inalei seu aroma com deleite.

—É precioso, não acha? —Royce agarrou meu braço e me fez girar em redondo, conseguindo toda minha atenção. A pétala caiu no chão. Seus olhos ardiam como brasas.

—Está vendo outro? —ladrou.

—E se sim, o que vai fazer? O fotografaram com a senhorita Summers.

—Isso não é uma resposta, e já te expliquei de Gwen. Já a chamei para lhe dizer que não voltarei a levá-la. Agora, me diga, está saindo com outro?

—Não. — suspirei, inexplicavelmente aliviada porque, cumprindo sua palavra, houvesse dito adeus ao Gwennie— Já está contente?

—De quem são? —soltou-me, depravado de repente e muito tranqüilo. Soou curioso, como se não tivesse estado a ponto de estalar um momento antes.

—Do meu padrasto.

—Bem. —retirou uma mecha de cabelo do rosto e o pôs atrás de minha orelha, seus dedos acariciaram minha bochecha— Me nego a compartilhá-la com alguém. Busque suas coisas e vamos —não me deu tempo de protestar, simplesmente saiu da cozinha.

“negava-se a me compartilhar”.

Apoiei-me na bancada que tinha detrás e franzi o cenho. Isso era justo o que diria um dominante Triplo C. Tão macho. Tão repugnante.

Tão doce.

Soltei uma exalação. *“Tampouco você gosta de compartilhar, Naomi, recorda? E sempre haverá outras mulheres tentando captar a atenção do Royce. Quanto tempo crê que seguirá sentindo-se atraído por ti, e só por ti?”.*



O cenho se converteu em uma careta. Não deveria querer estar com ele, nem tanto, e suas legendárias conquistas não deveriam me importar. De novo, nem tanto.

Fui ao meu quarto pela bolsa de viagem e a maleta. Despertou em meu uma intensa inquietação que apagou todo pensamento de minha mente, ia subir a um avião, um instrumento voador e mortal.

Tremendo, saí a procurar do Royce.

Estava recostado nas almofadas vermelha brilhante de meu sofá, como se estivesse em sua casa. Sua expressão se iluminou.

—Pronta?

Consegui assentir. Preferiria enfrentar às chamas do inferno a pôr um pé em um avião. Talvez devesse haver pedido ao Jonathan que me hipnotizasse para a experiência. Nunca tinha funcionado antes, mas estava se desesperada.

—Vai se divertir, prometo. — disse.

Com o coração desbocado, quase fiquei louca no caminho ao aeroporto. Royce não parou de falar, me perguntando por meus medos e tentando me tranquilizar com estatísticas e com os requisitos que exigia a seus mecânicos e a seus aviões. Eu não disse uma palavra. Estava muito nervosa para conversar.

Quando chegamos a nosso destino, começaram a me apitar os ouvidos. Sacudi a cabeça, mas o ruído não se foi. Não podia ser o PDA, não o levava.

—O que é esse assobio? —perguntei— Esta escutando?

—Não. Querida, tudo irá bem —disse Royce— Te prometo isso. Odeio que esteja tão assustada.

Enquanto percorríamos um corredor de mãos dadas, nem sequer tinha tentado me soltar, olhei seu perfil. Parecia perfeitamente sereno. Nossos passos ressonavam no hangar. Quanto mais nos aproximávamos do avião, mais tensa eu ficava, Apertei sua mão, esperando que se detivera ou fora mais devagar. Tinha pensado que poderia fazer isto.

Não podia.

—Por favor, Royce. Escolhe um lugar em Dallas para a festa. — o assobio em meus ouvidos subia de volume.

Ele não se deteve, nem sequer fez uma pausa.

—Temos que derrotar esse seu medo. Tenho que viajar, é parte de meu trabalho, e quero que possa vir comigo. Uma vez estejamos no ar, você adorará. Estou seguro.



—Por favor. — repeti desesperada.

—Preciosa. —me olhou— Confia em mim? Tem que saber que não permitiria que te ocorresse nada de mau.

—Não podemos conduzir? Estou segura de que não demoraríamos muito. — o suor descia em minha face.

—Demoraríamos doze horas. —soltou uma gargalhada grave que tentou dissimular— Não, voaremos —dito isso, me piscou os olhos um olho.

Como se isso fora a solucionar meus problemas!

—Será divertido. —disse— Já o verá.

Eu sabia que o passaria melhor se me atassem nua no teto de um táxi que percorresse o centro da cidade a três quilômetros por hora.

—Quando tiver voando em um avião como este, não quererá voltar a pôr os pés no chão.

Não o entendia. Tinha que fazer entender. Mas o único que saiu de minha garganta atendida foi um *“Por favor”*. O assobio de meus ouvidos era tão alto que apenas me ouvi. Essa súplica desesperada o deteve por fim. Deveu captar o desconsolo e pânico de minha voz.

—Tudo irá bem. —me olhou com preocupação. Compreendi que repetia as mesmas frases para as gravar em meu cérebro— Não permitiria que te aconteça nada.

—Tinha razão, admito, tenho medo. Odeio aviões. —sussurrei. Os nódulos da mão em que levava a bolsa de viagem ficaram brancos por quão forte o apertava.

—Isso já dá para perceber—elevou meu queixo com um dedo e olhou aos olhos— Pode me dizer por que?

Onde estava minha Tigresa quando a necessitava? Mordi o lábio com força, quase me machuquei.

—Se não deixar de fazer isso, beijarei-te para curar o dano que está fazendo com os dentes.

—Não é o avião. —desviei o olhar— Em realidade não. É o medo é de cair.

Ele me rodeou com seus braços e o assobio desceu de nível. Enterrei a cabeça em seu pescoço. Acariciou minhas costas para me tranquilizar.

—Tem mais possibilidades de ter um acidente de carro que de um avião.

—Isso já me disse antes, mas eu gostaria que o dissesse a todos os que estiveram em um acidente de avião.

—Voou alguma vez?



—Sim. Uma.

—E não morreu.

—Não, mas as rodas se torceram ao separar e tivemos que voar em círculos durante horas, para nos desfazer de combustível. Passei mais medo que em toda minha vida.

—Mas aterrissaram sem problemas.

—Sim. —admiti.

—Comigo de piloto e tendo revisado o avião eu mesmo, esta vez não ocorrerá nada mal.

—Eu... não posso. Tiveram que me sedar a última vez, e nem sequer isso controlou meu pânico.

—Não é ruim ter medo. Estarei com você. A seu lado toda a viagem.

—Não posso fazê-lo.

—Sim pode. — começou a andar outra vez, mantendo um braço sobre meu ombro. Não protestei— A melhor medicina contra o medo é a confrontação.

—Tem razão. —disse— Sei que tem, mas isso não me impede de desejar que esteja equivocado.

Ele não respondeu, deu-me tempo para que tentasse superar meu pânico desbocado.

—Farei. —me obriguei a dizer— O farei. Sim.

—Boa garota. Vamos. —apertou a emana sobre meu ombro e acelerou o passo— Não é tão mau como você acredita. —insistiu. Por desgraça tínhamos chegado ao avião. À armadilha mortal.

Como podia algo tão pesado manter-se no ar? Embora fosse muito pequeno, parecia pesar toneladas, com seu pesado corpo de metal branco e largas asas.

—Deixa que te demonstre o seguro que é. Você gostará tanto cada segundo que aconçamos o ar que me suplicará que voltemos a fazê-lo outro dia.

Isso não ocorreria em toda sua vida.

O terror que tinha conseguido estacionar enquanto me refugiava em seus braços elevou sua feia cabeça de novo, com mais força. O terrível assobio voltou para meus ouvidos, tão forte que quase gritei de medo.

A bolsa de viagem caiu de meus dedos frios ao chão. Durante um segundo o mundo que me rodeava desapareceu, transformando-se em brilhos de luz brilhante e branca. Depois, o asfalto se moveu sob meus pés. Por que tinha a sensação de estar caindo?

Um momento depois estava de costas no chão. Procurei o Royce na névoa escura que via.



—Naomi. —o ouvi chamar. Parecia que estivesse ao final de um comprido tubo— Me responde.

O espesso véu que envolvia minha mente começou a retirar-se e a névoa se esclareceu. De repente, vi o Royce. Olhava-me de acima com o rosto tenso de preocupação.

Por que estava preocupado? Pisquei confusa.

Lentamente chegou a compreensão. E com ela a vergonha.

Virgem santa, tinha desmaiado. Nunca em minha vida tinha feito um pouco tão infantil. Minha Tigresa interior por fim tinha ressurgido, mas só para rugir com desagrado. Desagrado para mim, não para o Royce.

—Vamos. Fale comigo. — disse Royce de novo.

—Estou bem. — assegurei, com um fio de voz.

Quanto tentei sentar, ele me impediu isso.

—Ainda não. Não deveria se mover. Vou chamar a assistência médica. Fique aí.

—Não. —já mais forte, apertei sua mão— Estou bem. Sério.

—Não acredito. — a ansiedade que obscurecia seus olhos me reconfortou. Me vê-la fez me sentir como se me tivessem abafado com uma manta, esquentando meu corpo e dado força. Tentativamente, elevei a mão e toquei sua bochecha.

—Não estou ferida. Juro.

Assentiu com ternura, guardou o móvel no bolso e me ajudou a me levantar. Não notei nenhuma consequência de minha topada com o chão. Tentei estirar as rugas de minhas calças.

—Podemos ficar. —me surpreendeu dizendo.

—Sério? —animei-me imediatamente.

—Maldição. — passou uma mão pelo rosto— Foi como te ver cair em câmara lenta. Não pude fazer nada exceto te agarrar antes que tocasse o chão. —massageou a nuca— Te levarei para casa.

—Não. — minha relutância o assombrou, e a mim também, mas me sentia como se me tivesse golpeado um martelo. Estava me comportando como a antiga Naomi, um animal temeroso do mundo. Já não era essa mulher, assim tinha que ser forte— Posso fazê-lo. É hora de superar meu medo, como disse. Além disso, minha Tigresa interior me matará se não o fazer.

—Sua Tigresa interior? —pisçou e me olhou.

—Sim.—sorri lentamente— Minha Tigresa interior. É feroz, selvagem e confiante.

—Acredito que possivelmente tenha golpeado a cabeça. — pôs a mão sobre meu crânio,



procurando um galo.

—Cuidado, ou poderia ter que te arranhar até que morra.

—Poderia te deixar, mas depende de onde queira arranhar. — balbuciou. Enrugou a frente e moveu a cabeça— Vou levar-te para casa, Naomi. A idéia que te volte a desmaiar me põe doente. Ajudarei-te a superar seu medo de outra maneira.

—Por favor, Royce.

—Não discuta. Nem suplique, chore ou tente me convencer. E nada de se lambar seus deliciosos lábios.

Pus os punhos nos quadris, minha determinação crescia por segundos.

—Ou vai comigo, ou pagamentos a outra pessoa para que me leve. Você escolhe.

—Diabos, Naomi. —bufou— O que pareceria voar em um jato grande, da empresa, em vez de em um pequeno?

Pensei-o um momento e assenti. Podia simular que o avião era o quarto do hotel e, com um pouco de sorte, esquecer que estava a milhares de metros do chão, a ponto de estelar no chão ...

—Sim, seria muito melhor.

—Minha tripulação pode o preparar em meia hora, se não se importa de esperar.

—Mas, e você? —meu alívio devia ser patente, mas queria ser cortês— Não se importa não pilotar?

—Importa, queria te impressionar, mas poderei suportá-lo. — levou a uma sala com ar condicionado e fez uma chamada.

Não foram os trinta minutos que havia predito. Sua equipe teve o avião preparado em vinte. E, que Deus me ajudasse, embarquei.

Uma vez no avião, Royce me fez uma visita guiada. O luxo me deixou atônita. Na entrada havia um suave sofá cor marfim, e uma televisão pendurada, perfeita para vê-la recostado.

Havia equipadas cadeiras, mesa e piçarra. Depois me mostrou um quarto de banho maior que o de minha casa. E por fim... me deu um tombo o estômago ao ver o dormitório. Tinha um colchão pequeno e de aspecto cômodo, lençóis de seda e um edredom. Estava segura de que a habitação se utilizava para cochilar, mas a meu cérebro deu igual.

Imaginei ao Royce ali convexo, nu e me chamando com um dedo. Estava segura de que dedicava mais tempo a pensar no Royce nu que a qualquer outra coisa. Se alguém me pagasse por



fantasiar com ele... Enfim. Segui com a fantasia: sua pele bronzeada contrastava com os lençóis brancos. Todo seu corpo estava duro. Ardente. Disposto. Seguia me chamando com o dedo e um olhar sedutor.

Traguei saliva.

—Vamos preparar-nos para a decolagem. —o Royce real pôs uma mão em minha cintura e o contato me provocou calafrios de desejo.

Não me movi. Não podia. Como podia me excitar tão rapidamente? Olhei-o aos olhos.

—Ou se prefere esperar e fazer outras coisas, —tragou ar— pareceria-me muito bem.

Ficamos imóveis, imersos em pensamentos muito libidinosos para expressá-los. Por fortuna, recuperei o sentido comum. Esse não era o momento nem o lugar. Necessitava distância. Dava um passo atrás e simulei estar molesta, embora me tentava muito seu oferecimento.

—Nem em sonho. — consegui dizer.

—Lástima. —olhou meus lábios— Pode ser da próxima vez.

Da mão, levou-me a sofá e me pôs o cinto de segurança. Comecei a tremer. Procurei manter uma expressão impassível, serena, para que não cancelasse o vôo. Tinha que demonstrar que podia fazê-lo. Que o medo não me dominava.

—Tem que ter bastante coragem para enfrentar o medo. Estou orgulhoso de ti.

—Obrigada. —eu também estava orgulhosa.

Uns minutos depois os motores rugiram e o avião começou a mover-se. O piloto disse algo pelos alto-falantes, mas me apitavam os ouvidos e não o entendi.

—Se o avião caísse contra o oceano, é provável que os tubarões comam viva.

—Não voaremos sobre o oceano, a não ser sobre as montanhas.

—Pior ainda! Nas montanhas há ursos. — aferrei a mão do Royce. Estava segura de que meu rosto estava esverdeado. Ao menos era a cor favorita do Royce, devia parecer a deusa da beleza— E se o piloto não vir uma porque confunde a neve com uma nuvem?

—Então, juro Por Deus que o despedirei. — Royce agarrou meu queixo e baixou a cabeça. Seus lábios encontraram meus e invadiu minha boca com a língua sem pedir permissão.

Delicioso. Meu medo diminuiu enquanto pensava em corpos suarentos, pernas revoltas e prazer desbocado. Royce sabia a puro pecado. Quente, viril e proibido. Sua boca era como uma droga.

Minutos depois estávamos suspensos no ar. Nem sequer notei a decolagem. Se morrer nesse dia, seria com um sorriso na cara. Royce sabia beijar. Era inegável.



Beijava com todo o corpo. Com mãos, peito, pernas. Sua masculinidade me consumia. Era uma mudança refrescante com respeito aos beijos do Richard, que seguiam a pauta: *“colocar a língua até sua garganta antes de me colocar em suas calcinhas”*.

Ele levou uma mão a meu peito e o acariciou.

Grunhiu. Eu gemi. Excitei-me ainda mais. Pensei em quão fácil seria para ele me baixar as calças e me penetrar. Fácil... e maravilhoso.

Ele afastou de repente. Fechou os punhos. Respirava com agitação, igual a mim.

—Um dia, logo, Naomi, vou te mostrar exatamente quanto prazer posso te dar. E nenhum dos dois poderrá andar durante uma semana.

Capítulo 11

Sempre precavida. Um Tigre criará uma distração em um extremo da selva para te atacar melhor no outro.

Por desgraça, meia hora depois seguimos no avião. O silêncio se estirava entre nós.

Tinha sido assim desde que acabou o beijo, e não sabia por que. Não sabia por que tinha se afastado nem por que me ignorava. Sabia algo que eu não sabia sobre o avião?

O medo voltou a enraizar em minha mente. Não podia lutar contra ele. Fechei os olhos com força. Via imagens de sangue e morte. Estiquei-me. Íamos caminho de uma morte segura. Royce seguia rígido, ao meu lado. Sabia que o avião estava a ponto cair, o bastardo doentio, mas não como me dizer isso — Durma no quarto.

Íamos morrer! Sabia. Inspirei profundamente, soltei o ar. Inspirar, exalar. Inspirar, exalar. Comecei a ficar enjoar. Fiz um esforço por acalmar meu ataque de pânico. Pensei em um prado tranquilo com folhagem verde, tal e como me tinha ensinado Jonathan. Nunca tinha funcionado, mas essa vez cheguei a sentir uma brisa me acariciar como uma pluma. Senti certa paz até que o avião girou e se ouviu um ruído.

Abri os olhos de par em par e agarrei o antebraço do Royce, temendo cair pelo guichê e cair no chão.

—Esta tudo bem—disse ele— Foi uma bolsa de ar, nada mais —pôs um braço sobre meu ombro, mas arruinou o efeito *“tranquilizador”* de sua ação ao tentar desabotoar o cinto de



segurança.

—O que esta fazendo? —segurei sua mão com pânico.

—Tentando te deixar mais à vontade.

—Isso não ocorrerá nunca se me tirar o cinto de segurança — dei um tapa no pulso.

—Cinto de segurança, né? —riu —. Naomi, se o avião caísse em picado...

Gemi. Ele fechou a boca, mas era muito tarde. O dano parecia.

—OH, Meu deus, OH, Meu deus, OH Deus meu. — não podia respirar. Pareceu-me cheirar a fumaça. O avião estava caindo e eu ia converter-me em uma bola de fogo.

Ele esfregou o rosto por meu pescoço. Mas não relaxei. Não podia. Olhasse onde olhasse, via minha morte.

—Isto funcionou antes. —disse ele.

—Pois agora não.

—Não há razão para preocupar.— disse ao ouvido— Não ocorrerá nada mau. Prometo isso.

—Como pode prometer algo assim? É vidente?

—Não.

—Então fecha a boca.

Fez. Certamente porque eu tinha uma expressão de me comer isso vivo. Prado feliz, prado feliz. Onde estava meu lugar feliz? *“Não vou morrer”*, cantarolei. *“Não vou morrer”*. Antes tinha que matar ao Jonathan. Deus me deixaria viver até então.

Depois de um momento, comecei a me acalmar de novo. Águas tranqüilas, lugar feliz. Eu era uma mulher forte e o avião sulcava o ar brandamente.

Royce deveu notar meu novo estado de serenidade, porque assinalou a janela com o queixo.

—Dê uma olhada. —disse— Será uma terapia para você.

Eu já tinha recebido toda a terapia que podia agüentar, obrigado, mas sabia que ele tinha razão. Demorei cinco compridos e agônicos minutos em fazer provisão de coragem para olhar, mas ao final o consegui. Olhei.

Me escapou um grito e fechei os olhos com força. Abri-os. Os carros das estradas recordaram a formigas passeando por uma colina. Os edifícios pareciam manchas no horizonte.

Perguntei-me onde estávamos para riscar uma missão de resgate mental. Não perguntei porque me dava medo que isso me gafara.



—Chega disso. —falei— Estou curada.

—Agora que temos tempo, poderia me contar o que te levou a dedicar ao planejamento de festas.

Sabia que só pretendia me distrair, mas estava mais que disposta a lhe seguir o jogo.

—Nada glamuroso. —disse. Sequei-me as mãos suadas na calça— Nunca me deu bem o trabalho escolar. Odiava matemática, odiava escrever informe e estudar, mas eu adorava os eventos sociais. Um dia vi um anúncio no periódico, pediam um ajudante de planejamento e soube que era o trabalho para mim. E como tinha trabalhado no negócio de bufe de meus tios, estava preparada. —suspirei— Estava me fazendo um nome justo antes de deixar o negócio durante uns anos.

—Por que o deixou?

—Pensei, estupidamente, que devia estar disponível para o meu marido, vinte e quatro horas ao dia. Depois de meu divórcio, resultou que Kera se feito cargo do negócio de bufe e as coisas começaram a funcionar outra vez.

—Me alegro saber que elas o fizeram.

—E você? Por que pilota dispositivos mortais?

—Ao princípio não foram os aviões. Tinha uns oito anos quando meu pai me levou pela primeira vez a Aviação Powell. Vi os empregados saltar para cumprir suas ordens e soube que essa era minha meta. Queria que todo mundo cumprisse minhas ordens.

—Não se pode dizer que me surpreenda. —falei com voz seca, embora risonha.

—Depois de estar em uma cabine pela primeira vez, dar ordens às pessoas deixou de ser minha prioridade.

—além de pilotar aviões e dar ordens, o que faz?

—Compro e vendo aviões. Minha empresa também vende peças e gera relatórios aeronáuticos.

—Não posso imaginar ter dinheiro suficiente para comprar um avião. Um cinturão, possivelmente, mas pouco mais.

—Sempre duplico o investimento inicial, assim não é tão difícil.

Não era tão difícil. Imaginei uma conversa comprador/ vendedor típica:

Comprador: Só quer um milhão pelo avião?

Vendedor: Sim. Paguei quatro milhões, mas já não eu gosto.

Comprador: (Risadas) Bom, aceita cheque?



Não, não era tão difícil.

—Vai comprar algum avião logo? —perguntei.

—Há um SJ30-2 ao que tenho interesse. De fato, poderia voar a Florida comigo no fim de mês para você ver por si própria.

—Não, obrigado. — afirmei com cada fibra de meu ser.

—Poderia decidir dar a festa na Florida. —seus lábios se curvaram levemente— Então teria que ir.

—Isso poderia te colocar em minha lista de pessoas que Devo Matar.

—Preferiria estar em sua lista de Devo Seduzir. — seu sorriso se tornou malicioso.

Já estava na lista. Era o único nome que havia, mas não pensava admiti-lo em voz alta.

—Isto é um marco para mim. Nem sequer eu gosto de estar em uma habitação de hotel com balcão. Nunca entendi meu medo a cair, mas aprendi a viver com ele. Agora mesmo me sinto orgulhosa. É a primeira vez que faço algo tão... digno de medo.

—Além de que quase me tem quebrado o pulso cada vez que o avião expulsou, esteve fenomenal.

Bufei.

Pouco depois chegamos a uma pista de aterrissagem privada, perto do aeroporto Tagle. Por fortuna, o avião aterrissou sem complicações. Se algo tivesse ido mau, estou segura de que me teria arrancado uma parte de bochecha, em vez de me limitar a mordê-lo até deixá-lo em carne viva.

Rígida, saí da armadilha mortal e pisei em terra. Obrigado, Meu deus! Royce jogou minha bolsa de viagem ao ombro e me levou a limusine que nos esperava.

—Não esteve tão mal, não?

—Quase teria desfrutado.

Ele me olhou irônico.

—Se fosse masoquista. —acrescentei.

—Certo, certo —moveu a cabeça— Temos meia hora de viagem. Já equiparam a cabana com tudo o que necessitaremos. Só temos que nos relaxar.

—A cabana está isolada?

—Tecnicamente não. Simplesmente o parece às vezes. Está a um quilômetro e meio do Mountain Lodge, um complexo de férias. —explicou.

—Quantos metros quadrados tem a cabana?



—Uns cento e oitenta.

—Hum. —imaginei a seus convidados nesse espaço, uns subidos em cima dos outros—
Esquece a cabana de momento e pensa no complexo. Tem zonas destinadas a grupos grandes?

Entrecerrou os olhos, ocultando um súbito obscurecimento de suspeita, mas respondeu de toda a forma.

—Sim.

—Pois o complexo parece mais apropriado para a festa que a cabana. Vamos ali.

—Prefiro a cabana. —franziu o cenho.

Já estávamos em terra e pensava com clareza.

Não ia aceitar suas tolices.

—Ainda assim, eu gostaria de ver antes o complexo, se não se importar.

—Sim me importa.

—Eu não queria voar até aqui, mas o fiz. O menos que pode fazer você é parar no complexo.

—Diabos, Naomi.

Silêncio. Eu não ia dar marcha atrás, não ia retirar minha solicitude.

—Diabos. —repetiu— Pararemos no complexo — esfregou a nuca— Não sei por que agüento seu autoritarismo. Eu sou quem está ao mando. Trabalha para mim.

—Trabalho contigo. Há uma diferença. E, para que saiba, começa a me irritar de má maneira.

—Bom, pois para que você saiba, esta é a última vez que sai com a tua.

Buff, miúdo mau perdedor era.

—O que acha? —perguntou Royce.

Olhei-o um momento. Estávamos em um canto afastado de um bar cheio de fumaça, bebendo vinho e com música de saxofone de fundo. Era uma zona escura, só iluminada por velas. Tínhamos terminado de percorrer o complexo pouco tempo antes.

Não queria discutir com ele, mas compreendi que não teria outra opção, porque o que ia dizer lhe não era o que ele queria ouvir.

—Embora este lugar é muito agradável, não servirá.

—Já tem feito uma lista de por que não? —seus olhos faiscaram divertidos. Ao menos não estava zangado.

—De fato, —exalei um suspiro de alívio— sim.



—Isto, tenho que ouvi-lo.

—Primeiro, o edifício não é o bastante grande e a cabana, que é menor, tampouco o será.

—E segundo? —tentou ocultar seu sorriso com a mão, mas me dava conta.

Sua frivolidade deveria haver me irritado. Ao fim e ao cabo, se empenhava em dar a festa ali, não teria outra opção que aceitar. Mas me sentia muito tranqüila. Não sabia se pelo vinho ou pela companhia.

—Segundo, — falei — isto é muito rústico para nossa “Mil e uma noites”.

—Podemos convertê-lo em “Las Mil e uma Noite conhecem uma Vaqueira Urbana”.

—Terceiro, —segui, como se ele não tivesse falado— não quero que a festa se celebre aqui.

—Isso não é uma razão.

—Para mim é. Como vais trazer os convidados?

—adorarão voar em meu jato, prometo isso. E minha mãe adorará o ar limpo da montanha.

—Não pode colocar a trezentas pessoas em seu avião armadilha mortal.

—Reduziremos a lista. Converteremos a festa em uma reunião pequena e privada.

Tinha resposta para tudo.

De repente, ouviu-se uma risada estridente. Um homem de trinta e tantos anos, com cabelo castanho, comprido e encaracolado, subiu ao cenário com um microfone.

—Chegou o momento de nossa hora de karaokê. —disse— Sei que temos a gente que morre de vontades de subir aqui e cantar uma canção. Pois esta é sua noite de sorte. Temos uma grande seleção.

As pessoas aclamaram. Algumas pessoas inclusive elevaram suas taças em brinde.

—Quem começa?

Um jovem ficou de pé. Por seu bamboleio e seus olhos frágeis resultava óbvio que tinha bebido muito.

—Eu começarei. —suas palavras soaram pastosas, quase irreconhecíveis. A garota que havia sentada com ele riu histericamente e o animou— Quero cantar uma fanción celiz.

Muitas mais risadas.

—Qualquer outra pessoa, por favor. —suplicou o apresentador com evidente desespero.

Silêncio.

Olhei a meu redor e me fixei em que todo mundo fazia o mesmo.



—Eu te desafio. — ouvi um instante depois. Olhei para o Royce. Certamente se tinha expressado mal. Não podia haver dito... — Te desafio. — esboçou um sorriso diabólico.

Eu não estava acostumado a responder às provocações. Quer dizer, quem queria sair à rua nua e gritando “*O céu se está caindo*”? Também sabia que Royce não acreditava que fora a aceitar sua provocação.

Meu endiabrado senso de humor, ou possivelmente meu desejo de provar que realmente possuía uma Tigresa interior, urgiu-me a me levantar do assento e saltar sobre o cenário.

—O que receberei se aceitar sua provocação? —perguntei, golpeando o queixo com um dedo.

—Eu. —abriu os braços com gesto de convite.

Deveria ter esperado essa resposta. Sorri e neguei com a cabeça.

—Bom intento. Mas esse prêmio não me atrai. —mentira— Dá outra coisa.

—Uma noite de sexo selvagem.

—Não. —uma mentira ainda maior.

—Hum, —Royce esfregou a mandíbula lentamente— o que te tentaria, Naomi Delacroix?

—Certamente nada. —a maior mentira de todas. Preenchi minha taça e tomei um gole de vinho, saboreando-o e desfrutando de do calor que me dava a coragem— Tente me tentar. Tente.

—E se te promettesse que a festa não se celebrará em nenhum lugar que requeira subir a um avião? —sugeriu— Isso prova?

Não mais viaje de avião? Estive a ponto de dançar em cima da mesa. Tinha escolhido um prêmio que não podia rechaçar. Embora desafinasse e se rirem de mim, merecia a pena. Não tive nem que pensá-lo.

—Trato feito. —respondi. Antes de poder me arrepender ofereci minha mão para fechar o trato. Sua palma calosa provocou uma deliciosa fricção na minha.

—Boa sorte. —jogou uma olhada aos inquietos clientes— Não parece uma audiência muito receptiva.

Estava tentando me dissuadir. Faria algo para ganhar a aposta. Surpreendi-o me levantando.

—Eu o farei. — disse, o bastante alto para que o homem do estrado o ouvisse. Fiz- uma careta ao Royce. Ah! Poderia fazer o ridículo e escutar risadas e comentários soezes, mas não sairia do bar como uma perdedora.

De repente, os murmúrios se sossegaram. Todos os olhos da sala se cravaram em mim.



Começaram a tremer os joelhos. Royce roçou meu quadril com a mão e o olhei.

—O que? Desejando ter mantido a boca fechada? —perguntei-lhe.

—Está segura de que quer fazer isto? —elevou as sobrancelhas zombador.

—Uma aposta é uma aposta e, simplesmente, não posso permitir que ganhe. —girei sobre os talões e fui para o cenário, soltando meu coque pelo caminho e permitindo que minha larga juba escura caísse costas abaixo. Embora me tremia a mão, aceitei o microfone que me oferecia o apresentador.

—Tem Achy Breaky Heart?

—Não há noite de karaoke sem essa canção. —me ofereceu um sorriso de alívio.

Uns segundos depois, a música alagou a sala e o súbito silêncio. A letra da canção apareceu em uma tela diante de mim.

Optando por me divertir, assumi uma pose *“Riam comigo não de mim”*: uma mão no quadril e um sorriso bobo nos lábios. Comecei a cantar.

Depois da primeira nota, todo movimento se deteve.

Inclusive o tipo bêbado me olhou como se o lugar adequado para mim fora um manicômio.

Mas percorri o cenário como uma profissional, agitando o cabelo e rebolando, até que por fim alguém riu. Com isso houve o bastante.

—OH, sim. — gritou um homem— Me dê isso , neném. Dói-me o coração.

—pode parar isso quando quiser. — gritou outro.

Todos começaram a dar Palmas marcando o ritmo, me animando. Entreguei por completo à representação. Embora nunca o admitisse em voz alta, passei-o de medo nesse cenário, gritando a letra e me movendo.

Quando chego o final, fui baixando o volume de minha voz lentamente. Esperei uma reação. Houve uma emoção de aplausos alegres como sinos. Os assobios e galanteios abundaram.

Resisti o impulso de tirar a língua ao Royce.

Tinha-o feito. Tinha ganhado a aposta. Lha, lha, lha, lha, lha, senhor Royce Powell, deus dos aeroplanos e super herói do sexo.

Nem uma viagem mais em avião!

Fiz-lhe uma careta e ele elevou sua taça.

Desci do cenário e fui para ele, disposta a me pavonear. Ajudou-me a me sentar, mas não me deu tempo a me desfrutar em minha vitória.



—Voltarei em um momento. —disse. Antes que pudesse protestar, partiu sem olhar atrás. Franzi os lábios. Esse mal perdedor deveria me haver adulado com todo tipo de cumpridos.

Uns minutos depois, meu aborrecimento pela brusca partida do Royce se dissolveu. Estava muito ocupada desejando que Deus me fizesse invisível.

Um homem muito desalinhado e bêbado se aproximava de mim.

—Olá, neném. — devia ter perto de quarenta anos e cheirava como se levasse banhando-se no Jack Daniels ao menos uma hora. Ocupou o lugar do Royce. Tinha a roupa enrugada, os olhos vermelhos e perdidos— Esteve genial. Acreditava que foi cantora profissional.

—Obrigada. —respondi relutante. Ao menos parecia coerente.

—Posso te convidar a uma taça? —enquanto falava cravou o olhar em meus seios, apesar de seu reduzido tamanho.

—Não, não tenho sede. — respondi. Morria de sede, mas não queria que esse homem ficasse mais tempo do necessário. Onde diabos, estava Royce?

Meu indesejado visitante não captou a indireta.

Jogou um braço sobre minha cadeira, como se tivesse direito a invadir meu espaço. Dedicou-me um sorriso luxurioso e eu estremeci. Tinha algo negro entre os dentes.

—Como se chama? —perguntou.

—Naomi. — me abanei com a mão para não me deprimir com o aroma de álcool que desprendia.

—Naaomi. —disse, arrastando as vogais— Eu sou Doug. —fez uma pausa— O que faz aqui só uma garota tão bonita?

Tentei não me estremecer. Em realidade, só havia uma maneira de livrar-se de tipos como esse.

—Me alegro muito de que tenha vindo Doug. — cravei os cotovelos na mesa e o olhei como se fora o mais bonito que via em minha vida— Morria de vontades de lhe contar a alguém tudo o que me foi mal ultimamente. Meu ex-marido, Richard, que espero se afogue com sua própria língua e ganhe um bilhete de ida à condenação eterna, chamou-me o outro dia para que voltasse com ele. Como se necessitasse a outro bastardo infiel em minha vida. Esses, um a um, obrigado.

Doug tentou me interromper, mas eu segui.

—Certamente estará pensando que o outro bastardo infiel é meu padrasto, e tem razão. Tenho pensado castrá-lo, não se preocupe.



Doug ficou pálido como um lençol.

—Arrumado a que se pergunta por que não o tenho feito ainda. Assassiná-lo e castrá-lo. Pois a resposta é singela. Antes tenho que encontrar a faca perfeita. Um caseiro não servirá. Odeio aos homens infiéis, Douglas, e acredito...

—Perdoe, vi um conhecido. — balbuciou Doug. Royce retornou nesse momento. Contemplou ao Doug afastar-se antes de voltar a ocupar seu lugar.

—Onde estava? —exigi— Cinco minutos mais e teria tido que pedir ao Doug que fora o pai de meus filhos para assustá-lo e fazer que partisse.

—Estava reservando um quarto. Não quero conduzir até a cabana esta noite.

Minha ira se dissolveu, transformando-se em pavor... e excitação. Movi a cabeça.

—Espera um segundo. Um quarto? Um?

—Correto. — colocou a mão sob a mesa e a pôs sobre minha coxa. Quase dava um salto. Ele sorriu.

—O que está fazendo? —perguntei com um sussurro scandalizado, olhando a meu redor para comprovar que ninguém nos olhava.

—A seduzindo. —a penumbra e que nossa mesa estivesse em um canto nos garantia intimidade exceto se alguém passava junto à mesa. E quem o fez, foi Doug. Passou cambaleando um par de vezes, me olhando com suspeita. A terceira vez se deteve.

—Joga com facas. — avisou ao Royce antes de fugir.

—É malvada, já sei. —disse Royce, me olhando— Esteve adorável no cenário.

—Obrigada. — tentei afastar sua mão, mas não empurrei com força. Era muito agradável. Ele se limitou a mover os dedos para cima, a um lugar melhor.

—Onde aprendeu a cantar country assim?

—Na ducha. — me fervia o sangue e só desejava abrir as pernas e convidá-lo a tocar o que quisesse.

—Estivemos criando o ambiente para chegar a este ponto, e sabe. — disse ele, indo à medula da questão— Desde que te recolhi esta manhã, sonho te despindo e te saborear. De cima abaixo.

Traguei saliva. Com esforço. Havia uma razão pela que devia me negar e dizer que tínhamos que esperar até depois da festa de sua mãe, mas nesse momento não recordava qual era.

—Tenho uma fantasia. Você me monta e seu cabelo acaricia meu peito. Seus seios estão



erguidos e não deixa de gritar meu nome.

—E, hum, tenho um orgasmo cada vez que grito? —as palavras me escaparam, sem poder evitá-lo.

—OH, sim. —assentiu ele.

Meus mamilos se endureceram e o batimento do coração de meu coração se converteu em um sonoro bum-bum-bum.

—Quando fizermos amor, Naomi, só desejará mais. —prometeu— Muito, muito mais.

Equivocava-se. Não podia me permitir desejar mais.

—Tocarei-a aqui. — disse, pondo a palma de uma mão em um de meus seios, enquanto seus olhos percorriam meu rosto como em uma carícia.

Os dedos que tinham estado em minha coxa desceram pela perna até que encontraram pele nua. Esses travessos dedos se introduziram sob a calça e começaram a subir. Mais e mais. O tecido se esticou quando chegaram aos joelhos, impedindo seu avanço.

Estive a ponto de soltar uma réstia de palavras.

Fiquei sem fôlego quando deixou meu joelho e pôs uma mão na borda da calça e desabotoou o botão. Colocou a mão dentro até encontrar a renda da minha calcinha.

—Também te tocarei aqui. — disse, acariciando o tecido. Com vontade própria, meus quadris se moveram— E me rogará que te leve a outro lado.

—Já tinha decidido dormir com você. —admiti com um sussurro— Depois da festa.

—Depois. Antes. — alargou os buracos do nariz e fez uma pausa— Agora.

Agora... era tão tentador. Deus desejava-o. Seriamente. Necessitava-o.

—Não troquei que opinião com respeito a uma relação. —não queria que se fizesse uma idéia equivocada em relação ao que ia ocorrer— Podemos nos deitar juntos, mas isso é tudo. Nada mais.

Seus dedos se detiveram e quase gemi de raiva.

—Pode ser que não queira uma relação, —disse ele com expressão seria — mas ainda assim está em uma.

—Não. —tinha que ser forte, lutar contra as necessidades de meu corpo até que ele acessasse— Te desejo. É verdade. Mas, —inspira— nada mais.

—Pois eu o quero tudo. E te quero contra uma parede. — seus dedos voltaram a me atormentar— Alguma vez fez contra uma parede, Naomi?

Sabia que estava sendo vulgar a propósito, para me obrigar a admitir que queria algo mais



que um pó carente de sentimentos. Mas conseguiu o efeito contrário. Ouvi-lo falar assim incrementou minha excitação. Talvez, no fundo, fosse uma garota má e suja. Uma gatinha sexual, como haviam dito, minhas primas.

—Tem-no feito? —exigiu.

Lentamente, neguei com a cabeça. Minha experiência se limitava ao assento traseiro de um Chevy e a um frio colchão já esquecido. Não me entendam mal, tive orgasmos e desfrutei de do sexo. Mas estar com ele era muito mais prazenteiro.

—Apoiarei suas costas na parede e porei suas pernas ao redor de minha cintura.

Sem fôlego imaginei a cena. Dois corpos nus, de pé e enredados. Fechou a garganta. Era uma imagem carnal. Primitiva. Crua.

Morreria se não provava isso.

—De acordo. —falei, com voz rouca de desejo— Agora. Antes da festa.

—O que você disse? —olhou-me com incredulidade. Não estava esperado que aceitasse.

—Eu disse sim. Quero fazer contra uma parede.

Seus olhos faiscaram como chamas azuis. E essas chamas lamberam meu corpo, possessivas. Molhei os lábios e ele alargou os buracos do nariz. Agarrou minha mão e me pôs em pé. Eu abotoei as calças apressadamente.

Sem nos preocupar com a gente quase corremos para o elevador. Quando as comporta se fecharam atrás de nós, Royce me apanhou contra o conto, invadiu minha boca com a língua e esfregou sua ereção em meu ventre.

Estive a ponto de ter um orgasmo ali mesmo.

Soou um sino e as portas do elevador se abriram. Custou-me um esforço consciente separar minha boca da do Royce. Ele agarrou minha mão e quase me arrastou até o quarto. Abriu com a chave eletrônica, entramos e ele fechou a porta.

Por fim estávamos sozinhos.

Corri para a cama, me tirando a blusa pelo caminho. Demorei um momento em compreender que Royce não me tinha seguido. Voltei-me para ele. Estava me observando com um brilho depredador nos olhos.

—Agora. —disse.

—Agora. —aceitei.

Avançou. Eu não me movi. Quando chegou ao meu lado, quase me dobrou a cabeça com a força de seu beijo. Sua língua invadiu minha boca com força, exigente. Mas eu não queria



suavidade, desejava o peso de seu corpo, a brasa de seus lábios, o domínio de suas mãos.

Ele não podia parar.

Eu não podia parar.

Estávamos loucos um pelo outro.

Colocou as mãos entre meu cabelo e o envolveu em seu punho antes de começar a me tirar o sutiã.

Depois se ocupou de minhas calças. Ambos os objetos caíram ao chão. A luz estava acesa mas tentei não me preocupar por isso. Estava muito magra. Mas ao Royce não pareceu importar.

Começou a me tocar por toda parte. Desfrutei de cada segundo, de cada carícia, e as devolvi uma a uma. Envolvi-o na avalanche de minha luxúria, mas isso tampouco pareceu importar.

Quando estava a ponto de me derrubar, elevou-me em braços e me levou a cama.

—Espera! —gritei. O teria esquecido? Olhei a parede fixamente. Royce esboçou um lento sorriso de compreensão e assentiu.

—Ah, sim. A parede.

Capítulo 12

Uma autêntica Tigresa luta pelo que quer e com todas as armas disponíveis. Manipulação? Certamente. Gritos? Sem dúvida. Punhos, dente, pernas? Desafie-a e ela o fará.

Royce me levantou e encostou-me na parede. Assim que minhas costas a tocou, o quadro de flores que tinha pendurado caiu ao chão. Ele afastou o marco com um pé e me apertou contra as frite lamas de madeira.

Gemi com a sensação. Nossas mãos eram puro frenesi, nossa respiração agitada.

Mas, de repente, Royce baixou o ritmo. Converteu o beijo em uma lenta exploração. Com uma mão acariciava meu pescoço, clavículas e seios. Com a outra descendeu estômago abaixo.

—Quero tirar a calcinha. —gemi—Me ajude a tirar isso. — Quero saborear-te.

—Sabia que era sexy, mas não tinha compreendido quanto até este momento. — disse ele com voz fera.

—Mmm. — ronronei. Quem tinha tempo de conversar? Eu não. Queria um orgasmo já.



Levava muito tempo sem sentir um. Muito. Comecei a desabotoar a camisa— Tire a minha calcinha. Já.

—Ainda não. — deteve minhas mãos.

—Quer sexo ou não? —seus dedos acariciaram meu mamilo duro e espectador. Delicioso.

Todo meu ser estava tenso como um mole, preparado para saltar.

Estava incrivelmente perto do bordo do abismo.

—Quero te saborear.

—Saborear depois. —me arqueei— Clímax agora.

Fechou os olhos. Uma gota de suor sulcou sua têmpora.

—Ainda não. — disse, tão rouco que apenas o ouvi.

—Qual é o problema? —ofeguei. Sentia labaredas em todos os lugares onde me tocava, mas não o fazia com suficiente intensidade— Deixa de rodear e faça.

—Fazer? Preciosa, vai agradecer minha lentidão quando acabar contigo. Naquele dia eu prometi que iria devagar contigo, e maldito seja se não o faço.

Introduzi uma mão entre nossos corpos, abri suas calças e coloquei a mão dentro. Agarrei sua larga e dura ereção.

—Assim quer ir devagar. Muito bem. — movi a mão de cima abaixo muito, muito lentamente.

—Acha que esta muito pronta? —grunhiu ele. Começou a fazer o mesmo que eu. Colocou uma mão em minha calcinha e apertou os dedos contra meus clitóris.

Riscou um círculo e voltou a apertar.

A verdade é que pensei que era um gênio. Bastou isso para me levar ao limite. Gritei. Senti espasmos. Vi estrelas brilhantes depois das pálpebras.

Meu sangue entrou em ebulição.

—Olha para mim. — ordenou.

Meus olhos se negaram a abrir-se.

—Vamos, olhe para mim.

Obriguei as minhas pálpebras a abrir. Sem deixar de me olhar, ele introduziu dois dedos em meu interior e em resposta eu contraí contra eles. Com a outra emano segurou meus quadris e me elevou, imitando o ritmo do sexo. Uma vez. Dois. Penetrou-me. Uma e outra vez, saindo e entrando, fazendo que meu clímax se prolongasse eternamente.

—Vê, Naomi. —disse—. Posso te dar agrado. Poderia ter isto o resto de sua vida. Eu



poderia ter isto o resto de minha vida.

—Só umas quantas noites. — ofeguei, sem ar.

—É muito teimosa. —grunhiu— Pode ser que ainda não tenha demonstrado quão fantásticos podemos ser juntos.

—Então faça-o. Demonstre-me isso um orgasmo não era o bastante. Queria e necessitava mais.

As pontas de seus dedos penetraram com mais força, movendo-se, pulsando. Retorci-me em suas mãos, perdida nas sensações que provocava.

—Vou te provar. — disse.

—Sim. Faça-o. Agora. — converti sua frase em minha ordem. Ao fim e ao cabo, eu era quem mandava ali.

Seu cenho me indicou que se deu conta, mas se ajoelhou de todas as formas. Baixou a

Minha calcinha e tirei os pés rapidamente. Deslizou as mãos em minhas panturrilhas acima, agarrou meus joelhos e as abriu. Era um pouco desconcertante estar nua com um homem tão sexy ajoelhado entre minhas pernas, mas estava muito excitada para me preocupar por isso.

Richard nunca tinha feito isso. Nenhum homem o tinha feito. E eu o desejava.

Senti a respiração quente fôlego do Royce antes que a primeira pressão de sua língua. Puro calor, puro prazer. Lambeu, acariciou e apertou a boca contra mim criando uma fricção incrível. Meus ossos se derretiam. Emiti um gemido grave e faminto que encheu o quarto.

—Mmm... — não podia falar, só gemer. O quarto deixou de existir. O segundo clímax foi ainda mais forte que o primeiro. Obrigou-me a me arquear, me esticar e gritar. Voei de novo às estrelas.

Não sei quanto demorei para voltar para a terra.

—Foram dois. — disse, assombrada por isso. Royce estava de pé, me olhando com fogo nos olhos—Tive dois orgasmos.

—E isso só foi o aperitivo. — prometeu ele.

Logo que podia me manter em pé, mas Royce me soltou e foi para suas calças.

—O que esta fazendo? —perguntei— Volta. Não acabamos. —pausa— Ou sim?

—Preservativo. —disse ele, me segurando de novo— Não acabamos, mas não posso esperar mais. Muito... —com um rugido, cravou seu pênis em mim.

Uma quebra de onda de puro prazer intenso e abrasador me consumiu. Rodeei-o com todo meu corpo. Ele começou a mover-se, me elevando e me baixando. Pouco a pouco seu ritmo



se incrementou.

—Não tinha nem idéia de que fosse ser tão selvagem quando tirasse a roupa. —seu fôlego me acariciou o ouvido— Obrigado.

Não pude evitar um sorriso enquanto rodava os quadris para introduzi-lo mais em meu interior. Gemi.

—Pois eu sim sabia que seria assim fantástico.

Introduziu uma mão entre nós e pressionou. Seus dedos se moviam em círculo, seu membro entrava e saía de mim, cada vez mais rápido, com mais urgência. Sim. Meu corpo respondeu umedecendo-se, desejando outro orgasmo.

Arranhei suas costas, mordi seu ombro e atirei de seu cabelo. Era um animal, uma Tigresa, minha natureza selvagem se liberou. Ele investiu uma vez mais, com força, e eu saltei ao abismo. Quando meu corpo se contraía pela terceira vez, ele grunhiu e me penetrou até o fundo. Mais profundo do que teria acreditado possível. Ficou rígido e rugiu meu nome.

—Maldição, Naomi. —ofegou— Acredito que estive a ponto de me matar.

Com a pouca energia que ficava, suspirei feliz. Que dêem, Richard o Bastardo.

Quando se tratava de uma aventura selvagem, sem compromissos, quantas vezes podia praticar sexo em uma noite o casal em questão? Uma? Dois? Três vezes ou mais?

Esperava que a última opção, porque Royce e eu acabávamos de celebrar a terceira ronda. Dessa vez na cama. Eu estava relaxada como um trapo. Royce estava ao meu lado e o calor de seu corpo era como uma manta. Um fino filme de suor fazia que nossos corpos se pegassem o um ao outro.

Estava completamente nua e talvez nunca tivesse força suficiente para fazer algo a respeito. Sabia que tinha o cabelo alvoroçado e os lábios ligeiramente inchados. Sabia também que tinha finas marcas rosadas nos peitos, causadas por seu áspero princípio de barba. Devia parecer uma prostituta espancada. E ao meu modo de pensar, isso era perfeito. Meus lábios se curvaram com um sorriso satisfeito.

Não fumo, de fato, odeio cigarros, mas nesse momento eu teria gostado de um.

Royce apoiou o peso em um cotovelo e se elevou sobre mim, com as pálpebras pesadas e sedutores. A lua chapeada iluminava seu cabelo revolto. Apartei-lhe umas mechas do rosto e o olhei.

—Obrigado por esta noite. — ele disse.



—Sou eu quem deveria te agradecer. —seu olhar turquesa brilhou como o oceano.

—Provavelmente tenha razão. —sorri.

—Descarada. —rindo, levantou-se. Fez uma careta e rodou os ombros— Acredito que me destroçou quando enredou as pernas ao redor de meu pescoço. —disse, já à caminho do banheiro.

—Bebê. — senti frio e obriguei a meus braços a subir o lençol até o queixo. Ouvi água. Depois silencio.

—Agora se sente recatada? —brincou ele à lombriga. Levava uma toalha úmida na mão.

—Agora tenho frio. — respondi. E era sincera, começava a sentir certo acanhamento. Esse homem se deitou com algumas das mulheres mais belas do mundo. Herdeiras embelezadas cirurgicamente.

—É o mais belo que vi em minha vida. —disse ele, como se lesse minha mente. Acomodou-se a meu lado e dedicou vários minutos a limpar nossos corpos. Depois deixou a toalha e me aconchegou contra ele.

Embora nunca tinha gostado que me encurralar, porque me sentia aprisionada, descobri que eu adorava com o Royce. Era pura ternura. Não queria me mover, poderia passar toda minha vida em seus braços.

E, de repente, isso me deu pânico.

Meu coração se apertou. Estar ali com ele era muito agradável, muito fantástico. Talvez... Não! Negava a acreditar que estava me apaixonando por ele. Isso era uma aventura. Nada mais.

Os sentimentos estavam proibidos.

Os sentimentos implicavam uma relação. Uma relação implicava casamento. Casamento implicava confiança, entregar meu coração plenamente.

E entregar meu coração acabaria implicando dor, sofrimento e possivelmente traição. Nem sequer o casamento de minha mãe ia sobreviver e eu tinha acreditado que era uma união inquebrável.

Um suor frio empapou meu corpo e me entrecortou a respiração. Comecei a sentir claustrofobia. Enjoava-me, começaram a apitar os ouvidos e senti espasmos no estômago. Tinha que sair dali.

Me afastar do Royce. Já.

—Tenho que ir ao banheiro. — disse.

—Volta logo. — me soltou.



Corri ao banho e joguei o ferrolho. Traguei ar com desespero. O que ia fazer? Não podia passar ali toda a noite, mas tampouco podia recolher minha roupa do chão e voltar para casa em táxi.

Sentei-me no inodoro e apoiei a cabeça entre as pernas. *“Respira. Só respira”*. Não havia razão para ter pânico. Já vou ter uma idéia de como sair dali.

Não sei quanto tempo estive assim.

—Está tudo bem? —chamou ele.

—Bem. — gemi.

Quando me passou o enjôo, obriguei-me a me levantar e me jogar água fria na cara, pálida.

—Não se preocupa quando está dentro de você. — disse a meu reflexo— Assim consegue o ter dentro outra vez e sua preocupação desaparecerá. É seu brinquedo sexual. Nada mais.

Tomei ar, saí do quarto de banho e fui para a cama. Royce estava a suas largas, sexy, com expressão satisfeita, mas também preocupada. Senti uma pressão no peito ao vê-lo. Tinha o ombro cheio de arranhões e marcas de dentadas.

—Esta tudo bem mesmo? —perguntou, inquieto.

—Sim. —*“É meu brinquedo sexual. Nada mais”*.

—Vêm aqui. — meu brinquedo sexual deu um tapinha na cama.

—Deseja-me outra vez? —perguntei esperançada.

—Quero te abraçar.

Vá porcaria. Arrastei os pés para a cama e tombei a seu lado. Queria ficar de conchinha contra ele, não sabia o que diabos falhava em mim, mas mantive uma curta distância de separação. *“É meu brinquedo sexual”*. Lhe dei as costas. Começaram suar as mãos e contraiu o estômago.

“É meu brinquedo sexual”.

—Naomi?

—O que? —*“por favor, não me pergunte nada”*.

—Isto é pelo do preservativo?

—O que quer dizer?

—Rompeu-se a última vez.

Minha boca secou e meu sangue se converteu em gelo. O mundo começou a derrubar-se a meu redor. OH, Meu deus. Deixaram de funcionar os pulmões e me assaltou outro enjôo.



—Me diz que esta brincando. Por favor, me diga que é brincadeira.

—Deus quem me dera.

—Com que diabos, pode ter ocorrido isso? —virei para ele e o olhei à cara.

—Hei, estou são. Não há razão para preocupar-se.

—Alegra-me saber, mas e o outro? —não me atrevia a dizer a palavra.

—Não toma a pílula? —esfregou-se a cara.

—Não, maldito seja! —me ocorreu algo horrível e alarguei as narinas— É essa sua forma de me apanhar em uma relação? Porque se o é...

—Diabos, não. —se endireitou de repente— Não necessito essas táticas para reter uma mulher.

Acredito-o. No fundo já sabia. Parte de minha ira e pânico, desapareceram e pude identificar outra emoção por debaixo de todo isso. Uma a que ainda não queria dar nome.

—Sinto muito. —disse— Não deveria ter dito isso.

—Entendo. —assentiu com rigidez e voltou a deitar— Eu também sinto. Isto só me tinha passado uma vez antes.

Molhei meus lábios ao imaginar ao Royce brincando com um menino, o filho de outra mulher. As revistas de fofoca nunca tinham publicado que fora pai, mas isso não significava que não tivesse ocorrido.

—E a garota ficou... ? Já sabe.

—Não.

—Talvez seja estéril. — disse, esperançada.

—Muito obrigado. — dobrou seu travesseiro em dois para ter a cabeça mais alta— Não entendia danificar o ambiente, mas pensei que sabia. E se não sabia, tinha que dizer isso. —O que quer saber?

—Tem razão. —suspirei.

—Desfrutei de tudo e gostei muito, ficar com você, Naomi.

Agarrei a essas palavras com todas minhas forças. Não queria nem pensar em fraldas e nas “coisas” que os utilizavam. E tampouco queria identificar a ridícula emoção que sulcava minhas veias.

—Rugiu tão alto que suponho que todos os clientes do complexo sabem o que aconteceu. Ele riu e me rodeou com os braços.

—Antes que subíssemos no avião mencionou uma Tigresa interior. Estou o dia inteiro



desejando te perguntar sobre isso.

—O que quer saber? —esse era um tema maneável.

—O que é exatamente?

—Uma Tigresa é a parte de uma mulher que é forte certonte, capaz de fazer algo, dizer algo e sair sempre vencedora. E... —me inclinei para ele e lhe dava um golpezinho no nariz— uma Tigresa não tem avaliação aos Tigres.

—Humm... —agarrou meus dedos e os beijou, para depois chupá-los um a um— Há algo que possa fazer um Tigre para ganhar a uma Tigresa?

Senti um delicioso calafrio e, apesar do ocorrido com o preservativo, soube que deixaria me seduzir outra vez. Como tinha descoberto no banheiro, só me preocupava do prazer quando estava dentro de mim. Não de sentimentos ou conseqüências.

—Há uma coisa. —disse.

—E qual é? —suas sobancelhas se juntaram.

—Tem que obedecer todas suas ordens.

A risada profunda do Royce ricocheteou nas paredes.

—Vêem aqui, minha tigresa, e me dê uma ordem.

—Vai deixar que te beije justo aqui. —lhe disse, rodeando seu pênis com os dedos— E depois vai me dar agradar até que perca a coerência. A me dar agradar até que esteja tão saciada que não possa me mover. — assim não pensaria nem me preocuparia.

—Como amante das artes animais —disse ele— considero questão de orgulho obedecer a essa ordem.

Nossos lábios e línguas se encontraram. As preocupações desapareceram. Ele sabia de maravilha, a paixão, calor e desejo proibido. Deslizei as mãos por seu peito de duros músculos cobertos de pele aveludada.

—Eu gosto disso da Tigresa. — murmurou ele.

—Pois vai gostar ainda mais. — descendi lentamente até sua intimidade e tomei com minha boca.

Era grande, muito grande, e tive que esticar a mandíbula para acomodá-lo. Chupei-o de cima abaixo, desfrutando de do calor e a sensação em minha boca.

—Merda. —grunhiu ele— Vou ter um treco.

—Miaaaau. — disse eu, travessa, depois me perdi em seu sabor.



Uma hora depois seguíamos na cama. Os lençóis estavam revoltos. Depois de duas rondas mais de sexo intenso, não tinha forças para correr ao banheiro e ter outro ataque de pânico. Estava a gosto e, embora seguia me assustando. Não ia mover-me.

Concederia-me essa noite. Não mais. Pela manhã lutaria contra minha atração por ele. Então me preocuparia com as possíveis consequências.

—Sei que já disse que não quer se casar. — disse Royce, rompendo o silêncio.

Estava convexo de costas, com as mãos atrás da cabeça. Eu estava de costa, com as mãos sobre seu peito. Estique-me para ouvir suas palavras. Se esse era o princípio da seguinte conversação, teria que reconsiderar minha decisão de não me mover.

—Mas... —titubeou— esta noite tem feito que troque de opinião?

Tentei não me encolher, não gritar de horror. Não podia me enfrentar a isso nesse momento. Havia dito a Kera e a Mel que ocorreria. Maldição! por que não tinha esperado até manhã?

Como não respondi, girou e se apoiou nos cotovelos, me olhando.

—Quero me casar contigo. Já sabe.

—Já havia te dito que casamento não é para mim.

—Assim que esta noite não mudou de opinião? —levantou-se da cama.

—Não.

—Somos uma bomba juntos. —passou a mão pelo cabelo— Não pode negar.

—Pode ser que não. —consegui manter a calma, embora voltavam a apitar os ouvidos e tinha câibras no estômago— Mas nunca vou trocar de opinião. Por nada.

Ele começou a andar de um lado para o outro no quarto.

—Já esqueceu como se queima quando esta em meus braços, como se movia e como gritava meu nome?

—Que tenhamos praticado o sexo não significa que tenhamos que... já sabe. —não queria dizer a palavra, resultava-me tão difícil como outra que começava pelo B. Os ouvidos me apitavam cada vez mais forte.

—O que tem em contra o casamento?

—Não é para mim. —o tinha tudo em contra.

—Poderia ser. —sua voz se suavizou. Deteve-se e me olhou com ternura.— Somos perfeitos juntos, céu.



—Não. —tentei não me estremecer— O sinto.

—Me ajude a entendê-la. — voltou a passear. Seus pés se afundavam no tapete rosado e com cada passo sua determinação se incrementava— Me ajude a entender o que te levou a esse ponto. Por favor.

—Sinceramente você quer saber? —explorei. O assobio se tornou insuportável— Então te contarei tudo. Meu ex-marido desconhecia o término fidelidade. Preferia a outras mulheres. Jurava-me amor enquanto se atirava a muitas outras. Possivelmente poderia esquecer isso, dada a moralidade depravada do Richard, mas não é o caso de meu padrasto. É um homem trabalhador e decente e está enganando a minha mãe. Não voltarei a entregar meu coração a um homem para que me jogue isso na cara. O que você acha dessa resposta?

Para quando acabei a enxurrada, estava bufando e tremiam as mãos. Royce tinha expressão de assombro. Tentei me acalmar inspirando profundamente e imaginando em meu prado de felicidade.

—Tenho que partir agora. —disse, já mais racional— Preciso estar sozinha.

—Você vai ficar exatamente aqui, Naomi. —passou a mão pelo rosto— Nem que eu tenha que te trancar no banheiro.

—Royce...

Moveu a cabeça, sua expressão era sombria igual de uma fera.

—Vai me escutar agora. Não sou seu ex. Nunca enganei uma mulher e te juro que nunca o farei. Sei o que quero e quero você. E, querida, mais certo entender que posso ser desumano quando se trata de conseguir o que quero.

—Não sou nada especial. —agitei os braços com desespero. por que não podia entendê-lo?

—Que não é especial? —aproximou-se da janela, depois da que se viam as montanhas cobertas por uma fina capa de névoa— Céu, já te disse quanto me impressionou nessa recepção. E quando foi ao meu escritório pela primeira vez, foi ainda pior. Tinha o cabelo revoltado, uma mancha de pó na cara e quando se sentou vi os arranhões de seus joelhos. E sabe o que? Pensei que nunca tinha visto nada mais belo. Uma olhada ao seus lábios e soube que precisava senti-los por todo meu corpo.

—Diz isso porque está desesperado porá se casar. — fiquei vermelha como um morango.

—Já utilizou esse argumento. Então não justifiquei de tudo, mas o farei agora. Quero me casar, sim, e ter família. Quero pertencer a uma mulher e que ela me pertença. Quero uma mulher



em casa, a mesma cada noite. Quero ver nossos meninos brincar de correr. Quero uma companheira que deseje o melhor para mim, que me ame aconteça o que acontecer. Quero todo isso com você. Só com você.

A beleza de suas palavras me devastou e algo em mim desejou esse felizes para sempre que descrevia.

—recebeste milhares de solicitações. E se sua “mulher perfeita” está entre elas, te esperando? E se a encontra depois de se haver comprometido comigo? —disse, expressando um de meus maiores temores.

—Joguei todas as solicitações fora quando você saiu da minha sala.

—Mas...

—Não há mas nenhuma que valha. Minha mãe publicou a notícia. Tínhamos discutido, outra vez, porque eu não saía com ninguém. Disse-me que era óbvio que você não estava interessada e decidi me apresentar a mulheres disponíveis. Neguei-me a ver as solicitações e a convenci para que te escolhesse como planejadora de sua festa de aniversário. —Royce olhou aos olhos— Não há outra mulher com seu espírito, Naomi. Seu senso de humor. Sua capacidade de me acender.

Cobri-me o rosto com as mãos. Se me houvesse dito isso seis anos antes, teria rendido e entregue. Mas já tinha muitas cicatrizes. Não podia dar ao Royce o que queria. Não podia arriscar meu coração dessa maneira. A idéia de vínculos legais e permanentes me dava náuseas. Não estava preparada. Diabos, possivelmente nunca o estivesse.

—Sinto muito, Royce, minha resposta segue sendo não.

Capítulo 13

O único absoluto na vida é a morte. Uma Tigresa sabe e evita algo que possa provocar seu próprio absoluto, seja físico ou emocional.

Embora Royce dormisse em outro quarto do hotel, dava voltas toda a noite, um segundo segura de ter tomado a decisão correta, me odiando por ter decidido mal ao segundo seguinte. Estava confusa. Talvez tinha se precipitado. Possivelmente não deveria havê-lo rechaçado tão rapidamente.



Queria estar com ele sexualmente: verdade. Não queria voltar a vê-lo nunca: verdade. Quando o olhava me derretia por dentro: verdade. Ao mesmo tempo, quando o olhava sentia pânico: verdade.

Acessaria ele a uma relação Telefônica?

Desprezei a idéia imediatamente. Sua voz era tão sexy e hipnótica como ele. Possivelmente precisasse tirar o de minha vida para sempre, e esquecer a maldita festa.

Tinha vontade de chorar.

Quando uns sutis raios de sol penetraram pela janela, sabendo que já não dormiria, levantei-me. Odiava a confusão e a insegurança, e precisamente por isso não tinha querido me envolver com ele de um princípio.

Tomei uma larga ducha, esperando que a água quente relaxasse meus músculos. Depois sequei o cabelo, escovei os dentes e estreei as calças pretas com flores no baixo e a blusa a jogo.

Para minha surpresa, Royce esperava em meu quarto quando saí do banheiro. Estava sentado na poltrona, vendo as notícias na televisão.

Me acelerou o pulso. As calças negras e a camisa que levava ressaltavam seu bronzeado.

Sabendo exatamente o que havia baixo esses objetos, imaginei seus duros músculos bronzeados e tensos, esperando minhas carícias.

—Está pronta? —perguntou, sem me olhar.

Sua expressão dura e fria me cortou, mas deveria tela esperado. Deveria me alegrar de que fora assim.

—Sim.

—Temos que ir à cabana. Daremos uma olhada e logo voaremos de volta a casa.

—Deixa que recolha minhas coisas. — fui ao divã e agarrei minha bolsa. Depois o segui à porta, com os olhos cravados em suas costas. Odiava-me?

Estivemos menos de uma hora na cabana e conduzimos ao aeroporto. O vôo de volta transcorreu lento e em silêncio total. Eu mantive os olhos fechados, não queria nem ver o Royce nem a distante terra firme. Não sabia o que teria sido pior se estelar me e morrer ou manter uma conversa com o Royce.

depois de aterrisar, levou-me a casa. No carro se manteve o tenso silêncio. Odioso. Antes tínhamos estado muito cômodos o um com o outro e o sentia falta de. Teria decidido que não era a mulher adequada para ele? Apertei os punhos, não acabava de gostar dessa idéia.

Dava-me conta de quão contraditórios eram meus pensamentos e de que estava atuando



como uma idiota, mas não podia controlar minhas emoções. Não podia controlar o que ele havia provocava em mim. Sentia-me como um pêndulo: queria-o, não o queria, necessitava-o, não o necessitava. Uma constante batalha interior.

—Vou te ajudar.— ofereceu ele, quando chegamos a meu edifício. Desligou o motor.

—Não precisa. — respondi, desejosa por me afastar dele e pensar em tudo o que tinha ocorrido.

—Levarei sua bolsa.

—Já te disse que posso fazer sozinha.

—Deixa que o faça, Naomi. — franziu o cenho.

—Bom.

Saí do carro com a cabeça muito alta. Inclusive enquanto abria a porta do portal mantive a pose de ser uma mulher que não se preocupava de nada mais importante que o tempo que faria essa semana.

Abri a porta de casa e me virei para ele, bloqueando a entrada.

—Me dê a bolsa, —disse— eu a colocarei.

—Não sei por que tem a idéia de que vou permitir que mulher minha feche a porta sem nenhum tipo de despedida, —um músculo se esticou em sua mandíbula— mas te asseguro que é uma idéia equivocada.

O coração deu um bote e abri a boca para responder. Mas não pude emitir nenhum som.

—Não terminamos querida, e não pode se livrar de mim tão facilmente. Se pensar que pode me afastar porque tem medo do passado e do futuro, terá que voltar a pensar. E estou mais que disposto a te ajudar a fazê-lo.

—Como? —não me ocorreu outra coisa que dizer.

—Terá que esperar para ver. — encolheu os ombros e se aproximou para mim.

Traguei saliva. Suas palavras eram inocentes, mas seu tom tão sensual que estremeci.

—Agora mesmo, —disse— há umas quantas coisas que quero falar com você. Podemos falar aqui fora, onde nos ouvirão todos seus vizinhos, ou pode me convidar a entrar.

—Não posso te deixar entrar. — o homem era muito tentador, não seria muito difícil que ele te tirasse a roupa.

—Preocupa-se pouco para fazer uma cena que terá entretidos seus vizinhos durante semanas. —deu um passo para mim— Quem sabe? Talvez o Tattler se interesse e publique outra foto sua.



—Não faria isso. —gemi.

—Quer pagar para ver?

Notei nele uma determinação que tinha visto poucas vezes. Sim, faria o que fora para entrar. Assim que me afastei e cedi o passo. Ele deixou minha bolsa junto ao sofá e se acomodou. Fez um gesto para que sentasse a seu lado.

Ignorei-o e me sentei ao outro extremo. Só cheirando-o poderia me derrubar como uma casa em ruínas.

—Não acredito que devemos falar de ontem à noite. —disse, antecipando a ele— Seria melhor que simulássemos que nunca ocorreu.

—Talvez você possa fazê-lo, querida, mas eu nunca esquecer como gritava meu nome.

—Possivelmente também deveríamos deixar de trabalhar juntos. —segui, como se não o tivesse ouvido. Necessitava o dinheiro, sim, mas minha prudência era mais importante—. Posso te preparar uma lista de planejadores que...

—Concordou a me ajudar, Naomi. —cortou ele— Se demitir-se, denunciarei-te por descumprimento de contrato.

—Por que não o tenta? —cruzei os braços sobre o peito— Nunca assinamos um contrato.

—Não convém me enfrentar com isso. Posso ser um autêntico bastardo quando faz falta sê-lo.

—Grande notícia. —resmunguei. A verdade, foi um grande alívio que não aceitasse minha oferta. Nem sequer sabia por que o tinha sugerido. Ao pensar em não voltar a vê-lo, algo se tinha arrancado em meu interior.

—Por certo. —disse ele— Se ficar grávida, quero que me diga isso.

Neguei com a cabeça, tentando apagar de minha mente essa palavra que começava por E e arrastava a outras dois que começavam por M e pelo B.

—Não estou.

—Não pode saber com segurança.

—Já te disse que não estou. —reiterei. Mas, e se estivesse? Senti um espionismo de emoção, parecido ao que tinha ignorado a noite anterior para me render ao pânico. Podia não estar lista para a M, mas a B, pensei a palavra completa: bebê, não me provocava tanto pânico, embora não sabia por que.

A idéia de ter um bebê do Royce me provocava um calor e excitação. Mas, demoraria para saber, meus períodos eram bastante irregulares.



—É vidente? —perguntou ele.

—Hei predito o futuro mais de uma vez. — menti.

—Sua voz soou mais aguda. — pôs os olhos em branco— Precisaria melhorar sua forma de mentir.

—Maldito... — dava um pisão no chão.

—Dirá-me isso se...

—... Já te disse que...

—... está grávida porque...

—... não estou...

—... tenho direito.

—... grávida.

Brocou-me com o olhar e o silêncio. Durou uns minutos.

—Certo. —disse por fim— Sim. Direi isso. —talvez.

Antes que pudesse protestar, ele se levantou e me deu um beijo na frente. Meus lábios se franziram por vontade própria, esperando ser beijados também.

—Você continuará a trabalhar para mim, Naomi. Não permitirei que se demita.

—Claro. —voltei a dizer— Não demitirei.

—Não me demitirei até que não me dê sua palavra.

—Eu disse que não vai, e era sério. Em ambos os casos. —movi as mãos por volta da porta— Agora vá. Tenho que desfazer a bagagem.

—Antes, responde. Desfrutou estando comigo?

—Sim. —admiti a contra gosto.

—E você gostaria de voltar a fazê-lo?

—Sim. —o amaldiçoei para mim— Mas isso não significa...

—Sim. —disse ele satisfeito— Significa... —saiu pela porta com um sorriso no rosto.

Que classe de Tigresa embevecida era eu? Era incapaz de mentir decentemente e não havia dito a Royce que saísse de minha vida.

Decidi pedir uma pizza e dar o dia por concluído.

Abarrotei-me de pizza enquanto trabalhava nos convites da festa da senhora Powell. Que, por certo, ficaram fantásticas. Tinha decidido desenhar algo novo, diferente. A parte superior mostrava uns olhos de mulher, cor verde esmeralda, com uma jóia entre eles e, cobrindo o que



poderiam ter sido nariz e boca, mas de fato era o texto, havia um delicado véu rosa.

Quando acabei com isso, mantive um largo bate-papo com minha Tigresa sobre seus freqüentes desaparecimentos e depois decidi que poderia... era provável que... estava destinada a... me deitar com o Royce de novo. Ele tinha razão, maldito fora. Não tínhamos acabado.

Eu tinha necessidades. Ele também. Tinha-me convertido em uma viciada nele e queria mais. Teria que lutar com mais força para manter minhas emoções sob controle, e as dele também.

Suspirei.

Tinha chegado a hora de telefonar para minha mãe. Uma conversa normal, para ver como foram as coisas. O que em realidade queria saber era o que estava fazendo Jonathan. Marque seu número.

—Olá. — respondeu ao segundo chamado.

Eu me lancei totalmente à conversa.

—Me diga que esteve fazendo Jonathan estes últimos dois dias. — aí ficou meu intento de normalidade.

—Querida, —disse com uma risada nervosa— não é bom momento.

—Está no quarto?

—Bom, sim.

—Pois vá a outra sala ou fala em chave.

Houve uma pausa e um momento de silêncio.

—Aonde vai, Glória? —ouvi perguntar.

—Tenho que trocar o absorvente, querido. — seguiu outra risada nervosa.

—Ah, tome seu tempo. — disse Jonathan.

—Ok. — sussurrou minha mãe, segundos depois— Estou no banheiro.

—Por favor, me diga que não é verdade. Me diga que só foste ao banho para falar comigo em privado.

—Tola, já passei a menopausa. Mas duvido que seu padrasto se lembre disso, pobre estúpido —seguiu com um tom de voz severo— Restringiste a recepção de chamadas, senhorita? Porque te telefonei e chamou sem ter resposta.

—Mamãe, se concentre. Me fale do doutor Jonathan.

—Ontem à noite chegou três horas atrasado. —estalou a língua. Sua voz tremia de frustração e desencanto— Me disse que uma cliente necessitava terapia adicional. Pelo visto essa



cliente gosta de lhe pôr azeite de massagem com perfume de gardênia em seu...

—Informação excessiva. Para aí. Disse-lhe algo?

—Não, não sabia o que dizer. Mas estive a ponto de lhe dar um murro no nariz.

—A reação de uma Tigresa autêntica —disse—. por que não o fez?

—Não deixo de pensar que poderia estar me equivocando. E se realmente estive trabalhando com uma paciente? Não é como seu pai. Seria que não.

Perguntei-me se eu também tinha divulgado assim em outros tempos. Necessitada, triste e esperançada.

—Não minta. —utilizei um tom de voz duro e inflexível— É mais inteligente que isso.

—Encontrou... algo quando esteve aqui?

Teria preferido não lhe dizer nada até ter provas sólidas, mas precisava saber que ocorria algo, que seu instinto não tinha falhado.

—Encontrei fotos em seu escritório. De uma mulher e um bebê.

—Ah, isso é tudo? —exalou um suspiro de alívio.

—Isso é tudo? Perdoa. Amante secreta e filho ilegítimo? Como que “isso é tudo”?

—Queria contar lhe disse isso—, mas o Jonathan não pareceu boa idéia.

—me contar, o que? —minha confusão era tal que olhei ao teto e pedi clarificação divina.

—Faz uns meses Jonathan descobriu que tem uma filha e que ela, a sua vez, tem outra.

Esteve-o procurando, não é fantástico? Ele não queria que pensasse que ia ocupar seu papel, assim não lhe dissemos isso.

Isso sim que não me esperava isso.

—É... maravilhoso. Me alegro por ele. — e era certo. Ainda assim, senti ciúmes. Jonathan era meu padrasto, mas era o único pai que tinha aceitado como tal e eu não gostava da idéia de compartilhá-lo com outra mulher, por muito que o odiasse na atualidade.

O que acontecia meus sentimentos? Eram imprevisíveis. Erráticos. Estúpidos. Esfreguei-me as têmporas, tentando paliar a dor de cabeça que se morava.

—Como se chama?

—Rachel.

Amaldiçoei o nome mentalmente. Assim tinha uma filha chamada Rachel. Bem. Isso explicava as fotos, mas não as chamadas noturnas a sua secretária. Nem o perfume de sua roupa. Nem as visitas da Nora ao Body Electric.

—Sigo pensando que se engana, mamãe.



—Pode que tenha razão. —suspirou de novo— O ouvi falar por telefone faz um momento e disse a quem fora que fecharia a consulta na sexta-feira pela manhã. Nunca chega tarde. É como você, um pássaro madrugador. Temo que vá passar a manhã com “ela”.

Na sexta-feira. Hum. Ali estaria eu, câmara em mão.

—Glória? —ouvi a voz distante do Jonathan—. Acabo de me dar conta de algo. Não deveria estar menstruada, já não tem mais há tempos.

—OH, não? Que idiota sou. —soltou uma de suas risadas nervosas— Se lembrou. —me sussurrou.

—Se está sangrando, deveríamos ir ao hospital.

—Não sangro. Quem há dito que sangro?

—Então, por que esta de absorvente?

—Para, sentir mais prazer? —a meu sussurrou—. Tenho que ir, querida—. Pendurou justo quando o timbre de minha porta começou a soar. Sacudi a cabeça, desesperada-se pelo caos que era minha vida e pendurei eu também. Tentei não pensar no Jonathan e sua filha real, Rachel.

—Rachel. — bufei. Enruguei o nariz com desgosto. Estava bastante zangada com ele para desejar usá-lo como ceva em uma expedição de pesca de tubarões, mas ainda assim... Era meu pai.

Olhei pelo olho mágico e abri. Kera entrou com expressão determinada. Deixou a bolsa no console e se voltou para mim.

—Nunca adivinharia o que aconteceu.

“Fez o amor com seu cliente, várias vezes, mandou-o a fritar aspargos e logo decidiu que queria voltar a te deitar com ele?” Um segundo.

Essas eram minhas notícias. “Crie que seu padrasto engana a sua mãe, odeia-o, mas não quer que tenha uma filha natural a que poderia querer mais que a ti?”

Outro segundo, isso também era meu. “Poderia estar grávida do cliente mencionado antes?”.

Maldição, eu de novo.

—O que ocorreu? —perguntei.

Sorrindo como se acabasse de ganhar a loteria, abriu os braços e deu uns giros.

—Conheci ao homem dos sonhos de Mel.

—Quem? —pisquei.

—Colin Phillips. Mas Mel está simulando que não está interessada.



—Quando o conheceram? —isso sim eram notícias— Ainda não organizei nada.

—Na sexta-feira estávamos aborrecidas, assim que entramos na Aviação Powell. Só queríamos dar uma olhada no Colin, mas o guarda de segurança nos perseguiu pelas escadas. Por sorte, despistamo-lo e chegamos ao décimo nono piso.

—Não posso acreditar que fossem lá. —agitei os braços no ar, atônita.

—Não se preocupe. Colin não se zangou. Foi encantador. Inclusive nos deu as obrigado por ir.

—E o resto da história? A parte em que Mel está simulando que não esta interessada?

—Chocaram do primeiro momento. — disse Kera, irradiando diversão— Mel disse que era um monte de penugem corporativo.

—O que?

—Alguém que está sempre no escritório, mas que não faz nada mais que sentar-se e poluir o ambiente. Não se sinta mal. Eu tampouco sabia.

—Como passaram por diante da Elvira?

—Quem... ? Ah, refere a secretária. Uma mulher muito doce. Disse-nos que fôssemos diretamente ao escritório do Colin.

O que? Nem olhares de asco nem atitude de superioridade? Safada.

—Enfim... —Kera agitou uma mão no ar— Colin a deseja e ela a ele. Tinha razão, são perfeitos um para o outro. Notei as faíscas.

—Mas?

—Estavam se comportando como dois meninos e temi que não chegassem a ter um encontro — mordeu o lábio— Não sem um pouco de ajuda, quero dizer.

Kera a casamenteira. Caramba.

—O que fez?

—Eu, bom, pedi-lhe um encontro. Mel quase me golpeia, apesar de haver dito que não o queria para ela. Ultimamente me recorda muito a você.

Franzi o cenho para lhe fazer saber que não apreciava seu comentário. Ela foi à cozinha e tirou uma lata de refresco da geladeira. Segui-a.

—Ele aceitou. — concluiu com um sorriso.

—Primeiro, o que acontece a George? Segundo, se Colin for sair contigo, embora goste de Mel, é um bastardo indigno de que Mel lhe dedique seu tempo.

—Primeiro, as coisas vão muito bem com o George. Pediu-me que saia com ele e aceitei.



Segundo, não hei dito que Colin e eu vamos sair juntos. Só que aceitou ter uma entrevista. Passamo-nos toda a noite falando de Mel. Acredito que vai tentar conquistá-la. — tagarelou alegremente e girou em redondo, derramando líquido escuro por todo o chão, antes limpo, da cozinha.

—Já sabe como é Mel. Quando alguém não gosta de é uma bruxa malévola e desagradável. — eu a queria, mas tinha um caráter insuportável.

—Por isso vou lhe deixar com ciúmes e deixar pensar que ele me interessa. Assim não poderá tirá-lo da cabeça.

—Pensava que Mel fosse a gêmea que levava o diabo ao ombro, mas é você —movi a cabeça— Fez o mesmo comigo, não? Simulou que queria sair com o Royce.

—Fiz para seu bem. —riu ela— E pelo do Mel. É muito cabeça dura, como você. — se sentou ante a mesa e me olhou espectador— Que tal a viagem? Royce e você juntos toda a noite. Compartilharam o quarto?

—Não. —disse. Era a verdade. Não a tínhamos compartilhado. Ele se tinha partido em metade da noite— Todo foi muito bem. —evitando seus olhos, arranquei uma toalha de papel e limpei o líquido do chão.

—Se tudo foi tão bem, por que tensas a mandíbula? Por que sonha tão aguda sua voz?

Perguntei-me se todo mundo, menos eu, considerava-me descapacitada como embusteira.

—Certo, ok. — levantei e atirei a toalha de papel ao lixo. Tinha que falar do menos um de meus problemas— Quanto mais tempo passo com o Royce, mais confusa me sinto respeito a nossa... relação. —quase engasguei com a última palavra— Num momento estou segura de que não quero voltar a vê-lo, ao seguinte estou desejando o ter perto para poder lhe arrancar a roupa.

—Isso se denomina ser humano, bonita e sei exatamente o que deve fazer. —se inclinou para diante e rebuscou em minha cesta de revistas. Encontrou a que procurava e a elevou— Quando chegar Mel, as três faremos um teste de relações.

OH, júbilo e regozijo!

Mel chegou pouco depois, e Kera nos arrastou à sala e procedeu a nos atribuir um lugar.

—Naomi, sente-se aqui. Mel, ali. — assinalou, formando um círculo no chão. Sentou-se entre as duas e abriu o último exemplar do City Girl.

—Vamos fazer o teste: Fique o ou Deixa-o ir.



É justo o que necessitamos para ver qual é nossa postura romântica. — seus olhos faiscaram com malícia— Acredito que nos ajudará a nos entender melhor mesmas e a nossos homens.

Estão preparadas?

—Sim. — eu disse.

—Hei, bom. —disse Mel— Eu não tenho um homem.

—Terá-o no futuro. —afirmou Kera sem que isso apagasse seu entusiasmo— Começemos: Pergunta um —leu— Seu homem tem que ir-se da cidade: A) celebra uma festa em sua honra. B) chora. C) busca um hobby novo para manter a mente ocupada.

Não me soava bem nenhuma.

—O que tem que D? Bebe até perder o sentido porque não está segura do que quer fazer. — essa parecia a solução perfeita.

—Não pode inventar respostas. — Kera franziu o cenho— Minha resposta é B. Se Colin partisse, — disse, olhando ao Mel— afetaria-me tanto que não poderia fazer outra coisa mais que chorar.

Como não tinha notado antes quão boa atriz que era Kera?

—Embora me atraia a D, —disse Kera, rígida e tensa— minha resposta é sem dúvida a A. Festa.

—A fobia ao compromisso deve ser contagiosa, porque as duas sofrem um ataque muito grave. — Kera moveu a cabeça de lado a lado.

—Sim, mas eu desfruto da cada segundo. Pergunta número dois: — Mel tirou a revista e leu— Seu homem acaba de te dar um presente caro que odeia: A) dá saltos de emoção porque ele pretendia te fazer feliz e fica com o presente. B) insulta-o e atira o presente ao lixo. C) troca o presente por outra coisa.

Recordei as orquídeas que Royce me tinha agradável e senti uma pressão no peito.

—B. —respondi— Atirá-lo ao lixo para não vê-lo e recordar que não deveria ser tão doce comigo.

—Eu trocaria o presente, sem dúvida. —disse Mel— Não há razão para atirar algo caro e grátis. Nunca. Naomi e eu sabemos qual é sua resposta, Kera. Molharia a calcinha de excitação. — disse com voz amarga.

—Muito graciosa. —sorriu Kera— Alguém está tomando nota das respostas? —correu à cozinha e voltou com uma caderneta e caneta. Apontou as respostas anteriores— Bom, já está.



Sigamos.

—Toca-te ler. — Mel me passou a revista.

—Pergunta três. Acabam de fazer o amor: A) relaxa-te junto a seu homem e desfruta de do resto da noite. B) tenta escapar na escuridão. C) tenta ganhar o recorde mundial de posturas sexuais provadas em uma noite —li.

Tive clara minha resposta. Aos estúpidos, quão única podia dizer em voz alta.

—B. — dissemos Mel e eu ao unísono. Não mencionei que Royce e eu tínhamos vivido a C. Nem tampouco que depois da segunda maratona não tinha tido muitas vontades de partir.

—Eu A. — disse Kera.

—Pior para o Colin. — grunhiu Mel, com um brilho duro nos olhos— Qual é a seguinte pergunta?

—Eu lerei. — Kera agarrou a revista— Está saindo com um tipo, mas outro, super atraente, a convida par sair: A) rechaça-o, ao fim e ao cabo está de acordo com o homem que já tem. B) aceita e diz a seu homem que vai visitar sua tia doente. Ou, C) aceita e diz a seu homem que acreditava que o acordo era liberdade para ver outras pessoas.

Kera: A.

Mel: B.

Eu: D. Não te comprometa para começar e não terá que preocupar-se por essas coisas.

—Hávamos ficado de que não se podem inventar respostas. — Kera franziu os lábios.

—Certo, Ok. A. — nunca, nunca poderia lhe fazer a um homem o que me tinham feito .

—Vou calcular os pontos. —disse Kera, cinco minutos depois sorriu— Naomi tirou cinco.

Kera oito. Eu, quatorze.

—E o que significa isso? —perguntei.

—Vejamos. — Kera passou umas quantas páginas— Se tirou entre dez e quinze, essa sou eu, seu homem é para sempre. Ouviu Mel? Colin é para sempre. Você está motivada para o êxito e se preocupa pelos que lhe rodeiam.

—O que diz de mim? —Mel franziu o cenho e lhe tirou a revista— Se tirou entre seis e nove, precisa reajustar suas prioridades. Dedica um pouco de tempo a pensar nas coisas maravilhosas que outros têm feito por você, porque poderia não merecer a seu homem. — atirou a revista ao chão. Essa é a maior fileira de bobagens que ouvi. Penso na gente todo o tempo.

Eu estava desejando o que o estúpido questionário tinha que dizer sobre mim. Talvez me indicasse o que devia fazer respeito ao Royce.



—Toca-me. — recolhi a revista— Se tirou entre um e cinco —li—, procura ajuda profissional —elevei a vista.

—Que mais diz? —perguntou Kera.

—Isso é tudo. — não podia acreditar. A estúpida revista me aconselhava que procurasse ajuda. Era como lhe dizer a alguém com queimaduras que ficasse pomada.

Assim necessitava ajuda profissional. Isso já sabia. Pequena estupidez.

Na sexta-feira pela manhã cedo, devorei duas madalenas e fiz uma lista de tudo o que queria fazer esse dia:

- 1- Chamar o Royce e pedir emprestado o carro e uma câmara de fotos.
- 2- Seguir o Jonathan e tirar fotos atuando como um prostituto masculino.
- 3- Levar o desenho do convite à festa à imprensa para que Royce pudesse dar sua aprovação.

Depois de pensá-lo um momento, apaguei o número um. Acrescentei-o de novo. Voltei a apagá-lo. Deveria evitar a esse homem como a uma praga. Entretanto, levantei o telefone e marquei seu número.

Não era uma chamada social. Necessitava sua ajuda e não me assustava pedir-lhe. Nem me assustava ouvir sua voz. Controlaria meus hormônios ou morreria no intento.

Enquanto o telefone soava, ouvi o estúpido PDA apitar na cozinha. Ignorei-o. Royce respondeu com voz de sono. Senti um calafrio ao imaginar o na cama, nu... gemi. Malditos hormônios.

—Olá Royce. Sou Naomi.

—Olá, céu. Alguma coisa errada?

Outro calafrio. Ele não deveria utilizar apelativos carinhosos com tanta ternura e calidez.

—Pode me emprestar um de seus carros?

—Por que?

—Tenho que fazer uma coisa.

—O que?

—Pode me emprestar um de seus carros ou não?

—Comigo dentro? —perguntou ele depois de uma pausa.

—Não.

—Comigo dentro? —repetiu— E mais certo responder bem esta vez, porque responderei



como você.

—Sim. —era um, maldito cabeça dura — Alguma vez trabalha? Terá que ter duas horas livre se vier comigo, porque necessito o carro esta manhã.

—Te telefono em seguida. — disse, e desligou.

Boquiaberta, voltei a marcar. Não respondeu. O muito repugnante... O telefone soou e dava um bote.

—O que? —ladrei.

—Feito. Estarei ai em quinze minutos.

—Traz sua câmara. E ponha chapéu. E óculos de sol. — ordenei. Pensar que ia ver o me acelerou o pulso.

—E barba postiça? —perguntou ele, rindo.

—Se tiver. — respondi com seriedade— E traz o carro mais discreto e barato que tenha. Nada de limusines.

—O que é o que... ?

Essa vez fui eu quem desligou Já daria explicações quando chegasse. Fui ao quarto e me despi. Coloquei um travesseiro ao redor do ventre e a ateí com um cinturão. O incidente com o preservativo me tinha dado a idéia do disfarce. O doutor Jonathan nunca saberia que a mulher grávida que o seguia era sua enteada, a detetive Delacroix.

Coloquei vestido maior que possuía. O tecido azul claro se esticou sobre meu ventre, enfatizando sua redondez. Pensei que esse poderia ser meu aspecto dentro de uns meses e o coração me deu um tombo.

“Não pense nisso, Naomi, Por Santo Deus”.

Coloquei uns sapatos cômodos e guardei o convite para a festa na bolsa. Escondi meu cabelo sob um chapéu, saí e fechei a porta. Por sorte, fora não havia repórteres escondidos nos arbustos, nem junto ao edifício.

Quinze minutos depois seguia ali, suando.

Já ninguém acreditava na pontualidade. Royce chegou por fim em um carro reluzente e caro. Eu teria preferido algo mais discreto, mas teria que me conformar.

Entrei no carro e suspirei de alívio ao sentir o frescor do ar condicionado e a leve fragrância de sândalo. Fechei a porta e me voltei para o Royce. Olhava meu ventre boquiaberto.

Tal e como tinha sugerido, Usava chapéu, óculos de sol e inclusive barba postiça. E usava umas calças de golfe de cores, amarelo, rosa e azul, e uma camiseta amarela. Estava encantador e



tinha feito todo isso por mim. Porque o tinha pedido.

Não se podia ser mais doce. Fraquejei por dentro.

—Que diabos esta acontecendo? —perguntou ele. Assinalou meu estômago volumoso—

Isso é algum tipo de indireta?

—Vamos seguir meu padrasto e não quero que me reconheça. Trouxe a câmera?

—Sim. — Royce franziu o cenho, colocou a mão sob minha saia e subiu até a almofada.

Gemi ao sentir como o calor se concentrava entre minhas pernas. Dava um tapa para não pedir que me provocasse um orgasmo ali mesmo.

—Tinha que comprová-lo por mim mesmo.

—Ta, bom. —respondi— Obrigado por reorganizar seu horário, mas Deus te tivesse posto jeans. Todo mundo se fixasse nessas calças.

—Não sabia o que íamos fazer. Desligou, lembra? Além disso, as calças vão bem com a barba.

—Temos que ir depressa. Jonathan sempre sai de casa às oito e meia. — dava a direção de meus pais e nos pusemos em marcha.

—Poderia contratar a um detetive para que o seguisse. — sugeriu ele com a vista na estrada.

—Não faz falta. Posso apanhá-lo. — além disso, a meu pesar, sentia certa satisfação perversa investigando a pessoa. Não o tinha feito com o Richard por falta de coragem. Assim, em certo sentido, era terapia. E Jonathan era um grande admirador da terapia.

—Naomi. — começou Royce. Esfregou a nuca.

—O que? —estiquei-me. Soava...

—Recorda da viagem a Florida que mencionei? Voarei amanhã. Estarei fora uma semana.

Imediatamente comecei a analisar a situação, recordando o teste da noite anterior. Se seu homem se for da cidade, o que faria? Celebrar uma festa, chorar ou te buscar um hobby? Estava bastante segura de que, como Kera, minha opção era a B, chorar como uma menina. Apertei os lábios com força.

—Quer vir comigo? —perguntou ele.

“Sim” teria sido a resposta automática.

—Não. Não, obrigada. — gostava de agarrar o da camiseta e ordenar que ficasse. Ao fim e ao cabo, uma Tigresa autêntica sabia lutar pelo que queria e conservava o que ganhava. O caso era que eu nunca tinha lutado pelo Royce, assim em realidade não o tinha ganhado. Mas bem o tinha



afastado de meu lado.

E se Royce encontrava a outra mulher na Florida?

O que faria então? Suspeitava que faria muito mais que chorar. *“Há de que disse mais de uma vez que não quer se comprometer com ele”*. Amaldiçoei os relacionamentos. Eram um autêntico asco.

Capítulo 14

Se der as costas, atacarão-lhe. Se proteja constantemente. Não relaxe nunca. Nem sequer a sós. Em qualquer momento um Tigre, ou inclusive outra Tigresa, poderiam estar planejando sua morte.

Jonathan saiu da casa à hora exata. Royce e eu o seguimos. Minha mãe tinha ouvido bem, não foi ao escritório. Foi a casa da Nora.

—Esse bastardo descarado. — grunhi, preparando a câmara digital do Royce.

Nora abriu a porta em jeans e camiseta sem mangas. O cabelo lhe escasseava nas têmporas e usava suficiente maquiagem para fazer que as ações de uma empresa cosmética se disparassem. Não beijou ao Jonathan ao vê-lo, mas se lhe deu um abraço e se fez a um lado. Tirei fotos do Jonathan entrando na casa.

—Imagino que essa não é sua irmã, verdade?

—Sua secretária.

—Não todos os homens são assim, deveria saber.

—Pode provar isso? —soprei. Sem esperar resposta, saí do carro. Fui para a pequena mas bem cuidada casa. Ouvi uma portada e ao Royce resmungar, estava-me seguindo. Era dia de trabalho assim não se via gente. Ninguém estava cortando a grama.

De fato, só vi uma jovem que saía correndo.

Sorri e esfreguei o ventre para demonstrar que só era uma inocente mulher grávida dando um passeio e segui para a casa com a câmara nas mãos. Em vez de ir à porta dianteira fui a uma janela lateral.

Um cão ladrou e grunhiu. Soou tão ameaçador que, sobressaltada, olhei a meu redor. Atrás da grade de metal havia um chihuahua. Seguiu ladrando.



—Se cale, ou será meu café da manhã. — sussurrei com ferocidade. Esmagou as orelhas contra a cabeça e se calou. Suspirei com alívio e voltei a prestar atenção à janela. As cortinas eram de renda. Apertei o olho contra o cristal e vi o interior perfeitamente.

Por desgraça a sala estava vazia.

Já teriam ido ao quarto esses bárbaros?

—Não posso acreditar que esteja fazendo isto. —disse Royce a minhas costas— Nem que me arrastasse para isso.

—Eu não posso acreditar que esses dois nem sequer conversem um momento antes de saltar ao prato forte. A arrastar? Por favor.

Justo nessa hora, Nora entrou, seguida pelo Jonathan.

—Espera. Vêm aqui. —Nora levava três garrafas transparentes cheias de... azeite? — resmunguei— Doentes pervertidos. Acredito que vão dar-se massagens.

—Vamos querida. Não precisa ver isso. — puxou meu braço, mas resisti.

—Ah, não. Não vou partir.

O casal se sentou no sofá da parede oposta, de cara a mim, e tirei várias fotos através da cortina. Nora elevou uma das garrafas e Jonathan cheirou. Enrugou o nariz e moveu a cabeça. Nora ficou um pouco no braço e ele voltou a cheirar. Repetiram o processo com as outras duas garrafas.

Vi como Jonathan passava as mãos no cabelo com expressão frustrada. Movia a boca, mas não o ouvia.

—Querida. —disse Royce— Acredito que temos que ir.

—Ainda não. Estão a ponto de fazer algo. Sei.

—Querida. Não me ouviu? Temos que ir.

—Só um minu...

—O que estão fazendo vocês dois? —gritou uma mulher.

Girei em redondo e golpeei a câmara contra o cristal. Uma senhora de roupão e com cachos estava ante nós com as mãos nos quadris. Tinha os olhos semicerrados e os lábios escuros. Quase me saltou o coração do peito. Fiquei geada sem saber o que dizer ou fazer, consciente de que Jonathan e Nora saíam correndo da casa em um momento.

—Nora! —chamou a anciã— Nora, sal. Espiam-lhe.

—Corre. — gritou Royce com voz risonha. Agarrou meu pulso e pomos-se a correr.

Eu também uivei de risada meio histérica, meio incrédula, enquanto corria me agarrando



o chapéu. Meu ventre expulsava com cada passo.

Saltamos ao carro, que ele tinha deixado aceso e saímos com um chiado de rodas. Pelo espelho retrovisor vi o Jonathan e a Nora com a anciã, que nos assinalava.

—Esteve perto. Muito perto. — ofeguei. Soltei outra risada. Meu coração bombeava sangue a toda velocidade e tinha a respiração entrecortada.

—Consegui a evidência que queria?

—Não. Realizavam algum doentio rito pre-sexual, acredito. Cinco minutos mais e o teria crucificado.

Royce moveu a cabeça e a barba postiça se separou e ficou pendurando de um lado.

—Pode que ser que esteja enganada.

—O que? —meu bom humor se evaporou— Então o que faz em casa dessa mulher? Por que disse para minha mãe que ia ao escritório?

—Nisso eu concordo, está-a enganando. Quer que dê uma surra?

—Já direi isso mais adiante. — respondi.

De caminho a casa paramos na imprensa e deixei o convite. Nosso aspecto fez que recebêssemos umas quantas olhares de estranheza.

—O convite estará pronto para que dê o visto bom quando retornar da Florida. — disse a Royce.

Quando chegamos a meu piso, acompanhou-me à porta. Eu estava desejando descarregar as fotos no ordenador e ver se havia algo interessante.

—Naomi. — disse Royce com voz estranha, justo quando ia colocar a chave na fechadura. Virei.

—Sim? —nossos olhares se encontraram. Tirou a barba. Adorava, não odiava, adorava, “odiava” com seu aroma e calor me envolviam quando estava perto de mim.

—Sentirei sua falta enquanto eu esteja fora.

Traguei saliva, eu também sentiria falta dele.

Muito. Me fazia rir, excitava-me, fazia que meus hormônios se disparassem. Deixava-me louca, excitava-me, me fazia-me sentir maravilhosamente viva.

Confundia-me, excitava-me, marcava-me, excitava-me. Mencionei que me excitava?

Inclinou-se para mim e roçou meus lábios com os seus. Foi um beijo suave, doce e terno. Cheio de promessas. Estremeci-me, desejando mais. Talvez devesse convidá-lo a entrar e levá-lo no meu quarto. Não seria mau dizer adeus da maneira apropriada. Se não permitia ficar em seus



braços depois, meus sentimentos estariam a salvo. Já tinha decidido que ia voltar a deitar com ele.

Ou não? Tinha trocado de opinião tantas vezes que não me lembrava.

Agarrei sua camiseta com os dedos e abri a boca para lhe perguntar se queria ficar.

—Estou desejando me deitar contigo outra vez, — se adiantou ele— mas vou esperar até que compreenda que isto não é uma relação sexual. Isto não é como o chamou? Uma aventura sem sentimentos.

Franzi a face.

—Quero seu afeto. Quero sua confiança. Não deveria preocupar-se com respeito a mim. —disse— Nunca. Não há nenhuma mulher no mundo comparável com você. Não vou deitar-me com outra enquanto esteja fora. Não terei nenhum tipo de relações sexuais na Florida.

—Como posso estar segura disso? —perguntei com voz suave e, a verdade, com certo desespero.

—Chama-se confiança, linda, e vai ter que me entregar a tua. É a única mulher que quero. Pensa nisso enquanto estou fora.

Deixou-me ali parada, passando os dedos pelos lábios, com suas embriagadoras palavras ressonando em minha cabeça.

Nos dias seguintes trabalhei febrilmente nos elementos decorativos para a festa da senhora Powell, apesar de que Royce não tinha escolhido local. Não pensei nele, nem como ele tinha abandonado para ir de viagem, nem em quão divertido tinha sido espiar a meu padrasto porque ele me tinha acompanhado. Tampouco pensei no Jonathan e em que as fotos não revelavam que tivesse ocorrido nada sexual em casa da Nora. Não pensei em nada relacionado com esses dois homens, embora ambos me tinham deixado uma pilha de nervos.

Concentrei-me por completo na festa, nas toalhas azuis, verdes e violetas que ia pôr nas mesas, nos almofadões de cetim de tons diversos que pensava estender pelo chão e nas perfeitas tochas exóticas que ia alugar.

A quarta e solitária amanhã depois da partida do Royce, fui tomar o café da manhã a casa da Kera, porque ela insistiu, para descobrir que minha prima tinha preparado outra de suas receitas exóticas. Algum tipo de carne frita com um asqueroso molho de ovo. Deveria lhe haver dito que estava doente. Total, deixava-me doente se comia essa porcaria.

—O que é de sua vida? —perguntou Kera detrás tomar uma enorme dentada de carne. Mastigou-o como se fora uma das coisas mais deliciosas que tinha comido em sua vida—. Leva



dias nos ignorando.

Decidi começar com temas de trabalho.

—Que tipo de comida pode preparar para uma festa tipo As mil e uma noites?

—Hum. Vejamos... que tal ashta com mel, baclawa, kounafa, mafrouki e esse tipo de pratos?

—Não estou certa. —não tinha nem idéia do que era nenhuma dessas coisas— Não serão novas receitas suas, verdade?

—Não, tola. São pratos libaneses.

—Crê que a viagem do Royce a Florida é sua maneira de dar chute? —pergunto Mel, interrompendo nossa conversa.

Meu estômago embrulhou e esqueci o trabalho. Essa possibilidade não me tinha ocorrido.

—Eu choraria se Colin me deixasse. — comentou Kera, tentando controlar um sorriso.

—Já sabemos. — Mel me lançou um olhar tipo: *“Pode fazer o favor de calar a boca?”*.

—Não é um chute. — afirmei. Royce havia dito que não se deitaria com outra enquanto estivesse fora. Havia dito que me queria, que não queria nenhuma outra mulher. De momento tinha demonstrado ser confiável— Eu gosto de Royce — disse— E sinto falta dele. Sério. Mais do que deveria.

—É um amante fantástico e eu...

—Espera. —Kera— Parte atrás. Amante fantástico? Disse-nos que o tinha beijado nada mais. Deitaste-te com esse tipo e não nos há isso dito?

—Deveria havê-lo adivinhado pelo resplendor de sua pele. — disse Mel.

—Sinto muito por não ter contado. —apoiei isso os cotovelos na mesa e a cara nas mãos— É só que... não sei. Não estava lista para dar detalhes.

—Por que? Eu sempre os dou. — disse Mel.

—Sabemos. — dissemos Kera e eu ao unísono.

Ao longo dos anos o tínhamos ouvido tudo sobre a vida amorosa do Mel. Com excesso de detalhes e descrições. Gostava do selvagem, isso era indubitável.

—E se conhecer alguém enquanto esteja fora? —perguntou Mel, jogando um pouco mais de molho amarelado sobre sua parte de carne— E se volta casado?

Isso tampouco tinha ocorrido. Senti uma quebra de onda de náuseas e devi me pôr pálida.

—Não a escute. — interveio Kera, compassiva— É óbvio que o homem está apaixonado por ti. Pediu-te que te casasse com ele, não a outra. Voltará para você. Solteiro. — afirmou com



convencimento.

—O que deveria fazer? — quebrou a voz. Quanto tempo estaria Royce disposto a me esperar?— Não quero perdê-lo. Deveria me casar com ele, como exige? Disse que não voltará a deitar-se comigo até que tenha dado meus sentimentos.

—Grande bastardo. — disse Mel.

Kera encolheu os ombros enquanto considerava minhas palavras. Seus lábios se curvaram para baixo.

—A verdade é que não sei o que aconselhar.

A vida era uma porcaria.

—Temos que pensar nisto. — acrescentou Kera— E se passarmos o resto do dia e a noite considerando o problema do Naomi e nos vemos aqui amanhã?

À manhã seguinte:

—Bom, pensei. — disse a minhas primas enquanto passava manteiga em uma torrada.

—Eu já sabia que necessitava um tempo de reflexão. — Kera me passou a geléia de morango. Graças a Deus, não tinha cozinhado— O que decidiu?

Fechei os olhos e voltei a abri-los. Devia ser forte.

—Vou seduzi-lo até fazer que esqueça esses mitos do compromisso.

—Boa sorte com isso. — Kera voltou os olhos até o teto e mastigou lentamente, pensativa— Em teoria, acredito que ignorar seu desejo de compromisso é factível. Mas na prática, começasse a te sentir culpado.

—Tem razão. —assentiu Mel— Seria melhor que acabasse com o tema agora.

—Odeio esta complicação. — disse, pensando que me ofereciam seus conselhos depois de me fazer passar toda a noite pensando e dando voltas.

—É uma Merda, Naomi. —disse Mel— Se Royce me pedisse conselho, diria-lhe que não voltasse a te procurar.

—E seria o melhor conselho que deste em toda a semana. — apontei eu, com o cenho franzido.

—Eu acredito que está apaixonada. — cantarolou Kera.

—Eu também. Além disso, o que tem de mal casar-se com o Royce? Sei que crês que não está preparada. Mas se não funcionar, divorcie. É fácil: um, dois, três. — Mel estalou os dedos.

—O divórcio não é fácil. É difícil, dói e pode converter-se em um banheiro de sangue. É



que não emprestaram atenção enquanto me divorciava do Richard?

—Se Colin me pedisse isso, correria ao altar. — opinou Kera.

—Quer deixar de falar do Colin, Kera? Estou farta de te ouvir. Você sai com ele, mas me chama. Atira-me os discos. — disse Mel.

—Certamente se confunde comigo. — Kera sorriu e tentou ocultar sua satisfação.

—Talvez eu devesse me casar com o Royce. —soltou Mel— E esta conversa acabaria. Não teria que voltar a ouvir falar do Royce nem do Colin e recuperaria minha pacífica existência.

—Não pode se casar com o Royce. —tinha esticado para ouvir suas palavras— Não lhes levaria bem.

—Ah, não? —passou-se a língua pelos dentes.

—Não.

—Por que não?

—Porque você não joga backgammon, por isso.

O artigo do Tattler especificava que Royce quer uma mulher que saiba jogar backgammon.

—Terá que procurar outra desculpa, Naomi. —riu Mel— Você tampouco joga backgammon, e te pediu que se casasse com ele.

—Não se trata disso.

—O que me diz do verde? —perguntou Mel— O verde é minha melhor cor, ou isso, estão me dizendo. E é o favorito do Royce.

—E o que? —defendi-me— Prefere às mulheres que não respondem. Isso te desqualifica.

—E a você também, Naomi. — Kera tamborilou na mesa com as unhas— Poderia lhe arrancar a alguém a carne dos ossos com essa língua afiada que tem. Sobre tudo ultimamente. — para suavizar suas palavras sorriu— Talvez deveríamos lhe perguntar a Jennifer sobre sua língua. Ela sabe melhor que nós.

Olhamo-nos um momento antes de estalar em gargalhadas. A Kera saltaram as lágrimas.

—Olhe, —disse Mel, entre risadas— o que quero deixar claro é que você não gosta de imaginar ao Royce com outras mulheres. Essa é sua resposta. O quer para você. Toma-o antes que seja muito tarde.

Sabias palavras, sem dúvida. Mas não sabia se era capaz de arriscar tudo por ele.

—Hei! —exclamou Kera— Por que não aceita outro cliente? Isso te fará deixar de pensar em Dom Sexy.



—Não posso. — respondi, depois de tragar uma parte de torrada.

—Por que não?

—Royce exigiu desde o começo que não trabalhasse em outro projeto enquanto planejava a festa de sua mãe. Assim não posso me perder no trabalho. — estirou as pernas e as pôs na cadeira que tinha em frente— Já discutimos o menu. Encomendei as flores.

—Desenhei o convite e encarregado decorados. Não tenho nada que fazer até que ele me ligue quando retornar.

—Não espere que ele te ligue. Toma a iniciativa. Ligue para o celular dele. — Mel se acabou seu suco de maçã— Aos homens adoram o sexo telefônico.

—Antes de entrar no escritório de Royce, tinha minha vida clara. — esfreguei o rosto com a mão— Nem homens nem relações. Depois Royce fez tremer meu mundo e trocou tudo. Grande canalha.

—Sim, um autêntico bastardo. — balbuciou Kera— Como se atreve a trocar sua vida a melhor?

—Hei! Por que não saímos de clubes amanhã de noite e afogamos nossas penas com cerveja e homens atraentes? —sugeriu Mel.

—Parece-me boa idéia. — disse.

Quando entrei em casa, soava o telefone.

—Alô. — respondi.

—Por que não me disse que estava grávida? —exigiu minha mãe.

—Quanto o que está falando? —ela não podia saber isso.

—No Tattler há sua foto com um ventre enorme. O artigo diz que são trigêmeos. Mais certo me dizer agora mesmo que vai casar , juvenzinha.

—Mamãe, não estou grávida. —respondi, desejando estar dizendo a verdade— Nem vou me casar. — também desejei que isso fora verdade— Tenho que desligar. Vou pôr meus órgãos vitais a venda no EBay.

Capítulo 15

Quando as folhas e a grama da selva é muito espessa, corta rapidamente para ver mais



claro o caminho.

A música rugia pelos alto-falantes que penduravam do teto e a pista estava cheia de homens e mulheres dançando. Estávamos rodeadas de fumaça. Levávamos ali dez minutos e já queria partir.

Por que tinha acessado a ir?

Desesperada, por estar, um momento sozinha, fui ao banheiro e tentei alargar minha saia a puxões. Mel tinha me dado o agradável o vestido em meu não-aniversário. Era curto, ajustado e verde, e apenas me tampava o traseiro. Sentia-me como uma bolsa de caramelos em uma creche. Pior ainda, sentia-me como se levasse um pôster pendurado do pescoço que dizia:

Grátis, quer um.

Vários homens tinham tentado aproveitar-se da involuntária oferta.

O asseio começou a se encher de mulheres que foram retocar o cabelo e a maquiagem. Com um suspiro, voltei para a mesa e me sentei. Mel e Kera, estavam rodeadas de admiradores. Não era nada novo. Aos homens adoravam o conceito das gêmeas. Amor por partida dobro, ou algo assim.

Colin estava ao seu lado, franzindo o cenho a qualquer homem que se aproximava muito. Às vezes olhava a porta, como se estivesse desejando partir. Kera o tinha convidado a nos acompanhar, para desgosto de Mel.

As mulheres se aproximavam dele, flertavam e sorriam, mas ele as ignorava. Isso me surpreendeu.

Só parecia fixar-se no Mel. Observava-a com olhos cheios de desejo. Mel simulava não dar-se conta, mas o olhava de esguelha a três por quatro.

—Colin. —disse Kera—Por que não tira a Mel par dançar? Iria bem um pouco de exercício.

Mel a ignorou e me passou um copo. As mechas vermelhas de sua franja pareciam ainda mais brilhantes. Estava com uma camiseta atalho por debaixo do peito, que deixava ao ar seu estômago plano e bronzeado e a tatuagem de estrelas que rodeava seu umbigo.

—Bebe? —me disse.

—Já tenho. — respondi, agarrando meu copo. Tinha decidido beber refresco de gengibre, por razões que não ia compartilhar com minhas primas.

—Necessita álcool. Parece a Morte com Vestido Verde.



—Por que diabos, insistiu em que eu colocasse isso?

—Pensei que ficaria bem. Sou capaz de admitir meus enganos. — empurrou outro copo para mim e eu neguei com a cabeça— Se não ir beber, come algo.

Rugiu-me o estômago. Tinha fome. Estava desfalecida, a verdade. Não tinha comido nada do café da manhã e fez a boca encher de água ao pensar em umas asinhas com molho picante.

Chamei à garçonete e pedi duas dúzias. As asinhas chegaram pouco depois, desossadas e jorrando molho espesso e vermelho. Comi a primeira devagar, me deleitando com seu sabor super picante. Devorei as demais em poucos minutos. Mel tentou me roubar uma, mas cravei sua mão com o garfo.

Os homens que havia ao redor da mesa me aclamaram.

—Pode ser que já tenha comido bastante. — disse Kera sorridente— Tem molho ao redor dos lábios.

Ruborizando, limpei a boca com um guardanapo. Um homem escolheu esse momento para sentar-se a meu lado.

—Como se chama? —perguntou. Dei -lhe uma olhada.

—Pode me chamar Alteza. —respondi— Ou Imperatriz da Beleza.

Ele soltou uma risada. Mas eu falava sério.

—Eu gosto das mulheres com bom apetite. — se inclinou para mim, simulando que não me ouvia pelo volume da música— Sua maneira de comer essas asinhas, põe-me a cem. Não ira correr ao banho para vomitar, não? Algumas mulheres fazem isso.

Estudei seu rosto e franzi o cenho. Era bonito, com cabelo castanho e grandes olhos marrons. Era um pouco maior que o resto da gente que havia no bar e isso clamava *“crise dos 40”*. Suspica, olhei sua mão esquerda. Seus dedos rodeavam uma jarra de cerveja, como esperava, o quarto dedo luzia uma marca branca deixada por um anel, *“símbolo de compromisso eterno”*. Ou acabava de divorciar-se, ou se tinha tirado o anel para passar a noite.

Minha Tigresa interior despertou com um rugido, me exigindo que arrancasse o estômago e o oferecesse às mulheres que havia à mesa. Tornou-se malvada e isso eu gostei.

—Onde estava? —murmurei-lhe.

“Crise 40” me ouviu e supôs que falava com ele.

—Te esperando , querida.

—É casado? —perguntei inocentemente.

—Nunca vez quis dar esse passo. — teve o valor de dizer, me olhando aos olhos—



Suponho que não encontrei à mulher apropriada. — deu a sua voz o tom mais grave e sedutor que pôde— E você?

—Eu tampouco encontrei à mulher apropriada.

Ele piscou, mas logo esboçou um sorriso.

—Você gosta das mulheres? Bom, não se preocupe. Sou de mente aberta. Estou a favor da igualdade.

—Não vou dormir com você. — espetei.

—Não, não o fará. — disse uma voz profunda e familiar. Girei-me em meu assento com os olhos muito abertos e o coração desbocado.

—Royce. — disse Colin com alívio— Já era hora.

—Se quer seguir vivo, — Royce cravou os olhos em *“Crise 40”*,— sugiro que desapareça.

“Crise 40” empalideceu e partiu rapidamente.

Royce estava ali. Uma mescla de assombro e prazer invadiu cada célula de meu corpo. Richard nunca tinha voltado para casa antes do previsto, nunca tinha atuado como se me sentisse falta de.

—O que faz aqui? —levantei-me, com os joelhos trementes— Por que não está na Florida?

Rodeou minha cintura com um braço, tão forte e quente como eu o recordava, e me beijou na têmpora.

—Voltei antes do tempo. Colin me chamou para me dizer que viriam aqui. Como eu adoro a música, —acrescentou secamente— decidi vir também.

—A música, hum. — mordi o lábio, desejando cravá-lo para que admitisse algo mais. Não pude evitá-lo. Adorava sua doçura e nesse momento o desejava mais que nunca— Isso é tudo?

—Pode ser que a verdadeira e razão seja que eu sentisse sua falta diariamente, especificamente à noite. — seus olhos cintilaram fogo e paixão.

—Como foi sua viagem? —aproximei-me mais a ele e inalei seu aroma a sândalo.

—Chata. Como já disse, senti sua falta. — esfregou o nariz contra minha bochecha. Senti um calafrio delicioso.

—Não terá casado nem nada disso, verdade?

—Pensei em você cada segundo de cada dia, e acabei saindo de uma sala cheia de compradores em metade de uma reunião. O que você acha?

Deus desejava-o. Coloquei as pontas dos pés e passei um dedo por sua bochecha. Ele



tragou ar.

—Adorável. — disse Kera.

—Façam em cima da mesa. Prometo que não vou olhar. — colaborou Mel.

—Vamos dançar. — sugeriu Royce, rindo.

Levou-me para a abarrotada pista. Colin também tirou o Mel a dançar e não vi que ela protestasse.

Soava uma canção de ritmo rápido, mas Royce me apertou contra ele e começamos a dançar lentamente. Eu adorava estar em seus braços.

—Fico feliz que tenha vindo. — admiti.

Ele me afastou o cabelo da frente e senti outro delicioso calafrio de pés a cabeça.

—Acredito que é a primeira vez que admite qualquer tipo de afeto por mim.

—É, bom. Não se acostume.

—Você me deixa louco, vestida de verde. — deslizou os dedos desde meu ombro até a curva de minha cintura e seguiu até o desço de meu ultra mini vestido— O único que eu gosto mais é que não leve nada.

Olhei seus gloriosos e quentes olhos azuis. Esse homem me estava rasgando por dentro, mas não podia me afastar dele.

—O que vou fazer contigo, Royce? —sussurrei.

—Me amar. Confiar em mim.

Seus braços se apertaram a meu redor.

Neguei quase com violência. Meu estômago se contraiu com tanta força que emiti um gemido. Fiquei imóvel e começou a me arder a pele.

—Acredito que vou vomitar. — disse, apertando a mão contra meu estômago para conter outro espasmo.

—O que eu disse não foi tão horrível.

—Não, sério. Acredito que vou vomitar. — respondi. Depois me inclinei e cobri seus caros sapatos italianos de asinhas desossadas com molho.

Um assobio estrondoso e insuportável penetrou na escuridão de minha mente, e não era o de meu PDA.



Não tinha bebido álcool, mas me sentia como se tivesse uma insuportável ressaca.

O timbre continuou brocando meus ouvidos.

Maldito telefone. Estendi a mão às cegas, com a intenção de lançá-lo contra a parede, mas não encontrei nada mais que ar. Para quando me incorporei, o assobio se acabou. Com um suspiro, voltei a apoiar a cabeça no travesseiro.

Deus doía-me o cérebro. E ainda tinha o estômago revoltado.

—Morte por asinhas. — balbuciei. Tinha passado grande parte da noite dobrada sobre o inodoro, vomitando. Tinha desejado morrer, mas em algum momento decidi fazer provisão de coragem e seguir adiante. Começava a pensar que tinha sido a decisão errônea.

Começou outro turno de timbres.

Saltei da cama para me liberar do infernal ruído e tropecei com os lençóis e caí ao chão. Devia ser outro repórter do Tattler. Tinham estado chamando toda a noite, enquanto eu vomitava, para perguntar por minha “suposta” relação com o Royce, quando foram nascer os trigêmeos e se tínhamos fixado data para o casamento. Não tinha falado com eles, mas tinha ouvido suas perguntas pela secretária eletrônica.

Estava farta. ia dizer a quem fora que apodrecesse no inferno. No chão, agarrei o receptor.

—Olá. — minha voz soou áspera e rouca.

—Naomi, querida? É você?

—Sim, sou eu. — era minha mãe. Isso incrementou minhas vontades de acabar contudo—. Apenas.

—Esta doente?

—Estou.

—OH, céus. Pensei que mentia quando disse que se encontrava mal em minha casa, mas dizia a verdade e agora está pior. Isso me converte na pior mãe do mundo por não haver...

—Estava mentindo. —interrompi— Agora sim me encontro um pouco mal.

—Bom. Então não te entretereirei. Só quero me desafogar um pouco antes de estalar. Agora que sabe da Rachel, Jonathan quer que a conheça. Já te direi onde e quando. E... decidi que estávamos equivocadas, que Jonathan não é a classe de homem que me enganaria.

—Mamãe, isso...

—Não, não. É um homem honesto. E muito doce. Ontem me deu de presente flores e passamos uma romântica velada juntos, jantar, veio, e tudo.



Certamente a noite romântica se devia aos remorsos do Jonathan. Por que não o via minha mãe? Senti outro embrulho no estômago e gemi.

—Vê o que me faz esse tipo de conversa, mamãe? Me dá vontade de vomitar.

—Quer que vá cuidar de você? Levarei sopa. Acredito que tenho uma lata de sopa de frango. E se não, seguro que tem que tomate.

—Ai, Deus. — pus a mão na boca— Tenta me assassinar? Nada de sopa. Não volte a mencionar a sopa. Estou bem. A gente não morre de uma intoxicação alimentar.

—Claro que sim. —afirmou ela— Todo o tempo.

—Obrigado, mama. É justo o que precisava ouvir.

—Está certa de que não quer que vá?

—Muito certa.

—Então te deixarei descansar.

—Espera. Sei que quer pensar o melhor do Jonathan. Eu também. Mas também queria pensar o melhor do Richard.

—Não é o mesmo. Não são o mesmo homem.

—Aí é onde se equivoca. Sim são o mesmo homem. Todos os homens são o mesmo. — exceto Royce. Possivelmente— Não se lembra de papai? Só era uma menina, mas lembrança as noites que chegava tarde e a suas “*sócias de trabalho*” —em troca, minha mãe, tinha simulado não dar-se conta— E viu como eu desculpava a meu marido. Viu como sofri, por que te expõe a passar pelo mesmo?

—Não temos provas. — disse ela à defensiva.

—Vi-o. Vi-o com uma mulher.

Seguiu um silêncio. Um gemido. Um soluço.

—Quem? O que faziam? Que aspecto tinha?

Passei-me a mão pela cara. Não era bom momento para ter essa conversa, mas era inevitável.

—Era Nora Hallsbrook, sua secretária.

—O que fizeram? —perguntou ela.

—Falaram e cheiraram azeites perfumados.

—Isso é tudo? Nada sexual?

—Não. Esta vez não, mas...

—Aí o tem. — interrompeu minha mãe com alívio— Não está deitando-se com ela.



Estavam trabalhando.

—Em sua casa? Com azeite de massagem?

—Não se deitam. — insistiu ela com desespero.

—Mamãe...

—Tenho que ir, querida. — pendurou.

Movi a cabeça. Por que se empenhavam as mulheres apaixonadas em desculpar a seus maridos? Inclusive as que já tinham sofrido enganos antes, como minha mãe.

—Sua mãe me recorda à minha.

Girei em redondo. Um engano, porque meu estômago voltou a contrair-se.

—O que está fazendo aqui? —gemi.

—Não podia te deixar assim. —disse Royce— Tentei tirar o som ao telefone, mas o aparelho resistiu. É tão teimoso como sua proprietária. E não quis responder e dar mais munição ao Tattler. Vêem, ajudarei-te a voltar para a cama.

Aproximou-se e me rodeou com seus braços. Ficou para cuidar de mim. Só os homens dos filmes faziam isso. Richard se teria ido embora, alegando que não podia permitir-se que se contagiasse o que fora. Nesse momento me inundei ainda mais no feitiço do Royce.

Aventura sem sentimentos. Pelo visto nunca ia conseguir ter uma dessas.

Capítulo 16

Quando lhe amarram as patas, emocionalmente falando, limpe na pele de seu oponente. Isso demonstra seu poder absoluto, ao mesmo tempo em que intimida, e quanto mais intimidado esteja seu oponente, menos possibilidades tem, que volte a te atacar.

Royce cuidou de mim toda a manhã. Fazendo chá, me segurando o cabelo quando fazia falta, ou seja, quando vomitava, e me tampando com as mantas quando me deitava. Apesar de minha humilhação e de que me encontrava fatal, adorei cada minuto. Ele era muitíssimo mais do que tinha imaginado. Mais maravilhoso, mais entregue, mais bondoso.

Essa manhã, quase pareciam um casal de velhos. Isso deveria me haver provocado náuseas, mas não foi assim. Eu gostava que tomou banho em minha casa. Eu gostava que tivesse lavado ali sua roupa, embora fora para livrar-se das manchas e aromas que eu tinha causado.



Sua roupa estava na secadora, assim andava pela casa com uma sedutora cueca preta. Perguntei se uma intoxicação provocava febre, porque eu começava a arder cada vez que o olhava. Tinha o estômago como uma tabela de engomar, a pele moréia e suave. As pernas largas e esbeltas.

Tinha-o visto desnudo antes, mas com o sexo dominando minha mente. Agora que não tinha energias para saltar sobre ele, podia apreciá-lo como uma obra de arte. E o fiz. Era força fluída e pura virilidade.

Aproximo-se da cama e me olhou com ternura. O cabelo preto lhe caía sobre a frente, alvoroçado.

—Necessita algo?

—Não iria mal um pouco de companhia. — disse.

Ele curvou os lábios com expressão satisfeita.

—Encontrei seu PDA debaixo de um montão de revistas que, por certo, têm uns testes sobre relações muito interessantes. Deveria lê-los. Deixei o PDA na mesa da cozinha. À vista.

—É muito bom comigo. — respondi secamente.

—Poderíamos interpretar esta enfermidade como um sinal, sabe?

—Do que chegou a hora de minha morte?

—De que está grávida. — disse ele rindo.

—Nenhuma palavra mais sobre esse tema. — eu respondi— Não necessito me estressar com isso agora.

—Tão terrível seria? —perguntou ele.

—Não vou responder sua pergunta. — porque se dizia que sim, estaria mentindo. E não queria dizer que não.

Isso nos levaria a outra conversa muito distinta.

Suspirando, sentou-se. Isso me permitiu ver minha imagem no espelho da penteadeira. Gritei, horrorizada.

—Pareço um monstro horrível. — tinha o cabelo revoltado e enredado. Manchas negras de máscara rodeavam meus olhos— Tem que ir. —disse ao Royce— Vá agora mesmo.

—Não se preocupe. —riu ele— Não vou vender suas fotos ao Tattler.

—Sério, tem que ir. — o mundo inteiro poderia me ver assim, exceto Royce. Qualquer menos Royce.

—Naomi, querida, vomitou em cima de mim. Acredito que é um pouco tarde para



preocupar-se por seu aspecto.

Quase pedi a Deus que me permitisse ser uma das almas afortunadas que morressem de intoxicação alimentar. Tampei-me o rosto com os lençóis.

—Estou muito feia.

Ele tirou o lençol e pôs a mão sob meu queixo.

—Tem aspecto de que necessita de mim, e acredita que essa é uma das coisas mais belas que vi em minha vida.

OH. Inclinei a cabeça e comecei a me derreter.

—Comprei um presente na Florida para você. Mas terá que vir a minha casa se quer abri-lo.

De maneira nenhuma iria a sua casa. Era muito pessoal. Muito... tentador. E se decidia que não queria partir dali alguma vez?

Mas...

—Um presente? Para mim? —atravessou-me um raio de calidez. Como a qualquer pessoa normal, eu adorava receber presentes— O que é? Um colar? Uma bola de cristal com neve? Seria um anel?

—Não vou dizer isso Terá que vir para vê-lo. — pôs a mão em meu estômago e o acaricio brandamente— Encontrei seu livro da Tigresa. É bastante curioso. A verdade é que me parece que já liberou à tua.

Fechei os olhos e saboreei a sensação do ter perto, me tocando. Me adulando. Desfrutei, sem mais.

—O que te faz pensar isso?

—É forte. Não aceita tolices. Estou disposto a admitir que me deixou feito um farrapo sangrem mais de uma vez. Duvido que permita que não valorize como você merece.

Senti uma paz sublime. Tinha passado toda a noite despertando com náuseas ou com o ruído do telefone. A voz do Royce parecia afastar-se e voltar. Pareceu-me ouvir dizer: *“Inclusive as tigresas têm companheiro”*. Depois dormi profundamente.

Não sabia quantas horas tinham passado. Mas sim que Royce tinha cuidado mais de um dia e que meu telefone voltava a soar. E também o PDA, que estava sobre a mesinha. Onde estava Royce? Desorientada, mas já sem dores, elevei o auricular.

—Olá.



—A senhorita Delacroix, por favor. — disse uma doce voz feminina.

—Sou eu. — esfreguei os olhos para despertar.

—Sou Hannah Carroll, da Aviação Powell.

—Quem?

—A ajudante do senhor Powell.

—Sim? —compreendi que se tratava de Elvira.

—Telefone para saber como se encontra. — disse.

Olhei o relógio da mesinha. Eram nove da manhã. Pisquei confusa. Tinha passado dormindo todo o fim de semana. Já não era domingo.

Era segunda-feira, o dia do café da manhã com as gêmeas. Por desgrça, já era muito tarde, tinha perdido isso.

—Encontro-me bem. — respondi. Tinha o estômago vazio e me sentia algo fraco, mas nada mais.

—Alegra-me ouvir isso. — seu tom amável se transformou em um de desdém— Dado que está melhor, tenho ordens de confirmar sua entrevista com o senhor Powell hoje às dez e meia. Entretanto, se encontrar mal, minhas ordens são dizer que fique em casa. — soou esperançada nessa última frase.

—Engana-se. —respondi— Hoje não estou acamada.

—É você quem se engana. De fato, esta vez está apontada em meu livro de entrevistas.

—Mas, Royce não está aqui, em minha casa? —olhei a meu redor, buscando-o. Só ficava dele um leve rastro de aroma de sândalo.

—Não, não está em sua casa. —grunhiu Elvira— Está aqui, no escritório. Onde deve estar.

—Bem por ele. Adeus, senhorita Carroll. — me inclinei para pendurar o telefone, mas seu grito de frustração me deteve— O que passa agora? —perguntei.

—Como o senhor Powell acaba de retornar de viagem, sua agenda está bastante apertada. Não posso trocar a hora da entrevista. E insisti em vê-la hoje caso se encontrasse melhor. — acrescentou a contra gosto.

Sentei-me e apoiei os cotovelos nos joelhos. A idéia de ver o Royce me esquentava o sangue. Suspirei.

—Ali estarei. — respondi.

Não tinha muito tempo para me preparar e queria estar perfeita. Precisava estar perfeita, para compensar o aspecto horrível dos dias anteriores. Se não conseguia apagar essa minha



imagem da mente do Royce, mais me valia pôr fim à relação.

Desliguei, saí da cama e fui à ducha. A água fumegante caiu sobre mim como uma cascata, me liberando de todo resto de mal-estar. Escovei-me os dentes três vezes e me enxagüei a boca com um enchaguante bucal de hortelã durante dois minutos, tinha que aniquilar a todos os micróbios.

Maquiei-me, escovei-me o cabelo até que brilhou como uma estrela e me pus um vestido vermelho escuro que se pegava a minhas curvas e caía justo por debaixo dos joelhos. Não muito profissional, mas decididamente sexy. Decidi não iria colocar sutiã.

Sem dúvida, uma mulher sem sutiã apagaria a lembrança desse repugnante monstro que vomitava.

Mas como não queria que todo o resto de Aviação Powell me olhasse o peito, coloquei uma jaqueta. Olhei-me ao espelho e sorri satisfeita.

Estava lista para ver o Royce Powell.

De algum jeito, e só Deus sabia como, consegui chegar a Aviação Powell com dez minutos de antecipação.

Elvira fez uma careta ao me ver. Imaculada, depois de seu escritório, fria e dura como uma pedra. Parecia jogar fumaça de... ciúmes?

OH, OH. Queria ao Royce para ela. Não sei como não me tinha dado conta antes. Talvez porque não parecia uma mulher que tivesse hormônios. Nem sangue. Nem coração. Ainda assim, devia me ver como uma ameaça.

Não pude evitar me perguntar se Royce e ela teriam tido uma relação. Se tivesse sido assim... não sabia o que faria. Royce e eu nos tínhamos deitado juntos, sim, e me tinha pedido que me casasse com ele. Mas o tinha rechaçado, assim não podia lhe exigir que me despedisse de seu assistente e contratasse a uma velha gorda que cheirasse a naftalina e queijo. Ou, melhor ainda, um velho gordo, que cheirasse a isso mesmo.

Ainda assim, sabia o que era desejar a atenção de um homem a quem não podia conseguir, a prova está em qualquer de minhas referências ao Richard o Bastardo.

“Sei ser agradável, sei ser agradável, agradável”. Passei ante ela com um sorriso educado, caminho ao escritório.

—Bom dia, boa mulher. — saudei com um sorriso educado, e passei ante ela.

Me olhou atônita, mas não tentou me deter. Não bati na porta do Royce, entrei



diretamente.

Ele levantou o olhar de uns papéis e nossos olhos se encontraram. Azul contra cinza. Agradar contra prazer. Ofereceu-me um sorriso cálido e sexy.

—Me alegro que tenha podido vir.

Tinha bom aspecto. Muito, muito bom. Em vez de pele e cueca, levava um traje, sem gravata.

O botão do pescoço desabotoado e o cabelo, negro e sedoso, revoltado como se acabasse de sair da cama.

—Como se sente? —recostou-se na poltrona.

—Muito melhor. Obrigada por cuidar de mim.

—Foi um prazer.

Prazer... sim, prazer. Eu necessitava mais e ao olhá-lo meus desejos despertaram. Me endureceram os mamilos e salivei. Precisava estar com esse homem outra vez, e logo.

Queria o Royce em minha vida. Já tinha me prometido que o seduziria, mas nesse momento admitia que, queria uma relação sexual exclusiva.

Quanto mais longa, melhor.

—Meu Deus. —disse ele de repente.

—O que? —automaticamente, dava um passo atrás.

—Seu vestido.

—Você gosta? —fixou-se. Sorri. Girei e o desço do vestido revooou ao redor de minhas pernas.

—Querida. — disse com um delicioso acento texano— Acredito que nunca tinha visto nada tão bonito. —ficou de pé e apoiou as mãos no escritório— Esta me deixando louco. Sabe disso não é?

—Fico feliz.

—Feliz? —perguntou incrédulo— Deveria me pedir desculpas. Deixei uma reunião para voltar a te ver. Penso em você todo o tempo. Sonho contigo.

—Bom... —lambi os lábios e me armei de valor— você também me deixa louca. E minha desculpa?

—Estou disposto a te dar o que quiser, querida. Deus, espero que me peça algo mais que uma desculpa.

—Concordo. Tenho uma pergunta e eu gostaria de uma resposta honesta. — disse,



sentando. Pus a maleta a meus pés e as mãos sobre o colo— Você teve alguma coisa com a Elvira?

—Do que está falando? —olhou-me, confuso.

—Sua secretária. Dormiu alguma vez com ela?

—Com a Hannah? Deus, não.

Sua intensa surpresa indicava que dizia a verdade e eu respirei mais tranqüila.

—Sei que não é meu assunto, mas...

—Claro que é teu assunto. Igual a qualquer outro homem que houvesse em sua vida seria meu assunto. — fez uma pausa e, ao comprovar que não o contradizia, seguiu— Não há outros homens, verdade?

—Não, claro que não. Com muita dificuldade tolero a você.

Ele soprou e voltou a sentar-se. Antes que a conversa se desviasse para anéis, flores ou bebês, troquei de tema. Já tinha a informação que queria.

—Marcou uma reunião hoje par me dar o meu presente?

—Não. —sorriu lentamente— Já te disse que para isso teria que vir a minha casa.

—Então estou aqui por trabalho. —deixei cair os ombros— Bem, sei que está ocupado assim vamos ao trabalho —tirei duas folhas de minha maleta e as dava— Como vê, recortei as coisas que tem que me reembolsar e incluo uma lista de estabelecimentos que solicitam um depósito inicial. Para a primeira lista necessito dinheiro vivo. Para a segunda pode ser cheques assinados.

Sem protestar, abriu sua carteira e me deu todos os bilhetes verdes que havia dentro.

—Isto são oitocentos dólares. Mais do que pede em sua lista, mas nunca se sabe se algo custará mais do previsto inicialmente.

Esse doce e adorável homem confiava no uso que faria de seu dinheiro.

—Como viu, preciso fazer um primeiro pagamento à encarregada do bufe quando antes, para reservar a data. Entretanto, não posso fazer isso até que tenha decidido um local. E isso me leva ao segundo ponto. Lugar. Já o escolheu? O convite de amostra está impressa e lista para sua aprovação —tirei o convite de uma caderneta que levava na bolsa— Só falta a direção.

Ele aceitou a amostra e inspecionou os tons Borgonha e as letras douradas.

—É muito boa. A minha mãe também gostará. —disse, sabendo que ia perguntar o— Quanto ao local, ainda não sei.

—Por que não? — levantei , temendo o que diria a seguir.

—Quero visitar uma cabana em Oklahoma.



—Impossível. É muito tarde.

—Saímos em quatro dias. Já o organizei.

—Mas... mas...

—Não se preocupe. Vamos nos divertir.

—Não voltarei a voar. Ganhei a aposta em Avermelhado e jurou que não teria que voltar a subir a um avião. Correto?

—Sim. Correto.

—Então não tenho que ir ao Oklahoma. Não pode me obrigar.

Seus lábios se curvaram com outro sorriso lento e malvado, de puro prazer.

—Posso te obrigar. Iremos de carro. É uma viagem de três horas, querida.

Cruzei os braços sobre o peito. Não queria ir a uma cabana primitiva e carente de luxos. Seria mais difícil ser devastadoramente sexy.

—Minha resposta segue sendo não.

—Temo-me que não tem opção. Eu te pago o triplo de sua tarifa, Lembra?

—Nego-me a ir. Entendeu?

—Fantástico. Tenta estar livre na sexta-feira às três.

Capítulo 17

Uma desculpa é como um palavrão para uma Tigresa. Admitir uma culpa implica uma atuação equivocada. Uma Tigresa nunca se equivoca.

Dediquei várias manhãs a comprar centros de mesa. Finalmente encontrei uns “*abajures mágicas*” reluzentes e espetaculares. Comprei bolsas de gemas falsas para as colocar ao redor dos abajures.

A meio-dia, esperava ante o escritório do Jonathan e o seguia durante a hora do almoço. Nora e ele só almoçaram juntos uma vez, e não fizeram nada sexual, nem sequer dar-se UH beijo. Não sabia se queria retorcer o cangote por isso, ou lhe dar um abraço. Já não sabia se enganava a minha mãe ou não.

Mas por que mentia, se era inocente?

Tinha tentado escutar suas conversas com a Nora, mas nunca tinha podido me aproximar



bastante.

na quarta-feira pela tarde segui o Jonathan a um parque próximo. Reuniu-se com sua filha, Raquel, e com sua neta. Reconheci-as pela foto que tinha encontrado. Os três jogaram, conversaram e riram, como uma família feliz. Mas vê-los juntos me entristeceu. Eu nunca tinha tido isso com meu pai verdadeiro. Tinha vivido e falecido sendo um bastardo. Em realidade tampouco o tinha tido com o Jonathan porque, embora o quera, sempre tinha mantido certa distância.

Ao dia seguinte conheci a Rachel em pessoa em outro parque. Enquanto Jonathan esperava sentado em um banco, em silêncio, por uma vez em sua vida, tomamos a medida.

—Bom. — respondi, olhando-a. Tinha o cabelo escuro e olhos, verde esmeralda. Era bonita e tradicional. A filha com a que soavam os pais. Horror— Como se conheceram sua mãe e Jonathan?

—Foram juntos ao colégio. —disse Rachel, tensa.

—E alguma vez te falou dele?

—Não. — soou defensiva. Tive a impressão de que o encontro a fazia tão “feliz” como a mim— Mas agora estamos juntos, isso é o que importa.

—Fico muito feliz por você. — respondi. E tentei que soasse a verdade, quando em realidade queria dizer: “*é meu!*”. Em certo modo. Suponho.

—Minha mãe morreu faz uns meses e me deixou uma nota sobre ele — mordeu o lábio e desviou o olhar—. O busquei e já conhece o resto.

—Sinto sua perda. — me abrandou saber que acabava de perder a um ser querido.

—Obrigada. — ela também se abrandou.

—Suponho que isto significa que agora somos irmãs. — nossos olhos se encontraram. A verdade, sempre tinha desejado ter uma irmã. Alguém com quem falar e rir. Uma companheira de jogos.

—Sempre desejei ter uma irmã. — disse ela com saudade, refletindo meus pensamentos. Sorri. E não fez falta mais.

Depois disso pudemos relaxamos e falar de verdade. Passamos mais de uma hora juntas, falando de nossas preferências culinárias, dos homens de nossas vidas, ela era mãe solteira, e das sessões de terapia do Jonathan. Prometemo-nos seguir em contato. Jonathan não deixou de sorrir em todo esse tempo. Parti do parque com o coração ligeiro e a sensação de que tinha feito uma amiga.



Passei todas as tardes dessa semana falando por telefone com o Royce, acariciando meu PDA como se fora meu brinquedo favorito. Não o pedi, nem ele a mim, mas desejava que viesse a casa. Necessitava que viesse. Mas todas as conversas eram iguais.

Eu: Acredito que nos viria bem um pouco de sexo.

Royce: Má idéia.

Eu: por que?

Royce: Quero algo mais que sexo de ti.

Eu: Adeus, recatado e pacato bastardo.

Tínhamos trocado os papéis. Ele era a mulher *“Espera-a-que-nos-casemos”* e eu o homem *“Te vejo-la-na-cama”*. Essa manhã, enquanto tomava uma ducha quente, compreendi que meu único recurso era convencer o de que fora meu *“noivo”*, me senti como uma adolescente só de pensar. Provaríamos isso, para ver como iria. Não era casamento, mas se aproximava. Isso era o que ele queria, em certo modo, e eu não era tão egoísta, isso esperava, como para não tentá-lo ao menos. Se falávamos por telefone todos os dias, por que não passar as férias juntos? Por que não ter encontros românticos?

Praticaríamos montões de sexo alucinante e exclusivo. Não diria que o amava nem nada disso, mas tentaria me comportar como uma noiva de verdade.

A sexta-feira chegou muito rápido, mas não o bastante.

—Está seguro de que não quer sexo comigo? —perguntei, enquanto sulcávamos a auto-estrada em outro dos carros do Royce, um luxuoso Jaguar Azul escuro— Poderíamos estacionar e fazer agora mesmo. Estou disposta.

Ele me lançou um olhar ardente que se cravou em minhas coxas nuas. Estava com uma saia rosa curta que tinha pedido emprestada de Mel, sabendo que subiria cada vez que me sentasse. Tinha meus truques.

—Quero fazer amor com você. —sua voz soou áspera— Acredite, estou a ponto de me consumir.

—Mas, todos os dias me diz que não. — era impossível soar mais chorosa— E não tentou me tocar em toda a semana.

—Recorda o que te disse antes de ir a Florida? E o que te disse por telefone? É sério. Nada de sexo até que não haja compromisso.

—Serei sua noiva, certo, e você meu noivo. — grunhi— Isso é um compromisso.



Seguiu um comprido silencio. Ele tinha a vista na estrada, mas notei que suas mãos aferravam o volante.

—O que me diz de ser minha esposa?

—Cada coisa ao seu tempo. Noiva é o que posso te oferecer de momento.

—Parece-me justo. — suspirou, mas foi um suspiro feliz. Pôs uma mão sobre a minha— É um grande passo para você. Sei que não queria outra relação.

Era um passo tão grande que me custava acreditar havê-lo dito em voz alta.

—Deveríamos fazer algumas normas básicas.

—Nada de normas.

—Mas...

—Nada de normas.

—Mas...

—As normas são para os militares e os meninos maus. A única restrição necessária é a fidelidade. Nada de sair com outras pessoas.

Ouvir dizer isso me temperou, por dentro e por fora.

—Nada de me pedir minha mão em casamento, e nada de pedir a meu padrasto.

—Isso soa como norma. — disse, com meio sorriso.

—Você colocou uma norma, assim que eu também.

—Parece-me justo. — repetiu ele.

—Então, suponho que somos um casal.

—O entusiasmo de sua voz me inspira. Certamente. — disse ele com voz seca. Mas seus olhos faiscaram com uma mescla de malícia, felicidade e paixão.

Virei para ele. O sol criava um halo a seu redor e me fechou a garganta de repente.

—Assim depois me fará tremer de prazer. Correto?

—Não. — ele moveu a cabeça com pena e suspirou— O sinto muito.

—Não? Não! O que quer dizer com não? Já te disse que serei sua noiva.

—Quero me reservar para o casamento.

—Que trapaceiro! —ensinei os dentes— Retiro tudo o que disse. Não sou sua noiva. Sou sua pior inimizada.

—Não pode retirá-lo. — apertou os lábios, esses lábios deliciosos e traidores, para não rir— Assim me respeitará mais.

Semicerrei os olhos. Bem. Se queria jogar, eu também jogaria, mas sujo. Quando



chegássemos à cabana o seduziria. Decidir levar a relação a outro nível tinha sido um passo enorme para mim, e esperava... , não, *“merecia”* uma recompensa.

“Espera e verá, Royce Powell”.

Uma hora depois, quando chegávamos a nosso destino, tinha minha estratégia planejada. Luzir a pele, dizer coisas malvadamente sexys e tentá-lo a menor oportunidade. Já veríamos quem se rendia antes.

A cabana apareceu diante nossa vista. Era pequena e acolhedora, frente a um lago de água cristalina. Quando o carro parou, abri a porta e saltei fora.

—Deixa suas coisas. —disse ele, quando me viu ir ao porta-malas— Eu me ocuparei disso.

Ser noiva tinha certas vantagens. Afastei-me, bamboleando os quadris com descaramento. El ire era fresco e limpo, cheirava a pinheiro e ao verão. As árvores se balançavam na brisa. Quando cheguei à porta, girei o pomo e me surpreendeu que se abrisse. Entrei e dei um gritinho.

A cabana era incrível sensual, perfeita, o sonho mais erótico de uma mulher. Na sala principal havia uma enorme banheira, já cheio, a um par de metros da chaminé. A parede de trás era um enorme parte de vidro com vista ao lago.

Que lugar perfeito para ver o pôr-do-sol.

Perfeito para relaxar-se.

Era simplesmente... perfeito. Sorri lentamente. Royce seria incapaz de resistir. Esperar o casamento? Isso, terei que vê-lo.

—O que te parece?

Dei a volta. Royce estava na entrada com minha bolsa em uma mão e a sua na outra.

—Eu adorei. É como um paraíso escondido. Não serviria para a festa, claro, mas eu adoro.

—Já sabe que não serviria? —elevou uma sobrancelha.

—Crê de verdade que poderia colocar as trezentas pessoas aqui?

—Posso reduzir o número de convidados se fizer falta. Já tivemos esta conversa antes.

—Dei uma olhada. —grunhi eu.

—Bem. Eu prepararei o almoço. —desapareceu depois de uma porta.

—Sim, senhor. — tirei o metro da bolsa e comecei a trabalhar. Medindo ao cômodo saberia quantas pessoas e quantos motivos decorativos cabiam ali.

Meia hora depois tinha uma lista feita. Mas em vez de planejar a festa, tinha pontudo cada cato, oco e cômodo onde queria praticar o sexo com o Royce.



Fui à cozinha iniciar minha sedução.

Sem que ele me visse, pus a um lado e o observei. Vi como seus músculos se esticavam quando tirava os pratos do armário. Como se chupava o lábio superior quando estava concentrado. Captei um aroma rico e apetecedor e meu estômago rugiu.

Royce colocou uma bandeja sobre a mesa.

—Você tem feito lasanha? —perguntei incrédula.

—Brincou? —me olhou de esguelha— Não queria que tivesse outra intoxicação. — Contratei a alguém para que viesse antes. Encheu a geladeira, ocupou-se da banheira e todas essas coisas.

Dava-me igual quem tivesse guisado, se podia comer o resultado. Meu estômago rugiu de novo.

—Esta com fome?

—Muitíssima. — em dez minutos, tinha comido minha comida de lasanha e bebido quatro copos de suco. Royce logo que havia tocado sua comida.

—Noto sua pressa a comer. —disse— Quando acabar podemos nos despir. —ronronei a última palavra.

—Não, obrigado. — se concentrou em seu prato.

Todo ele, desde seu aspecto a sua forma de mover-se, prometia prazer, e eu pensava cobrar o prêmio.

Quando acabou de comer, levantou-se e levou os pratos à pia. Logo voltou, agarrou minhas mãos e me obrigou a me levantar.

—Vêem. — me levou para a porta— Vamos para fora. Há um balanço no alpendre atrás da casa.

—Não, vamos ficar aqui dentro. — cravei os pés no estu chão — Prefiro a banheira. Eu adorarei sentir as borbulhas na pele.

—Não trouxe traje de banho.

—Eu tampouco. — passei a língua pelos lábios. Ele se separou de mim como se o tivesse queimado.

—É, acredito que me jogarei uma cama. — simulou um bocejo— Conduzir me cansou muito.

—Não seja infantil. Somos adultos e podemos estar juntos na água sem que haja nada sexual. — se ele acreditava, teria-o dentro de mim em menos de uma hora.



—Como sugere que o façamos? —perguntou.

—Nus, claro.

—Parece-me que não. — cruzou os braços sobre o peito— Não há nada mais sexual que isso. —uma gota de suor rodou por sua têmpora enquanto olhava meus mamilos erguidos. Tragou saliva— Sim, é má idéia.

—Pensei que você gostava do risco. —eu também me cruzei de braços— Agora somos noivos. Podemos estar nus juntos. É aceitável.

—Não.

—Onde está seu sentido da aventura?

—Deixei-o em casa.

—Lha, lha. — estalei a língua e dava um passo para ele— Acredito que está mentindo.

Ele retrocedeu. A viagem tinha sido idéia dela, eu não tinha querido fazê-lo. Parecia que tínhamos diferentes pontos de vista.

—Pare já, Naomi.

—Tem medo de não ser fiel aos seus princípios? —passei um dedo por sua ereção, claramente visível. Esticou-se mais— Se não o for, prometo-te que não te perderei o respeito amanhã.

—Não está jogando limpo. — fechou os olhos.

—Quero que me toque. — respondi— Farei o que faça falta para consegui-lo.

—O que foi que a mulher que se negava a deitar-se comigo? —tinha a boca tensa e se afrouxou o pescoço da camisa com dois dedos.

Atrevida e descarada, apertei-me contra ele. Seios contra peito. Dureza contra brandura.

—Por favor, se banhe comigo, Royce. Estou desejando me colocar nessa água, sentir sua massagem. Não é como se não nos houvéssemos visto nus antes.

—Isso foi distinto. — começava a suar a mares.

—Distinto, em que sentido? —beijei seu queixo.

—Simplesmente foi.

Chiei os dentes e o soltei. A esse passado o cabeça-dura poderia me rechaçar toda a noite. Tinha que provar uma tática distinta.

—Se não gostar de um banho, jogamos algo?

—O que quer jogar? —seus ombros se relaxaram e inclusive esboçou meio sorriso.

—O que acha do strip pôquer?



—Não. — empalideceu e moveu a cabeça.

—E vinte perguntas?

Vi como calculava o perigo sexual potencial desse jogo. Obviamente, e estupidamente, decidi que não seria muito perigoso e aceitou.

—De acordo. Vinte perguntas.

Sorrindo, levei-o a único sofá que havia na cabana. Grande, largo e de couro negro. Ele se sentou em um extremo e eu no outro.

—Começo eu? —sugeri.

Ele assentiu e se recostou. Engatinhei para ele por cima do sofá e me detive uns centímetros.

—Se tiro a roupa, deixaria que eu o lamba de cima abaixo? —sussurrei a seu ouvido.

—Não! —quase saiu disparado do sofá.

O jogo ia ser divertido. Controlei o sorriso.

—Toca-te. Pode me perguntar o que queira.

Ele olhou longamente antes de falar.

—Quanto tempo esteve com seu ex-marido?

—Qual deles?

—Esteve casada mais de uma vez? —gritou.

—Não. — ri — Só queria que perguntasse e fazer desperdiçar uma pergunta. Só estive casada uma vez, durante seis infernais anos.

—Por que... ?

—Não, não, não. —cantarolei— Passou seu turno. Nego-me a responder outra pergunta até que responda uma minha. Esfreguei a bochecha contra seu ombro— Qual é sua maior fantasia erótica?

—Fazer amor com a minha esposa.

Isso apagou meu sorriso, tal e como ele pretendia.

—Saíu com alguém desde seu divórcio.

—Só contigo. Faz calor aqui, não crê? —perguntei, tirando a blusa e mostrando meu sutiã de renda rosa.

—Essa era sua seguinte pergunta?

—Pode ser. —atirei a blusa a um lado.

Royce se removeu no assento e olhou minha roupa.



Ou mas bem a ausência dela.

—Não, não faz calor, faz frio. E isso se supõe que é um sutiã ou uma tira? É tão transparente que vejo seus mamilos. — me acusou.

—Sei.

—Basta de jogos. — quase gritou— Necessito uma taça de vinho. —sem esperar minha resposta se levantou, foi ao bar e se tomou dois copos de uísque seguidos.

Eu adorei ver que lhe tremiam as mãos, como se estivesse a ponto de perder o controle. Fazia com que me sentisse poderosa e sedutora. Algo que só tinha sentido com ele.

—Gostaria desse esse banho? —perguntei-lhe quando voltou para sofá. Olhou-me de cima abaixo e grunhiu.

Passou a mão pelo cabelo.

—Me dê cinco minutos para me trocar. — movendo a cabeça, entrou no dormitório e fechou de uma portada.

Eu me ri baixo. Sem sentir o mais mínimo acanhamento, despi-me e me inundei na água quente e relaxante. Soltei outra risada ao imaginar ao Royce no outro quarto procurando desesperadamente algo que fizesse as funções de traje de banho.

Meu sorriso se esfumou quando abriu a porta. Levava uma toalha branca ao redor da cintura. Era mais provocador que se tivesse saído nu. Emanava força e puro atraente sexual.

Traguei ar. O homem me desejava. Estava duro como uma pedra e era belo como uma escultura.

—Parece tenso. Por que não vem aqui e te darei uma massagem nas costas? —assinalei a água que havia ante mim.

—Não, obrigado. — entrou na água lentamente deixando que a água acariciasse sua pele tal e como eu desejava fazê-lo. Suponho que tinha decidido jogar com tão pouca ética como eu— Estou bem aqui. —relaxou contra o bordo da banheira com os olhos fechados, como se não tivesse uma só preocupação no mundo.

—Então fique aí sentado, pensando nas coisas que poderíamos estar fazendo. Se me ouve gemer, não lhe dê importância. Provavelmente estarei me entregando aos espasmos...

—Maldição, Naomi. —abriu os olhos— Você ganha, eu perco. Vêem aqui.

Vá, vá, vá. Alarguei os olhos sentindo um calafrio de antecipação e vitória. Não tinha esperado que se rendesse tão logo.

Não devi me mover o bastante rápido para ele, porque me agarrou pelos ombros e me



deu a volta, de modo que apoiava as costas em seu peito. Deslizou os dedos pelos extremos de meus peitos e logo avançou para meus mamilos. Mordi-me o lábio inferior.

Lambeu uma gota de água de meu ombro e eu me abrasei com um ardor que não se devia à água.

—Tinha razão. —murmurou— Não posso resistir sabendo que está nua. Que me deseje.

Apoiei a cabeça em seu ombro. Desejava-o com loucura. Ele deu a volta, fazendo que a água se transbordasse pelo bordo da banheira.

—Preciso te ouvir dizer que isto não é só sexo. Preciso te ouvir dizer que é fazer o amor.

—Eu... não —movi a cabeça— Não posso dizer isso. —quanto mais admitisse, mais insistiria ele em que nos casássemos. Sabia, percebia-o.

—É muito cabeça-dura para seu próprio bem, sabia? —disse ele com uma careta de aborrecimento.

—Você também.

—Se passarmos a noite juntos, não prometo que não vá te pedir que se case comigo. —me advertiu.

—Minha resposta não vai mudar. —movi a cabeça e meu cabelo acariciou seu peito e estômago.

—Isso você diz.

—Isso eu sei.

—Trocou de opinião respeito a ser minha noiva.

—Já, bom... — não soube o que dizer. Tinha razão.

Beijou minha mandíbula e nossos peitos se juntaram, rodeados pelo vapor e água. Deslizou uma mão por meu estômago. Seus olhos brilhavam com satisfação e desejo e estou segura de que eram um espelho de meus.

Levantou-me e me colocou sobre seu colo, com minhas pernas rodeando sua cintura.

—Basta de falar. —disse— Me ocorre um uso melhor para nossas línguas.

—Me mostre.

Pôs sua boca na minha e sua língua a invadiu. A minha estava lista para recebê-lo. Tinha sabor de uísque, mas sobre tudo ao Royce, esse sabor masculino próprio, que me voltava louca. Era o que queria, o que necessitava. Estar com ele. Que meus medos e eu nos perdêssemos no prazer que ele podia me dar.

A água se movia a nosso redor, atuando como um estimulante adicional. Apertei as



pernas ao redor de sua cintura e me aproximei mais. Sua ereção roçou meu ponto mais sensível e ambos nos esticamos com súbito prazer.

Percorri seu corpo com as mãos. Cada centímetro de pele. Peito, mamilos, pênis.

—Vai me matar. — resmungou ele, mordiscando meu pescoço, lambendo cada gota de água.

—Seria uma boa forma de morrer, né?

—É minha cryptonita pessoal. —disse ele— Me debilito só estando perto de você.

—Me alegre. — beijei seu pescoço, sem deixar de me esfregar contra ele. Deixei escapar um gemido de prazer.

—Se não fora por seus lábios de quatrocentos dólares a hora, poderia ter resistido, talvez, um ou dois minutos mais.

—Só quatrocentos? —deslizei minha boca até seus mamilos e lambi e risquei círculos com a língua.

—Quatrocentos mil, querida.— pôs as mãos em meu rosto e me obrigou a olhá-lo— Seus lábios valem quatrocentos mil dólares por hora.

Sorri lentamente. Com minhas pernas ainda em sua cintura, ficou em pé. Beijei-o e segui fazendo-o enquanto saía da banheira e ia por volta do quarto de banho. Caímos sobre os lençóis frescos e secos.

Esfregamo-nos e revolvemos o um contra o outro, incrementando nossa excitação.

Depois ele me tombou de costas e pôs a cabeça entre minhas pernas. Lambeu meu interior e quase gritei. Acrescentou seus dedos ao jogo, movendo-os dentro enquanto sua língua se ocupava de meus clitoris. Minhas pernas tremeram do prazer que sentia, estava a ponto de... .

—Preservativo? —disse ele de repente.

—Sim. — respondi rapidamente, embora uma parte de mim desejou dizer que não. Ia manter um bate-papo largo e severo com essa parte quando tivesse tempo.

—Um segundo. — disse ele. Correu para sua bolsa.

—Por que trouxeste preservativos se pretendia esperar até a noite do casamento?

—Conheço minhas limitações. — admitiu ele com um sorriso envergonhado.

—Venha depressa. — urgi eu, ofegante e desejosa.

Ele esteve sobre mim um instante depois, me penetrando até o fundo. Gritei seu nome e arqueei as costas. Estar com ele era um prazer delicioso.

—Posso ser um pouco brusco? —perguntou-me.



—Sou uma Tigresa, lembra?

Ele se retirou e investiu com força. Gemi de êxtase. Repetiu a ação uma e outra vez, me levando mais e mais perto do limite.

—Naomi, Naomi, Naomi. — cantarolava meu nome ao mover-se. Uma prece, ou possivelmente uma maldição.

—Royce. — disse eu. Uma maldição sem dúvida.

Seu ritmo se incrementou e também meu prazer.

Estava ao bordo, tão perto que morreria se não dava o salto logo. De repente, ele se tornou para trás, investiu de novo e golpeou o ponto exato onde o necessitava. O clímax me arrancou em dois. Via estrelas e o sangue me tamborilava nas veias.

Acredito que inclusive abandonei meu corpo um segundo.

Enquanto meus músculos se contraíam ao redor dele, soltou um rugido forte e comprido. Seu corpo se esticou e segurou meus quadris. Voltou a gritar meu nome e essa vez não ficou dúvida de que era uma prece.

Capítulo 18

Se permitir que outro animal adquira poder sobre ti, pouco a pouco voltará para uma vida de cachorrinho dependente. Suas emoções não pertencerão. Suas atividades não serão tuas.

Passou pouco mais de uma semana e utilizei esse tempo para me acostumar a ser noiva de alguém.

Royce vinha a minha casa todas as tardes. Primeiro trabalhávamos nos preparativos da festa. Depois fazíamos o... , bem, dedicávamo-nos ao sexo.

Não me pediu que me casasse com ele, mas cada noite que passava em seus braços, muito feliz, por certo, dava-lhe voltas à idéia. Seguia me provocando suores frios e náuseas. Mas menos que antes.

Eu não era das que se casavam. Royce nunca tinha feito nada que merecesse minha desconfiança, mas ainda assim as dúvidas eram duras de roer. Royce era um homem. Um homem belo e viril desejado por legiões de mulheres de todas as idades. Tinha que me perguntar quanto duraria sua fascinação por mim. Um mês? Dois? Ou até depois do casamento.



Era possível um, *“felizes para sempre?”*. Não sabia. Antes haveria dito que nem em brincadeira. Agora... Mel e Colin estavam saindo juntos, para delícia da Kera. Mel tinha sido incapaz de resistir à aquela noite no clube e já não podiam separar-se.

Durariam eles?

Depois de tomar o café da manhã com as gêmeas me tinha pegado um táxi e ia em direção a Aviação Powell. Royce tinha devotado um de seus carros mas, não o tinha aceito. Tentava me reservar, depender o menos possível dele. Logo me compraria um carro e não necessitaria que me emprestasse um.

Desci do táxi, saí à calçada e tirei os óculos de sol. O sol me deslumbrou um momento. Pisquei e segui andando. O guarda de segurança já me conhecia e me deixava entrar sem perguntas.

Vamos, Elvira, Senhora dos Malditos, estava empacotando seus pertences e um homem alto, magro e muito feminino desempacotava as suas.

Elvira levava um traje preto e o cabelo recolhido no coque habitual. Embora levava mais maquiagem do normal, parecia mais pálida que nunca.

Apertou os lábios ao me ver. Não ficava surpresa que tirasse as unhas como um gato.

—O que acontece? —perguntei.

—Trocaram-me de posto. —disse ela secamente— Como estou segura que planejava.

—Eu vou substituí-la. —disse o homem, borbulhante, enquanto tocava o colar que pendurava de seu pescoço. Tinha as unhas pintadas de rosa. Sorriu e me ofereceu uma mão— Sou Weston Cross. É um prazer conhecê-la. — ficou um dedo nos lábios— É Naomi, verdade?

—Sim.

—Reconheci os lábios.

Enruguei o cenho, confusa. Royce tinha transladado a Elvira e tinha contratado a um homem claramente homossexual. Por mim? Não pude evitar um enorme sorriso. Era um homem adorável, maravilhoso.

—Felpa esse estúpido sorriso de seu rosto. —cuspiu Elvira— Dá igual a tenha ganho esta round. Royce voltará a me trazer quando o idiota Cross, converta tudo em um desastre.

—Olhe Elvira. — disse. Olhou-me atônita— Royce nunca será teu. Se acostume à idéia.

Ela vaiou.

—Chamo segurança para que a escolte até a porta, Elvira? —perguntou Weston.

Amaldiçoando, agarrou sua caixa e saiu do escritório.



—É minha heroína. —disse Weston, sorridente— O senhor Powell me disse que a deixe entrar sem avisá-lo sempre que vir. Assim adiante.

Entrei na sala de Royce quase flutuando.

—Naomi. Que agradável surpresa. — disse Royce sorridente quando me viu.

—Como se não soubesse que ia vir. — respondi cortante— É você quem programou o PDA e o sonoro aviso de que hoje tínhamos uma reunião.

—Bom, me alegro que por fim tenha decidido fazer caso ao aparelho. — seus olhos faiscaram com malícia— Quer beber algo?

—Não, obrigada. — me sentei, tirei minha caderneta e uma caneta e deixei a maleta no chão— Nos estamos ficando sem tempo. Só faltam umas semanas para a festa. Deve escolher um local. Tenho que imprimir os convites já.

—Está escolhido.

—Sério? —elevei a cabeça— Recorda que prometeu que não teria que voar. —lhe disse.

—Não o esqueci. — seu sorriso se ampliou.

—Onde será?

—No hotel Palace.

—Graças a Deus. — disse entre dentes. Tinha organizado festas ali antes, e conhecia muito bem o exótico hotel— Terei que comprovar que o salão de baile não está reservado. Esperamos muito.

—Não se preocupe, já o reservei.

O tom de sua voz fez com que me endireitasse. Cravei os olhos em seu rosto.

—Quando o reservou?

—Isso não importa. — se ruborizou levemente.

—OH, sim. —cruzei de braços— Importa. Quando?

—O dia que nos decidimos pelo tema das mil e uma noites.

Poderia ter me zangado. Deveria me haver zangado. Mas o certo era que me adulava que se incomodasse em preparar essas duas viagens de escapada. Talvez não fosse a reação correta, mas tinha conseguido orgasmos múltiplos em troca, assim, quem era eu para me queixar?

—Merece um castigo. — lhe disse.

—Pois vêm minha casa esta noite e me faça pagar. — disse com um tom sedutor— Te darei seu presente por fim. E enquanto está ali, —acrescentou, me olhando— quero que pense na possibilidade de se mudar.



Tudo em mim gelou. Até então não me tinha pressionado. Uma parte de mim tinha sabido que o faria antes ou depois, que só era questão de tempo.

—Royce...

—Me escute antes. Não estou pedindo que te case comigo. Quando estamos juntos, sou feliz. Quando estamos separados, não. Não me importa ir de um piso ao outro, mas preferiria que vivêssemos juntos.

—É muito cedo.

—Não é muito cedo. Te amo.

Ofeguei. Não, não, não. Não queria voltar a ouvir essas palavras. Ainda não.

—Te amo, Naomi. — repetiu ele.

—Não diga isso. — custava respirar— Não quero ouvi-lo. O amor só complica as coisas.

—Te amo, Naomi. — insistiu— É sério. Acredito que me apaixonei no primeiro dia que te vi. Após não estive com nenhuma mulher. Só contigo. — saiu de trás da mesa e se ajoelhou ante mim— Te amo. —acariciou minha bochecha— Te amo tanto que sofro quando não estou contigo.

Era o mais bonito que tinha ouvido em minha vida, com diferença. E o mais doloroso. Não podia dizer o mesmo. Não podia. Isso implicaria confiar nele por completo, esquecer meus medos, dar um salto perigoso e incerto.

—Royce, não sei o que dizer. — tremeu a voz.

—Me dá uma oportunidade. Diz que pensará em minha oferta.

Limitei-me a assentir.

—Ah, que entusiasmo! —moveu a cabeça e sorriu— Mas me satisfaço por agora. Virá esta noite?

Traguei saliva e assenti. Isso ao menos podia fazê-lo, por mais que me assustasse a idéia.

Gostava de correr para casa, me tampar até a cabeça e não pensar. Nem no Royce, nem em ir viver com ele, nem em suas palavras. Mas não o faria. Já não vivia minha vida dessa maneira.

—Respeito a sua oferta, me dê um pouco de tempo. Certo? Pensarei, prometo isso.

—De acordo. — levou a boca a meu ouvido e sussurrou— Enquanto pensa, quero que recorde como te fiz amor contra a parede em Avermelhado, como te beijei entre as pernas na cabana.

Elevei o queixo. O atirou de meus braços para me levantar e, com um empurrãozinho, levou-me a porta. Logo a fechou em meus narizes.

Todos os músculos de meu corpo se esticaram.



Passei de um estado de conflito a um de tensão sexual e a um de frustração em questão de segundos.

O muito desalmado o tinha feito de propósito. Já não poderia pensar mais que em sua forma de me beijar. Em como utilizava sua língua. Em como me amava.

Deus.

Voltei para casa zangada todo o caminho.

O guarda de segurança me deixou subir ao piso do Royce sem fazer perguntas nem comentários, apesar de que nunca tinha estado ali. Supus que Royce devia lhe haver ensinado uma foto e avisado que iria.

Tinha passado toda a tarde pensando em duas coisas: em viver sem o Royce e em viver com ele. Não queria nenhuma das duas permanentemente, mas tinha que escolher uma. Não fazê-lo seria injusto para o Royce. Por desgraça, estava tão longe de uma decisão como antes. Minha lista a favor e em contra estava equilibrada.

A favor:

Sexo ilimitado com Royce.

Passar mais tempo com Royce.

Tomar o café da manhã sobre o peito de Royce.

Contra:

Me preocupar o que estaria fazendo Royce se voltasse tarde.

Me preocupar se Royce ainda me queria a cada segundo de cada dia.

Me preocupar se Royce se cansaria de mim antes que depois.

Como superava uma pessoa seus medos mais profundos? Tinha consultado meu manual de Tigresa, mas a única resposta era que tinha que matá-los e devorar seus restos. Isso não respondia a minha pergunta.

Royce abriu a porta e esboçou esse sedutor sorriso que me deixava louca.

—Entra. — fez um gesto com a mão.

—Obrigada. — entrei. Nunca tinha estado ali e sentia curiosidade. As paredes do salão eram de uma clássica cor marfim. Cortinas brancas cobriam as cinco janelas. A primeira vista, todos os móveis pareciam do mesmo monocromático tom branco. Mas ao me fixar mais notei que as almofadas tinham capas de tom cremoso e as capas arremates cor branca quebrada.

Depois do sofá havia uma larga e estreita mesa de madeira escura. Sobre ela pendurava



um abajur de aranha com centenas de lágrimas de cristal. Havia mesas chinesas a ambos os lados do sofá. Era um cômodo que clamava dinheiro, não comodidade. Eu não gostei.

—Quem decorou isto? —perguntei sem tentar ocultar meu desagrado. Nada disso encaixava com a personalidade aberta do Royce.

—Minha mãe.

—Ah, falta-lhe calidez.

—Igual a ela, em geral. Decorar o piso fez que se sentisse necessitada, assim que o permiti. —me deu a mão— Vêem, mostrarei o resto.

Levou-me a uma cozinha de dimensões generosas. As bancadas de mármore estavam podas. Não havia louça na pia nem nada fora do lugar. De fato, dava a impressão de que nunca se preparou uma comida ali.

Depois me mostrou a sala de jogos. Não se parecia em nada ao resto do piso. Tinha um sofá escuro e cômodo, uma televisão de tela grande e uma impressionante equipe de música. Supus que passava a maior parte do tempo ali e duvide que sua mãe tivesse intervindo na decoração.

—E este, —disse— é meu quarto.

Os tons de azul profundo e dourado falavam de calidez e masculinidade, e encaixavam com ele. A decadente cama com dossel chamou minha atenção. Madeira acetinada e lençóis revoltos. Eu adoraria me derrubar nua nesses lençóis de algodão egípcio.

Cheirava a sândalo e esse aroma me excitava.

Voltamos para a sala de estar da mão. Eu adorava o contraste entre sua mão grande e calosa e a minha pequena e branda. Era delicioso.

—Onde está meu presente? —perguntei— Prometeu me dar se eu viesse.

—Me dê um minuto. —sorriu e desapareceu pelo vestíbulo. Voltou pouco depois com uma caixa vermelha de tamanho meio na mão— Para você.

Era muito grande para um anel. Muito pequena para que fora... outra coisa. Aceitei a caixa com mãos trementes e levantei a tampa. Quando vi o que havia dentro, soltei uma exclamação. Havia uma orquídea de cristal com pétalas azuis sobre uma base de espuma verde claro. Era o mais bonito que tinha visto nunca, delicada e digna de um sonho.

—Não... , não sei o que dizer. Eu adorei.

—Pedi que a fizessem para você.

As delicadas pétalas brilhavam como pérolas sob a luz. Minhas defesas se derrubaram a



toda velocidade. Traguei para me desfazer do nó que tinha na garganta e me obriguei a olhá-lo.

—Os convites para a festa estarão a ponto para ser enviadas imediatamente. — disse, voltando para os negócios. Acredito que estava a ponto de chorar.

Ele me rodeou com os braços, mas eu mantive a caixa entre nós, como escudo.

—Ficou pálida de repente. Por que?

—Eu... tenho que te dizer algo. — murmurei.

Algo frio e duro cintilou em seus olhos, seguido por um olhar de determinação. Tirou-me a caixa e a deixou na mesinha de café. Um segundo depois me tinha apanhada contra a parede e sua língua tomava posse de minha boca. Não fez falta mais. Uma carícia e o desejava com uma urgência incontrolável. Meus ossos começaram a dissolver-se e permiti que ele me segurasse em pé. Que me beijasse e devorasse.

—Royce. — disse.

—Nada de falar. — voltou para o beijo, voltando-o suave e gentil. Apertei-me mais contra ele. Sabia quente, como uma mescla de sol e chuva.

—Royce, eu...

—Te amo. — voltou a me beijar lentamente, explorando cada canto de minha boca.

Afastei-me.

—O que está errado? —perguntou ele, com expressão preocupada.

“*Tudo!*”, estive a ponto de gritar. Absolutamente tudo. Como podia dizer que me ameaçava como alguma vez o tinha feito nenhum outro homem? Tinha-me metido em uma boa confusão e era hora de viver ou morrer. Tinha-me subido a um ramo e eu tinha a serra. Tinha duas opções, cortar o ramo ou seguir ali pendurada.

—Será melhor que nos ponhamos cómodos. — disse ele, me levando a sofá. O fogo de seus olhos tinha desaparecido, deixando só um frio escudo azul.

Tomei ar. “*Que demônios iria dizer?*”

—Eu...

—Maldição, Naomi. — não me deixou dizer uma palavra mais— Não posso acreditar que vai terminar tudo. — levantou isso de um salto e passeou de um lado a outro— É o que está ponto de dizer, não? Que acabamos.

Começaram a suar as mãos. Tinha a garganta tão seca que não podia emitir palavra. O que faria minha Tigresa interior? O que diria? Ela nunca permitiria que um homem a domesticasse, isso seguro.



“O casamento não tem que ver com domesticação nem mudanças”, sussurrou minha mente. “Pode ser simplesmente amor. Alguns homens são fiéis. deixe que ele tente demonstrar”.

—Nós nos pertencemos. — seguiu Royce, sem me olhar— Me quer. Pode ser que não o admita, mas é assim. Quer-me. Não se beija assim a um homem se não se importar.

—Sim me importa. — já havia dito algo— Me importa muito.

—Não posso acreditar que esteja disposta a renunciar o que temos por medo. — disse, como se não tivesse me escutado— Não posso te garantir o futuro. Ninguém pode. Mas quero tentá-lo.

—Eu também. — as palavras saíram de minha boca sem que pudesse evitá-lo. Queria-o, e se tinha que me casar com ele para conservá-lo, casaria.

Arrependeria-me depois? Possivelmente. Acabaria me sentindo ferida? Era provável.

Queria renunciar a ele? Não.

As relações implicavam dar e receber. Não podia aceitar tudo dele e não dar nada em troca.

—Eu também. — repeti.

—O que disse? —girou até ficar na minha direção, atônito.

—Estou disposta a tentar. — disse, fazendo provisão de todo meu valor.

—O que está disposta a tentar, Naomi? —em seus olhos havia uma mescla de medo e felicidade— Diga-o.

—O casamento. — fechei os olhos e apertei as pestanas— Me casar contigo.

—Está segura de que é o que quer? —olhou-me sem aproximar-se— De que não o faz porque é o que eu desejo?

—Sim. — não— Estou segura. —o estava em certo modo.

Por fim se aproximou, ajoelhou-se entre minhas pernas e deslizou as mãos por minhas coxas.

—Quanto tempo quer esperar para casar?

—Dois anos?

—Era o que temia que dissesse. — riu ele— Teremos que negociar, porque eu quero que seja só um dia.

—Nem pensar. Não posso organizar um casamento em um dia. — senti um calafrio de medo e horror— Necessito ao menos um ano. — sim, um ano soava bem. Em doze meses superaria minhas dúvidas, seguro.



—Uma semana.

—Seis meses.

—Duas semanas.

—Cinco meses.

—Querida. — disse ele, acariciando meu estômago— Não quero te dar tempo para trocar de opinião.

Era uma possibilidade muito real e não podia negá-la.

—Nunca faria mal nem te enganaria. Me deixe demonstrá-lo. Quero estar contigo, Naomi, só contigo.

Beijou-me e o calor de sua boca foi como uma chama. O pensamento racional se deteve. Senti-me transportada em uma nuvem de desejo. Centímetro a centímetro, derrubava o muro que tanto me havia flanco levantar contra ele.

—Não posso acreditar. — disse, me afastando— Merda. Vou casar-me outra vez.

Ele esboçou um sorriso satisfeito e triunfal. Sentia-me muito vulnerável, mas sabia que o desejava.

—De acordo. —disse— O faremos o dia depois da festa de sua mãe. —seria melhor assim.

Menos tempo para me preocupar, menos tempo para o pânico.

—Não se arrependerá. Juro-te isso. Tenho que fazer uma viagem a semana que vem, mas quando voltar...

—Vai viajar? —senti um calafrio.

Logo tinha começado a preocupação: *“O que fará enquanto está fora?”*. Tentei não chorar—. Tão logo?

—Tenho que ir ver outro avião. — beijou minhas mãos— Pode vir comigo.

—Não. —movi a cabeça— Tenho que ficar e planejar o... evento.

Rezei por poder chegar até o final quando chegasse o momento.

Capítulo 19

Caso se sinta débil, foge tão rápido como pode. Volta quando tiver recuperado forças.

Minha mãe quase morreu pela surpresa quando dava a notícia. Ficou em silêncio vários



minutos, até que Jonathan foi reviver a.

—Glória, Glória, está bem? —ouvi-lhe dizer— Precisa ir ao hospital? Desmaiou.

—Naomi vai casar-se. —gaguejou ela.

—Com um homem? —perguntou ele.

Franzi o cenho.

—Sim. Com um homem. Royce Powell, de fato.

—Brinca. — exclamou Jonathan.

—Como ia brincar sobre algo assim?

—Mamãe. — apertei a ponta do nariz com os dedos— Me faça caso . Sua única filha.

—É pelo dos trigêmeos? —perguntou ela.

Como se necessitasse um aviso de que podia estar grávida. Tinha conseguido bloquear toda imagem de bebês e fraldas até esse momento. Estava grávida? Não tinha tido sintomas. Mas como meu período não era regular, não tinha nem idéia de quando devia o ter.

Não tinha tido desejos, ao menos de comida.

Sexualmente, desejava muitas coisas urgentes, a verdade. Não doíam os seios e tinha o ventre tão plano como sempre. E nada de náuseas.

—Bom. —insistiu minha mãe— É pelos trigêmeos?

—Claro que não. Não há trigêmeos. E ele me quer.

—Você o quer? —perguntou depois de uma pausa.

—Mamãe, está perdendo o fio outra vez. —disse, evitando habilmente responder a isso— Vou casar. Vai ter outro genro. Não quer conhecê-lo?

—Deus santo, sim. Traz o Royce amanhã para uma relaxante janta familiar. Tenho que falar com ele. Deve ser um mago para te haver feito esquecer o do Richard e te convencer de dar o salto ao casamento.

Minha mão se esticou sobre o auricular.

—Tenho que lhe dar meu bate-papo para que a trate bem. — ouvi dizer ao Jonathan ao fundo.

Que Deus me ajudasse. E que ajudasse ao Royce.

À manhã seguinte, Royce apareceu em minha casa com um brilho estranho nos olhos. Deixei-o entrar, mas fiquei de cara à porta. O que estaria lhe passando pela cabeça? Teria trocado de opinião? Não, tinha lutado muito para me conseguir. Ia tentar me convencer de que voasse a



Vegas com ele?

Inalei e exalei várias vezes. Virei-me para perguntar o que acontecia, tinha um joelho no chão.

—OH, Deus meu. — quase me falharam as pernas.

—Naomi. — me mostrou uma caixa de veludo negro com um singelo mas elegante diamante montado em platino no centro.

—OH, Deus meu. — disse, mais seguido. Isso fazia o compromisso oficial. “OH, Deus, OH, Deus, OH, Deus”.

—Quer se casar comigo?

Já tinha aceitado, assim não esperava que ele fizesse algo assim. Me encheram os olhos de lágrimas. Como podia um homem ser tão maravilhoso?

Tão entregue, encantador e carinhoso?

Era quase muito bom para ser verdade.

E isso devia ser mau. Mas me deu igual. Entreguei-lhe minha mão e ele beijou a palma antes de me pôr o anel. A platina ficava bem contra minha pele pálida. Ficava perfeito.

Royce se levantou e me olhou com amor e desejo.

—Aqui fica bem, —disse— mas quero ver como fica na cama.

Sorri. Isso acabaria temporalmente com meus medos.

Depois de passar o dia na cama, Royce e eu chegamos a casa de minha mãe cinco minutos atrasados. Sim, tarde. E nem sequer me senti culpada. Para a ocasião, minha mãe pôs um formal vestido negro com lentejoulas, duas voltas de pérolas ao pescoço e todos seus anéis. Jonathan levava traje e gravata.

—Uma relaxante janta familiar? —disse a minha mãe. Royce e eu íamos com jeans e camiseta.

—Nunca acreditei que chegasse este dia. — minha mãe agarrou ao Royce do braço e o conduziu para dentro— Assim terão que me desculpar por querer celebrá-lo. Entra Royce, entra. Estou prazer em conhecê-lo por fim. Naomi me falou muito de ti.

—Há dito algo bom? —perguntou ele.

—Pois, não. —admitiu ela— Mas não deve ser tão mau se concedeu sua mão em casamento —não parava nem para respirar— Eu adoraria que me chamasse mamãe. Tratará bem a minha menina, verdade?



—Não o duvide.

A casa cheirava deliciosamente a assado. Inspirei e me fez a boca água. Poderia ter os nervos destroçados, mas não tinha perdido o apetite.

—Naomi! —Jonathan me deu um abraço— Me alegro muito de te ver.

Devolvi-lhe o abraço, seguia sem saber como interpretar seu comportamento. Não entendia o que estava fazendo com a Nora.

—Me alegro de conhecer. —disse ao Royce, sorridente. Deram-se um apertão de mãos.

—O mesmo digo. Ouvi, muito sobre você.

—Naomi já disse que sou terapeuta? Eu adoraria lhes oferecer umas sessões de conselhos pré matrimoniais. Poucos casais tomam, sabe? Por isso o divórcio é tão habitual.

—Não necessitamos conselhos. —disse eu— Sério. Estamos muito bem.

O rosto do Jonathan mostrou sua decepção.

—Duvido que tenha superado todos seus medos às relações, Naomi, e dado que Royce deve estar perto dos quarenta... me equivoco?

—Não. — respondeu Royce, controlando seu sorriso.

—E nunca foi casado. —seguiu Jonathan— Acredito que se pode dizer que a ambos iria bem ajuda profissional antes de dizer seus votos.

Esfreguei uma têmpora. *“Pai Todo-poderoso. Me lance um raio. Ou umas quantas lagostas. Ou uma praga”.*

—Senhor. —gritou minha mãe de repente— Seu anel. Seu anel, Naomi. É precioso. Não como essa monstruosidade de cinqüenta libras que te deu Richard. Sei que o odiava. Não te provocou síndrome do túnel carpiano? Este é perfeito. Tem um bom tamanho, mas não te machucará o dedo.

Estive a ponto de me tampar a mão, inquietava-me que a gente olhasse um dedo como se fora um objeto de valor incalculável. Mas não o fiz. Permitted que Jonathan e minha mãe admirassem e elogiassem. Royce tinha escolhido o anel perfeito para mim e estava orgulhosa dele. E orgulhosa do Royce.

—Naomi, — disse Jonathan— deveria pensar seriamente em ter um Diário de Bodas

Tinha visto noivas escrevendo em seus diários de casamento e sempre tinha parecido uma tolice. Eu não era uma pessoa sentimental. Não queria escrever sobre meus sentimentos.

—Veremos. — respondi, sem me pronunciar.

—Vai se alegrar muito depois. — disse minha mãe— Poderá desfrutar das lembranças



para sempre.

—E trabalhar em alguns de seus problemas. — acrescentou Jonathan.

—Cheiro de maravilha, senhora... mamãe. —Royce rodeou minha cintura com um braço—
É hora de jantar?

—Sim, mas... tinha pensado que nos sentássemos a conversar um momento antes. Tomar uma bebida, possivelmente. Ou poderia tirar o jornal de casamento que Jonathan me deu de presente detrás declarar-se e ler alguns fragmentos.

Esfreguei a nuca.

—Antes, temos umas perguntas para o Royce. — disse Jonathan, ordenando a minha mãe com o olhar que não concordava com o plano— Nós gostaríamos de conhecê-lo melhor.

—Por favor, não. —quase gemi — Nada de interrogatórios.

—Conversar não tem problemas. —disse Royce, risonho.

Deu-me um reconfortante apertão.

Às vezes, o ter perto era como tomar um calmante. Relaxava-me e meus problemas pareciam dissolver-se. Talvez porque cheirava tão bem. Ou porque sabia como era nu. Puro sexo. Ou, possivelmente, porque sabia que era meu. *“De momento”*, advertiu-me uma voz.

Traguei saliva. Estúpidos medos.

Fomos ao estudo. Royce e eu nos sentamos no sofá. Jonathan serve um brandy a cada um. Eu aceitei a taça e simulei tomar um gole. Não ia falar de gravidez depois do fiasco dos trigêmeos.

—Royce, querido. —disse minha mãe— Morro de vontade de saber como convenceu a minha doce Naomi para que se casasse com você.

—A base de, sessões de sexo duro, se quiserem a verdade. — disse. Minha estratégia era singela. Ser tão direta que meus pais não se atrevessem a perguntar mais. Era isso, ou me arriscar a que perguntassem algo que não queria responder.

Minha mãe ruborizou, Jonathan tossiu e desviou a vista. Royce apertou os lábios para conter uma risada.

—Me alegro de não ser o único que está a mercê dessa língua afiada que tem. —disse Royce— Não lhe assusta dizer o que pensa, verdade?

—É essa a razão de que a escolheu entre tantas solicitações? —perguntou Jonathan— Sua... franqueza?

—Naomi não teve que preencher uma solicitação. — me dava conta de que estava um



pouco envergonhado— Se converteu na única eleição possível do momento em que a vi.

Senti uma pressão no peito, como sempre que dizia essas coisas tão doces. Inclusive minha Tigresa interior ronronou como uma gata.

“O que fará quando compreender que foi um equívoco?” A horrível pergunta rondou minha mente. Afastei-a para um lado, me negando a me expor isso.

—Isso é o mais romântico que ouvi alguma vez. Ouviu Jonathan? Ouviu o que há dito de meu neném? —minha mãe se levou a mão à boca.

Pareceu-me ver lágrimas em seus olhos.

Sim, lágrimas sem dúvida. Derrubou-se na poltrona, e começou a emitir soluços dilaceradores. Levantei-me e corri a seu lado.

—O que ocorre, mamãe?

—Não o faça querida. Não se case com ele.

Movi a cabeça, devia ter ouvido mal.

—Acreditei que quisesse que eu me casasse e desse netos a você.

—Deveria haver convertido em lésbica e te fazer uma inseminação artificial. Assim não sofreria.

—Mamãe. —disse, impotente. Olhei ao Royce.

—Enganará-te como o cão que é. — girou a cabeça e olhou ao Jonathan com ira— Todos mentem. E espero que se queimem no inferno como traidores.

—Do que está falando? —Jonathan se levantou— Glória, o que te ocorre? Estou pensando, seriamente, em te fazer uma avaliação mental. Nunca a enganei. De onde tirou essa idéia?

—Esteve indo a casa de sua secretária. —o assinalei com um dedo, chispando de ira— Esteve voltando tarde para casa e mentindo a minha mãe sobre onde estava. Esteve fazendo chamadas às escondidas e sua roupa cheira ao perfume de outra mulher.

—Eu... posso explicá-lo. — estendeu as mãos, como um homem desesperado que alegasse inocência.

—Arrumado que sim. —gritou minha mãe— Arrumado que seu carro se rompeu e teve que esperar ao mecânico. Ou que um paciente ameaçou se suicidar caso não ficasse falando com ele. Ou que alguém te roubou o dinheiro da carteira e por isso anda sempre escasso de dinheiro. É isso? É algo disso, verdade?

—Não. — ele moveu a cabeça. Estava tão pálido que mostrava as veias— Não ia dizer



isso.

Tremendo, cruzei as mãos sobre o peito.

Então senti a alguém atrás. Royce pôs uma mão em meus ombros e começou a massagear os músculos tensos. Tomei ar. Embora desejasse me interpor entre eles, não o fiz. Era sua batalha, e pessoal.

—Me diga a verdade, Jonathan. Mereço isso, ao menos.

Ele se aproximou lentamente e se ajoelhou ante ela.

—Glória, não posso acreditar que tenha pensado isso de mim. Por que não perguntou? Por que não disse nada?

—Não deveria ter que fazê-lo. —soluçou ela— Nunca deveria ter mentido.

—Tem razão, e o sinto muito. Sinto muito.

—Então, o fez? Está admitindo haver se deitado com a Nora?

—Não.

—Não? —estreitei os olhos— Foi a sua casa —nunca tinha brigado antes, mas não seria difícil levantar o abajur que tinha agradável a minha mãe para seu aniversário e lhe golpear com ela.

—Me dê um minuto. —suspirou Jonathan, levantou-se e foi para a porta.

—Deveria estar fazendo as malas. —disse.

—Céu, está fazendo que isto seja ainda pior para sua mãe. —me sussurrou Royce— Se acalme —beijou minha bochecha— Neste momento necessita seu apoio.

Estremeci. Royce tinha razão. Minha mãe necessitava e eu tinha que apoiá-la, emocionalmente. Fui ao seu lado e a abracei.

—Sinto-o muito, mamãe. —disse— MUITÍSSIMO.

Ela se limpou o nariz em minha camisa.

—Isto é o que estive fazendo. —disse Jonathan, voltando a entrar no quarto. Entregou a minha mãe uma garrafa de vidro de algo que parecia azeite— Desenhando o perfume perfeito para você.

—Perfume? Para mim? —minha mãe olhou a garrafa.

—Nora me disse que no salão de beleza ao que vai, Body Electric, —seguir ele— faziam perfumes de encargo. Sei quanto você gosta das açucenas e queria que tivesse seu próprio aroma. Algo que não tenha ninguém mais no mundo.

Tampei-me a boca com uma mão trêmula.



—E sei quanto que não gostou do abajur que te comprei para seu aniversário. Sei que queria algo romântico. Pensei que não havia nada mais romântico que te dar de presente seu próprio perfume. “Glória” é como se chama. Ainda não o aperfeiçoaram, não está de tudo bem, mas...

—Me eu adoro. — chorava a lágrima viva. Apertou a garrafa contra seu peito— OH, Jonathan.

—Nenhum dos aromas era o correto. Assim seguimos provando. Sinto muito que pensasse que te enganava. Nunca faria isso, Glória. Nunca. Tive que mentir, mas queria que fosse uma surpresa. Sei quanto você gosta das surpresas românticas.

Senti uma intensa quebra de onda de vergonha. Minha mãe se lançou aos braços de meu padrasto. Eu fechei os olhos e enterrei o rosto na camisa do Royce.

Céus, quase tinha destruído o casamento de meus pais. Por nada. Nada! Comecei a chorar. Jonathan queria a minha mãe, sempre tinha sido fiel.

Eles dois tinham o tipo de casamento que sempre tinha desejado para mim, mas não tinha acreditado que existisse. E tinha estado a ponto de destruí-lo.

—Sou uma idiota. — Isto disse é minha culpa.

—Fez o que teria feito qualquer filha. — Royce me beijou na têmpora, enquanto acariciava minhas costas de cima abaixo.

—Não me desculpe. — me separei dele e fui para minha mãe e meu padrasto. Estavam beijando-se, abraçando-se e chorando, tudo ao mesmo tempo— O sinto muito. Sinto-o muito. Por favor, digam que me perdoam.

Jonathan, sem me olhar, agarrou meu braço e atraiu a seu círculo de amor. Quase lhe tinha destruído e ele me perdoava sem pensar um segundo.

Sempre tinha sido assim. Tinha tentado ser um pai para mim, mas eu sempre tinha resistido um pouco.

—Bem, então. Agora que isso está solucionado, — minha mãe se separou e se limpou uma mão no vestido. Na outra seguia levando a garrafa junto ao peito— é hora de jantar, Royce. —disse, como se não acabássemos de viver uma crise emocional— Espero que você goste do presunto polido ao forno.

—Eu... eu adoro. — me olhou, obviamente confuso pela súbita mudança de esposa psicopata a esposa muito amante a anfitriã perfeita.

Eu, jubilosa de repente, ri, lancei a seus braços e lhe beijei nos lábios.



—Deus, eu gosto. —perdi o sorriso. *“O que foste dizer, tola?”*— Eu gosto de muito.

—Já consegui que o admita. — soltou uma risada e me abraçou com força.

Capítulo 20

Se cuide da deliciosa guloseima atirada em campo aberto, esperando ser devorada. Uma tigresa sabe que as armadilhas abundam, às vezes invisíveis, mas ali de todas formas.

22 de agosto

Querido Diário de Bodas

Jonathan me surpreendeu hoje. Odeio-o e não penso voltar a escrever em você nunca. Só queria que soubesse.

23 de agosto

Querido Diário de Bodas

De acordo, provarei-te. Mas não espere que escreva e escreva sobre meus sentimentos. Já penso bastante e estou farta de mim mesma. Nesta manhã reservei a igreja, paguei as flores e todos esses pequenos detalhes. Os repórteres do Tattler me seguiram a todos os lugares, tirando fotos. Nem sequer tentaram esconder-se. Um deles, meio calvo e com dentes amarelados me chamou futura senhora do Royce Powell e lhe dava um chute nas bolas. Não foi minha culpa, prometo-o. Ouvi o nome e me deu um ataque. Por sorte, Royce está fora da cidade e não foi testemunha de meu comportamento.

24 de agosto

Querido Diário de Bodas

Hoje comprei um vestido. É bonito. Muito singelo. Não tem laços feios nem renda que arranhe.

Ajusta-se ao corpo, chega aos tornozelos e tem suspensórios finos que se cruzam nas costas. É de uma preciosa cor marfim. Terá que aceitar a verdade. Royce voltou de sua viagem, antes do tempo! E me tratou como a uma deusa do sexo, assim não poderia ir de branco. Só



espero não vomitar em cima dele. Agora o estômago me dói todo o tempo e mal posso comer. Nervos ou bebê?

27 de agosto

Querido Diário de Bodas

Tive pesadelos toda a noite sobre o Royce vendo ir para o altar e compreendendo que estava cometendo um terrível engano. No sonho, afastava-me e saía correndo e gritando da igreja. E quando despertei comecei para ouvir vozes em minha cabeça. Não vozes esquizofrênicas, não estou tão louca. Todos meus medos sobre o casamento, a infidelidade e o abandono clamam para que os escute. Não calam.

1º de setembro

Querido Diário de Bodas

Passaram uns dias desde que falamos por última vez. Ou desde que escrevi. O que seja. Não posso me concentrar. Essas vozes... Estão dizendo que deixe ao Royce o escapamento agora, antes que seja muito tarde. Só faltam uns dias para a festa de Linda. Isso significa que só faltam uns dias para minhas bodas. Que diabos, vou fazer? Royce segue recebendo solicitações de mulheres, e seguem indo ao edifício Powell. E se ele gostar de uma delas?

12 de setembro

Querido Diário de Bodas

Acredito que Royce se deu conta de que me acontecer algo, porque me diz que me quer mil vezes ao dia. Começava a me relaxar, um pouco, até que me levou a jantar a casa de seus pais. Discutiram e brigaram toda a noite. Royce diz que assim é como se expressam seu amor. Não acreditei. Por favor, me diga você se perceber amor nesta conversa, palavra por palavra, tal e como a lembrança:

Linda: Elliot, seja um céu e me sirva outra taça.

Elliot: Vá você por ela.

Linda: Se levante e me ponha uma taça, ok.

Elliot: Mulher não me pressione. Acabo de me pôr cômodo.

Linda: Com um sorriso meloso. Empurrarei-te quando estiver em uma ponte.

Elliot: Se estivesse em uma ponte e te visse chegar não teria que me empurrar. Saltaria.



Isso te parece “amoroso”? Sério, o homem levava posta uma camiseta com. “Se vir a minha mulher, me pegue um tiro”, impresso na frente. E se Royce e eu acabamos... ? Espera. Ouço o Royce no corredor, assobiando. Será melhor que te deixe.

12 de setembro (duas horas depois)

Querido Diário de Bodas

Acabo de ter dois orgasmos impressionantes, assim não tenho nada mais do que me queixar esta noite. Por sorte meus medos parecem tranquilos. É possível que isto do casório vá bem.

De fato, não penso falar contigo em um tempo.

Acredito que me está transtornando a cabeça.

16 de setembro

Querido Diário de Bodas

Deus, Deus, Deus. Estou perdendo os papéis.

Amanhã é a festa de aniversário de Linda Powell. Passei o dia decorando o hotel e me ocupando de detalhes de última hora, assim não é isso o que me preocupa. É... O dia depois de sua festa é meu casamento. Meu casamento. Ouviu-me? OH, Meu deus, OH, Meu deus, OH, Meu Deus. Meus medos tornaram com toda sua força e não calam. Em que diabos, estava pensando quando aceitei me casar?

OH, Meu Deus, vou vomitar.

Capítulo 21

Uma Tigresa autêntica... ai, diabos. Se não souber a estas alturas, não é uma Tigresa de verdade. Se dedique à jardinagem ou a qualquer coisa e deixa-o estar.

No dia da festa consegui recuperar a compostura. Bom, ao menos dava essa impressão externamente. Depois de passar horas tentando encontrar meu lugar de felicidade, sem êxito, dava-me um bofetão na cara e me reuni com o Royce no hotel. Estava ao seu lado, esperando na porta do salão de baile e animando aos convidados a entrar.



Para sua informação, não estava vestida como uma garota do harém, a não ser com um vestido de verão vermelho brilhante.

Devo dizer que a decoração tinha ficado fantástica. Toda a zona parecia saída das mil e uma noites. Havia bailarinas do ventre e magos, e almofadões de tons coordenados pelo chão.

As mesas e paredes estavam transbordantes de jóias.

Abundavam as flores. Havia uma cascata de ponche cor rosa e inclusive uma fondue de chocolate.

Soava uma música suave e romântica de fundo.

Seis homens meio nus esperavam fora do salão com um beliche de veludo. Quando chegasse Linda, poriam-na na parte de cima e a levariam dentro.

Kera e Mel, disfarçadas, com véus e gazes, ofereciam bebidas e aperitivos aos convidados enquanto passeavam pelo salão. Colin não se separava do Mel e nenhum dos dois deixava de sorrir. George Wilben não se separava da Kera e eles também sorriam.

Havia amor no ambiente.

Meu estomago comprimiu.

Royce me apresentava como sua noiva, em vez de como planejadora da festa. Todos me sorriam e juro Por Deus que me olhavam de cima abaixo, tentando entender o que Royce viu em mim, por que me tinha escolhido. A verdade, nem eu mesma, o recordava nesse momento.

Comprimiu, comprimiu.

Quando os cento e pico convidados estiveram ali, tinha obrigado ao Royce a reduzir a lista, ajudei a todos a procurar esconderijos. Linda estava a ponto de chegar e, ao fim e ao cabo, era uma festa “*surpresa*”.

—Aqui está. —disse Royce, quando uma mensagem de texto em seu celular o alertou.

—Silêncio, todo mundo. —ordenei.

Atenuamos as luzes para que as velas iluminassem a cena. fez-se um intenso silêncio e ouvimos Linda soltar uma risada ao outro lado da porta. Royce se aproximou de mim e decidiu que era bom momento para me beijar. Não pude resistir, nunca podia resistir. Quando sentia seus lábios em meus, nada mais importava. Nem o passado nem o futuro. Nem os medos que me atendiam e me impediam de dormir.

Gongo. Gongo.

Comporta-as se abriram e a sofisticada Linda Powell fez sua entrada conduzida por seus escravos meio nus. Royce e eu nos separamos. Linda levava um conservador traje calça marrom, e



o cabelo prateado recolhido. Seu marido seguia ao beliche sorrindo de orelha a orelha.

—Estou desejando te fazer minha esposa amanhã. — disse Royce com ternura.

Fiquei quieta e as palavras bombardearam minha mente. *“Esposa. Amanhã”*. Palavras que tinha conseguido estacionar no lugar mais recôndito de minha mente, ao menos um momento. *“Esposa. Amanhã”*.

—Surpresa! —gritou todo mundo.

Eu não me movi. Não falei.

Inclusive tombada no beliche como estava, Linda interpretou bem seu papel. Levou as mãos à boca.

—Não posso acreditar que tenham feito isto. — disse, tampando-a boca com as mãos.

Todo mundo riu.

Eu não olhei para Royce, seu forte queixo, suas maçãs do rosto, seu nariz reto. Seus lábios suaves. Seus olhos azuis brilhantes. Tinha passado tanto tempo dentro de mim nas últimas semanas que logo que sabia quem era eu sem o ter ali.

—Tenho que falar com minha mãe. —me deu um beijo nos lábios— Estará bem sozinha?

—Sim. — disse com suavidade. Ele me beijou outra vez, com mais força, e se afastou.

Tinha tentado negá-lo, com confiança, mas não podia negá-lo mais. Não podia me enganar ou simular que só sentia luxúria. Amava-o. E muito. Todo meu corpo pulsava com essa verdade. Rugia-a.

Me contraiu o estômago com força. O amor era perigoso. O amor podia arruinar minha vida. *“Esposa. Amanhã. ESPOSA. AMANHÃ”*, Todos meus medos elevaram a voz ao mesmo tempo.

“Amará-o para sempre, mas quanto tempo ele te amara?”.

“É muito bom para ser verdade”.

“Cansará de você pouco depois dos casamento”.

“Enganará-te. Os homens sempre o fazem”.

Jonathan não tinha enganado a minha mãe, recordei-me com desespero. E Royce não tinha feito nada que merecesse minha desconfiança.

“Ainda não, quer dizer”.

Custava-me respirar. Era como se estivesse apanhada em uma pequena caixa sem ar. Dando voltas e voltas, impotente, gritando sem que ninguém me ouvisse.

“Royce viaja todo o tempo. Embora não seja sua intenção, um dia, em algum lugar, ocorrerá algo... ”.



“Deixará feita uma pelanca de mulher”.

Inclusive nesse momento havia mulheres vestidas de verde acampadas ao redor do hotel.

Não podia fazer, pensei, movendo a cabeça.

Não podia! Não queria ser uma esposa esquecida e indesejada. Outra vez não. Se não tivesse apaixonado por ele, possivelmente teria seguido adiante. Se não tivesse entregue meu coração poderia haver arriscado. Já não.

OH, Meu deus, OH, Meu deus, OH, Meu deus. O que ia fazer? Como ia sair dessa confusão?

—Respira Naomi, respira. — me disse.

O resto da festa passou como uma neblina.

Royce falava com a gente e eu, a um lado, perguntava-me como ia escapar de minhas bodas. Não podia dar a Royce a oportunidade de que me rompesse o coração. Não podia permitir que outro homem me destroçasse.

Não podia viver outro divórcio.

“E isso é o que ocorrerá se casar com ele. Se divorciará de você e tirará tudo pelo que tanto trabalhou por conseguir”. Cale-se, queria gritar. Tinha que silenciar a meus medos. Tinham ganhado. Não podia me casar com ele. por que não se calavam de uma vez?

—Está bem? —Kera apareceu ante mim de repente, com uma bandeja do que fora. Algo marrom e brando— Parece pálida.

—Estou bem, obrigado. E você? —ignorei a comida.

—Muito bem. —fez uma pausa— Está segura?

—Sim.

—Talvez George poderia...

—Me deixe em paz, Kera. — não queria vê-la com o George. Não queria falar com o George. Eram um casal feliz. Nesse momento odiava aos casais felizes e às pessoas que as compunha. Essas pessoas tinham algo que eu não: coragem para vencer seus medos.

—Se estiver segura... — se afastou, enrugando a frente.

—Está bem? — perguntou Mel uns minutos depois. Ofereceu-me sua bandeja de bebidas.

—Estou bem. — ignorei as bebidas.

—Kera diz que esteve brusca com ela.

—Hei dito que estou bem.

—O que ocorre, Naomi? —escrutinou meu rosto— Parece a muito mesmo morte. Colin



poderia...

—Me deixe em paz, Mel. Por favor. — me quebrou a voz. Soei como se me estivessem torturando. Rompia-me por dentro. Derrubava-me. Morria— Não fale de mim com o Colin, nem com ninguém.

Sem dizer outra palavra, separou-se de mim. A traidora foi direta ao Colin e lhe disse algo. Ele me olhou, franziu o cenho e foi para o Royce e lhe disse algo.

Royce que estava mantendo uma risonha conversa com sua mãe, voltou-se para mim e franziu o cenho. Seus olhos se obscureceram com preocupação. Começou a caminhar para mim. Foi como se viesse a câmara lenta, cada passo ressonava em meus ouvidos. Me acelerou o coração e me gelou o sangue.

“Muito bom para ser verdade”.

“Engano”.

“Sofrimento”.

“Dor de coração”.

Não dava oportunidade de me alcançar. Pus-se a correr. Saí do salão de baile, do hotel e corri pela calçada. Acredito que ouvi o Royce gritar meu nome, mas segui correndo. Tinha que fugir. Não podia me enfrentar a ele nesse momento.

Ao final da corrida fiquei sem ar. As lágrimas me queimavam os olhos e sulcavam minhas bochechas. Parei um táxi.

Em casa, troquei de vestido e preparei uma bolsa. Royce telefonou seis vezes, mas não respondi. A primeira mensagem era de preocupação: *“O que aconteceu? Por que saiu correndo, querida? Precisa estar um momento a sós?”.*

O segundo: *“Me telefone quando ouvir isto, querida. Onde está? Estou preocupado com você.”*

Para o sexto, soltou um grunhido gutural: *“Maldição, Naomi. Me atende”.*

Ouviam-se carros de fundo e soube que vinha a minha casa. *“Só acredita que te quer”*, gritou meu medo mais profundo. *“Um dia se alegrará de que o deixasse”.*

—Cale a boca. Cale a boca, se calem. — essas vozes estavam me deixando louca, tirando meu mundo de órbita. Tinha que ir dali. Estar sozinha. Encontrar paz.

Fui ao único lugar onde ninguém pensaria em me buscar, o aeroporto. Comprei o bilhete, mas barato que havia, que resultou ser ao Oklahoma, onde tinha estado com o Royce, e esperei no terminal.



Meu sangue se esfriava a cada segundo que acontecia.

Quando por fim anunciaram meu vôo, comecei a tremer. Mas subi ao avião, passo a passo. *“Está fazendo o correto. Um casamento com o Royce nunca teria durado”*. Aferrei aos encostos enquanto separavam e gritei em silêncio quando estivemos no ar. Não deixei de tremer em nenhum momento e, sim, vomitei. Várias vezes.

Surpreendentemente, cheguei ao Oklahoma City viva e bem. Sentei-me no primeiro assento vazio que vi, para respirar e tentar me acalmar. *“Já não terá que tratar com o Royce. Já não pode te fazer dano”*.

—Se cale. — gritei.

Várias pessoas se voltaram para me olhar, mas ninguém se aproximou nem disse nada. Descobri, ali sentada, que o assobio de meus ouvidos morria lentamente. Meus medos se sossegavam por fim.

Pela primeira vez em várias horas, comecei a respirar de verdade. Dentro, fora. Tomei tanto ar como pude. Enquanto isso, a gente passava por diante de meu assento. Casais, solteiros, meninos. Todos foram a algum lugar, fazendo sua vida e vivendo o melhor que podiam.

Sim, vivendo.

Com um súbito brilho de claridade, compreendi que eu não o tinha estado fazendo. Em realidade não. Só tinha voltado para a vida com o Royce. De fato, antes dele tinha vivido a câmera lenta, dia a dia, mas sem me forjar um futuro real.

Igual ao meu medo a voar, meu medo às relações tinha esmagado e mantido fixa em um lugar. Sempre esse medo de estelar me e arder, em um avião ou fora dele. Tinha tido medo. Havia, deixado que o medo me dominasse.

Era uma covarde. Não uma Tigresa. Nem sequer era uma mulher completa.

Queria viver assim o resto de minha vida?

Não. Deus, não. Diabos, não.

Se morresse nesse momento, iria à tumba com muito que lamentar. Isso era o que conseguiam medo, preocupação e ansiedade. Faziam que uma pessoa se estancasse. E eu não queria seguir estancada.

Richard não me tinha quebrado.

De repente compreendi que era a verdade. Sorri lentamente ao me dar conta que não tinha desejado a meu ex que ardesse no inferno, como cada vez que pensava nele. Não me tinha quebrado. Em certo modo, ele era a razão de que tivesse conhecido o Royce. Se Richard e eu não



nos tivéssemos separado não teria iniciado meu próprio negócio. E não teria conhecido ao Royce.

Royce... Doce, tenro e carinhoso Royce. Era honorável. Desejava-me. Amava-me. Não se parecia em nada ao Richard, por que tinha permitido que os medos que Richard tinha provocado em meu afetassem a nossa relação?

“Covarde, idiota, boba”.

—Não mais. —disse com firmeza, sem me importar quem o ouvisse.

Não podia predizer o que traria o futuro, mas sabia que sempre queria ao Royce. E amá-lo não tinha que ser algo mau, como tinha temido. Até o momento tinha sido selvagem, maravilhoso, puro júbilo.

Sofrer era parte da vida. Não podia evitá-lo, fizesse o que fizesse. Sem a voz do medo tamborilando em minha cabeça, soube que era a verdade. Me permitir experimentar coisas boas, como o amor, ajudaria-me a suportar as más quando chegassem.

—Vou ficar bem. — disse à senhora que passava ante meu assento— Seriamente que vou ficar bem.

Ela me lançou um olhar estranho e seguiu seu caminho.

Passei toda a noite no aeroporto, esperando o primeiro voo de volta a casa. Não dormi, preparei uma lista para o Royce. Com cada coisa que acrescentava, sentia-me mais forte, mais segura de que estava fazendo o correto.

De fato, só ficava dizer o que tinha decidido, se queria falar comigo. Mas não ia ter medo. Obrigaria-o a me escutar se fazia faltar.

Não mais medos para Naomi Delacroix. Por fim era uma Tigresa. Enfrentaria à vida como chegasse. Amaria e seria amada.

O voo de volta se atrasou pela chuva e quando por fim decolamos, a turbulência quase me matou de um enfarte, e eu quase matei à mulher que tinha ao lado à força de apertá-la. Mas o consegui. Sobrevivi ao voo.

Joguei a bolsa ao ombro e corri pelo terminal para a saída. Parei um táxi e me coloquei dentro.

—A toda velocidade! —disse-lhe ao condutor.

Por sorte, o apartamento do Royce não estava muito longe. Paguei ao taxista e corri ao edifício. Mas...

Royce não estava. E não respondia ao celular.

Pensa, Naomi, pensa. Onde pode estar?



Chamei a sua mãe, não respondeu. Chamei a Kera e ao Mel, não responderam. Chamei o Colin e tampouco respondeu. Sem saber o que outra coisa fazer, subi a outro táxi e fui para a igreja que tinha reservado para nossos casamento. Um casamento que teria celebrado umas horas antes se não me tivesse acovardado.

Possivelmente estivesse ali, explicando aos convidados eu era uma vadia que o tinha deixado plantado.

Quando cheguei, abri as portas de par em par.

—Royce. — chamei. Não sabia o que esperar, mas certamente não o que encontrei— Royce? —olhei com assombro a meu redor e meus olhos se encheram de lágrimas.

Todo mundo estava em seu lugar, de pé, me olhando com espera. Não havia carros no estacionamento, mas todos estavam ali.

Mel e Kera estavam ante o altar, à esquerda do Royce, e Colin estava a sua direita. Minha mãe e Jonathan sorriram, me dando ânimo. Inclusive Rachel estava ali. E Jennifer, que me atirou um beijo. Os pais do Royce me saudaram com a cabeça e me fixei em que tinham lágrimas de felicidade nos olhos.

—Já era hora. — resmungou alguém.

—Cale-se. — repreendeu outra pessoa.

Apertei uma mão contra o estômago. Royce me olhava com expressão neutra. Levava smoking e estava muito bonito, eu levava jeans e uma camiseta enrugada. E tinha o cabelo feito um desastre.

Fui para ele com determinação. Traguei saliva e, com o coração desbocado, dava-lhe a lista escrita.

—Toma. —Isto disse é para você.

Não disse nada. Limitou-se a lê-la, sem trocar de expressão.

—por que está aqui? —perguntei com voz fica.

—Decidi correr o risco, pensando que apareceria. —sua expressão não variou— Por que está você aqui?

—Não tem lido a lista? —tinha decidido arriscar-se. Deus amava a esse homem...

—Preciso ouvir isso, Naomi. — seus olhos, ferozes, procuraram meus.

—Na lista explico todas as razões pelas que não posso viver sem você. As razões pelas que Te amo. — meus olhos se encheram de lágrimas. Eu também ia arriscar-me — É preparado. É honrado. É divertido. É apaixonado. E é... você. É meu. Quero este homem. — gritei, me voltando



para a congregação— O quero e quero me casar com ele. Quero ter seus filhos.

Ouviram-se vários ohs, ahs entre as pessoas. Voltei-me para ele. Royce e eu talvez tivéssemos tropeços pelo caminho, mas a viagem merecia a pena.

—Te amo. — disse— Te amo muitíssimo e quero estar contigo, ser sua esposa, para sempre. Pode ser que tenha demorado um pouco em decidi-lo, mas a final cheguei à igreja. Considera isto minha solicitação.

—Graças a Deus. — sorriu e me deu um abraço.

—Segue querendo se casar comigo? —perguntei esperançada.

—Bom, seu PDA diz que temos um encontro hoje. — pôs as mãos em minhas bochechas.

—Diga-me isso você. —sorri.

—Sim, Naomi. — beijou meus lábios— Ainda quero me casar contigo. Não sou nada sem você. Te amo desde do momento em que a vi. Foi vestida de verde e estive obcecado com essa cor após isso.

Suas palavras me golpearam com força. Pensei em todas essas mulheres vestidas de verde ante seu edifício. Todas as mulheres que lhe tinham enviado fotos com lingerie verde, ou o corpo pintado de verde.

Eu era a razão de tudo isso. Eu. Tampei a boca com uma mão trêmula, assombrada de meu poder.

Se tinha ficado alguma dúvida sobre o compromisso do Royce, desapareceu. Esse homem me queria tanto que tinha recordado o primeiro vestido com o que me viu e queria ver todo mundo com a mesma cor. Estava louco por mim.

E eu por ele. Baixei a mão e lhe sorri.

—Então, podemos começar? —perguntou o pastor com um suspiro.

Meu sorriso se ampliou. Royce voltou a me beijar.

—Podemos começar. — dissemos em uníssono.

Epílogo

14 de setembro

Querido Diário de Bodas

Adivinha o que? Tenho um ano de casada e sou mais feliz que nunca. Ah, e também estou



grávida. A primeira vez foi um falso alarme, para nossa decepção. Assim depois do casamento, Royce e eu passamos muito tempo entre os lençóis para retificar isso.

Mal saímos da cama depois.

Aos três meses de casados, Royce se cansou de me deixar para ir comprar aviões, assim encarregou essa parte de seu trabalho ao Colin. Para fúria de Mel. Mas logo se tranqüilizou e agora, viaja com ele. Sim, seguem saindo juntos. Estou tão surpreendida como você. Acredito que se casaram em Las Vegas faz umas semanas, mas nenhum deles quer confirmá-lo. Sorriem misteriosamente. Nenhum deles quer renunciar a sua imagem de espírito livre, suponho, mas tampouco querem renunciar um ao outro.

Kera também está casada. George e ela se casaram umas semanas depois que Royce e eu. Têm duas meninas gêmeas. Encantadoras.

E eu terei logo um delicioso bebê. Já não posso esperar!

Sigo sem acreditar que alguma vez pudesse resistir ao Royce. E você? O homem me adora. De verdade. Às vezes a forma em que me quer é doentia. Nunca se cansa de mim. Bom, certo. Eu tampouco me canso dele.

Cada vez que meus velhos medos tentam ressurgir, coisa que ocorre raramente, Royce passa horas e horas, me recordando, nu, todas as razões pelas que me ama.

Não é encantador?

Bom, será melhor que o deixe. É meu turno de recordar todas as razões pelas que o amo, nua, é obvio.

FIM

